CAPITULOS DE HISTORIA COLONIAL

The Library
of the
University of North Carolina

This book was presented
by
The Rockefeller Foundation
981
A162c

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

981
A162c

AUG - 4 1975

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
Form No. 513			

PUBLICAÇÕES

DA

SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

CAPITULOS DE HISTORIA COLONIAL

(1500-1800)

N.º 503

J. CAPISTRANO DE ABREU

CAPITULOS
DE
HISTORIA COLONIAL

(1500-1800)

EDIÇÃO
DA
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU
TYPOGRAPHIA LEUZINGER
1928

4414

Edição de mil exemplares,- dos quaes cento e vinte cinco em papel "bouffant", authenticados pela Secretaria e destinados aos membros da Sociedade Capistrano de Abreu.

Reproducção, devidamente autorizada, do texto do — "O Brasil, suas riquezas naturaes, suas industrias", — publicado pelo Centro Industrial do Brasil no anno de 1907, e pelo autor, em separata de 200 exemplares.

INDICE

I — Antecedentes indigenas 7

II — Factores exoticos 23

III — Os descobridores 31

IV — Primeiros conflictos 45

V — Capitanias hereditarias 51

VI — Capitanias da Corôa 63

VII — Francezes e Espanhoes 77

VIII — Guerras flamengas 103

IX — O sertão 139

X — Formação dos limites 247

XI — Tres seculos depois 269

383081

I

ANTECEDENTES INDIGENAS

A quasi totalidade do Brasil demora no hemispherio meridional, e entre o Equador e o tropico do Capricornio alcança o paiz as maiores dimensões.

Cercam-no ao Sul, a Sudoeste, Oeste e Noroeste as nações castelhanas do continente, excepto o Chile, por se interpor a Bolivia, e o Panamá por se interpor a Colombia. Si confrontará algum dia com o Equador hão de decidir negociações ainda illiquidas. Desde o alto rio Branco até beira mar seguem-se colonias de Inglaterra, Hollanda e França, ao Norte.

Banha-o ao Oriente o oceano Atlantico, n'uma extensão pouco mais ou menos de oito mil kilometros. Como o cabo de Orange, limite com a Guayana franceza, dista 37 graus do Chuy, limite com o Uruguay, salta logo aos olhos a insignificancia da peripheria maritima; repete-se o espectaculo observado na Africa e na Australia: nem o mar invade, nem a terra avança; faltam mediterraneos, peninsulas, golfos, ilhas consideraveis; os dois elementos coexistem quasi sem transições e sem penetração; com recursos proprios o homem não poude ir além da pescaria em jangadas.

A borda littoranea dispõe-se em dois rumos principaes: Noroeste-Sueste do Pará a Pernambuco, Nordeste-Sudoeste de Pernambuco ao extremo Sul.

A costa de Noroeste-SE. corre baixa, quasi rectilinea, intermeada de dunas e lençóes de arêa, aquem do Amazonas; baixa, lamacenta, de contornos variaveis, entre o Amazonas e o Oyapok. Os materiaes marinhos, os sedimentos fluviaes dão-lhe o aspecto das costas compensadas; os portos raream, as barras dos rios são as verdadeiras entradas, em geral precarias. O desenvolvimento economico ou as exigencias administrativas mais que as condições naturaes levam a navegação de longo curso para Belem, S. Luis, Amarração, Fortaleza, Natal, Parahiba e Recife. Outros portos servem apenas á cabotagem. Tutoya franqueia o Parnahiba a embarcações de maior porte.

A costa de Sudoeste desde Pernambuco até Santa Catharina arrima-se á serra do Mar, varia de aspecto, aqui extensões arenosas, além barreiras vermelhas, encostas cobertas de mattas, ou montanhas que arcam com as ondas. N'ella existem as maiores bahias do Brasil: Todos os Santos, Camamú, Rio, Angra dos Reis, Paranaguá. A navegação de alto bordo procura as capitaes dos Estados, excepto as de Sergipe e Paraná, mais os portos de Santos, Paranaguá e S. Francisco do Sul. Tambem neste trecho se encontram as maiores e mais numerosas ilhas, em geral dentro de bahias, todas de procedencia continental.

A partir de Santa Catharina a costa se abaixa novamente; no Rio Grande do Sul dominam lagunas, cujo extenso littoral interno só poderá verdadeiramente prosperar quando a arte der a sahida franca que a natureza lhes negou para o oceano.

As ilhas de procedencia vulcanica, Fernão de Noronha, fronteira ao Rio Grande do Norte, Trindade,

fronteira a Espirito Santo, pouco representam agora. Trindade parece impropria á occupação permanente: a Inglaterra só a disputou nos ultimos annos por se prestar ao amarradio de cabos transatlanticos.

A facha maritima apresenta largura variavel: em geral avantaja-se mais de Pernambuco para o Pará, e no Rio Grande do Sul; no restante sua expansão subordina-se aos caprichos da serra do Mar: temos aqui as chamadas costas concordantes.

Ao Norte liga-se com a baixada do Amazonas, muito ampla á sahida, relativamente estreita entre Xingú e Nhamundá, amplissima a Oeste do Madeira e do Negro até o sopé dos Andes. As cachoeiras mais septentrionaes do Tocantins, do Xingú, do Tapajós e do Madeira balisam a baixada pela banda do Sul. Pela banda do Norte, a Este do Negro, logo a algumas dezenas de kilometros da foz, começa o trecho encachoeirado nos rios que descem da Guayana. De Este a Oeste apresenta declive insensivel: mais desce o S. Francisco na cachoeira de Paulo Affonso do que o Amazonas nos tres mil kilometros que vão de Tabatinga ao mar.

A baixada maritima liga-se ainda ao Sul com a do Paraguay que começa no estuario do Prata e prosegue até Mato Grosso. Cuyabá, na gema do continente, pouco mais de duzentos metros terá de altitude. As margens do rio principal, bastante altas no curso inferior, vão se abaixando á medida que se marcha para o Norte, até uma região annualmente alagada por espaço de muitas leguas, o chamado lago Xaraés dos primeiros exploradores. Abundam aliás os lagos marginaes, conhecidos pela denominação de bahias; por uma serie de bahias passa a linha lindeira com a Bolivia.

As baixadas amazonica e paraguaya, continuas com a do oceano, approximam-se muito a Oeste: entre o Aguapehy, affluente do Jaurú, tributario do Paraguay, e o Alegre, affluente do Guaporé, um dos formadores do Madeira, inserem-se apenas poucos kilometros de distancia. O governo portuguez pensou em cortar este varadouro por um canal que levaria do Prata ao Amazonas, e d'este, aproveitando o Cassiquiare, ao Orenoco, á ilha da Trinidad, ao mar das Antilhas.

A obra começada parou logo e parece inexequivel, porque uma lingua de terras bastante altas apparece e se extende até Chiquitos, na Bolivia, produzindo um desnivelamento pouco favoravel.

As bacias do Amazonas e do Paraguay com os rios que as cortam, as ilhas numerosas, os lagos consideraveis e os canaes sem conta compensam até certo ponto a pobreza do desenvolvimento maritimo, e são os verdadeiros mediterraneos brasileiros. A depressão do Paraguay reunida á do alto Amazonas separa dos Andes as terras altas do Brasil, que a baixada amazonica ao Norte aparta do planalto da Guayana, e a baixada maritima precede pelos outros lados. A partir do Jaurú, o Paraguay não recebe affluentes consideraveis em territorio brasileiro, á direita.

Desde o rio Uruguay o planalto brasileiro é limitado pela serra do Mar, aspera e coberta de mattas na falda voltada para o oceano, mais suave na parte interior, de largura entre vinte e oitenta kilometros, com picos que raramente passam de dois mil metros. Serve de divisora das aguas entre os rios que procuram directamente o Atlantico — em geral de pequeno curso, pois apenas dois, o Iguape e o Parahiba, rompem a serra,

e os outros são rios transversaes ou de meia agua — e os rios que se destinam ao Prata, de muito maior extensão e cabedal: — o Uruguay pertencente ao Brasil pelos dois lados até Pepery-guaçú, limite com a Argentina, e pelo lado esquerdo até Quarahim, limite com o Uruguay; o Iguaçú, com saltos de maravilhosa belleza, no trecho em que a esquerda pertence á Argentina e a direita ao Brasil; o Ivahy, proximo ao salto de Guayrá; o Parapanema, o Tietê, de tamanha significação historica, e outros affluentes orientaes do Paraná.

Da serra do Mar desprende-se a da Mantiqueira, que mais pelo interior vai desde o estado do Paraná até Minas Geraes. N'ella fica o pico mais alto do Brasil, o do Itatiaya, com cerca de tres mil metros de altitude. Vem depois a serra do Espinhaço, que acompanha o rio S. Francisco pelo lado direito até ser cortada na grande curva traçada a Nordeste por elle antes de se lançar no oceano. Ambas representam papel somenos como divisoras das aguas; a da Mantiqueira entre o Parahiba do Sul e o alto Paraná, a do Espinhaço entre o S. Francisco, de que estreita a bacia ao Oriente, logo depois de formado o rio das Velhas, e os rios de meia agua que se dirigem ao mar: — Doce, Jequitinhonha, Pardo, Contas, Paraguaçú.

Das alturas de Barbacena arranca uma lombada transversal no rumo approximado Este-Oeste, que com varias denominações, a trechos rigorosamente montanhosa, alhures meramente denudada, é o maior divisor das aguas dentro do planalto. Chamou-lhe Serra das Vertentes o benemerito Eschwege, denominação excellente si, deixada de parte a estructura, se attender sómente ao papel representado na America do Sul. A um lado as

aguas vertem para o Paraná e para o Paraguay, ambos nascidos nesta zona, e, como o Uruguay, terminando o curso em territorio estrangeiro; ao outro lado da vertente, correm os tributarios do Madeira, objecto de longas disputas desde que Manuel Felix de Lima, em 1742, foi pela primeira vez das minas de Mato Grosso até a sua foz; o Tapajós, antigo caminho dos Cuyabanos para a compra do guaraná entre os Maués; o Xingú, cujas más condições de navegabilidade desviaram as explorações por muito tempo e deixaram viver até poucos annos numerosas tribus indigenas em pura idade de pedra, cujo estudo impulsionou poderosamente a ethnographia sul-americana; o Araguaya-Tocantins, o Parnahiba, o S. Francisco.

O S. Francisco, de grande importancia historica, é formado pelo rio que com este nome desce da serra da Canastra, e pelo rio das Velhas. No trecho superior, os affluentes mais consideraveis correm entre estas duas cabeceiras até sua confluencia; transposto já o salto de Pirapora, a divisora das aguas com o Tocantins afasta-se e deixa que se desenvolvam o Paracatú, o Urucuia, o Carinhanha, o Corrente, o Grande, ao passo que a serra do Espinhaço se approxima. Desde a barra do rio Grande para o mar, nem de uma, nem de outra margem concorre affluente algum consideravel; os embaraços encontrados pela navegação accumulam-se, e tolheram as communicações até ser transposto por uma via ferrea o trecho encachoeirado.

O S. Francisco é por assim dizer a imagem de quasi todos os rios do Brasil: no planalto, apenas o volume d'agua o permitte, uma extensão, de centenas de leguas ás vezes, perennemente navegavel por embarcações de

maior ou menor capacidade; em seguida a descida do planalto com saltos e corredeiras, como os do Madeira, o Augusto no Tapajós, o Itaboca no Tocantins, o Paulo Affonso no S. Francisco, e tantos outros; finalmente, as aguas se acalmam e aprofundam, e os embaraços de todo desapparecem quando lhes sobra força sufficiente para impedir a formação de baixios na barra.

Deste typo se apartam o Amazonas, cuja região tormentosa é vencida logo nas cabeceiras, muito antes de entrar no Brasil, e seus affluentes situados a Oeste do Madeira e do Negro, no chamado Solimões, nascidos todos em regiões pouco elevadas e logo diffundidos por grandes baixadas, quasi niveladas. Em menores dimensões reproduz-se o facto com o rio Paraguay e alguns de seus affluentes. O Parnahiba e os rios do Maranhão, descendo suavemente por um declive graduado ao longo do seu curso, apresentam uma fórma de transição entre o typo dos rios das baixadas e o dos chapadões.

As montanhas preparam e os rios esculpem no planalto brasileiro quatro divisões bem distinctas: o chapadão amazonico desde o Guaporé ao Tocantins; o do Parnahiba, inserido entre o primeiro e o do S. Francisco, mais vasto, que alcança sua maior expansão á margem esquerda desta bacia; finalmente o do Paraná-Uruguay, entre a serra do Mar e as montanhas de Guayaz. As relações existentes entre estes chapadões actuaram sobre o povoamento do territorio.

O planalto das Guayanas apresenta outro chapadão elevado, com alguns picos graniticos, poucos de mais de mil metros.

A Oeste alguns affluentes amazonicos nascidos fóra do Brasil, o Içá, Japurá, Negro, em seu trecho inferior

correm por algum espaço parallelamente ao rio principal. Pouco extensas, pouco navegaveis correntes de meia agua desembocam a Este do Negro, descendo da borda meridional do chapadão das Guayanas.

O rio das Amazonas vasa uma bacia de sete milhões de kilometros quadrados, a maior do globo, tamanha, quasi, como o Brasil inteiro. Sangram para ella grandes partes dos planaltos brasileiro, guayanez e andino; como a quadra das chuvas não cae em todos elles ao mesmo tempo, succede que quando começam a baixar os affluentes de um enchem os do outro lado, e a vasante nunca se dá completa. A's vezes tanto se avoluma o rio-mar que represa os tributarios e por seus furos mandalhes agua a muitos kilometros da foz. Os lagos marginaes, as ilhas numerosas, os furos, os paranamirins permittiriam navegar desde o oceano até os confins do paiz sem nunca penetrar na madre. Suas inundações alcançam quasi vinte metros acima do nivel ordinario; podem então passar embarcações por cima das florestas das quaes algumas semanas antes mal se avistava o topo do arvoredo. O Amazonas corre de Oeste para Este, acompanhando a equinocial, e seu clima póde dizer-se proximamente o mesmo em toda esta extensão: genuinamente tropical, pouco variavel sem differenças sensiveis de temperatura, de atmosphera humida, abundantemente chuvosa, maxime junto do mar e perto dos Andes. A maior ou menor frequencia relativa de chuvas se designa pelos nomes de verão e inverno; de inverno só póde dar idéa approximada, pelo lado da temperatura, o ligeiro refrigerio sentido á noite.

Ao Sul do Amazonas, entre os rios Parnahiba e S. Francisco, extende-se uma zona periodicamente fla-

gellada por seccas. Quando as estações correm regularmente ha leves chuveiros, chamados de cajú, á passagem do sol para o Sul; chuvas maiores caem antes ou depois do equinocio de Março; São João é já fins d'agua. No caso contrario seccam os rios, excepto em alguns poços e depressões, murcham os pastos, permanecem nuas as arvores, succumbe o gado á sede ou á inanição, e a gente morre á fome quando só dispõe dos recursos locaes. A necessidade de luctar contra a calamidade inspirou a construcção de açudes, a cultura das vasantes, a retirada do gado, a distribuição de ramas para alimenta-lo, as grandes levas de retirantes.

A' beira mar entre o Oyapok e o Parnahiba, e do S. Francisco para o Sul domina igualmente o clima tropical até Santa Catharina: em alguns trechos quasi todos os mezes do anno chove, em outros intervêm estiadas maiores, em geral subordinadas á marcha solar.

A distancia do Equador avulta as differenças thermometricas, aliás contidas em extremos pouco apartados. Com o solsticio de Junho, pouco antes ou pouco depois, coincidem o maior abaixamento thermometrico e a diminuição nos precipitados atmosphericos.

No Rio Grande do Sul as estações fria e quente já apparecem melhor delimitadas, as variações de temperatura tornam-se mais notaveis, e a estação das aguas tende a emparelhar-se com a do frio.

Isto se refere ao littoral. No interior do paiz, reina tambem o clima tropical, modificado mais ou menos por factores locaes e revestindo certa feição continental. Geralmente chove no sertão menos que á beira-mar; as estações secca e humida andam mais nitidamente discriminadas; o ar do planalto, facilmente aquecivel durante

o dia em consequencia de sua pouca densidade, rapidamente esfria á noite pelo mesmo motivo, produzindo ás vezes variações bruscas no decurso de vinte e quatro horas.

Tambem aqui as chuvas compassam-se pelo sol: em varios pontos ha uma estação humida menor e anterior, outra maior e posterior ao solsticio de Dezembro.

Na depressão amazonica associam-se o calor e a humidade, a vegetação attinge o maximo desenvolvimento, alardeia-se a grande matta terreal.

A lucta pelo ar e pela luz arremessa as plantas para cima, repellem-se nas álturas as copas do arvoredo, arvores possantes viram trepadeiras, cruzam-se lianas em todos os sentidos. Plantas sociaes como a embaúba e a monguba constituem excepção; em regra n'uma superficie dada cresce o maior numero possivel de especies differentes.

Pouco influe sobre a physionomia do conjunto a distancia do oceano; muito mais actua o apartamento do rio: no caa-igapó, sujeito á inundação annua, avultam palmeiras, muitas d'ellas espinhosas, reduz-se o porte das arvores; no caa-eté, sobranceiro a ella, culminam gigantes vegetaes, triumpham dicotyledoneas e epiphytos: mais adiante começam os xerophytos.

A região flagellada pela secca possue tambem mattas, porém solteiras, nas serras capazes de condensarem vapores atmospphericos, nas margens dos rios, em logares favorecidos pela humidade do subsolo. De dimensões restrictas, sustentam a outros respeitos o confronto com as das regiões mais felizes; não representam, entretanto, fielmente a feição dominante.

Desde a Bahia começa a matta virgem continua, e com os mesmos caracteres orla a borda oriental da serra do Mar: troncos erectos, ramificação muito acima do solo, folhagem sempre verdejante, variedade de especies dentro de pequenas areas, abundancia de epiphytos. Os accidentes topographicos introduzem aqui na paisagem uma variedade golpeante, desconhecida na monotonia intermina da Amazonia.

Além da serra do Mar abrem-se os campos, vastas extensões occupadas por gramineas e ervas mais ou menos rasteiras.

Onde a altitude o permitte surgem araucarias; em certos pontos adensam-se capões, cujo nome indigena está indicando a fórma circular. Os campos do Sul explicam alguns pela baixa da temperatura durante o periodo germinativo. Ao Norte existem igualmente campos, cuja explicação parece outra: o solo, muito quente e pouco humido, requeimando as sementes das arvores, rouba-lhes a vitalidade.

Catinga, carrasco, cerrado, agreste designam todos varias formas de vegetação xerophila, caracterisada pelas raizes ás vezes muito profundas, munidas muitas de bulbo que prende a agua, pelo tronco aspero, gretado, exiguo, esgalhado, como se procurasse para os lados o desenvolvimento que lhe foge na vertical, pelas folhas mais os menos miudas, que caem numa parte do anno para melhor resistir á secca, limitando a evaporação.

Na região das seccas esta forma de vegetação chega quasi á beira-mar; em quasi todos os estados existe mais ou menos, testemunho e effeito do clima continental. O povo brasileiro, começando pelo Oriente a occupação do territorio, concentrou-se principalmente na zona da

matta, que lhe fornecia pau-brasil, madeira de construcção, terrenos proprios para canna, para fumo e, afinal, para café. A matta amazonica forneceu tambem o cravo, o cacau, a salsaparilha, a castanha, e, mais importante que todos os outros productos florestaes, a borracha. Os campos do Sul produzem mate. Nos do Norte, em geral, e nas zonas de vegetação xerophila, plantam-se cereaes ou algodão e pasta o gado. A obra do homem chama-se capoeira: terreno privado da vegetação primitiva, occupado depois por vegetaes adventicios cuja physionomia ainda não assumiu feição bem caracterisada. Os capoeirões podem dar a illusão de verdadeiras mattas.

A fauna do Brasil é muito rica em insectos, reptis, aves, peixes, e pequenos quadrupedes. São fórmas caracteristicas as emas, os papagaios, os beija-flores, os desdentados, os marsupios, os macacos platyrhinios.

Na baixada littoranea, muitas formas de molluscos, peixes e aves ha communs ao Atlantico do Sul; o colorido de alguns por tal modo se assemelha á areia que custa descobri-los em repouso.

A fauna da matta apresenta, ao contrario, o colorido mais vistoso, principalmente nas borboletas, que ás vezes attingem tamanho enorme, e nas aves. A maior parte das especies adaptou-se á vida arborea, e algumas, como a archaica preguiça, vão desapparecendo com as derrubadas.

"Mais pallida em colorido e fraca em força numerica é a fauna do sertão" lembra Gœldi. "Sumptuoso uniforme de gala nos descampados não seria desejavel nem proveitoso. Para os animaes sertanejos é de mais vantagem sua roupa branco-amarellada e monotona que

no meio do capim se conserva neutra entre a côr do solo e o colorido da macéga torrada pelo sol.

"Si por um lado, no littoral, é apparelho util a aza comprida, apropriada ao vôo persistente, e, por outro lado, o pé trepador, para o morador da matta, torna-se precioso dote para formas animaes que vivem correndo pelo solo uma perna comprida e capaz de corresponder a fortes exigencias. Ahi estão para attesta-lo a sariema de alto cothurno e a gigantesca ema. O proprio lobo brasileiro muniu-se, além de umas orelhas grandes, a modo de chacal do deserto, de longas pernas a feitio de galgo."

Entre estes animaes nem um pareceu proprio ao indigena para collaborar na evolução social, dando leite, fornecendo vestimenta ou auxiliando o transporte; apenas domesticou um ou outro, os mimbabas da lingua geral, — em maioria aves, principalmente papagaios, só para recreio. De caça e principalmente de pesca era composta sua alimentação animal. Possuia agricultura incipiente, de mandioca, de milho, de varias fructas. Como lhe eram desconhecidos os metaes, o fogo, produzido pelo attrito, fazia quasi todos os officios do ferro. A plantação e colheita, a cozinha, a louça, as bebidas fermentadas competiam ás mulheres; encarregavam-se os homens das derrubadas, das pescarias, das caçadas e da guerra.

As guerras ferviam continuas; a cunhã prisioneira aggregava-se á tribu victoriosa, pois vigorava a idéa da nullidade da femea na procreação, exactamente como a da terra no processo vegetativo; os homens eram comidos em muitas tribus no meio de festas rituaes. A anthropophagia não despertava repugnancia e parece ter sido

muito vulgarisada: algumas tribus comiam os inimigos, outras os parentes e amigos, eis a differença.

Viviam em pequenas communidades. Pouco trabalho dava fincar uns paus e estender folhas por cima, carregar algumas cabaças e panellas; por isso andavam em continuas mudanças, já necessitadas pela escassez dos animaes proprios á alimentação.

De rixas minusculas surgiam separações definitivas; grassava uma fissiparidade constante. Tradição muito vulgarisada explicava grandes migrações por disputas a proposito de um papagaio.

O chefe apenas possuia autoridade nominal. Maior força cabia ao poder espiritual. Acreditavam em seres luminosos, bons e inertes, que não exigiam culto, e poderes tenebrosos, maus, vingativos, que cumpria propiciar para apartar sua colera e angariar-lhes o favor contra os perigos: eram as almas dos avós. Entre elles contava-se o curador, pagé ou carahiba, senhor da vida e da morte, que resuscitara, e não podia mais tornar a morrer.

Tinham os sentidos mais apurados, e intensidade de observação da natureza inconcebivel para o homem civilisado. Não lhes faltava talento artistico, revelado em productos ceramicos, trançados, pinturas de cuia, mascaras, adornos, danças e musicas.

Das suas lendas, que ás vezes os conservavam noites inteiras acordados e attentos, muito pouco sabemos: um dos primeiros cuidados dos missionarios consistia e consiste ainda em apaga-las e substitui-las.

Falavam linguas diversas, quanto ao lexico, mas obedecendo ao mesmo typo: o nome substantivo tinha passado e futuro como o verbo; o verbo intransitivo

fazia de verdadeiro substantivo; o verbo transitivo pedia dois pronomes, um agente e outro paciente; a primeira pessoa do plural apresentava ás vezes uma flexão inclusiva e outra exclusiva; no fallar commum a parataxe dominava. A abundancia e flexibilidade dos supinos facilitaram a traducção de certas idéas europeas.

Fundada no exame linguistico a ethnographia moderna conseguiu aggregar em grupos certas tribus mais ou menos estreitamente connexas entre si. No primeiro entram os que fallavam a lingua geral, assim chamada por sua area de distribuição. Predominavam proximo de beira-mar, vindos do sertão, e formavam tres migrações diversas: a dos Carijós ou Guaranís, desde Cananéa e Parapanema para o Sul e Oeste; os Tupiniquins, no Tietê, no Jequitinhonha, na costa e sertão da Bahia, na serra da Ibiapaba; os Tupinambás no Rio de Janeiro, a um e outro lado do baixo S. Francisco até o Rio Grande do Norte, e do Maranhão até o Pará. O centro de irradiação das tres migrações deve procurar-se entre o rio Paraná e o Paraguay.

Nos outros grupos fallavam-se as linguas travadas: os Gés, representados pelos Aimorés ou Botocudos proximo do mar, e ainda hoje numerosos no interior; os Cariris disseminados do Paraguaçú até o Itapecurú e talvez Mearim, em geral pelo sertão, com quanto os Tremembés habitassem as praias do Ceará; os Carahibas, cujos representantes mais orientaes são os Pimenteiras, no Piauhy, ainda hoje encontrados no chapadão e na bacia do Amazonas; os Maipures ou Nu-Aruak, que desde a Guayana penetraram até o rio Paraguay e ainda apparecem nas cercanias de sua antiga patria, e até no alto Purús; os Panos, os Guaicurús, etc. etc.

Si abstrahirmos do Amazonas, onde havia muitos Maipures e não poucos Carahibas, só os Tupis e os Cariris foram incorporados em grande proporção á actual população do Brasil.

Os Cariris, pelo menos na Bahia e na antiga capitania de Pernambuco, já occupavam a beira-mar quando chegaram os portadores da lingua geral. Repellidos por estes para o interior, resistiram bravamente á invasão dos colonos europeos, mas os missionarios conseguiram aldeiar muitos e a criação de gado ajudou a conciliar outros. Talvez provenha dos Cariris a cabeça chata, commum nos sertanejos de certas zonas.

Si agora examinarmos a influencia do meio sobre estes povos naturaes, não se afigura a indolencia o seu principal caracteristico. Indolente o indigena era sem duvida, mas tambem capaz de grandes esforços, podia dar e deu muito de si. O principal effeito dos factores anthropo-geographicos foi dispensar a cooperação.

Que medidas conjuntas e preventivas se podem tomar contra o calor? qual o incentivo para condensar as associações? como progredir com a communidade reduzida a meia duzia de familias?

A mesma ausencia de cooperação, a mesma incapacidade de acção incorporada e intelligente, limitada apenas pela divisão do trabalho e suas consequencias, parece terem os indigenas legado aos seus successores.

II

FACTORES EXOTICOS

Ao começar o seculo XVI, Portugal labutava na transição da idade media para a era moderna. Coexistiam em seu seio duas sociedades completas, com sua hierarchia, sua legislação e seus tribunaes; mas a sociedade civil não professava mais a superioridade transcendente nem se sujeitava á dependencia absoluta da Igreja, despida agora de muitas de suas historicas prerogativas, obrigada a reduzir muitas de suas pretenções.

O Estado reconhecia e acatava as leis da Igreja, executava as sentenças de seus tribunaes, declarava-se incompetente em quaesquer litigios debatidos entre clerigos, só punia um ecclesiastico si, depois de degradado, era-lhe entregue por seus superiores ordinarios, respeitava o direito de asylo nos templos e mosteiros para os criminosos cujas penas eram de sangue, abstinha-se de cobrar impostos do clero.

A Igreja dominava soberana pelo baptismo, tão necessario á vida civil como á salvação da alma; pelo casamento, que podia permittir, sustar ou annullar com impedimentos dirimentes; pelos sacramentos, distribuidos atravez da existencia inteira; pela excommunhão, que incapacitava para todos elles; pelo interdicto, que separava communidades inteiras da communicação dos santos; pela morte, permittindo ou negando suffragios,

deixando que o cadaver descançasse em logar sagrado junto aos irmãos ou apodrecesse nos monturos em companhia dos bichos; dominava pelo ensino, limitando e definindo as crenças, extremando o que se podia do que não era licito aprender ou ensinar.

Contra ella, na esphera estreita ainda em que firmara sua competencia, depois de luctas com o papado e com o clero indigena, o Estado empregava o *placet* para os documentos emanados do solio pontificio, os juizes da corôa para resguardar certos orgãos essenciaes ao exercicio normal da soberania plena, as leis de amortisação para limitar as acquisições prediaes, as temporalidades para abolir certas resistencias. Em compensação, repartia sua jurisdicção com o outro poder em casos por isto chamados *mixti fori,* prestava o braço secular para executar, até com morte violenta, os condemnados pelo juizo ecclesiastico, duramente castigava certos actos só porque a Igreja os considerava peccaminosos; em summa, o mesmo que hoje os interesses economicos ou fiscaes, pesavam então inspirações religiosas e considerações ecclesiasticas.

Apesar de tudo occorriam frequentes attritos entre a Igreja e o Estado, aquella disposta a abrir o menos possivel mão de suas attribuições antigas, este conquistando ou assumindo sempre novas faculdades, para arcar com os problemas crescentes, legados onerosos do regimen medieval, exigencias inadiaveis de uma situação transformada pelo commercio fortalecido, pelas communicações amiudadas, pela industria renascente, pela renovação intellectual, pela circulação metallica em lucta contra a economia naturista, rasgando horizontes mundiaes.

Como o papa, cabeça da sociedade religiosa, o rei tornara-se o sujeito juridico da sociedade civil: na qualidade de senhor absoluto, seus poderes não admittiam fronteiras definiveis, invocados como um principio de equidade superior, como remedio a casos excepcionaes, graves e imprevistos. De outros poderes susceptiveis de definição, podia fazer uso mais ou menos completo, e aliena-los em parte.

Era direito real bater moeda, crear capitães na terra e no mar, fazer officiaes de justiça, do infimo ao pino da carreira, declarar guerra, chamando o povo ás armas com os mantimentos necessarios. Para seu serviço el-rei tomava carros, bestas e navios dos subditos; pertenciam-lhe as estradas e as vias publicas, os rios navegaveis, os direitos de passagens de rios, os portos de mar com as portagens n'elles pagas, as ilhas adjacentes ao Reino, as rendas das pescarias, das marinhas, do sal, as minas de ouro, prata e quaesquer outros metaes, os bens sem dono, os dos malfeitores de certos crimes. Nelle se concentrava toda a faculdade legislativa: os votos das Côrtes só valiam com o seu assenso e emquanto lhe aprazia, pois as disposições mais precisas podia dispensar, especificando-as; juizes e tribunaes eram delegações do throno.

Abaixo do rei estava a nobreza, numerosa em familias como nas distincções que separavam umas de outras, comprehendendo desde os senhores donatarios, com honras, coutos e jurisdicção, e os grãos-mestres das ordens militares, cujo mestrado o rei houve por bem afinal assumir, até simples cavalleiros e escudeiros. Seu poderio fôra grande; agora contentava-se com o monopolio dos cargos publicos, com o papel saliente nos tempos de

guerra ou nos conselhos da corôa, com a situação privilegiada nas questões penaes, em que o titulo de nobre defendia dos tormentos ou acarretava diminuição de pena. A nobreza não era uma casta exclusiva; davam para ella varias portas, entre as quaes a das letras.

Abaixo da nobreza acampava o povo, a grande massa da nação, sem direitos pessoaes, apenas defendidos seus filhos por pessoas moraes a que se acostavam, lavradores, mecanicos, mercadores; os de mór qualidade chamavam-se homens bons, e reuniam-se em camaras municipaes, orgãos de administração local, cuja importancia, então e sempre somenos, nunca pesou decisivamente em lances momentosos, nem no Reino, nem aqui, apesar dos esforços de escriptores nossos contemporaneos, illudidos pelas apparencias fugazes ou cegados por idéas preconcebidas.

Abundavam pessoas moraes a que o povo se podia filiar — corporações limitadas como as de moedeiros e bombardeiros, collectividades maiores como os cidadãos do Porto. Os privilegios inherentes a estes foram outorgados a varias cidades do Brasil, Maranhão, Bahia, Rio e São Paulo, pelo menos; pelo que encerram, dão bem a idéa de direitos regateados a quem tinha apenas para soccorrer-se a mera qualidade de ser humano.

A estes felizes cidadãos do Porto concedeu Dom João II:

que não fossem mettidos a tormentos por nenhuns maleficios que tivessem feito, commettido e commettessem e fizessem d'ahi por diante, salvo nos feitos e d'aquellas qualidades e nos modos em que o devem ser e são os fidalgos do reino e senhores;

que não pudessem ser presos por nenhum crime,

sómente sobre suas menagens e assim como o são e devem ser os fidalgos;

que pudessem trazer e trouxessem por todos os seus reinos e senhorios quaes e quantas armas lhes aprouvesse de noite e de dia, assim offensivas como defensivas;

que não pousassem com elles nem lhes tomassem suas casas de moradas, adegas, nem cavallariças, nem suas bestas de sella, nem outra nenhuma cousa de seu contra suas vontades e lhes catassem e guardassem muito inteiramente suas casas, e houvessem com ellas e fóra d'ellas todas as liberdades que antigamente haviam os infanções e ricos homens;

que os serviçaes agricolas só fossem á guerra com os patrões.

Abaixo do terceiro estado havia ainda os servos, escravos, etc. etc., cujo direito unico cifrava-se em poderem, dadas circumstancias favoraveis, passar á classe immediatamente superior, pois, comquanto rentes as separações, as classes nunca se transformaram em castas.

Os tres braços do clero, da nobreza e do povo, convocados em occasiões solemnes e a intervallos arbitrarios, constituiram as Côrtes. Meramente consultivas, ou por igual deliberativas? Liquidem entre si este ponto os eruditos de alem-mar; fóra de duvida só valeram emquanto os reis consideraram reinar como um officio e precisaram de recursos pecuniarios para os quaes não eram sufficientes os copiosos direitos reaes.

A prosperidade e o povoamento do Brasil provaram fataes a esta veneravel instituição. Por uma coincidencia nada fortuita, reuniram-se as ultimas Côrtes em 1697, quando o ouro das Geraes começava a deslumbrar

o mundo, e só reviveram com a revolução franceza, as guerras napoleonicas e a independencia real do Brasil, depois de trasladada para aqui a séde da monarchia portugueza.

Em 1527 a somma total dos fogos em todo o Reino andava por duzentos e oitenta mil quinhentos e vinte e oito; dando a cada um d'estes um numero de quatro individuos, a população do Reino seria n'aquelle anno de um milhão cento e vinte e dois mil cento e doze almas. Com este pessoal exiguo, que não bastava para enche-lo, ia Portugal povoar o mundo. Como conseguil-o sem atirar-se á mestiçagem?

A agricultura estava atrazada no Reino; Damião de Goes explicando em 1541 á opinião letrada da Europa a razão dos seus atrazos em Portugal e Espanha, affirma ser a fertilidade espontanea do solo tamanha que a maior parte do anno os escravos e os homens pobres se podem sustentar lautamente de fructos silvestres, mel e ervas, o que os faz pouco propensos ao trabalho agricola.

Alguns traços tomados ao livro de Costa Lobo mostrarão o caracter dominante do povo ao começar a era dos descobrimentos:

O Portuguez do seculo XV era fragueiro, abstemio, de imaginação ardente, propenso ao mysticismo, caracter independente, não constrangido pela disciplina ou contrafeito pela convenção; o seu falar era livre, não conhecia rebuços nem euphemismos de linguagem.

A tempera era rija, o coração duro. As commina-ções penaes não conheciam piedade. A morte expiava crimes taes como o furto do valor de um marco de prata. Ao falsificador de moeda infligia-se a morte pelo fogo, e o confisco de todos os bens.

Com a rudeza de costumes que assignala aquelles tempos, a segurança da propria pessoa, familia e haveres, dependia em grande parte da força e energia individual; d'ahi frequentes homisios, aggressões, feridos e mortes que habituavam á contemplação da violencia e da dôr, infligida ou recebida. O espectaculo de penar não repugnava, porque ninguem tinha em muita conta o padecimento physico. Cruezas que hoje denotariam a vileza de um caracter perverso não tinham nesses tempos semelhante significação. O mal que ellas causavam não se reputava demasia, todos estavam sujeitos a padece-lo. Mas si a dor physica ou moral alcançava mollificar a rijeza da indole inacostumada á paciencia e á reflexão ou si a paixão a inflammava, então o sentimento irrompia em clamores, prantos e contorsões, semelhando os meneios da demencia furiosa.

A' dureza da tempera correspondia extensamente um aspecto agreste, a força muscular era tida em grande apreço. Cercear com um revéz de montante uma perna de boi por meia coxa ou decepar-lhe quasi todo o pescoço eram feitos dignos de recordação historica.

Ao Portuguez estranho ao continente cumpre juntar o negro, igualmente alienigena. A importação começou desde o estabelecimento das capitanias e avultou nos seculos seguintes, primeiro por causa da cultura da canna, mais tarde por causa do fumo, das minas, do algodão e do café. Depois da suppressão do trafico em 1850, o café provocou deslocações consideraveis na distribuição interna; o mesmo effeito produziu a abolição.

Os primeiros negros vieram da costa occidental, e pertencem geralmente ao grupo bantú; mais tarde vieram de Moçambique. Sua organisação robusta, sua re-

sistencia ao trabalho indicaram-nos para as rudes labutas que o indigena não tolerava. Destinados para a lavoura, penetraram na vida domestica dos senhores pela ama de leite e pela mucama, e tornaram-se indispensaveis pela sua indole carinhosa. A mestiçagem com o elemento africano, ao contrario da mestiçagem com o americano, era vista com certa aversão, e inhabilitava para certos postos. Os mulatos não podiam receber as ordens sacras, por exemplo: dahi o desejo commum de ter um padre na familia, para provar limpeza de sangue. Com o tempo os mulatos souberam melhorar de posição e por fim impor-se á sociedade. Quando reuniam a audacia ao talento e á fortuna alcançaram altas posições.

O negro trouxe uma nota alegre ao lado do Portuguez taciturno e do indio sorumbatico. As suas danças lascivas, toleradas a principio, tornaram-se instituição nacional; suas feitiçarias e crenças propagaram-se fóra das senzalas. As mulatas encontraram apreciadores de seus desgarres e foram verdadeiras rainhas. O Brasil é inferno dos negros, purgatorio dos brancos, paraiso dos mulatos, resumiu em 1711 o benemerito Antonil.

III

OS DESCOBRIDORES

A posição geographica de Portugal destinava-o á vida maritima, e data da dominação romana o conhecimento de ilhas alongadas ao Occidente. Tradições arabes, memoram os Mogharriun, partidos de Lisboa á cata de aventuras. A restauração christã produziu uma marinha nacional, que alentaram e tornaram prospera a escolha da barra do Tejo para escala da carreira de Flandres, e a vinda de Catalães e Italianos chamados a ensinar a nautica e a technica. A expedição contra Ceuta em 1415 reuniu já centenas de embarcações e milhares de marinheiros.

Depois de tomada esta cidade á mourisma infiel, atiraram-se os conquistadores para terras africanas. Navios mandados do Algarve perlongaram o littoral marroquino, conjuraram os terrores do cabo Não, illuminaram o Sahara nos bulcões do mar Tenebroso, descobriram rios caudalosos, tractos povoados, e as ilhas de Cabo-Verde, verdes dentro na zona torrida, inhabitavel pelo calor como o seu nome apregoava, inhabitavel por sentença unanime dos philosophos antigos, apanhados agora pela primeira vez em falsidade flagrante. Culmina n'esta phase heroica o infante D. Henrique, filho de D. João I, e grão mestre da Ordem de Christo. Dominava-o de um lado o desejo de alargar as fronteiras do mundo conhecido, de outro a esperança de alcançar

um ponto onde fenecesse o poderio do Crescente. Talvez ahi reinasse Preste João, o lendario imperador-sacerdote; de mãos dadas realisariam a cruzada suprema contra os inimigos hereditarios da Christandade, já expulsos de quasi toda a Espanha, mais poderosos que nunca nas terras e mares orientaes.

O decurso dos descobrimentos precisou as aspirações confusas do principio. Nos ultimos annos do infante desenhou-se o problema da India, vaga expressão geographica applicada a todos os paizes distribuidos da sahida do mar Vermelho ao reino de Cathay e á ilha de Cypango. Os rios possantes do continente agora conhecido, como a franquearem vias de penetração indefinida, a direcção meridional da costa, como a encurtar as distancias, os numerosos dizeres de prestigiosas cartas geographicas como a balisarem o percurso a fazer-se, suggeriam a possibilidade de lá chegar por novo caminho; e novo caminho era urgente, pois si na Europa germano-latina continuava forte a procura de especiarias, estofos, perolas finas, pedras preciosas, madeiras raras, de productos indianos, em uma palavra, as potencias mussulmanas, assentes nas estradas historicas que vinham dar no Mediterraneo, cada dia augmentavam as exigencias e requintavam de insolencia, espoliando os intermediarios do commercio do Levante, e atormentando os consumidores occidentaes.

A idéa de chegar á India atravessando a Africa, depois de ligeiras tentativas, foi abandonada. Pensou-se lograr o mesmo resultado circumnavegando o continente negro. Contra este plano insurgia-se o veto de Ptolemeu, affirmando a ligação da Asia e Africa ao Sul, como no isthmo de Suez ao Norte, fechando por aquella parte o

mar das Indias e transformando-o em mediterraneo. Mas ainda em dias de D. Henrique um cartographo italiano protestou contra as affirmações categoricas do astronomo alexandrino, e o descobrimento de Cabo-Verde, o contacto directo com a zona torrida tinham começado a emancipar os espiritos, patenteando que o simples facto de proceder da antiguidade não consagra inviolavel e intangivel qualquer proposição.

Emquanto se concatenavam estas noções incertas formulou-se outra solução do problema, já mencionada em escriptores gregos e latinos, e apoiada em autoridades sagradas e pagãs. E' identico, postulava, o oceano occidental da Europa e o oceano oriental da Asia; segundo as escripturas o espaço occupado pelos mares representa apenas uma fracção minima comparado á terra firme, e como o nosso planeta é espherico, o caminho logico e mais breve para a India consiste em lançar-se impavidamente ao oceano, amarar-se tanto para o poente até chegar ao nascente. Tal viagem, além de mais breve, seria mais commoda, pois ilhas esparsas pontuavam a derrota, algumas d'ellas tamanhas como a Antilha, representada nos portulanos mais fidedignos.

Christovão Colombo apresentou tal plano como novo aos Portuguezes, que não o acceitaram; menos experientes, os Espanhoes acolheram o nauta genovez e deram-lhe os meios de executa-lo.

Partindo em 1492, descobriu algumas ilhas e annos mais tarde o continente cobiçado, o reino do grão Khan, segundo suppunha.

Entre a morte de D. Henrique e o reinado de D. Affonso V (1460 - 1481) si não arrefeceu o movimento descobridor, proseguiu com muito menor brilho:

a elevação de D. João II ao throno deu-lhe vida e calor. Terminava a terra conhecida no cabo de Santa Catharina, 2° S.; com poucos annos avançou-se victoriosamente para o tropico; em 1487 Bartholomeu Dias tornou com a noticia de ter alcançado o fim do continente africano. Já de volta, no extremo Sul, quasi perdera-se junto a um cabo e por isso chamou-lhe das Tormentas. Das Tormentas, não! protestou o rei de Portugal; da Bôa Esperança.

Mais que esperança, sentia certeza agora de gosar breve do resultado de tantos esforços. E tanta confiança nutria D. João II de estar afinal achado o caminho da India que não procedeu a novas verificações. Preparou-se com toda a calma, construindo navios aptos para os mares agitados do Oriente; fundiu artilharia capaz de luctar contra os potentados indianos e os navios arabes; emissarios seus visitaram o mar Vermelho, o golfo Persico, a costa oriental da Africa, a costa de Malabar, inquerindo, observando, reunindo noticias frescas e fidedignas sobre o commercio, a navegação. Um d'elles, Pero de Covilhã, esteve no reino de Preste João, originariamente procurado na Asia central, encarnado agora no dynasta da Abessinia.

D. João II nada confiou do acaso. A volta triumphal de Colombo em 1493 pouco influiu sobre os planos do rei. Si protestou contra a divisão do mundo promulgada por Alexandre VI, julgando postergados seus direitos; si mandou alguma expedição clandestina ao Occidente, como parece verificado; bastaram o aspecto dos naturaes e sua barbarie visivel, os productos recolhidos e os paizes descobertos, tão differentes de tudo o que os seus emissarios vinham de apurar, para não lhe

deixarem duvidas de que a India procurada pelos Portuguezes não se confundia com a India achada pelos Espanhoes. Ao fallecer em 1495, o Principe Perfeito deixou ao seu successor, D. Manuel, o simples trabalho de saborear o fructo sazonado. Do mesmo modo Vasco da Gama apenas continuou a senda dez annos antes aberta por Bartholomeu Dias (1497 - 1499).

A chegada de Vasco da Gama com as embarcações carregadas de lidimos productos indianos, mostrou a sabedoria e a previdencia de D. João II, preferindo a qualquer outro o caminho indicado pelo cabo de Bôa Esperança; sobre os Espanhoes não parece ter exercido igual impressão, pois continuaram no mesmo empenho primitivo de chegar ao Oriente navegando sempre para o Occidente.

Temos, pois, duas correntes historicas bem definidas, originarias ambas da peninsula iberica: uma occidental, outra meridional. Desembocaram ambas no Brasil. Seguindo a corrente occidental, apenas procuraram baixas latitudes os Espanhoes cortaram a linha, e alcançaram o hemispherio do Sul com Vicente Yañez Pinzon. Seguindo a corrente do Sul, os Portuguezes, induzidos a amarar-se á procura de ventos mais francos para dobrar o cabo, encontraram a zona dos alisios e vieram dar no hemispherio occidental com Pedro Alvares Cabral. Ambos os casos occorreram no mesmo anno.

Interessa-nos apenas Pedr'Alvares.

Commandando uma armada de treze navios partiu de Belem segunda-feira, 9 de Março de 1500. O domingo passara-se em festas populares. O rei tivera a seu lado na tribuna o capitão-mór, puzera-lhe na cabeça

um barrete bento mandado pelo papa. entregara-lhe uma bandeira com as armas reaes e a cruz da Ordem de Christo, a Ordem de D. Henrique, o descobridor. Sentia-se bem a importancia d'esta frota, a maior sahida até então para terras alongadas.

Mil e quinhentos soldados, negociantes aventurosos, aventureiros, mercadorias variadas, dinheiro amoedado, revelavam o duplo caracter da expedição: pacifica si na India preferissem a lisura e o commercio honesto, bellicosa si quizessem recorrer ás armas. Alguns franciscanos, tendo por guardião frei Henrique de Coimbra, communicavam ao conjunto a sagração religiosa.

A 14 foram avistadas as Canarias, a 22 as ilhas de Cabo-Verde. Um mez mais tarde, a 21 de Abril, boiaram ervas marinhas muito compridas, signaes de proximidade de terra, no dia seguinte confirmados por aves, e realisados á tarde. "N'este dia, a horas de vespera, houvemos vista de terra: primeiramente d'um grande monte mui alto e redondo e d'outras serras mais baixas ao Sul d'elle, e de terra chã com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão poz nome o monte Paschoal". escreve Pero Vaz de Caminha, testemunha de vista, escrivão da feitoria a fundar em Calecut. Ao sol posto surgiram em 23 braças, ancoragem limpa. O monte Paschoal, no estado da Bahia, é visivel a mais de sessenta milhas do mar.

Na quinta-feira continuou a derrota lenta e cuidadosamente, indo os navios menores adiante, sondando.

A distancia de meia legua, em direito á boca de um rio, fundearam. Nicolau Coelho, companheiro de Vasco da Gama, desembarcou e poude observar alguns

naturaes, attrahidos pela curiosidade, dar e receber presentes.

Um Sudoeste acompanhado de chuvaceiros mostrou a conveniencia de procurar situação mais abrigada. Sexta-feira velejaram para o Norte, os navios maiores mais afastados, os navios menores mais chegados á terra: ao pôr do sol, em distancia de dez leguas, encontraram um recife, abrigando um porto de larga entrada. "Ao sabbado pela manhã mandou o capitão fazer vela, e fomos demandar a entrada, a qual era muito larga e alta, de 6 e 7 braças, e entraram todalas naus dentro e ancoraram-se em 5 e 6 braças, a qual ancoragem dentro é tão grande e tão fremosa e tão segura que podem jazer dentro mais de duzentos navios e naus". O nome de Porto-Seguro, dado pelo capitão-mór, resume bem suas impressões: ainda o conserva uma localidade visinha.

Em um ilhéo da bahia, construido um altar, cantou-se missa domingo da Paschoela, 26. Frei Henrique prégou sobre o evangelho do dia. A resurreição do Salvador, as apparições mysteriosas aos discipulos, a incredulidade de Thomé, o apostolo das Indias, diziam bem com a situação estranha. No fim da prégação o frade "tratou da nossa vinda, e do achamento desta terra, conformando-se com o signal da cruz, sob cuja obediencia viemos". A bandeira de Christo com que o capitão-mór sahiu de Belem esteve sempre alta á parte do Evangelho.

Reuniram-se a bordo da capitanea os commandantes dos outros navios, e o capitão-mór perguntou si conviria mandar a el-rei a nova do achamento da terra pelo navio de mantimentos, para S. A. a mandar descobrir. Con-

cordaram que sim. Os dias seguintes passaram-se na baldeação dos generos e na lavrança de uma cruz para assignalar a posse tomada em nome da corôa de Portugal.

A cruz foi chantada a 1 de Maio: a 2, partiram o navio mandado ao Reino e a poderosa frota para a India, deixando lacrimosos dois degradados incumbidos de inquirirem da terra e irem aprendendo a lingua; alguns marujos desertaram, segundo parece.

As seguintes palavras de Caminha representam as reflexões de um espirito superior ante esses dias e espectaculos extraordinarios:

"N'ella (terra) até agora não podemos saber que haja ouro, nem prata, nem nemuma cousa de metal, nem de ferro lho vimos; pero a terra em si é de muitos boos ares assi frios e temperados como os d'antre Doiro e Minho, porque n'este tempo de agora assi os achavamos como os de lá; aguas são muitas infindas e em tal maneira é graciosa que querendo a aproveitar dar-se-á n'ella tudo por bem das aguas que tem; pero o melhor fruito que n'ella se pode fazer me parece que será salvar esta gente; e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ella deve lançar, e que hi non houvesse mais ca ter aqui esta pousada pera esta navegação de Calecut abastaria, quanto mais disposição para se n'ella cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, sc. o acrescentamento de nossa santa fé".

A vantagem da situação geographica da nova terra para as navegações da India, o modo de aproveita-la trazendo sementes do Reino, o problema do indigena, sua incorporação pelo christianismo, ahi ficam definidos com toda a precisão.

A armada do capitão-mór fez-se rumo do cabo de Bôa Esperança, acompanhando a costa da terra nova por largo espaço, — duas mil milhas, calculou um companheiro de expedição.

O navio de mantimento seguiu para o Nordeste, naturalmente sem perder de vista a terra e talvez realisando desembarques.

E' possivel mesmo haja encontrado Diego de Lepe ou algum outro viajante espanhol. O descobrimento dos Portuguezes já figura no mappa de Juan de la Cosa, terminado em Outubro de 1500.

Em meiados do anno seguinte, partiu de Portugal uma armada de tres navios a explorar a nova ilha da Cruz ou Vera Cruz e encontrou-se em Beseguiche com Pedr'Alvares Cabral, já de volta da India. Si o descobridor e os futuros exploradores permutaram impressões, deviam ter reconhecido a existencia não de ilha, mas de continente. Differente dos outros? As respostas não podiam sahir claras, pois o oceano Pacifico estava por descobrir. Duarte Pacheco, o heroe de Cambalão, companheiro de Cabral, alguns annos mais tarde ainda guardava a imagem tradicional do mundo: vastas massas de terra, interrompidas por mediterraneos, abertos em rumos diversos, semelhando lagoas enormes.

A expedição exploradora depois de travessia tormentosa aportou ao littoral do Rio-Grande do Norte e procurou regiões mais temperadas, dando nomes aos logares descobertos, tirados uns do calendario — S. Roque, S. Jeronymo, S. Francisco, bahia de Todos os Santos, cabo de S. Thomé, angra dos Reis; tirados outros de impressões e accidentes de viagem — rio Real, cabo Frio, bahia Formosa etc. Os exploradores, segundo pa-

rece, nunca perderam de vista a serra do Mar. Durante muitos annos figurou nos mappas como ultimo ponto conhecido Cananor, que bem póde ser a actual Cananéa, em S. Paulo; calculou-se a extensão percorrida em duas mil e quinhentas milhas. Esta exploração mais demorada confirmou em quasi tudo as palavras de Caminha. Apenas os naturaes appareceram á nova luz, selvagens, rancorosos, sanguinarios e anthropophagos, material mais proprio para escravatura do que para a conversão.

Depois de voltar esta armada a corôa resolveu arrendar a terra por um triennio; os arrendatarios comprometteram-se a mandar annualmente seis navios a descobrir trezentas leguas e a fazer e sustentar uma fortaleza. Fundavam seus calculos no lucro produzido por escravos, por animaes curiosos e pelo pau brasil, de que os primeiros exploradores levariam algum carregamento, e tambem na vaga esperança de poderem chegar á India por este caminho.

Em 1503 veio de facto uma frota de seis embarcações, reduzidas logo á metade pelo naufragio da capitanea, junto á ilha depois chamada Fernão de Noronha, e pela defecção de Vespucci, de quem o continente deveria tomar o nome. Talvez algum dos navios restantes iniciasse a exploração do cabo de S. Roque á procura do Equador. De certo nada se sabe; no mencionado trecho da costa escaparam ao esquecimento apenas alguns nomes, como o de João de Lisboa, João Coelho, e Corso, desacompanhados de qualquer informação. A falta de portos, a difficuldade de navegação devida ao regimen dos ventos, e a impressão de esterilidade colhida de bordo não provocavam a amiudar visitas n'aquella

direcção; os dizeres dos mappas contemporaneos ou raream ou apenas indicam passagens de largo.

Em 1506 a terra do Brasil, arrendada a Fernão de Noronha e outros christãos novos, produzia vinte mil quintaes de madeira vermelha, vendida a 2 1/3 e 3 ducados o quintal; cada quintal custava 1/2 ducado posto em Lisboa. Os arrendatarios pagavam quatro mil ducados á corôa.

Annos mais tarde, pensou-se em dar liberdade aos que quizessem vir tentar fortuna, pagando apenas um quinto dos generos levados. A este regimen já obedeceu, talvez, a nau Bretoa, armada por Bartholomeu Marchioni, Benedicto Morelli, Fernão de Noronha e Francisco Martins, mandada a Cabo-Frio em começo de 1511. Sobre ella existem documentos.

Tinha a nau capitão, escrivão, mestre e piloto, responsaveis solidariamente pela execução do regimento; treze marinheiros, quatorze grumetes, quatro pagens, um dispenseiro. Nem á ida nem á volta podia tocar em qualquer porto intermediario, salvo caso de falta de victualhas, temporaes ou desarranjo. Era permittido á companha resgatar com facas, tesouras e outras ferramentas depois de estar completa a carga dos armadores da nau. Podia resgatar papagaios, gatos, e, com licença dos armadores, tambem escravos; vedado era o commercio de armas de guerra.

A' chegada em terra a carga ficava entregue ao feitor; qualquer resgate dependia da autorisação d'este. Recommendava-se o maior cuidado em não fazerem mal ou damno aos indigenas; não levarem mais naturaes livres para o Reino, porque fallecendo em viagem cuidavam os parentes terem sido comidos, como era seu cos-

tume; não deixarem que da gente da nau alguem se lançasse na terra ou nella ficasse, como alguns já fizeram, cousa muito odiosa ao trato e serviço reaes.

A nau Bretoa partiu do Tejo a 22 de Fevereiro; fundeou de 17 de Abril a 12 de Maio na bahia de Todos os Santos: em 26 de Maio chegou a Cabo-Frio, donde a 28 de Julho partiu para Portugal. Levou cinco mil toros de pau-brasil; vinte e dois tuins, dezaseis saguis, dezaseis gatos, quinze papagaios, tres macacos, tudo avaliado em 24$220 reis; quarenta peças de escravos, na maioria mulheres, avaliados ao preço medio de 4$: sobre todos estes semoventes arbitrou-se o quinto, ainda no Brasil.

O nome do Brasil já era bem conhecido e figurava em portulanos anteriores ás descobertas dos Portuguezes; havia um nome á procura de applicação, exactamente como o de Antilha, e isto explicaria a rapidez com que se introduziu e vulgarisou, supplantando outras denominações, como terra dos Papagaios, de Vera Cruz, ou Santa Cruz, si a abundancia de uma apreciada madeira de tinturaria até então recebida por via do Levante, e o commercio sobre ella fundado desde o começo, não collaborassem na propaganda, e talvez com maior efficacia.

O pau brasil reconheceu-se logo no littoral de Parahiba e Pernambuco, nas cercanias do rio Real, do Cabo-Frio ao Rio de Janeiro; naturalmente seriam logo estes os trechos mais frequentados destes primeiros portuguezes; em outros logares só mais tarde se descobriu.

Para facilitar os carregamentos, estabeleceram-se feitorias, de preferencia em ilhas; deviam ser caiçaras

ou cercas, proprias apenas para guardarem os generos de resgates; algumas sementes de alem-mar podiam ser plantadas á roda, e soltos alguns animaes domesticos de facil reproducção. Uma feitoria conservou-se no Rio durante alguns annos até ser destruida pelos naturaes, indignados com o proceder do feitor e companheiros; entre as plantações abandonadas entraria a canna de assucar, encontrada por Fernão de Magalhães em 1519.

No anno de 1513 uma armada de dois navios extendeu muito o horizonte geographico pela zona temperada. Devassou, segundo um contemporaneo, seiscentas a setecentas leguas de terras novas; encontrou na boca de um caudaloso rio diversos objectos metallicos; teve noticia de serras nevadas ao Occidente; julgou ter achado um estreito e o extremo meridional do continente. O capitão, talvez João de Lisbôa, levou para o reino um machado de prata, e este nome, apegado ao soberbo rio, ainda hoje proclama a primazia dos Portuguezes ao Sul, como o das Amazonas perpetua a passagem dos Espanhoes ao Norte.

Com a viagem d'estes navios, armados por D. Nuno Manuel e Cristóbal de Haro, coincidiu o descobrimento do mar do Sul ou Pacifico, por Vasco Nunes de Balboa.

Os Espanhoes apanharam a importancia d'estes successos, mandaram em 1515 procurar o estreito annunciado pelos Portuguezes, e incumbiram João Dias de Solis de ir pelo novo caminho ás espaldas das terras de Castella de Ouro. Solis foi morto apenas desembarcou no rio da Prata; seus companheiros voltaram sem detença para o Reino. Em 1520 Fernão de Magalhães explorou o grande estuario meridional, á procura do estreito cobiçado afinal descoberto mais para o Sul, e

navegou pelo oceano Pacifico até alcançar as famosas Molucas, as ilhas das especiarias por excellencia.

Assim se cumpriu o plano de Colombo: chegar ao Levante navegando sempre para o Occidente. Acompanharam Magalhães em sua expedição incomparavel João Lopes de Carvalho, piloto da nau Bretoa, e um mamaluco, filho seu, havido de uma india do Rio de Janeiro.

Pau brasil, papagaios, escravos, mestiços condensam a obra das primeiras decadas.

Da parte das indias a mestiçagem se explica pela ambição de terem filhos pertencentes á raça superior, pois segundo as idéas entre ellas occorrentes só valia o parentesco pelo lado paterno. Além disso pouca resistencia deviam encontrar de millionarios que possuiam preciosidades fabulosas como anzoes, pentes, facas, tesouras, espelhos. Da parte dos alienigenas devia influir sobretudo a escassez, si não ausencia de mulheres de seu sangue. E' facto observado em todas as migrações maritimas, e sobrevive ainda depois do vapor, da rapidez e da segurança das travessias.

Estes primeiros colonos que ficaram no Brasil, degradados, desertores, naufragos, subordinam-se a dois typos extremos: uns succumbiram ao meio, ao ponto de furar labios e orelhas, matar os prisioneiros segundo os ritos, e cevar-se em sua carne; outros insurgiram-se contra elle e impuzeram sua vontade, como o bacharel de Cananéa, que se obrigou a fornecer quatrocentos escravos a Diogo Garcia, companheiro de Solis, um dos descobridores do Prata.

Typo intermedio apresenta-nos Diogo Alvares, o Caramurú, que habitou na Bahia de 1510 a 1557, data de seu fallecimento.

IV

PRIMEIROS CONFLICTOS

Com a chegada dos Portuguezes coincidiu, quasi, a dos Francezes, que começaram logo o mesmo commercio de resgate. Na vastidão do littoral podiam ter passado annos sem se encontrar, mas o encontro era fatal, e não havia de ser amigavel.

Portugal considerava a nova terra propriedade directa e exclusiva da corôa, pelas concessões papaes, pelo tratado de limites concluido com a Espanha e pela prioridade do descobrimento. O rei tirava porcentagem dos generos levados para além-mar; os armadores queriam auferir lucros de seus esforços e capitaes.

A presença dos intrusos prejudicava-os a todos os respeitos: nos mercados europeus, offerecendo os generos a preços mais vantajosos, pois não tinham quintos a deduzir, e levando-os directamente aos mercados consumidores, pois não eram obrigados a parar em Lisboa; nas terras brasilicas, conciliando as sympathias dos naturaes, que os agasalhariam com maior carinho, pouparlhes-iam traições e aleives, dariam preferencia nos carregamentos e se habituariam ás mercadorias francezas. Ainda por cima havia a questão de principio: Portugal não admittia que os filhos de outra nação puzessem o pé em terras suas no além-mar.

Desde a Parahiba ao Norte até S. Vicente ao Sul, o littoral estava occupado por povos falando a mesma

lingua, procedentes da mesma origem, tendo os mesmos costumes, porém profundamente divididos por odios inconciliaveis em dois grupos; a si proprio um chamava Tupiniquim, e outro Tupinambá. A migração dos Tupiniquins fôra a mais antiga; em diversos pontos os Tupinambás já os tinham repellido para o sertão, como no Rio de Janeiro, na bahia de Todos os Santos, ao Norte de Pernambuco; em parte de S. Paulo, em Porto Seguro e Ilhéos, nas proximidades de Olinda, na serra de Ibiapaba havia, entretanto, Tupiniquins habitadores do littoral.

Por que os Tupinambás se alliaram constantemente aos Francezes e os Portuguezes tiveram a seu favor os Tupiniquins, não consta da historia, mas o facto é incontestavel e foi importante; durante annos ficou indeciso si o Brasil ficaria pertencendo aos Peró (Portuguezes) ou aos Maïr (Francezes).

Ainda nos ultimos tempos de D. Manuel, começaram os protestos contra a presença dos Maïr; com a ascensão de D. João III a situação aggravou-se. Reconhecida a inutilidade de embaixadas á côrte de França, e de promessas compradas a peso de ouro e jámais cumpridas, o rei de Portugal resolveu desforçar-se. Uma armada de guarda-costa veio em 1527 ao Brasil commandada por Christovão Jaques, que já estivera antes na terra e deixara uma feitoria junto a Itamaracá, de volta de uma expedição ao Prata. Desde Pernambuco até a Bahia e talvez Rio de Janeiro, Christovão Jaques deu caça aos entrelopos; segundo testemunhos interessados, não conhecia limites sua selvageria, não lhe bastava a morte simples, precisava de torturas e entregava os prisioneiros aos anthropophagos para os devorarem.

Mesmo assim ainda levou trezentos prisioneiros para o Reino. Devia ter causado um mal enorme aos Francezes.

As armadas de guarda-costa eram simples palliativos; só povoando a terra, cortar-se-ia o mal pela raiz. Christovão Jaques offereceu-se a trazer mil povoadores; offerecimento semelhante fez João de Mello da Camara, irmão do capitão-mór da ilha de S. Miguel. Indignava-se este vendo que até então a gente que vinha ao Brasil limitava-se a comer os alimentos da terra e tomar as indias por mancebas, e propoz trazer numerosas familias, bois, cavallos, sementes etc.

Preferiu-se a estas propostas praticas e rasoaveis apparelhar nova e mais poderosa armada ás ordens de Martim Affonso de Sousa, meio termo entre armada de guarda-costa e expedição povoadora. Apenas alcançou a costa de Pernambuco, em Janeiro de 31, começou a faina de guarda-costa; em poucos dias foram tomadas tres naus francezas.

Diogo Leite com duas caravelas foi mandado de Pernambuco para a costa de Este-Oeste, mais desconhecida então que trinta annos antes, quando por ellas passara Vicente Yañez Pinzon. Com os outros navios, o capitão-mór seguiu para o Sul. Demorou na bahia de Todos os Santos, na de Guanabara, em Cananéa; continuava para o rio da Prata, e devia entrar em seus planos acompanhar-lhe o curso, pois desde a Europa trazia desarmados bergantins proprios para a exploração, quando a perda da capitanea fe-lo arrepiar caminho para o porto de S. Vicente. Aqui esperou o irmão, Pero Lopes, que em seu logar mandara ás aguas platinas.

Desde 1514 chegaram á Europa, levados pela armada de D. Nuno Manuel, os primeiros specimens de

metaes preciosos, encontrados nas aguas do grande rio. Alguns companheiros de Solis, escapos á sanha dos indios, e depois tolerados, confirmaram estes indicios vagos. Na costa dos Patos alguns delles falavam com enthusiasmo em taes riquezas.

Taes noticias nos Patos ou no proprio rio, colheu-as Christovão Jaques, cerca de 1522, e levou-as ao Reino. Na feitoria de Itamaracá então fundada cursavam com tamanha insistencia que, em 1526, Sebastião Cabot, ouvindo-as ao aportar em Pernambuco, decidiu logo navegar para Santa Catharina a ir tomar os naufragos de Solis e realisar o descobrimento dos metaes annunciados com tanta certeza e insistencia. Viera mandado para as Molucas, mas sabia que si triumphasse ninguem lhe lançaria em rosto o desvio, e tanto se capacitou da realidade das minas que não hesitou em transgredir as instrucções mais restrictas.

Apesar do insuccesso final de Cabot, persistiu inabalavel a crença nos thesouros platinos; por isso quando, em Cananéa, Francisco de Chaves, grande lingua do gentio, pediu gente para fazer uma entrada e prometteu voltar no fim de dez mezes com quatrocentos escravos carregados de prata, Martim Affonso não conheceu hesitações.

A idéa parecia pratica, pois dispensava de acompanhar o littoral até a foz do Prata e subir por este além da fortaleza fundada por Cabot para procurar o Occidente, onde taes thesouros existiam. O capitão-mór deu quarenta besteiros e quarenta espingardeiros, que sob as ordens de Pero Lobo partiram a 1 de Setembro de 1531. Morreram ás mãos dos indios, sabe-se vagamente. Pelo mesmo tempo, navegando o oceano Pacifico, Francisco

Pizarro alcançou por caminho mais directo as terras dos Incas, procuradas até então pelo lado cisandino.

Depois da perda da capitanea passou Martim Affonso a tratar da segunda parte da sua missão: o povoamento da terra. Em S. Vicente fundou a primeira villa, á beira-mar; algumas leguas para o interior, depois de transposta a serra do Mar, fundou segunda villa, na borda do campo de Piratininga, á margem de um rio cujas aguas fluiam para o Occidente. "Repartiu a gente nestas duas villas, escreveu Pero Lopes, e fez n'ellas officiaes, e poz tudo em boa obra de justiça, de que a gente tomou muita consolação, com verem povoar villas e ter leis e sacrificios e celebrar matrimonios e viverem em communicação das artes, e ser cada um senhor do seu e vestir as injurias particulares, e ter todos os outros bens da vida segura e conversavel".

A situação geographica d'estas villas explica-se pela proximidade das famosas riquezas cobiçadas, pela facilidade de fazer as entradas, — dez mezes apenas para ir e voltar, garantia Francisco de Chaves. Deslumbrado por taes vantagens, Martim Affonso esqueceu-se dos Francezes ou julgou arredados os motivos para teme-los depois da campanha energicamente conduzida por Christovão Jaques e por elle continuada com tanto exito e vigor.

Diogo de Gouveia, Portuguez residente em França, seguia desde muito o movimento dos negocios naquelle Reino e pensava de modo diverso. Em cartas a el-rei dava-lhe noticias pouco tranquillisadoras, e instava por uma solução real. A solução era não uma villa afastada da zona frequentada, mas diversos povoados na região appetecida do pau brasil. "Quando lá houver sete ou

cito povoações, concluia, estas serão bastantes para defenderem aos da terra que não vendam o brasil a ninguem e não o vendendo as naus não hão de querer lá ir para vir de vasio".

Dir-se-ia que os Francezes leram estas palavras previdentes. Até então contentavam-se com o simples resgate, quando muito alguma feitoria. Trataram agora de fundar uma fortaleza, artilhada e com guarnição numerosa. Só assim considerou a côrte lusitana "com quanto trabalho se lançaria fóra a gente que a povoasse, depois de estar assentado na terra e ter n'ella feitas algumas forças, como já em Pernambuco começavam a fazer".

Estes factos foram conhecidos no Reino graças á nau *La Pèlerine,* de Marselha, que, procedendo de Pernambuco aonde deixara gente e artilharia, arribou a Malaga. Achava-se no porto uma armada de Portugal, de 10 navios, destinados a Roma; D. Martinho, embaixador, informado da falta de mantimentos que obrigava a arribada, forneceu trinta quintaes de biscoutos aos Francezes, e convidou-os a navegarem de conserva até Marselha. A cinco milhas de Malaga sobreveio calmaria; a pretexto de concertar a derrota a seguir foram convidados o capitão e o piloto de *La Pèlerine* para vir a bordo da capitanea portugueza e, logo, presos, tomado o navio e remettido para Lisboa.

Não foi mais feliz a fortaleza gallo-pernambucana. Pero Lopes, terminada a exploração do Prata, e já de viagem para a Europa, bombardeou-a durante dezoito dias, e obrigou-a a render-se. Da guarnição parte foi enforcada; outra, transferida ao Reino, passou longos mezes de captiveiro nos calabouços do Algarve.

V

CAPITANIAS HEREDITARIAS

A tomadia de *La Pèlerine*, a feitoria franceza fundada em Pernambuco, noticias de preparativos para fundarem-se outras, espancaram finalmente a inercia real. Escrevendo a Martim Affonso de Sousa a 28 de Setembro de 32, annuncia-lhe el-rei a resolução de demarcar a costa, de Pernambuco ao rio da Prata, e doa-la em capitanias de cincoenta leguas: a de Martim teria cem; seu irmão Pero Lopes seria um dos donatarios.

A chegada do joven guerreiro victorioso em Pernambuco, mostrou mais uma vez a imminencia do perigo. Talvez a isto se devam certas medidas desde logo tomadas ou pelo menos discutidas: liberdade ampla de emigrar para o Brasil, preparo de uma armada de tres caravelas, cada uma com dez a doze condemnados á morte, "per farli dismontar in terra, azió habiano a domestigar quel paese, rispetto per non metter boni homini a pericolo", assegurava, a 16 de Julho de 33, o veneziano Pero Caraldo, a quem devemos esta noticia. Tal armada veio effectivamente?

Sua vinda explicaria uma porção de pontos obscuros.

Os documentos mais antigos da doação das capitanias datam de 1534.

A demora entre o projecto e a execução póde explicar-se pela vontade regia de esperar a volta de Martim

Affonso, ou pela difficuldade de redigir as complicadas cartas de doações e os foraes que as acompanham, ou, finalmente, pela falta de pretendentes á posse de terras incultas, improprias para o commercio desde o começo. Admira, até, como houve doze homens capazes de empresa tão aleatoria. A nem um dos membros da alta fidalguia tentou a perspectiva de semear povos.

Os donatarios sahiram em geral da pequena nobreza, dentre pessoas praticas da India, afeitas ao viver largo da conquista, porventura coactas nas malhas acochadas da pragmatica metropolitana. Muitos nunca vieram ao Brasil, ou desanimaram com o primeiro revez. El-rei cedeu ás pessoas a quem doou capitanias alguns dos direitos reaes, levado pelo desejo de dar vigor ao regimen agora organisado; muitas concessões fez tambem como administrador e grão mestre da Ordem de Christo.

Em tudo agiu "considerando quanto serviço de Deus e meu e proveito dos meus reinos e senhorios, e dos naturaes e subditos d'elles é ser a minha terra e costa do Brasil mais povoada do que até agora foi, assim para se n'ella haver de celebrar o culto e officios divinos, e se exaltar a nossa santa fé catholica, com trazer e provocar a ella os naturaes da dita terra infieis e idolatras, como por o muito proveito que se seguirá a meus reinos e senhorios, e aos naturaes e subditos d'elles de se a dita terra povoar e aproveitar".

Os donatarios seriam de juro e herdade senhores de suas terras; teriam jurisdicção civil e criminal, com alçada até cem mil reis na primeira, com alçada no crime até morte natural para escravos, indios, peões e homens livres, para pessoas de mór qualidade até dez annos de

degredo ou cem cruzados de pena; na heresia (si o herege fosse entregue pelo ecclesiastico), traição, sodomia, a alçada iria até morte natural, qualquer que fosse a qualidade do réu, dando-se appellação ou aggravo somente si a pena não fosse capital.

Os donatarios poderiam fundar villas, com termo, jurisdicção, insignias, ao longo das costas e rios navegaveis; seriam senhores das ilhas adjacentes até distancia de dez leguas da costa; os ouvidores, os tabelliães do publico e judicial seriam nomeados pelos respectivos donatarios, que poderiam livremente dar terras de sesmarias, excepto á propria mulher ou ao filho herdeiro.

Para os donatarios poderem sustentar seu estado e a lei de nobreza, eram-lhe concedidas dez leguas de terra ao longo da costa, de um a outro extremo da capitania, livres e isentas de qualquer direito ou tributo excepto o dizimo, distribuidas em quatro ou cinco lotes, de modo a intercalar-se entre um e outro pelo menos a distancia de duas leguas; a redizima ($^1/_{10}$ da dizima) das rendas pertencentes á corôa e ao mestrado; a vintena do pau brasil, (declarado monopolio real, como as especiarias) depois de forro de todas as despesas; a dizima do quinto pago á côroa por qualquer sorte de pedraria, perolas, aljofares, ouro, prata, coral, cobre, estanho, chumbo, ou outra qualquer especie de metal; todas as moendas d'agua, marinhas de sal e quaesquer outros engenhos de qualquer qualidade, que na capitania e governança se viessem a fazer; as pensões pagas pelos tabelliães; o preço das passagens dos barcos nos rios que os pedissem; certo numero de escravos, que poderiam ser vendidos no reino, livres de todos os direitos; a redizima dos direitos pagos pelos generos exportados etc.

Os foraes asseguravam aos solarengos: sesmarias com a imposição unica do dizimo pago ao mestrado de Christo; permissão de explorar as minas, salvo o quinto real; aproveitamento do pau brasil dentro do proprio paiz; liberdade de exportação para o reino, excepto de escravos, limitados a numero certo, e certas drogas defesas (pau brasil, especiarias, etc.); direitos differenciaes que os protegeriam da concorrencia estrangeira; entrada livre de mantimentos, armas, artilharia, polvora, salitre, enxofre, chumbo e quaesquer cousas de munições de guerra; liberdade de communicação entre umas e outras capitanias do Brasil.

Representantes do poder real só havia feitores, almoxarifes e escrivães, incumbidos de arrecadar as rendas da corôa. Para varias capitanias existem nomeações de um vigario e varios capellães: sempre el-rei ao lado do grão-mestre de Christo.

Nas terras dos donatarios não poderiam entrar em tempo algum corregedor, alçada ou outras algumas justiças reaes para exercer jurisdicção, nem haveria direitos de siza, nem imposições, nem saboarias, nem imposto de sal.

Em summa, convicto da necessidade d'esta organisação feudal, D. João III tratou menos de acautelar sua propria autoridade que de armar os donatarios com poderes bastantes para arrostarem usurpações possiveis dos solarengos vindouros, analogas ás occorridas na historia portugueza da média idade. Ao ouvidor da capitania, com acção nova a dez leguas de sua assistencia e aggravo e appellação em toda ella, caberia o mesmo papel historico dos juizes de fóra no além-mar.

Para evitar luctas como as que grassaram entre a

corôa ainda enfraquecida e os vassallos prepotentes, prohibiu-se de modo absoluto "partir a capitania e governança, nem escambar, espedaçar, nem de outro modo alienar, nem em casamento a filho ou filha, nem a outra pessoa dar, nem para tirar pai ou filho ou outra alguma pessoa de captivo, porque minha intenção e vontade é que a dita capitania e governança e cousas ao dito governador nesta doação dadas andem sempre juntas e se não partam nem alienem em tempo algum". As dez ou mais leguas de terras dadas aos donatarios, espaçadas entre si e alienaveis em fateotas, corresponderiam aos reguengos lusitanos.

As capitanias foram doze, embora divididas em maior numero de lotes. Começavam todas á beira-mar, e proseguiam com a mesma largura inicial para o occidente, até a linha divisoria das possessões portuguezas e espanholas accordada em Tordesilhas, linha não demarcada então, nem demarcavel com os conhecimentos do tempo. Tacitamente fixou-se o limite na costa de Santa Catharina ao Sul, e na costa do Maranhão ao Norte. A testada littoranea agora dividida extendia-se assim por 735 leguas.

No plano primitivo a demarcação devia ir de Pernambuco ao rio da Prata, méta de que afinal ficou cerca de 12 graus afastada; nelle não entrava a costa de Este-Oeste que, entretanto, foi demarcada. Para a ultima decisão é possivel influissem as noticias de Diogo Leite, incumbido de explorar aquella zona. Só por considerações internacionaes se poderia explicar a fixação tacita dos limites do Brasil em 28° $^1/_3$. O rio da Prata fôra descoberta portugueza; mas os Espanhoes já ahi tinham estado bastante tempo, derramado sangue e arriscado

empresas: a elles competia por todos os direitos, a começar pelo tratado de Tordesilhas.

A divisão das donatarias ainda não foi descripta tão concisa e geographicamente como nos seguintes termos de D'Avezac, o unico que conseguiu dar certa fórma a esta materia essencialmente refractaria:

"O limite extremo da mais meridional destas capitanias, concedida a Pero Lopes de Sousa, é determinado nas proprias cartas de doação por uma latitude expressa de 28° 1/3; confrontava, um pouco ao Norte de Paranaguá, com a de S. Vicente, reservada a Martim Affonso de Sousa, e que se extendia do lado opposto até Macahé, ao Norte de Cabo-Frio, desenvolvendo assim mais de cem leguas de costa, mas em duas partes que encravavam, desde S. Vicente até a embocadura do Juquiriquerê, a de Santo Amaro, de dez leguas, adjudicada a Pero Lopes, o irmão de Martim Affonso.

"Ao Norte dos dominios deste estava a capitania de S. Thomé, cujas trinta leguas iam expirar junto de Itapemirim; era o lote de Pero de Goes, irmão do celebre historiador Damião de Goes.

"Em seguida vinha a capitania do Espirito Santo, outorgada a Vasco Fernandes Coutinho, cujo linde ulterior era marcado pelo Mucury, que a separava da capitania de Porto Seguro, attribuida a Pero de Campo Tourinho; esta proseguia pelo espaço de cincoenta leguas até a dos Ilhéos, obtida por Jorge de Figueiredo Corrêa, igualmente de cincoenta leguas, cujo termo chegava rente á Bahia.

"A capitania da Bahia, doada a Francisco Pereira Coutinho, se extendia até o grande rio de S. Francisco; além estava a de Pernambuco, adjudicada a Duarte

Coelho, e que contava sessenta leguas até o rio Iguaraçú, junto ao qual Pero Lopes possuia terceiro lote de trinta leguas, formando sua capitania de Itamaracá até a bahia da Traição.

"N'este logar começava, para se extender sobre um littoral de cem leguas até angra dos Negros, a capitania do Rio-Grande, dada em commum ao grande historiador João de Barros e a seu associado Ayres da Cunha; da angra dos Negros ao rio da Cruz quarenta leguas de costas constituiam o lote concedido a Antonio Cardoso de Barros: do rio da Cruz ao cabo de Todos os Santos, visinho do Maranhão, eram adjudicadas setenta e cinco leguas ao vedor da fazenda Fernand'Alvares de Andrade: e além vinha emfim a capitania do Maranhão, formando segundo lote para a associação de João de Barros e Ayres da Cunha, com cincoenta leguas de extensão sobre o littoral, até a abra de Diogo Leite, isto é, até cerca da embocadura do Turyassú".

Das setecentas e trinta e cinco leguas de littoral demarcado para as capitanias podemos desde já apartar as duzentas e sessenta e cinco doadas a João de Barros, Fernand'Alvares, Ayres da Cunha e Antonio Cardoso de Barros. Os esforços para occupa-las mangraram; o povoamento fez-se mais tarde, com gente nascida ou estabelecida em outros pontos do Brasil: representam uma formação secundaria na historia patria. Convem tambem apartar as duzentas e trinta e cinco leguas demarcadas entre o extremo da capitania dos Ilhéos na Bahia de Todos os Santos e o rio Curupacé, e mais quarenta leguas de Cananéa para a terra de Sant'Anna. Aqui houve logo tentativas de povoamento: ainda hoje existem villas fundadas na quarta decada do seculo XVI; mas os colonos

tiveram pela frente a matta virgem, os rios encachoeirados, as serranias invias, não souberam vence-los e só impulsionaram a historia do Brasil quando os venceram. A primeira victoria decisiva foi ganha no rio de Janeiro, já no seculo XVIII, com o auxilio dos paulistas; desde então o Rio figura como factor cada vez mais importante. Outros pontos, como Victoria, Porto Seguro, Ihéos, esperaram ou estão esperando as vias ferreas.

Restam as cento e quarenta leguas extendidas da bahia da Traição á de Todos os Santos, as cincoenta e cinco leguas inseridas entre o Curupacé e Cananéa, em outros termos: a capitania de Duarte Coelho, parte da de Martim Affonso de Sousa, os troços da capitania de Pero Lopes de Sousa, que acompanharam a de Duarte Coelho ou a de Martim Affonso, e a capitania da Bahia depois da morte do primitivo donatario.

A historia do Brasil no seculo XVI elaborou-se em trechos exiguos de Itamaracá, Pernambuco, Bahia, Santo Amaro e S. Vicente, situados nestas cento e noventa e cinco leguas de littoral.

Martim Affonso conservara-se na villa de S. Vicente á espera da gente mandada ás minas, que, segundo a tradição, trucidaram os Carijós do Iguaçú, quando tornava da sua arriscada expedição. Uma carta régia trazida por João de Sousa informou-o dos novos planos de colonisar, deixando-lhe ao arbitrio permanecer ou tornar para o Reino. Em começo de 33 partiu para Portugal. Desde então seus feitos pertenceram a outras partes do mundo.

Em seu logar ficou governando no civil, concedendo sesmarias, provendo officios, o padre Gonçalo

Monteiro, tambem vigario. O governo das armas exerceram-no Pero de Goes e Ruy Pinto. O primeiro quiz expulsar do Iguape alguns Espanhoes que ali se refugiaram, vindos do Paraguay. Surtiu-lhe mal o lance. Os Espanhoes derrotaram a força, aprisionaram o commandante, invadiram e saquearam S. Vicente. Ou achasse meio de fugir, ou aos inimigos bastasse o escarmento, já estava no velho mundo em 1536, como se conclue do foral de sua capitania datado de 26 de Fevereiro.

Desde Bertioga até o Cabo-Frio continuavam implacaveis os Tupinambás, combatendo e atacando por terra e por mar contra os Peró, e a favor dos Maïr. N'um dos combates succumbiu Ruy Pinto. Cunhambebe, truculento maioral tamoyo, guardava entre os outros tropheus o habito e a cruz de Christo d'este cavalleiro.

Apparece-nos entre os primeiros povoadores Braz Cubas, joven criado de Martim Affonso que aportou a S. Vicente em 1540, governou mais de uma vez a terra, guerreou contra os Tamoyos, fortificou Bertioga, entrada preferida por estes inimigos, e fundou a villa de Santos, que possuia melhor porto e facilmente superou a primogenita de Martim Affonso. Mais tarde empenhou-se na cata de minas, e consta haver achado algum ouro.

A' roda d'estas villas fundaram engenhos, além dos Portuguezes, os Flamengos Schetz ou Esquertes, como o pronunciava o povo, e os Dorias, Genovezes. Diz-se até, porém não deve ser exacto, que d'esta procedem as cannas plantadas em outras capitanias. Taes engenhos, com as distancias e a raridade de communicações, deviam ter desenvolvimento mediocre.

Da villa fundada em Piratininga conhecemos a mera existencia ou pouco mais. A situação no descampado difficultava surpresas inimigas. O transito do Paraguay dava-lhe algum movimento. As cabanas de João Ramalho e dos mamalucos seus filhos e parentes, no outro lado da serra donde as aguas já corriam para o Prata, apregoavam a victoria alcançada sobre a matta virgem do littoral, victoria obtida aqui mais cedo que em qualquer outra parte do Brasil, porque os colonos apenas continuaram a obra dos indigenas, já achando aberto por cima de Paranapiacaba e aproveitando a trilha dos Tupiniquins.

Na capitania de Pernambuco, depois de estabelecido Igaraçú, Duarte Coelho passou algumas leguas mais ao Sul, e assentou a capital de seus dominios em Olinda. O porto de somenos capacidade bastava ás pequenas embarcações. A visinhança dos Tabajaras (Tupiniquins) compensava as investidas constantes dos Potiguares (Tupinambás). A energia do donatario continha a turbulencia dos colonos. Nas varzeas surgiam cannaviaes e engenhos; a lavoura de mantimentos aproveitou os altos; pau-brasil existia no littoral e no sertão; e estando esta capitania, de todas a mais oriental, a menor distancia do Reino, aqui mais que alhures frequentavam os navios de além-mar, e prosperava o commercio. Os mares piscosos traziam a fartura, e alentavam a costeagem; caravelões espantavam os Francezes, que desde então começaram a evitar aquellas paragens. O nome de Nova Lusitania dado pelo donatario á sua colonia, si por um lado figura esperanças de futuro, symbolisava por outro o orgulho da propria obra. Nas armas concedidas por D. João III em 6 de Junho 1545 cinco cas-

tellos representavam os cinco centros de povoações creadas por Duarte Coelho. Infelizmente conhecemos só Igaraçú, Olinda e, quiçá, Paratibe.

Da capitania de Itamaracá foram recursos para a de Pernambuco, quando os Potiguares puzeram cerco em Igaraçú e levaram-no aos ultimos apuros. Mais tarde as relações estremeceram. Queixa-se Duarte Coelho de desrespeitos constantes á sua autoridade; de Itamaracá teve de retirar-se um capitão, por Duarte Coelho haver mandado dar-lhe uma cutilada: a pequena distancia gerou dissensões. Comtudo, os colonos de Pero Lopes tiveram a habilidade de conciliar os Tupinambás da serra, e como não avançaram pelo littoral para as terras do Parahiba, centro dos Potiguares amigos dos Francezes, seu desenvolvimento correu pacifico e continuo por algum tempo.

Largos recursos naturaes facilitavam a obra de Francisco Pereira Coutinho: bahia vasta como um mediterraneo, esteiros numerosos franqueando entrada a cada passo, correntes numerosas para moverem engenhos, mattas virgens ao lado de terrenos mal vestidos, onde o gado podia medrar á lei da natureza, situação vantajosa no centro das outras capitanias.

Faltava pau-brasil na visinhança, mas o afastamento dos Francezes, d'ahi resultante, compensava bem a pobreza, e, não instigados pelos Francezes, os Tupinambás mostrariam disposições menos malevolas. Por que não foi avante, com tudo isso, Francisco Pereira Coutinho?

Não soube dominar os elementos que importou, nem se impoz á indiada das adjacencias. Taes apuros soffreu que pereceria sem os soccorros mandados dos Ilhéos.

Mais tarde recolheu-se a Porto Seguro, cançado e velho, pouco disposto a continuar; mas os animos serenaram na Bahia, e tornava esperançado, quando foi morto ao desembarcar. Nas luctas com os indios mandara matar um dos cabecilhas: prisioneiro agora, foi ritualmente sacrificado por um irmão do finado, de cinco annos, tão pequeno que foi preciso segurarem-lhe a massa do sacrificio, segundo tradição conservada n'um escripto jesuitico.

VI

CAPITANIAS DA COROA

A morte de Francisco Pereira apenas se divulgou no Reino, devia convidar os politicos a meditar sobre o systema de colonisação vigente.

Sem duvida satisfazia a alguns dos primitivos intuitos que o inspiraram. As fortalezas espalhadas pelo littoral estorvavam, si não supprimiam de todo, o trato entre os indigenas e os entrelopos. Os Francezes, expulsos de Pernambuco, procuravam outros pontos, e delles seria possivel exclui-los com o tempo. Iam nascendo filhos de Portuguezes, a população crescia com a mestiçagem, regularisava-se a producção e o commercio.

Mas um vicio constitucional minava o organismo. Os donatarios entravam para a empresa com recursos proprios ou emprestados: si os primeiros tempos corriam bem, a remuneração natural permittia-lhes continuarem com mais efficacia; no caso contrario perdia-se todo o esforço, como succedêra a Pero de Goes, a Francisco Pereira, a Antonio Cardoso, a João de Barros, a Ayres da Cunha, a Fernand'Alvares; ou as capitanias vegetavam mofinas, como as dos Ilhéos, Porto Seguro, Espirito Santo, Santo Amaro e São Vicente.

Accrescia que, sendo iguaes os poderes dos donatarios, estando as capitanias na condição de estados estrangeiros umas relativamente ás outras, impossibi-

litava qualquer acção collectiva: os crimes proliferavam na impunidade, a pirataria surgia como funcção normal. As cartas de Duarte Coelho illustram de modo pungente esta anarchia lastimosa. E a anarchia intercapitanial conjugava-se com a anarchia intestina. Autoridades e mais autoridades, leis claras, prescripções restrictivas havia; qual o meio de po-las em actividade e dar-lhes força? Como immobilisariam os donatarios em funcções de governo recursos que não sobejavam para misteres economicos?

O remedio preferido por D. João III consistiu em tomar posse da capitania deixada devoluta pela morte de Coutinho, com os recursos da corôa estabelecer uma organisação mais vigorosa, crear um governo geral, forte bastante para garantir a ordem interna e estabelecer a concordia entre os diversos centros de população.

Rasgaram-se assim doações e foraes, onde só estavam previstos conflictos entre solarengos e senhores hereditarios, e só se fitava equiparar a situação d'estes á dos reis contra os poderosos vassallos medievaes. Os poucos protestos dos interessados passaram desattendidos, e em 1549, sem abolir de todo o systema feudal, instituiu-se novo regimen.

Constava de um capitão-mór, incumbido da administração civil e militar, de um provedor-mór, encarregado dos negocios da fazenda, de um ouvidor-mór chefe da justiça. Exerciam a autoridade primariamente na Bahia; nas outras capitanias tinham delegados; quando iam a qualquer d'ellas, competia-lhes conhecer de acção nova; na ausencia agiam só por meio de recursos. Numerosos, excessivos officiaes distribuiam-se por estes tres ministerios ou desfructavam magras sinecuras.

Acompanhado por quatrocentos soldados, seiscentos degradados, muitos mecanicos pagos pelo erario, partiu de Lisboa em Fevereiro o primeiro governador, Thomé de Sousa, com Pero Borges, ouvidor geral, Antonio Cardoso de Barros, procurador mór da fazenda, e aportou á bahia de Todos os Santos em fins de Março de 1549.

Saltando em terra tratou logo de escolher local apropriado para a cidade que vinha fundar, de fortalece-la contra os ataques da gente de terra e construir os edificios mais urgentes.

A gente ia desembarcando á medida que se preparavam as accommodações. Caravelões mandados a diversos pontos da costa, em constante escambo com os naturaes, traziam algum mantimento. O peixe abundante variava os generos conservados ou, mais provavelmente, avariados, procedentes de Portugal. De Cabo-Verde veio algum gado, para cuja propagação o terreno provou admiravelmente. Os pagamentos faziam-se em generos, principalmente ferramentas e avellorios, que depois os interessados permutavam entre si ou com os indigenas.

Com estes elementos o governador impediu a desordem na capital. O provedor-mór e o ouvidor-geral em viagens continuadas pelas capitanias reprimiram muitos abusos.

Em companhia do capitão-mór vieram seis jesuitas, os primeiros mandados a este continente, sobre cujos destinos tanto deveriam mais tarde pesar. Completaram harmonicamente a administração, pois tanto como Thomé de Sousa ou Pero Borges, o padre Manuel da Nobrega obedecia ao sentimento collectivo, trabalhava pela unidade da colonia, e no ardor de seus trinta e dois annos

achava ainda pequeno o scenario em que se iniciava uma obra sem exemplo na historia.

Seus esforços perdiam-se na indifferença ou hostilidade dos outros ecclesiasticos. Por isto com insistencia e franqueza apostolicas lembrava a el-rei a conveniencia de mandar um bispo, unico meio de trazer ao aprisco as ovelhas e conter os lobos. Creou-se um bispado; em Junho de 52 chegou á diocese D. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Salvador.

Com o segundo governador, D. Duarte da Costa (1553-1557) esteve em lucta constante o velho prelado, das luctas communs em mais vasto, e inevitaveis em tão acanhado theatro, dadas as relações vigentes entre o poder civil e o poder ecclesiastico. A sociedade de Salvador scindiu-se ao meio, acirravam paixões e cavavam odios as pessoas de maior responsabilidade, e a multidão ignara atirou-se na refega, como si meras questiunculas de poderio representassem interesses vitaes. Variando apenas de fórma, taes conflictos repetiram-se durante os seculos seguintes. Só perderam importancia depois que as constituições modernas eliminaram os residuos da concepção medieval das duas sociedades perfeitas.

Os jesuitas, superiores e alheios a este debate, concentraram seus esforços na Capitania de S. Vicente.

Transpondo a serra do Mar, estabeleceram na ribeira do Tietê uma primeira missão que tomou o nome do apostolo das gentes (25 de Janeiro de 54).

Levaram-nos a este passo a maior abundancia de alimentos no planalto, a presença de tribus proprias á conversão por sua indole mansa, e, além do afastamento dos Portuguezes, certas idéas vagas de penetração entre os indios de Paraná e Paraguay. O nome de S. Paulo,

agora ouvido pela primeira vez, devia echoar poderosamente no futuro.

Os Francezes repellidos de Pernambuco por Duarte Coelho, contidos ao centro pela cidade do Salvador e mais villas de baixo, afastaram-se dos logares até ali mais frequentados e passaram á capitania de Pero de Goes e terras visinhas pertencentes a Martim Affonso, onde por muitas leguas dominavam os fieis Tamoyos, e existia pau-brasil em abundancia.

Navios avulsos, aventureiros conhecedores da lingua geral, identificados com os indios a ponto de lhes não repugnar a iguaria da carne humana, estabeleceram relações que, si não impediram o progresso dos Portuguezes, crearam-lhes serios embaraços, e durante alguns trouxeram indecisa a victoria, e talvez a decidissem contra Portugal si mais persistentes foram seus adversarios.

Cumpria coordenar estes elementos. Lembraram-se os Francezes de um regimen hybrido, com parte dos capitaes adiantada por particulares, parte fornecida pelo rei que entretanto não se responsabilisaria pela empresa e só a perfilharia em caso de bom exito.

A' frente da expedição collocou-se Nicolas Durand de Villegaignon, notavel pela valentia e pelo saber. Partindo de Brest, chegou em Novembro de 55 ao rio de Janeiro, seu destino. Estabeleceu-se n'uma ilha da bahia, posição esplendida contra os indios com cuja amizade contava, impropria, pela falta de agua a resistir aos Portuguezes, cujos ataques poderiam tardar mas não faltariam; com duas fortalezas formidaveis armou-a; fez amado e querido dos indigenas circumvisinhos o

nome de *Pay Colas;* por mais de uma vez recebeu immigrantes da Europa.

Da assistencia na ilha, pequena, rochosa, sem agua nativa, surgiram inconvenientes graves para o sustento da guarnição, sujeita assim aos caprichos dos Tamoyos. A severidade puritana do chefe descontentou a soldadesca. Os immigrantes trouxeram questões religiosas para a communidade. O chefe teve de mostrar-se severo, talvez cruel. Chegaram más noticias e serias queixas ao velho mundo, tolhendo as correntes sympathicas. Afinal, desilludido do futuro immediato da colonia, ou convencido de que sua presença excitaria a tibieza e despertaria a confiança dos armadores da metropole, ou desejoso de entrar nos conflictos muito mais brilhantes e gloriosos que se feriam além-mar, Villegaignon retirou-se em 59 da França Antartica.

Succedeu-lhe seu sobrinho Bois le Comte, que manteve a situação sem melhora-la. Como poderia faze-lo? Para ser bem succedidos os Francezes deviam ter vindo uns vinte annos antes, quando os Portuguezes não tinham ainda criado raizes. Era tarde agora. Men de Sá, á frente de uma armada, penetrando na bahia, precisou apenas de tres dias de fogo nutrido para desvanecer todos os castellos, em Março de 60.

A victoria portugueza foi realçada por dois successos logo occorridos nas capitanias de Martim Affonso e Pero Lopes.

Men de Sá mudou a antiga villa de Santo André, reunindo-a á missão jesuitica de Piratininga. Por este ou outro motivo, os Tupiniquins se insurgiram e puzeram em cerco o povoado. Os catechumenos dos jesuitas declararam-se contra seus proprios parentes, que foram

repellidos, e não tornaram mais. A favor dos Portuguezes bateu-se heroicamente Martim Affonso Tibiriçá (Julho de 62).

No anno seguinte Nobrega poude realisar o plano longamente amadurecido de entabolar pazes com os Tamoyos, que navegando pela Bertioga traziam em continuo sobresalto os moradores de Santo Amaro e de S. Vicente. Em companhia de José Anchieta, joven jesuita vindo com D. Duarte da Costa, e já muito conhecedor da lingua geral, embarcou para Iperoig, nas cercanias da hodierna Ubatuba, e depois de alguns mezes de assistencia dramatica, em que mais de uma vez a vida de ambos correu perigo, lograram o almejado escopo (Setembro 63).

Desafrontado o sertão, desopprimida a marinha do Norte, o povo da capitania poude auxiliar Estacio de Sá, mandado em 64 á conquista do Rio, dominado ainda pelos inimigos de aquem e além-mar, sem embargo da victoria recente.

Com os navios e gente levados da Bahia, com indios tomados no Espirito Santo, canôas e auxiliares colhidos em S. Vicente, Estacio começou a fundar a cidade de S. Sebastião em 1 de Março de 65.

Ao contrario de Villegaignon estabeleceu-se em terra firme, logo á entrada da barra, com a frente para o levante. Juntamente com a cerca artilhada, começou as plantações, sem se fiar nos mantimentos que poderiam vir das capitanias. Mesmo assim curtiu bravas fomes. Multiplicaram ciladas e surpresas os indios do reconcavo; duas vezes o atacaram naus francezas reunidas aos Tamoyos de Cabo-Frio. O joven heroe resistiu durante dois annos; si não consummou avanços considera-

veis, enfraqueceu bastante as forças dos alliados, de modo que á chegada do seu tio Men de Sá, com fortes soccorros, dois combates, um em Ibiraguaçu-mirim (morro da Gloria?), outro na ilha de Paranapecú, mais tarde chamada do Governador, bastaram para tornar definitivo o dominio dos Portuguezes.

Tendo Estacio de Sá succumbido ás consequencias de ferimentos recebidos em combate, o governador seu tio demorou mais de um anno na cidade, transferiu-a mais para dentro da bahia, para o morro agora chamado do Castello, que muniu de fossos, cercou de muros, enriqueceu de edificios, como cumpria a uma cidade real (1567 - 1568). Ficou esta sendo a segunda capitania da corôa, comquanto pelos termos da carta de doação devesse pertencer a Martim Affonso.

Outras guerras houve por este tempo no Espirito Santo, em Porto Seguro, nos Ilhéos, na Bahia, cujos indios ficaram sujeitos desde Camamú até Itapucurú, distancia de quarenta leguas.

Com a derrota dos naturaes de Paraguaçú e Ilhéos destruiu-se o que poderiamos chamar uma *marca* da lingua geral, e irromperam os Tapuyas, até então sopeados. Ninguem lucrou com a substituição: "os Aimorés, homens robustos e feros, andam sempre pelo mato, no qual bastam quatro para destruir um grande exercito", geme um contemporaneo. Só no seculo seguinte se remediou o mal.

Estes feitos bellicos não constituem todo o governo de Men de Sá, homem da toga, desembargador da casa da Supplicação. Entre todos seus serviços sobreleva o auxilio prestado a Nobrega para realisar a obra das missões.

Esgotaria todos os prestimos dos Brasis fornecerem materia prima para a mestiçagem e para os trabalhos servis, meras machinas de prazer bastardo e de labuta incomportavel? Si não com palavras, isto affirmavam os colonos de modo menos ambiguo por actos repetidos em pertinacia invariavel. Ora os jesuitas representavam outra concepção da natureza humana. Racional como os outros homens, o indigena apparecia-lhes educavel. Na tabua rasa das intelligencias infantis podia-se imprimir todo o bem; aos adultos e velhos seria difficil acepilhar, poderiam, porém aparar-se arestas, afastando as bebedeiras, causa de tantas desordens, prohibindo-lhes comerem carne humana, de significação ritual repugnante aos occidentaes, impondo quanto possivel a monogynia, começo de familia menos lábil. Para tanto cumpria amparar a pobre gente das violencias dos colonos, acenar-lhe com compensações reaes pela cerceadura de maus habitos inveterados, fazer-se respeitar e obedecer, tratar da alimentação, do vestuario, da saude, do corpo emfim, para dar tempo a formar-se um ponto de cristallisação no amorpho da alma selvagem. Tal a idéa de Nobrega, representada essencialmente pela Companhia de Jesus nos seculos de sua fecunda e tormentosa existencia no Brasil. Já o tentara em Piratininga; podia agir com mais efficacia agora, escudado pelo governador-geral.

As primeiras missões estabelecidas a roda da bahia de Todos os Santos ficavam em ponto cuidadosamente escolhido, perto do mar para os indios se poderem manter com suas pescarias, e perto das mattas para poderem fazer seus mantimentos; reuniam-se numa varias aldeias, sujeitas a um só chefe ou meirinho, reconhecido pelos

padres como o mais capaz de collaborar n'esta obra de depuramento, e nella residiam um padre e um irmão, que a tudo superintendiam. A vida nas missões resume-a assim um jesuita contemporaneo: "Ensinam-lhes os padres todos os dias pola manhã a doutrina, esta geral, e lhes dizem missa, pera os que a quizerem ouvir antes de irem pera suas roças; depois d'isso ficam os meninos na escola, onde aprendem a lêr e escrever, contar e outros bons costumes, pertencentes á policia christã; á tarde tem outra doutrina particular a gente que toma o Santissimo Sacramento. Cada dia vão os padres visitar os enfermos com alguns indios deputados para isso; e si têm algumas necessidades particulares lhes acodem a ellas; sempre lhe ministram os sacramentos necessarios... O castigo que os indios têm é dado por seus meirinhos feitos polos governadores e não ha mais que quando fazem alguns delictos, o meirinho os manda metter em um tronco um dia ou dois, como elle quer; não tem correntes nem outros ferros da justiça... Os padres incitam sempre aos indios que façam sempre suas roças e mais mantimentos, pera que, si fôr necessario, ajudem com elles aos portuguezes por seu resgate, como é verdade que muitos portuguezes comem das aldêas, por onde se póde dizer que os padres da Companhia são paes dos indios, assim das almas como dos corpos".

Começada em 58, a obra das missões tomou um desenvolvimento rapido nos annos seguintes, principalmente no provincialato de Luiz da Grã. Com a mesma rapidez decahiu, sobretudo em consequencia do facto, mysterioso e até agora inexplicavel, que condemna ao desapparecimento os povos naturaes postos em contacto com os povos civilisados. Nem por isso foi abandonada

a empresa que com vario successo aturou até meados do seculo XVIII.

Em Pernambuco accelerava-se por esse tempo o movimento para a fronteira meridional no rio S. Francisco. Durante a menoridade de Duarte de Albuquerque Coelho (1554 - 1560), seu tio Jeronymo de Albuquerque franqueou a vargem do Capiberibe. O joven donatario e Jorge, seu irmão, vindo de Portugal para o Brasil conquistaram as terras do cabo de Santo Agostinho e as de Serinhaem. Nas do cabo fundou oito engenhos João Paes Barreto, tronco de familia numerosa ainda existente. Seguiram-se guerras pelo interior a pretexto de minas, mas realmente inspiradas pelo desejo de captivar escravos. N'ellas figurou Antonio de Gouvêa, clerigo epileptico, sujeito a visões, que pretendia conversar familiarmente com o diabo, em nem um logar podia estar socegado, a ponto de fugir até das prisões do Santo Officio, e era tido e tinha-se por nigromatico. Dava-se por entendido em minas esta sinistra ave de arribação, lembrada na imaginação popular com o nome de *Padre do Ouro*. Por sua causa diz-se que Duarte de Albuquerque Coelho foi preso para o reino. Antonio de Salema veiu a Pernambuco abrir devassa com alçada sobre este e outros negocios.

Com a morte de Men de Sá, em Março de 72, pareceu conveniente dividir o Brasil em dois governos, sujeitos ás cidades reaes do Salvador e de S. Sebastião.

Luis de Brito e Almeida pretendeu passar além do rio Real e incorporar Sergipe. Já os Jesuitas tinham preparado o terreno para a penetração pacifica por meio de missões, mas a cobiça dos colonos e as manhas de alguns mamalucos tudo arruinaram.

No Rio, Antonio Salema, auxiliado pelo capitão-mór de S. Vicente, deu guerra aos indios de Cabo-Frio, e pacificou o territorio entre a cidade de S. Sebastião e Macahé, distancia de trinta leguas na estima do tempo. Foram mortos muitos dos Tamoyos, escravisados não poucos, e alguns incorporados aos aldeiamentos jesuiticos. Quem poude emigrou para o sertão. Os Francezes desta feita receberam um golpe de que não puderam mais recobrar inteiramente.

Apparecem varias tentativas de procurar pedras preciosas, principalmente da Bahia ao Espirito Santo. Sebastião Tourinho, e outros varam a serra do Espinhaço, em busca de esmeraldas. Em S. Vicente occupa-se Braz Cubas na pesquisa de minas. Nada produziram de solido taes esforços. Mais importante que elles é o desapparecimento dos indios, trazendo como consequencia o augmento da importação africana.

"A gente que de vinte annos a esta parte (1583) é gastada nesta Bahia, parece cousa que se não pode crer; porque nunca ninguem cuidou que tanta gente se gastasse nunca, quanto mais em tão pouco tempo", escreve um jesuita. "Porque nas quatorze aldeias que os padres tiveram se juntaram 40.000 almas, estas por conta e ainda passaram d'ellas, com a gente com que depois se forneceram, das quaes si agora as trez igrejas que ha tiveram 3.500 almas será muita."

"Ha seis annos que um homem honrado d'esta cidade e de boa consciencia e official da camara que então era, disse que eram descidos do sertão de Arabó n'aquelles dois annos atraz 20.000 almas por conta, e estes todos vieram para a fazenda dos portuguezes. Estas 20.000 com as 40.000 das igrejas fazem 60.000. De seis annos

a esta parte sempre os portuguezes desceram gente para suas fazendas, quem trazia 2.000 almas, quem 3.000, outros mais, outros menos. Veja-se de dois annos a esta parte o que isto podia sommar, si chegam ou passam de 80.000 almas.

"Vão ver agora os engenhos e fazendas da Bahia, achal-os-ão cheios de negros de Guiné e mui poucos da terra, e si perguntarem por tanta gente, dirão que morreu. Donde bem se mostra o grande castigo de Deus dado por tantos insultos como são feitos e se fazem a estes indios, porque os portuguezes vão ao sertão e enganam a esta gente, dizendo-lhe que se venham com elles para o mar e que estarão em suas aldeias como lá estão em sua terra e que seriam seus vizinhos. Os indios crendo que é verdade vêm-se com elles e os portuguezes por se os Indios não arrependerem lhes desmancham logo todas as suas roças e assim os trazem, e chegando ao mar os repartem entre si, uns levam as mulheres, outros os maridos, outros os filhos e os vendem".

Por que insistiam os colonos em apossar-se de uma fazenda, cuja pouca valia a cada passo se devia patentear de modo menos inequivoco?

Já soffriam de um achaque ainda hoje observado a todos momentos entre seus descendentes: a incapacidade de formar convicção firme sobre um assumpto e por ella pautar seus actos. Accresce que os escravos indigenas com todos esses percalços, auxiliavam extraordinariamente aos que começaram a vida n'estas terras... "E a primeira cousa que pretendem adquirir são escravos, para nelles lhes fazerem suas fazendas, informa Gandavo; e si uma pessoa chega na terra a alcançar dois

pares, ou meia dusia delles (ainda que outra cousa não tenha de seu) logo tem remedio para poder honradamente sustentar sua familia: por que um lhe pesca, e outro lhe caça, os outros lhe cultivam e grangeam suas roças e desta maneira não fazem os homens despesa em mantimentos nem com elles, nem com suas pessoas".

VII

FRANCEZES E ESPANHOES

Em 1580 extinguiu-se a dynastia de Aviz. Philippe II da Espanha, neto de D. Manuel, apoiando suas pretenções pelas armas, succedeu a D. Henrique, e incorporou á casa de Habsburgo o throno portuguez. Com Portugal cahiram todas suas possessões sob o dominio espanhol.

Para o Brasil as primeiras consequencias deste estado de cousas foram favoraveis. Os limites naturaes da colonia indicaram-nos o Amazonas e o Prata. De ambos separavam o povoado distancias sempre enormes. Agora si as distancias persistiam as mesmas, podia-se em compensação concentrar os esforços n'um só sentido, em vez de dissipa-los por ambos. Esperaria o Prata, já occupado em parte; urgia senhorear o Amazonas, ainda não investido, mas já cubiçado por diversas nações. Assim caminho do Prata o trabalho reduziu-se a mera consolidação, ao estreitamento de malhas; para o Amazonas a expansão colonisadora moveu-se accelerada. Por isso, preferindo a ordem chronologica para a expansão amazonica, seguiremos a ordem geographica no outro extremo.

Vindo do Sul, encontrava-se a Cananéa habitada por gente ida da capitania de São Vicente, que tambem procurava o reconcavo da angra dos Reis, e já se com-

municava com a cidade de São Sebastião, pela baixada de Sta. Cruz, onde os jesuitas começavam uma fazenda famosa. Nas terras do Cabo-Frio os Francezes continuavam a frequentar, naturalmente menos a miudo e com menor proveito.

Por fim, Constantino de Menelau depois de vence-los obstruiu o porto, e Estevão Gomes estabeleceu uma pequena fortaleza. Flagellados pelas bexigas, os Guaitacás approximaram-se dos brancos que os poderiam soccorrer. Para a conciliação muito contribuiu o jesuita Domingos Rodrigues.

Este mesmo Domingos Rodrigues, mais tarde egresso da Companhia de Jesus, em Ilhéos, Alvaro Rodrigues Adorno, na Cachoeira, levaram a bom termo a pacificação dos Aymorés. Por este modo desde o Rio até a cidade do Salvador cessaram temporariamente suas devastações os tão temidos Tapuyas do littoral, que só reapparecem pelos meiados do seculo.

Ao Norte da Bahia apresenta-se como mais notavel o facto da conquista de Sergipe. Desde os ultimos tempos de Men de Sá a empresa afigurara-se facil, pois não cessavam mensagens pedindo aos padres da companhia que fossem até lá levar a boa nova. Com os dois jesuitas mandados a este fim partiram soldados e mamalucos, avidos de escravos, que plantaram a zizania entre os Tupinambás, e alienaram sua confiança. Todas as desconfianças confirmou o governador Luis de Brito e Almeida no anno 74, fazendo guerra implacavel aos indios, aprisionando uns, afugentando outros, devastando aquellas comarcas, por simples desfastio destruidor, poderia crer-se; pois durante cerca de dois decennios quedou estacionaria a obra colonisadora.

Em fins de 89, Christovão de Barros, governador interino por morte de Manuel Telles Barreto, repetiu de novo a tentativa, com melhor exito. Parte da força seguiu por mar, parte por terra, e reunidos deram em varias cercas dos naturaes, que foram derrotados.

Acossando estes, penetraram alguns aventureiros até o rio S. Francisco. No territorio devoluto Christovão de Barros separou uma enorme sesmaria para o filho; esta serviu de craveira para outras, e dentro em pouco não havia mais o que distribuir. Com esta campanha os Francezes perderam as antigas ligações no rio Real.

Na capitania de Duarte Coelho continuou o movimento para o rio S. Francisco. Fazendas de gado ou cannaviaes avançaram pelo territorio das Alagoas. Entre os povoadores d'esta região avulta o Allemão Lins, que deixou larga descendencia, e João Paes, de quem já se falou. Tambem daqui os Francezes tiveram de retirar-se.

Nos primeiros annos do seculo 17, podia-se viajar e viajava-se effectivamente por terra da Bahia até Pernambuco sem encontrar resistencia séria por parte dos naturaes, vencidos ou afugentados da marinha. O unico obstaculo ao livre transito apresentava a passagem dos rios maiores, direito real, como já vimos. Os rios menores eram passados nos vaus, e assim continuaram nos seculos seguintes; pelos vaus pode-se traçar a borda da primitiva occupação littoranea.

Vejamos agora a marcha para o Amazonas.

Longo tempo estacionara o povoamento na ilha de Itamaracá e no continente fronteiro. Os Potiguares da

serra entretinham boas relações com os colonos, que visitavam pacificamente as aldeias; os da praia, sempre amigos dos Francezes, faziam com estes bons negocios na Parahiba, onde não os perturbavam os Portuguezes, contentes com breves excursões á procura de ambar, abundante por aquellas plagas até o Ceará, e com o pau-brasil trazido do interior pelos proprios indios.

Em 74, por causa de uma cunhã do sertão, desaveio-se a gente deste com a da Goyana, e começam as hostilidades. Foram assaltados e queimados dois engenhos, e com esta facil victoria mais se assanharam as paixões dos assaltantes. A guerra levianamente provocada havia de durar vinte e cinco annos.

A mandado de Luis de Brito, o Ouvidor Geral, Fernão da Silva, partiu para a Parahiba, afugentou a indiada com a simples presença, lavrou autos que ficaram só no papel. Fructuoso Barbosa, homem de fortuna, offereceu-se á metropole para ultimar a conquista, si lhe concedessem certas mercês. Com ellas chegou em 80 a Pernambuco, mas nada logrou fazer, porque um temporal atirou-o para as Antilhas e de lá á Europa. Da segunda vez não se animou a tentar estabelecimento algum; limitou-se a queimar navios francezes.

Em 83 aportou á Bahia Diogo Flores Valdez, vindo de uma viagem mallograda ao estreito de Magalhães. Ao governador insinuou-se como capaz desta conquista, e na monção seguinte partiu com uma armada espanhola e algumas embarcações portuguezas para Pernambuco. Organisou-se ao Recife uma expedição maritima e outra terrestre. Por mar, Diogo Flores chegou sem embaraço a seu destino, queimou alguns navios francezes carregados de pau brasil, fundou um forte, nelle deixou uma

guarnição de compatriotas seus; a gente ida por terra sahiu victoriosa de varios reencontros e fundou um povoado, a cidade Philippéa, como lhe chamou Fructuoso Barbosa, em honra do dynasta reinante. O Castelhano Castrejon ficou por alcaide do forte, e Fructuoso Barbosa tomou conta da cidade.

Amassaram-se mal o chefe civil e o chefe militar; a discordia lavrou entre Castelhanos e Portuguezes. Os Potiguares, aterrados pelos primeiros embates, voltaram logo em chusmas densas e mais arrogantes. Guiavam-nos Francezes dos diversos navios queimados, sedentos de vingança, conscios da importancia capital desta partida, em que se disputavam terrenos de seu dominio exclusivo durante tantos annos.

Castrejon portou-se com bravura; soccorros de Pernambuco expedidos por Martim Leitão, Ouvidor Geral, nunca lhe faltaram. O proprio Ouvidor Geral lá foi, em Março de 86, com quinhentos homens brancos e muitos indios em sua companhia. Mas os indios e os Francezes continuavam cada vez mais afoitos e mais ardentes. Desanimado, Fructuoso Barbosa desistiu de seus direitos e retirou-se para Olinda. Castrejon resistiu até Junho; ao retirar-se tocou fogo no forte, quebrou o sino, metteu a pique um navio, lançou a artilharia ao mar. Ficava anniquilado todo o trabalho.

Annos antes, aventureiros pernambucanos, guerreando no rio S. Francisco, houveram-se tão aleivosamente com os Tabajáras, os antigos e fieis alliados desde o tempo de Duarte Coelho, que estes os mataram a todos, fugiram dos logares nefastos, e por uma das gargantas da Borborema procuraram a terra da Parahiba para combater os brancos, alliando-se embora aos

Potiguares, seus inimigos hereditarios e irreconciliaveis da lingua geral. Martim Leitão quando sahiu de Olinda em auxilio de Castrejon reconheceu-os e entabolou negociações, esperando traze-los á antiga amizade. Os Tabajáras não se deixaram requestar e prepararam-se para o combate: trahiu-os a sorte, apesar da valentia de Braço de Peixe e Assento de Passaro, os dois chefes tupiniquins.

Esta derrota despertou o odio avito dos Tupinambás, que se tornaram contra os novos alliados, malsinando-os de covardes, tratando-os de traidores, obrigando-os a tornarem ás terras d'onde vieram. Soube-o Martim Leitão, e mandou emissarios a Piragibá, prometteu o esquecimento das injurias recentes, annunciou auxilios promptos, instou por sua permanencia, renovando as antigas pazes. Cedeu o Braço de Peixe; com a intervenção de João Tavares, escrivão de orphãos de Olinda, passaram os Tabajáras a combater ao lado dos Portuguezes.

Em Agosto 5, dia de Nossa Senhora das Neves, João Tavares recomeçou a obra anniquilada pela defecção de Castrejon, auxiliada agora pela gente de Braço de Peixe e Assento de Passaro, mas perturbada sempre pelos Potiguares e pelos Francezes. Mais duas vezes tornou Martim Leitão á Parahiba. Sua acção sempre fecunda e prestigiosa pode resumir-se em poucas palavras: queimou navios, queimou pau brasil já cortado, queimou aldeias, arrancou plantações, inutilisou mantimentos na bahia da Traição, na serra de Copaoba, no Tijucopapo.

Em Maio de 87, Martim Leitão considerou terminada sua missão, e voltou para Pernambuco, depois de

lançar os alicerces para um engenho real. Enganava-se, porém; proseguiram constantes as guerras durante mais dez annos, no sertão, no littoral com as naus francezas, que chegaram a cercar a fortaleza do Cabedello, com os Potiguares, a quem a presença dos Francezes, privados de ir para sua terra pela queima das naus que os deviam conduzir, communicaram uma audacia e uma persistencia bem alheias á indole indigena. Destes incidentes ignoramos a historia; a chronica apenas guarda os nomes de Pedro Lopes, Feliciano Coelho, Pero Coelho, talvez Ambrosio Fernandes Brandão, o autor possivel dos *Dialogos das Grandezas do Brasil*. Do lado dos Francezes a tradição lembra Rifault, cujos feitos não podem aliás ser precisados á falta de documentos.

Tantos annos agitados e tão desesperada resistencia patentearam a urgencia de occupar o rio Grande onde os inimigos perennemente se refaziam. De lá sahiram uma vez treze navios para tomar Cabedello e o combate durara de uma sexta a uma segunda-feira. Em suas aguas chegaram a se reunir vinte navios procedentes de França. Muitos Francezes mestiçaram com as mulheres indigenas, muitos filhos de cunhãs se encontravam já de cabello louro: ainda hoje resta um vestigio da ascendencia e da persistencia dos antigos rivaes dos Portuguezes na cabelleira de gente encontrada naquella e nos visinhos sertões de Parahiba e Ceará.

A expedição ao rio Grande, concebida no governo de D. Francisco de Sousa, apparelhada de recursos abundantes, dirigida desde Pernambuco por Manuel de Mascaranhas Homem, logar-tenente do donatario, e Alexandre de Moura, que devia succeder no mando, repartiu-se por terra e por mar. A divisão maritima,

commandada por Manuel de Mascaranhas, a quem se aggregou Jeronymo de Albuquerque, chegou felizmente a seu destino em Janeiro de 98. Parte da divisão terrestre, encabeçada por Feliciano Coelho, capitão mór da Parahiba, venceu a resistencia dos inimigos, mas dissolveu-se ante uma epidemia de bexigas. A praga passou tambem ao inimigo, e serviu para dar folgas a Manuel de Mascaranhas, aliás acommettido mais de uma vez no forte que começara.

Em Março, Feliciano Coelho outra vez marchou para o Rio-Grande, depois de reunir as suas forças, reduzidas agora á metade pela doença e pela retirada do contingente de Pernambuco. Com este reforço, Manuel de Mascaranhas concluiu o forte dos Reis Magos, e entregou-o a Jeronymo de Albuquerque, nomeado para commanda-lo. A' sua sombra medrou o que é hoje a cidade de Natal. Na volta, Mascaranhas e Coelho afastaram-se da costa e fizeram novas devastações entre a indiada do sertão.

Nas veias de Jeronymo de Albuquerque circulava sangue potiguar de sua mãi, Maria do Arco-Verde, e d'isto não se envergonhava, antes o vemos em mais de uma conjunctura proclamando a sua extracção. Assim devia sorrir-lhe a idéa de conciliar os parentes, reduzidos aos ultimos apuros por tantos trabalhos e tão continuada perseguição, e agora forçosamente abandonados pelos Francezes. A um indio aprisionado, principal e feiticeiro, incumbiu esta missão, depois de bem instrui-lo no que devia dizer. O pensamento humanitario foi coroado do melhor exito, graças sobretudo ás mulheres que, informa um contemporaneo, enfadadas de andarem com o fato continuamente ás costas, fugindo

pelos matos sem poder gosar de suas casas, nem dos legumes que plantavam, traziam os maridos ameaçados que se haviam de ir para os brancos, porque antes queriam ser suas captivas que viver em tantos receios de continuas guerras e rebates. Por ordem de D. Francisco de Sousa as pazes foram juradas solennemente na Parahiba, a 15 de Junho de 99. Serviu de interprete frei Bernardino das Neves, filho de João Tavares, escrivão de orphãos de Olinda, já nosso conhecido. Deste acto resultou nascer e criar-se na amizade dos Portuguezes, Antonio Camarão, um dos heroes da lucta contra Hollanda.

A conquista do Rio-Grande tinha logrado afastar os Francezes e desenganar os indios numa grande extensão de terreno; mas significava mais que isto, o encurtamento da distancia ao Maranhão e Amazonas. Desde os primeiros tempos do governador Diogo Botelho surge com força a idéa de consummar a obra, e trata-se de chegar ás regiões onde a mão da natureza assentara os limites do paiz.

Obrigou-se a incorporar o Maranhão Pedro Coelho de Sousa, cunhado de Fructuoso Barbosa, que com sequito numeroso partiu da Parahiba e chegou ao Jaguaribe em 1603. Os indios daquella ribeira, a principio esquivos deixaram-se enlear pelas promessas dos interpretes e todo o safio littoral cearense foi percorrido em paz. Só na serra de Ibiapaba, aliás seminario dos amigos Tabajáras, appareceu resistencia, promovida por Francezes. Venceu-a Pedro Coelho e desceu a serra em busca do rio Punaré, ou Parnahiba, como é chamado hoje. Como sua gente não quizesse ir mais adiante teve que retroceder.

Tudo correra bem até ahi, tudo começou logo a se damnar. Pedro Coelho na volta para o povoado capturou os indios que poude, indifferentemente, Tabajáras, velhos amigos, e Potiguares, alliados recentes. Quando, depois de os ter distribuido pela Parahiba e Pernambuco, novamente tornou ao Ceará, achou a situação insustentavel e foi obrigado a retirar-se. Sua retirada lastimavel balisaram cadaveres, victimas dos areaes candentes, da fome e da sêde.

No provincialado de Fernão Cardim, governando D. Diogo de Menezes, dois jesuitas, Francisco Pinto e Luis Figueira, foram incumbidos de chegar ao Maranhão. Levaram em sua companhia para restitui-los á liberdade alguns dos indios capturados por Pedro Coelho e sua gente; com algum esforço venceram as desconfianças do gentio, atravessaram a serra de Uruburetama, e chegaram a Ibiapaba, bem acolhidos, apesar de tudo. Preparavam-se para proseguir, quando uns Tapuyas assaltaram a aldeia em que assistiam, e mataram Francisco Pinto. Luis Figueira escapou e tornou para Pernambuco, onde annos mais tarde escreveu esta tragica odysséa em carta felizmente hoje salva da voragem do tempo.

Nem a expedição numerosa, apparelhada para a guerra, de Pedro Coelho, nem a missão pacifica dos jesuitas adiantara um passo á questão de avanço para a costa Leste-Oeste, destinada talvez a adiamento indefinido, si não interviesse Martim Soares Moreno. Chegara de Portugal em 1602, e Diogo de Campos, seu tio, sargento-mór de estado, o incorporou á primeira expedição de Pedro Coelho, para aprender a lingua da terra e familiarisar-se com os costumes. Contava apenas

dezoito annos. Realisou os desejos do tio de modo superior, e tão bem se houve entre os indigenas que Jacaúna, chefe potiguar, distinguiu-o da turba malfeitora e votou-lhe amor de pai. Nomeado tenente da fortaleza dos Reis-Magos, cultivou estas relações, mais de uma vez visitou o fiel amigo, sempre esperançado de dissipar as prevenções e rancores. Afinal o indio permittiu-lhe levar um filho á Bahia, apresenta-lo ao Governador, D. Diogo de Menezes, e consentiu-lhe viesse estabelecer-se com dois soldados. Poude assim lançar, junto ao minusculo rio Ceará, os fundamentos de um forte, onde resistiu aos ataques da gente não sujeita a Jacaúna; com o auxilio deste tomou duas naus estrangeiras, nú e pintado de genipapo, á maneira de seus auxiliares. Aquelle ponto até ali conhecido como excellente aguada dos Francezes, passou desde então a ser evitado.

No governo de Gaspar de Sousa projectou-se avançar mais para o Norte. Por sua ordem Jeronymo de Albuquerque partiu de Pernambuco com quatro barcos, em meiados de 1613, nomeado capitão-mór da conquista do Maranhão, commandando cem homens brancos e muitos indios. Na passagem pelo Ceará levou comsigo Martim Soares Moreno, como lhe fôra permittido, e navegou até Camocim, onde pretendeu fundar um forte. Por parecer pouco proprio este lugar, preferiu a enseada das Tartarugas, em Jererecuacara, onde deixou quarenta soldados num presidio; com o restante voltou por terra; os barcos mandou que costeassem como melhor pudessem e tornassem a Pernambuco.

Do Camocim expediu Martim Soares com vinte soldados ao Maranhão, a colher noticias que pudessem guiar no proseguimento da conquista. Graças ao pe-

queno calado da lancha, Martim navegou muito pegado á terra, poude entrar pela boca do Preá, e alcançou por aguas interiores a bahia hoje chamada de S. José.

O nome e a amisade de Jacaúna serviram-lhe neste lance arriscado. Os Tupinambás receberam-no com apparente affabilidade, mas preparavam-se para trahi-lo, quando um d'elles descobriu-lhe a verdadeira situação. Havia um anno que estavam ahi Francezes, com uma fortaleza artilhada de vinte peças, soldados, gente trazida em embarcações, sob o commando de Daniel de Latouche, senhor de la Ravardière. Ao mesmo tempo eram os Francezes informados da presença do explorador portuguez, e começavam a dar-lhe caça. Martim Soares escapou incolume com os seus e o indio amigo; o tempo, menos propicio, atirou-o ás costas da Venezuela, d'onde, por São Domingos, chegou a Sevilha em Abril do anno seguinte, e tratou logo de mandar noticias para Pernambuco. Na mesma occasião enviou com igual destino o piloto Sebastião Martins, mestre da lancha, que o acompanhara na peregrinação. Chegou no momento opportuno; Gaspar de Sousa tratava justamente de segunda e mais poderosa expedição para a nova conquista, e suas informações poderam ainda ser aproveitadas.

Ainda esta vez Jeronymo de Albuquerque serviu de capitão-mór. Diogo de Campos, sargento-mór, ia por collateral. Recommendou-lhes o Governador as maiores cautelas, lembrava a fortificação de algum ponto além do fortim deixado no anno anterior, a plantação de legumes de rapido crescimento, e indicou a conveniencia de, desde Tutoya, ir parte da força por terra, parte por mar.

Depois de receber alguns reforços na fortaleza do

Ceará, os expedicionarios proseguiram viagem a 29 de Setembro de 614, para o forte do Rosario, que mezes antes provára forças com a gente de uma nau franceza destinada ao Maranhão. Feito o alarde da gente, apuraram-se 220 soldados portuguezes, 60 maritimos e 300 indios frecheiros. Deveriam acampar em Tutoya? Confessaram-se os pilotos ignorantes d'aquelle trecho da costa: Bastião Martins só conhecia a barra do Preá; para lá se encaminharam a 12 de Outubro, e na noite de 13 se abalançaram por ella na maior confusão: "houve navios que iam tocando e dando grandes pancadas nos bancos ao entrar da barra, e, por não atemorisarem os que vinham de traz, calavam e paravam sem se ouvir uma palavra de rumor".

Iam a bordo moços impacientes e pouco disciplinados, anciosos de medir-se com os Francezes. Conseguiram do capitão-mór se proseguisse levianamente pelo Preá a dentro, até avistar o inimigo. Era o melhor plano a executar, provou-o o resultado. Antes da viagem de Martim Soares Moreno, aquella entrada era desconhecida dos Francezes; depois della assentaram um forte ligeiro em Itapary; todo o esforço de Ravardière applicara-se porém, á defeza da bahia de S. Marcos; nas suas fortificações depositava-se a maior confiança. Claude d'Abbeville, missionario capuchinho, escrevia orgulhosamente: "C'est donc niaizerie de penser que l'on puisse desloger les François de ce lieu, lors quils y seront bien Establis; & le vouloir faire croire, outre que c'est trop raualler leur Courage & faire trop peu d'estime de leur Valeur & Generosité; Si ce n'est vne pure malice, n est-ce pas temerité? & que l'on en parle comme les aueugles de couleurs? Ceux qui ont veu la situation de cette

Isle & qui connoissent par experience les difficultez de ses advenuës, n'advoüeront iamais telle proposition, laquelle ne prouient que d'vn esprit timide". O ataque pela bahia de S. José, devido mais á casual fraqueza da lancha de Martim Soares, deitava por terra todos estes arreganhos.

A 26 de Outubro chegaram os expedicionarios ao porto, depois chamado de Guaxenduba; a 28, começaram no continente o forte de Santa Maria. Na ilha fronteira, logo muitos fogos pareceram indicar a transmissão de noticias. Vieram á fala alguns indios, esquivos apesar de todas attenções e carinhos de Jeronymo de Albuquerque; negavam em geral a assistencia dos Francezes; um, porém, natural de Pernambuco, denunciou ataque proximo. De facto, a 12 de Novembro, no quarto da lua, deu o inimigo nas embarcações e tomou tres.

A este seguiu-se outro de maior monta a 19. Os Francezes desembarcaram duzentos infantes, mais de dois mil indios; como reserva ficou La Ravardière a bordo, acompanhado de cem soldados. Transportaram esta força cincoenta e sete embarcações, das quaes as tres tomadas alguns dias antes, e cincoenta canôas. Trataram de se entrincheirar e, para ganhar tempo, La Ravardière dirigiu uma carta ameaçadora a Jeronymo de Albuquerque. Sem dar-lhe resposta começaram os Portuguezes uma offensiva desesperada, indo pela praia Diogo de Campos, Antonio de Albuquerque, filho do capitão-mór, e Jeronymo Fragoso; pelo monte Jeronymo de Albuquerque, Francisco de Frias e Manoel de Sousa de Sá.

Dos Francezes, escreve este, morreram a espada e

a arcabuzaços noventa e tantos, que logo ali ficaram, além dos que se afogaram fugindo para as embarcações, ao todo cento e sessenta; foram capturados nove; queimaram-se-lhes quarenta e seis canôas; tomaram-se ao todo duzentas armas de fogo, mosquetes e arcabuzes: dos selvagens averiguou-se depois que faltavam quatrocentos, a maior parte mortos afogados. De parte dos Portuguezes as perdas foram insignificantes.

A derrota quebrantou o animo de La Ravardière. Em vez de procurar desforrar-se logo, entabolou a 21 uma correspondencia com Jeronymo de Albuquerque, concebida em termos duros, que foi abrandando gradualmente. Os Portuguezes achavam-se em situação difficil: o inimigo dominava as entradas com sua frota; soccorros só poderiam vir pelo Preá, e o Preá só admittia vasos de pequeno calado. Apesar de tudo sua confiança mantinha-se inalteravel: "somos homens que um punhado de farinha e um pedaço de cobra quando o ha nos sustenta", escrevia Jeronymo de Albuquerque; "somos gente que não podemos nadar tanto mar quanto ha d'aqui á Espanha; pelo que ainda que hoje tendes a barra, nós temos a terra que pisamos, a qual sempre será de nossos corpos até que Sua Majestade d'el-rei da Espanha, nosso senhor, cujo tudo é, outra cousa ordene", segundava mais diffuso Diogo de Campos.

Da correspondencia e das praticas nasceu a idéa de treguas. As duas metropoles estavam amigas e alliadas no velho mundo, por que se degladiariam neste? A 27, convencionou-se a suspensão das hostilidades até fim de Dezembro de 615; nem os Francezes iriam ao continente, nem os Portuguezes á ilha, e evitariam ambos entrar em contacto com os indios de uma e outra juris-

dicção; seriam permutados sem resgate os prisioneiros; ficaria o mar franco aos Portuguezes; soccorro de gente de guerra não suspenderia o armisticio; a nação obrigada a retirar-se teria tres mezes para os aprestos; dois representantes de cada belligerante iriam á côrte de Madrid e á de Paris, saber de Suas Majestades Catholica e Christianissima suas vontades sobre quem deveria ficar no Maranhão.

Depois d'isso o capitão-mór da conquista mandou Manuel de Sousa de Sá, num caravelão, a Pernambuco levar a noticia do succedio ao governador-geral. A nau *Regente,* que já se batera com a guarnição do Rosario, em Jererecuacara, partiu a 16 de Dezembro, levando os emissarios Du Prat e Gregorio Fragoso para França. A 4 de Janeiro de 1615 sahiu para Portugal Diogo de Campos com Mathieu Maillart, n'uma caravela comprada a este por 500 cruzados; a 3 de Março apresentava-se ao vice-rei D. Aleixo de Menezes. O sargento-mór aproveitou a travessia para escrever a *Jornada de Maranhão.*

Na côrte foi acolhido com frieza o resultado da expedição, e a má vontade augmentou quando inesperadamente chegou Manuel de Sousa de Sá, enviado a Pernambuco mas levado pelos ventos e correntes ás Indias occidentaes, donde lhe deram conducção para a Europa. Conhecida a versão de Manuel de Sousa, differente em pontos essenciaes da de Diogo de Campos, aprestou-se para o Maranhão um patacho com munições, polvora e mais cousas necessarias, que em começos de Junho passou pelo Ceará. Nelle parece ter voltado Martim Soares, com o posto de sargento-mór, na ausencia do tio. Falou-se em castigar este, mas prevaleceu o alvitre de

manda-lo com Sousa de Sá a Gaspar de Sousa, a quem com maior empenho se ordenou a ultimação da empreza.

Não se descuidara o Governador. Em Junho mandara Francisco Caldeira de Castello Branco, antigo capitão-mór do Rio-Grande, commandando uma armada composta de um patacho, duas caravelas e um caravelão grande, que chegou a Santa Maria de Guaxenduba em 1 de Julho, fazendo a viagem por fóra do Preá. La Ravardière foi, apesar da tregua, intimado a abandonar a terra, e, depois de reluctar, cedeu em promessa; mas, porque rebentassem discordias entre os dous chefes portuguezes, foi-se deixando ficar. Jeronymo de Albuquerque transferiu-se para a ilha, onde fundou uma cerca e um forte, chamado de S. José. Provavelmente vem d'ahi o nome actual desta bahia.

Manuel de Sousa encontrou o Governador-Geral em Pernambuco, e deu-lhe cartas e ordens. Sem demora Gaspar de Sousa aprestou nove navios, cinco dos quaes grandes, com mais de novecentos homens, muito armamento e dinheiro, plantas e gado para povoarem a terra.

Conferiu o commando a Alexandre de Moura, que, partindo a 5 de Outubro do Recife, a 17 chegava ao Preá, onde breve se convenceu de não serem para aquelle canal as suas embarcações. Cumpria navegar por fóra, fazer sondagens, arrostar a bahia de S. Marcos, as terriveis fortificações, inexpugnaveis no sentir de Abbeville. E não havia tempo a perder, pois a fortaleza de S. José se incendiara, e Jeronymo de Albuquerque capitão-mór antes de nome que de facto, porque os Portuguezes achavam-se divididos em dois partidos dominados por odios violentos, estava reduzido á pouca polvora e ás armas salvas do incendio.

A 1 de Novembro decidiu-se a investir a entrada de São Marcos; um patacho menor foi adiante, mostrando o caminho, e a armada surgiu fóra do alcance da artilharia inimiga. Jeronymo de Albuquerque marchou por terra com forças; um posto foi guarnecido com oito peças de artilharia, cento e cincoenta soldados, duzentos frecheiros; cem homens com seis peças guardariam a entrada da barra. A 3 foi intimado La Ravardière a entregar a colonia e a fortaleza, com toda a artilharia e munições existentes dentro e fóra d'ella, com todos os navios grandes e pequenos, sem por tudo receber indemnisação alguma. Obrigava-se Alexandre de Moura a dar conducção para a França; os Francezes se obrigariam a partir apenas recebessem os navios e deixassem refens. E este favor se lhe faz, concluia, pelas allianças que hoje ha entre os senhores reis Catholico e Christianissimo.

A fortaleza foi entregue; em duas naus sem artilharia, mandadas separadamente, partiram os Francezes para a patria; La Ravardière teve de acompanhar o vencedor a Pernambuco. Annos mais tarde andava em Lisboa, requerendo mercê e allegando serviços, por haver largado o Maranhão com a sua fortaleza e artilharia. Assim, o mesmo anno de 1615 assistiu á derrocada final dos Francezes depois de quasi um seculo de resistencia: em Cabo Frio, por mão de Constantino de Menelau, no Maranhão pelo antigo capitão-mór de Pernambuco.

Trazia Alexandre de Moura instrucções para expulsar os Francezes do Pará e ir até o Amazonas. Como no Pará não existisse estabelecimento francez e o Amazonas estivesse desoccupado, mandou em seu lugar Francisco Caldeira de Castello Branco com cento

e cincoenta homens, dez peças de artilharia e tres embarcações. Além de colher outras vantagens, afastava do Maranhão um elemento perturbador. Em companhia de Castello Branco seguiu um piloto francez, e o famoso Charles Desvaux, "de quem elle dito capitão-mór, deve fazer muita conta, com a cautela devida". Antonio Vicente Cochado foi como piloto.

Partiram no dia de Natal, correndo a costa, fazendo sondagens, dando fundo todas as noites, tomando as conhecenças da terra, n'uma extensão de cento e cincoenta leguas. Entraram na barra pela ponta de Saparará, e seguiram por entre ilhas, bem acolhidos pelo gentio disposto em seu favor, graças á derrota dos Francezes; muitos dos naturaes usavam cabello comprido e de longe pareciam mulheres; encontraram noticias imprecisas de Flamengos e Inglezes que frequentavam aquellas regiões.

A 35 leguas do mar, na margem direita do Pará Francisco Caldeira de Castello Branco fundou a fortaleza, e chamou-lhe Presepe.

Estava dado o primeiro passo para a occupação do Amazonas.

Agora um rapido lancear do paiz, ahi pelos annos de 1618, quando escrevia o autor do *Dialogo das Grandezas do Brasil*, e Fr. Vicente do Salvador preparava-se para redigir sua historia.

Os estabelecimentos fundados por Portuguezes começavam no Pará quasi sob o Equador e terminavam em Cananéa além do tropico. Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de leguas de extensão. A população de lingua européa cabia folgadamente em cinco algarismos.

A camada infima da população era formada por escravos, filhos da terra, Africanos ou seus descendentes. Aquelles apparecem menos numerosos pela pouca densidade originaria da população indigena, pelos grandes exodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inuteis, oppostos ao seu escravisamento.

Acima deste rebanho sem terra e sem liberdade, seguiram-se os Portuguezes de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres de assucar, officiaes mecanicos, vivendo dos seus salarios ou do feitio de obras encommendadas; em geral o mecanico sabia varios officios, pois um só não garantia a subsistencia, e ia trabalhar pelas fazendas quando a simplicidade das ferramentas o permittia ou os proprietarios possuiam a ferramenta em casa.

Entre os proprietarios ruraes occupavam logar modesto os lavradores de mantimento e os criadores de gado: a criação avultava sómente a uma e outra margem do baixo São Francisco: seu grande desenvolvimento se operou mais tarde, quando se separou da lavoura e invadiu os campos e as catingas do interior.

Coroava esta hierarchia o senhor de engenho. Havia engenhos movidos por agua e por bois; servidos por carros ou por barcos; situados á beira mar ou mais apartados, não muito, porque as difficuldades de communicações apenas permittiam arcos de limitados raios. O engenho real devia possuir grandes cannaviaes, lenha abundante, boiada capaz ou barcos e barqueiros sufficientes, escravatura, apparelhos diversos, moendas, cobres, fôrmas, casas de purgar, pessoal adestrado para o preparo do assucar, pois a materia prima passava por

diversos processos antes de ser entregue ao consumo: alguns possuiam igreja, capellão melhor remunerado que os vigarios, e ás vezes incumbido de ensinar rudimentos de leitura á meninada. O senhor de engenho opulento remettia a safra directamente para a reino, e recebia o pagamento do além-mar em fazendas finas, vinhos, farinha de trigo, em summa, cousas de goso ou de luxo.

A casa da gente rica representava uma economia autonoma: o *nec est quod putes illum quidquam emere, omnia domi nascuntur,* de Petronio, não podia ser praticado ao pé da lettra, mas correspondia até certo ponto á realidade. Para os escravos fiava-se e tecia-se a roupa; a roupa da familia era feita no meio d'ella; da alimentação, fornecida por peixe de agua doce ou salgada, mariscos apanhados nos mangues ou caça, estavam encarregados os escravos; a criação miuda de volateis, ovelhas, cabritos e porcos evitava as surpresas de hospedes da ultima hora: não havia açougues ou mercados: "as casas dos ricos (ainda que seja á custa alheia, pois muitos devem o que têm) andam providas de todo o necessario, pois têm escravos pescadores e caçadores, que lhes trazem a carne e o peixe, pipas de vinho e azeite que compram por junto, nas villas muitas vezes se não acha isto de venda".

A mercatura representava-se por embarcadiços vindos do reino com carregamentos que tratavam de liquidar, de modo a voltar no mesmo navio, ou de mascates que iam pelos logares mais afastados, a vender miudezas. Nas transacções dominava a permuta ou emprestimo de generos; transacções a dinheiro não se conheciam ou eram rarissimas, e como ninguem sabia

approximadamente de suas posses, o endividamento era geral.

Na economia naturista, já foi observado, por um economista recente, nunca se produzem demais os generos consumidos em casa; si ha superabundancia de algum, guarda-se, dá-se ou deixa-se estragar; dahi a hospitalidade, as festas pantagruelicas e tambem o jogo. Talvez nas paradas achasse seu melhor emprego o pouco dinheiro girante; o resto ia em festas ecclesiasticas ou profanas.

A ausencia de capitaes restringia muito as satisfações da vida collectiva: não havia fontes, nem pontes, nem estradas; si por alguma circumstancia favoravel, construia-se alguma, á falta de conservação estragava-se ou ficava de todo arruinada. Como não havia dinheiro, os impostos eram levados á praça, e o contractador pagava-se em generos. Só as casas de misericordia eram até certo ponto devidas á acção incorporada. As sédes das capitanias, mesmo as mais prosperas, reduziam-se a meros logarejos; a gente abastada possuia predios nas villas, mas só os occupava no tempo das festas; a população permanente constava de funccionarios, mecanicos, regulares ou gente de vida pouco edificante.

Ajunte-se a isto a natural desaffeição pela terra, facil de comprehender si nos transportarmos ás condições dos primeiros colonos, abafados pela matta virgem, picados por insectos, envenenados por ophidios, expostos ás feras, ameaçados pelos indios, indefesos contra os piratas, que começaram a surgir apenas souberam de alguma cousa digna de roubar. Mesmo si sobejassem meios, não havia pendor a metter mãos a obras destinadas aos vindouros; tratava-se de ganhar fortuna o

mais depressa possivel para ir desfructa-la no além-mar. Informa-nos Gandavo que os velhos acostumados ao paiz não queriam sahir mais. Seriam estes seus primeiros enthusiastas.

Desaffeição igual á sentida pela terra nutriam entre si os diversos componentes da população.

Examinando superficialmente o povo, discriminaram-se logo tres raças irreductiveis, oriunda cada qual de continente diverso, cuja approximação nada favorecia. Tão pouco proprios a despertar sympathia e benevolencia, antolhavam-se os mestiços, mesclados em proporção instavel quanto á receita da pelle e dosagem do sangue, medidas naquelles tempos, quando o phenomeno estranho e novo, em toda a energia do estado nascente, tendia a observação ao requinte e superexcitava os sentidos, medidas e pesadas com uma precisão de que não podemos mais formar idéa remota, nós affeitos ao facto consummado desde o berço, indifferentes ás pelles de qualquer aviação e ás dynamisações do sangue em qualquer ordinal.

A desaffeição entre as tres raças e respectivos mestiços lavrava dentro de cada raça. O negro ladino e creoulo olhava com desprezo o parceiro boçal, alheio á lingua dos senhores. O indio catequisado, reduzido e vestido, e o indio selvagem ainda e livre e nú, mesmo quando pertencentes á mesma tribu, deviam sentir-se profundamente separados. O Portuguez vindo da terra, o reinol, julgava-se muito superior ao Portuguez nascido nestas paragens alongadas e barbaras; o Portuguez nascido no Brasil, o masombo, sentia e reconhecia sua inferioridade.

Em summa, dominavam forças dissolventes, centrifugas, no organismo social; apenas se percebiam as differenças; não havia consciencia de unidade, mas de multiplicidade. Só muito de vagar foi cedendo esta dispersão geral, pelos meiados do seculo XVII. Reinoes e masombos, negros boçaes e negros ladinos, mamalucos, mulatos, caboclos, caribocas, todas as denominações, emfim, sentiram-se mais proximos uns de outros, apesar de todas as differenças flagrantes e irreductiveis, do que do invasor hollandez; dahi uma guerra começada em 1624, e levada ao fim, sem desfallecimentos, durante trinta annos. Em São Vicente, no Rio, na Bahia, e em outros logares, por meios differentes, chegou-se ao mesmo resultado.

Sobre o modo de administração de toda esta gente informa-nos a folha geral do estado, organisada em 1617.

Subiam todas as despesas publicas a cincoenta e quatro contos, cento e trinta e oito mil, duzentos e noventa e oito reis, repartidos pelas quatro rubricas de igreja, justiça, milicia e fazenda.

Constituia todo o paiz uma só diocese; o Bispo assistia na Bahia com o Cabido; dois administradores, um para as capitanias do Norte e estabelecido na Parahiba, outro para as capitanias do Sul e residindo no Espirito Santo, seguiam-se em gerarchia; cada capitania formava uma freguesia, com seu vigario e coadjutor, excepto a de S. Vicente, que contava as vigararias de Itanhaen, São Vicente, Santos e São Paulo; a de Espirito Santo, com as de Victoria e E. Santo; a da Bahia com as de Villa-Velha, Santo Amaro, S. Iago, Peruaçú,

Paripe, Matoim, N. S. do Soccorro, Sergipe do Conde, Taparica, Passé, Pirajá, Cotegipe, Tamary e Sergipe del Rei; a de Pernambuco com as de Olinda, São Pedro, Recife, S. Lourenço, Igaraçú, S. Antonio, Varzea, Moribeca, S. Amaro, Pojuca, Serinhaen e Porto Calvo; a de Itamaracá, com a da ilha e a da Goyana. A todo este pessoal o governo pagava ordenado e ordinaria para a celebração do culto; para isso o rei arrecadava o dizimo, como grão-mestre da Ordem de Christo.

Havia collegio de jesuitas, conventos Capuchos, Carmelitas ou Benedictinos na Bahia, Rio, Espirito-Santo, Pernambuco, e todos recebiam auxilios sob diversas formas, em generos ou dinheiro. Quasi todas as capitanias sustentavam casas de misericordia, que o governo soccorria.

A' frente da justiça estava a relação installada na Bahia com um numeroso pessoal de desembargadores, Ouvidor Geral etc.; nas capitanias reaes parece que a jurisdicção de primeira instancia cabia aos juizes ordinarios, renovados annualmente; as dos donatarios possuiam ouvidores que muitas vezes eram os proprios capitães-móres: pouco informa a este respeito a folha geral.

Encabeçava o corpo da fazenda o Provedor-mór, estabelecido na capital, a quem estavam subordinadas em cada capitania o Provedor e escrivão da fazenda, o almoxarife e o porteiro das alfandegas.

Ao lado das capitanias de donatarios, São Vicente, S. Amaro, Espirito Santo, Porto Seguro, Ilhéos, Pernambuco e Itamaracá, havia as capitanias reaes do Rio, Bahia, Sergipe, Parahiba, Rio-Grande, Ceará, Maranhão e Pará.

Chefe da milicia e em geral da administração era o Governador Geral com assento na Bahia. A milicia era representada pela tropa paga, e pelas ordenanças, especie de guarda nacional.

E agora vistas as vantagens do dominio espanhol na eliminação completa dos Francezes e na rapidez da marcha para o Amazonas, vejamos o reverso da medalha, nas guerras flamengas delle originadas.

VIII

GUERRAS FLAMENGAS

As relações entre Portugal e Flandres, iniciadas desde a idade média, continuaram ainda depois de descoberto o caminho maritimo das Indias e achado e colonisado o Brasil. Iam os Flamengos a Lisboa adquirir as drogas e generos exoticos, apenas desembarcados, e retalhavam-nos pela vasta clientela do Norte e Occidente da Europa, poupando canceiras e garantindo lucros immediatos aos Portuguezes; estes, além do dinheiro de contado, proviam-se, graças aos seus fieis freguezes, de cereaes, peixe salgado, objectos de metal, apparelhos nauticos, fazendas finas.

Modificou-se esta situação vantajosa para ambas as partes quando a monarchia espanhola abarcou a peninsula inteira e os inimigos de Castella passaram a ser os de Portugal. Em 85, Philippe II mandou confiscar os navios flamengos ancorados em seus portos, aprisionando-lhes as tripulações. O mesmo se fez em 90, 95, 99.

Difficilmente se conceberia mais terrivel golpe contra um povo que do commercio maritimo auferia o melhor de suas riquezas, base de uma independencia comprada a poder de sangue. Depois de tanto heroismo teria de sujeitar-se ao demonio do Meio Dia? Para escapar a estes apuros brotaram os mais desencontrados alvitres: procurar pelo Norte da Asia outro caminho

maritimo para a China e India; transferir a actividade commercial para o Mediterraneo; apossar-se do estreito de Magalhães. Tudo isto se tentou, de tudo se tirou resultado negativo. Por que não se affrontaria o cabo da Boa Esperança, a buscar os generos do Oriente nos proprios logares de sua procedencia?

Em 95, mercadores de Amsterdam arriscaram a primeira viagem ao oceano Indico, viagem demorada, de pouco proveito immediato; mas fecundissima em consequencias, pois logrou a certeza da fragilidade do dominio peninsular naquellas regiões alongadas. Da mesma cidade partiram outros navios em Maio de 98, terceira expedição em Abril, quarta em Dezembro de 99. Em varias provincias surgem negociantes arrojados, improvisam-se companhias opulentas, avidas de despojos e aventuras no amplo theatro que agora se abria. A emulação salutar ameaçava degenerar em rivalidade perniciosa. Homens sagazes anteviram o perigo; intervieram os Estados-Geraes, e por meio de concessões e privilegios conciliaram as pretenções divergentes, fundando a Companhia das Indias Orientaes no começo de 1602.

A tregua de doze annos, assentada em 1609 entre os Paizes Baixos e a Espanha, em nada interrompeu a carreira aventurosa da Companhia, que com poucos annos de existencia se impoz aos principes indigenas, repelliu os Inglezes, derrocou a apparatosa fabrica luso-hispanica, monopolisou o trato das especiarias, distribuiu dividendos enormes, prestou serviços inestimaveis ao governo das Provincias-Unidas.

Na constancia do armisticio sazonou a idéa de uma companhia das Indias occidentaes, analoga á outra nos

intuitos e na organisação, que obteve foral a 3 de Junho de 1621. Seu capital seria de sete milhões, cento e tantos mil florins; o privilegio duraria vinte e quatro annos; constaria de cinco camaras, representando os accionistas de Amsterdam, Zelandia, cidades do Maas, o districto do Norte e a Frisia; os directores, em numero de dezenove, funccionariam alternadamente em Amsterdam e Middelburg. A esphera privilegiada seria na Africa, do tropico de Cancer ao cabo da Boa-Esperança; ao Occidente, desde Terra-Nova, no Atlantico, até o estreito de Anian no Pacifico.

Os Estados-Geraes concederam-lhe faculdade de construir fortes na região outorgada, contrahir tratados com os principes e povos indigenas, nomear autoridades e funccionarios: obrigaram-se a subvenciona-la, para ficar com direito a certa parte dos dividendos; forneceriam soldados e naus de guerra em condições especificadas. Em summa, deixando de parte differenças patentes, a Companhia das Indias Occidentaes filiou-se ao systema dos donatarios iniciado por D. João III.

A Companhia deixou signaes de sua passagem no territorio africano, nas costas dos Estados Unidos, nas Antilhas, no Brasil, no Chile. A nós só importam os feitos occorridos em nossa terra.

Sua creação foi acolhida com frieza na Hollanda; ainda em 622 não estava subscripto um quinto siquer do capital que só ficou integralisado depois de obtidas vantagens supplementares, entre outras, o monopolio de exportação do sal brasileiro em 1624.

Desde 623 começou a preparar uma expedição contra a Bahia. Vinte e tres navios e tres hiates com quinhentas bocas de fogo, tripulados por mil e seiscentos

marinheiros, foram aos poucos se reunindo em S. Vicente do Cabo-Verde nos fins deste e no começo do seguinte anno. A 26 de Março partiram rumo de S W, a 4 de Maio descobriram costa do Brasil, a 8 surgiram diante da bahia de Todos os Santos e foram vistos de terra.

Governava a cidade do Salvador e o Brasil em geral Diogo de Mendonça Furtado. Tinham-lhe chegado noticias do perigo imminente e procurara prevenir-se.

Sobejavam-lhe coragem e boa vontade, faltava-lhe tudo o mais: as fortalezas já arruinadas umas, outras por acabar, a barra larga e franca, accessivel sem pratico ás maiores embarcações a qualquer hora do dia e da noite, a guarnição reduzida e imbelle, a população trepida, prestes a fugir mal avistava qualquer vela suspeita, não encerravam elementos de resistencia efficaz. Accresciam dissenções entre o governador e o bispo, e, como de costume, entre uma e outra metade do povo, sempre avido de questões entre os potentados.

A 9 de Maio a armada enfiou a barra e dirigiu o ataque por terra e por mar. Na ponta de S. Antonio, á entrada, desembarcaram mil e duzentos soldados e duzentos marinheiros: e á sua approximação a força dos colonos postada retirou-se ás carreiras, semeando o panico. Dos fortes houve alguns disparos, alguns navios pareceram dispostos a resistir; quando o inimigo se approximou, recorreu-se ao incendio para evitar fossem cahir-lhe ás mãos os ricos carregamentos de assucar, pau-brasil, fumo e pelles. Mesmo assim, muitos foram salvos.

A' noite, bispo, ecclesiasticos, os moradores que poderam, abandonaram a cidade. Ao amanhecer, além

de escravos e gente baixa sem nada a perder, encontravam-se apenas o governador e alguns fieis na cidade deserta. Com facilidade os invasores prenderam-nos e mais tarde mandaram-nos para a Hollanda. Os fugitivos accommodaram-se como poderam em engenhos proximos, aldeias de indios, debaixo de arvores, ao ceu aberto. Quantas privações passaram e como foi difficil sustentar e conter esta multidão, pode-se bem imaginar. Ainda depois de reunidos em arraial e estabelecida certa ordem, a empreza nada tinha de facil.

As vias de successão, então abertas, nomeavam para substituto do governador a Mathias de Albuquerque Coelho. Estava em Pernambuco, capitania hereditaria de seu irmão, em cujo nome governava, a mais de cem leguas de distancia. Antes que recebesse a noticia e tomasse quaesquer providencias, perder-se-ia tempo, um tempo precioso. Elegeu-se, pois, capitão-mór interino o desembargador Antão de Mesquita; dentro em pouco, por motivos pouco conhecidos ainda, ficou sendo governador de facto o bispo, Dom Marcos Teixeira.

Uma só cousa havia a fazer com os recursos da terra: cercar o invasor dentro da cidade, impedindo que penetrasse pelas cercanias para renovar provisões, impossibilitando as adhesões das classes baixas, indifferentes á mudança do senhor, pois o captiveiro proseguiria invariavel. A falta de armamentos apropriados, a escassez e por fim a carencia completa de polvora limitaram as operações á arma branca, á flecha, ao combate singular, á tocaia; as companhias de emboscada, em numero de trinta, composta cada uma de poucas dezenas de combatentes, pelo subitaneo da apparição nos logares mais diversos mantiveram o inimigo sobresaltado; a

multiplicidade dos assaltos, quasi sempre coroados de exito, alimentava a coragem e fortaleceu o espirito patriotico.

Entretanto chegava a Pernambuco a noticia de ser tomada a cidade. Mathias de Albuquerque, informa um contemporaneo, nem de dia, nem de noite, se poupava ao trabalho. Não quiz nunca andar em rêde, como no Brasil se costuma, sinão a cavallo ou em barcos, e quando nestes entrava não se assentava, mas em pé ia elle proprio governando. Tinha grande memoria e conhecimento dos homens, ainda que uma só vez os visse, e ainda dos navios que uma vez vinham áquelle porto. Esta actividade fervorosa, unida a uma energia indomavel, ver-se-á melhor no decurso da narrativa.

Por sua ordem partiu logo Francisco Nunes Marinho em dous caravelões, com polvora, munições de fogo e de boca e trinta soldados. Trataram-no mal as tormentas; de vergas e mastros quebrados, arribou a Sergipe; mas já em começos de Setembro juntava-se á gente do arraial. Sob o seu governo as guerrilhas avançaram para o interior da bahia até Itapagipe, para o lado da barra até a ponta de Santo Antonio; novas e mais fortes trincheiras foram levantadas. Dois barcos, um no Itapoã, e outro no morro de S. Paulo, vigiavam o mar, avisando os navios portuguezes que evitassem o porto, para não serem aprisionados como já o haviam sido outros.

Pequenos soccorros do Reino iam chegando a Pernambuco e Mathias de Albuquerque reforçava-os, e encaminhava-os, sem perda de tempo. Graças a elle, D. Francisco de Moura, vindo com o titulo de Capitão-mór do Reconcavo, conduzindo tres caravelas, partiu do

Recife depois de demora de oito dias, levando seis caravelões, oitenta mil cruzados de provimentos novos. A 3 de Dezembro troava a artilharia no acampamento, e os Hollandezes, curiosos da novidade, só então souberam como ao bispo, poucos dias antes de fallecer, succedera Francisco Nunes Marinho, rendido agora no mando por D. Francisco de Moura, antigo governador do Cabo-Verde.

Na cidade conquistada as cousas corriam mal para o inimigo. Johannes van Dorth, governador pela Companhia, foi morto numa emboscada. Albert Schout, seu successor, tratou das fortificações, mas em festas e banquetes apanhou uma enfermidade, que em poucos dias o levou. Willem Schout, seu irmão, mostrou-se alheio ás responsabilidades do cargo.

Comtudo a situação poderia manter-se indefinidamente, maximé dominando o Oceano a armada da Companhia; tratava-se de saber quem receberia primeiros soccorros de além mar. Por uma felicidade nunca mais repetida foram os nossos. A côrte espanhola, geralmente desattenta e inerte, d'esta vez sentiu a gravidade do golpe; o rei, ou antes Olivares, seu ministro omnipotente, percebeu a ameaça implicita contra o Mexico e o Perú; cartas régias do proprio punho, procissões, novenas, excitaram o espirito publico; a nobreza da Espanha e a de Portugal alistaram-se com enthusiasmo na cruzada contra o hereje rebelde; fidalgos e prelados fizeram largos donativos, fretaram navios, custearam companhias; as armadas de Portugal, do Oceano, do Estreito, de Biscaya, das Quatro-Villas, de Napoles, sommaram cincoenta e dois navios de guerra; mais de doze mil homens d'armas embarcaram para o

Novo Mundo. Commandante geral de todas as forças era D. Fadrique de Toledo.

A armada chegou á Bahia sabbado da alleluia, 29 de Março de 1625, no mesmo dia que ahi aportára Thomé de Sousa, o fundador da cidade, setenta e seis annos antes. Formou em meia lua, da ponta de Santo Antonio á de Itapagipe, fechando a sahida aos navios hollandezes ancorados.

A tropa desembarcou em Santo Antonio e tomou logo posição em São Bento, Palmeiras, Carmo e outros morros. A 2 de Abril travou-se o primeiro combate, seguido de outros. O cerco apertou-se por terra e por mar. Os sitiados foram obrigados a render-se. A 30 de Abril assignava-se a capitulação. A 1 de Maio abriram-se as portas e entrou o exercito vencedor. A 26 appareceu na barra o soccorro hollandez, trinta e quatro naus commandadas por Boudewiyn Hendrikszoon. Ambas as armadas evitaram porém travar novos combates e os Hollandezes foram piratear em outras regiões mais indefesas.

Nos annos seguintes a Companhia mandou diversos navios que estiveram no Brasil e em outras partes da Africa e da America, devastando e saqueando. Seu triumpho mais completo foi a tomada da frota espanhola, junto á costa de Cuba, por Pieter Heyn, em Setembro de 1628. De uma só vez entraram-lhe para os cofres mais de quatorze milhões, o duplo do capital inicial; os dividendos subiram a 50 %. Com as finanças restauradas, preparou nova expedição ao Brasil; agora preferiu Pernambuco para ponto de investida.

A 26 de Dezembro de 629 zarpou de S. Vicente uma armada de cincoenta e dois navios e hiates, e treze

chalupas, poderosamente artilhados, com tres mil setecentos e oitenta marinheiros, tres mil e quinhentos soldados; a 3 de Fevereiro de 630 avistou o Brasil; a 13 chegou em frente a Olinda; no dia seguinte abriu o ataque.

Commandava a capitania Mathias de Albuquerque, neto do velho Duarte Coelho, irmão do quarto donatario. Com as noticias da proxima invasão, partira de Lisbôa a 12 de Agosto de 629, trazendo vinte e sete soldados e alguma munição em uma caravela. Chegou ao Recife a 18 de Outubro, e entregou-se com todo o devotamento á obra desesperada.

As fortalezas estavam arruinadas como na Bahia. Si a barra do Recife não offerecia as commodidades da bahia de Todos os Santos e não custaria cega-la, em compensação dava facil desembarque desde Pau Amarello ao Norte, até Candelaria ao Sul, na extensão de sete leguas. Poder-se-ia ao menos contar com o sangue frio da população ?

O inimigo dividiu a offensiva por tres pontos. O grosso da armada, commandado pelo almirante Loncq, investiu a barra, e estacou por acha-la obstruida. Outro troço dirigiu-se directamente para Olinda. Com tres mil homens o coronel Diedrich van Weerdenburgh aproou primeiro para o rio Tapado, depois para o Pau Amarello, mais ao Norte, onde desembarcou na tarde de 15 de Fevereiro. Na manhã seguinte, formado em tres columnas, marchou para o Sul; as pequenas resistencias esporadicas da nossa gente cederam á tropa numerosa e ás embarcações de que saltara, que navegavam a pequena distancia, apoiando-lhe os movimentos.

Á entrada da villa alguns militares sacrificaram-se nobremente. O troço da armada mandado de vespera contra ella apossou-se das trincheiras da praia. Quando anoiteceu, o pavilhão batavo fluctuava sobre a antiga Marim.

A população abandonou a villa e procurou abrigo nos matos e nos engenhos. A soldadesca invasora entregou-se ao saque e á embriaguez. Mathias de Albuquerque mandou tocar fogo nos navios e nos armazens, para ao menos arrancar das garras da Companhia o fructo do trabalho amargamente suado. A povoação de Recife, illuminada pelos clarões do incendio, converteu-se num montão de ruinas. Defendiam-na ainda dois fortes, um no isthmo que vai para Olinda, outro no proprio recife. Reforçou-os o general com gente e munições, e mais de um ataque foi repellido com vantagem; mas a 2 de Março o de S. Jorge, velho, capaz só de resistir a ataques de indios, capitulou, e o de São Francisco da barra seguiu-lhe o exemplo. Só então a armada hollandeza entrou no porto.

Durante este tempo Mathias de Albuquerque trazia sempre inquieto o inimigo. Entregue aos proprios recursos não lograria desaloja-lo, mas tirava-lhe o socego, diminuia-lhe a confiança, reduzia-lhe o numero, impedia-lhe as communicações com a gente da terra e nesta substituia o sossobro do primeiro momento pelo desejo de luctar e desprezo de morrer: a dominação hollandeza era um facto; não era, nunca seria um facto consummado.

A 4 de Março o general escolheu uma eminencia quasi a uma legua do Recife e de Olinda, proximo do

rio Capibaribe e ainda mais do riacho Parnamirim, ponto de boa agua e lenha. Com vinte pessoas começou a fortificação, plantando quatro peças. Deu á obra o nome de arraial do Bom-Jesus. Pouco a pouco foram chegando adherentes: aventureiros, senhores de engenhos sós ou seguidos de escravos, indios aldeiados. Entre estes entra logo a apparecer com um brilho que irá sempre crescendo Antonio Camarão, chefe potiguar de vinte e oito annos de idade, o mais fiel e precioso dos auxiliares. Dez dias mais tarde o arraial já repellia com grandes perdas um assalto do inimigo. Será esta a sua historia perenne durante os cinco annos seguintes.

Como contar os successos desta guerra sem precedentes? Os conflictos feriam-se diarios, houve dias de mais de um. Hollandezes que procuravam fachina ou fructos, destacamentos que pelo isthmo sahiam de um para outro ponto, cahiam em emboscadas que surdiam a cada passo. Trincheiras tomadas a peito descoberto, soccorros mandados por terra aos pontos mais afastados, em concorrencia com os navios e não raro vencendo-os na rapidez; passagens de rios no momento da maré, para atacar o centro das fortificações inimigas; fome, nudez, falta de polvora, de medicos e botica, tudo isso de tão commum passava despercebido. Estando, havia quasi dois annos, assente na villa de Olinda e povoação do Recife, ainda o invasor não podia, nem o deixava nosso general por si e seus capitães, colher uma só vacca, informa Duarte de Albuquerque. E accrescenta: "Solamente comian de lo que les embiava Olanda; con que bien licitamente se puede decir que sobre estar de tanto tiempo em tierra, aun nave-

gavan, pues nó tenian otros bastimentos mas de los salados".

As noticias transmittidas á peninsula não provocaram o alvoroço da tomada da Bahia. Vieram soccorros em pequena quantidade, a grandes intervallos e nem sempre aproveitaveis, porque a Companhia dominava no mar, e ora se apossava das caravelas mandadas para Pernambuco, ora as obrigava a vararem em terra, perdendo os carregamentos ou deixando-os a grande distancia dos logares onde faziam falta. Encapava-se esta desidia na côrte sob um profundo machiavelismo: a melhor guerra contra a Companhia das Indias Occidentaes, allegavam estes calculistas insondaveis, consistia em obriga-la a despesas que com o tempo arrastariam seu descalabro economico !

Só em 631 partiu de Lisboa o famoso D. Antonio de Oquendo com uma armada de vinte navios, a 5 de Maio. Trazia soccorros para Parahiba, Pernambuco e Bahia, e na volta deveria comboiar as embarcações carregadas de assucar para o Reino. Procurou primeiramente a Bahia, como si quizesse dar tempo de prepararem-se aos Hollandezes. Estes, apenas souberam da sua vinda, despediram com o mesmo destino uma armada mandada por Adrian Pater.

Deu-se o encontro nas alturas dos Ilhéos, quando Oquendo demandava já Pernambuco, a 12 de Setembro; actos de heroismo houve de parte a parte; o almirante batavo sepultou-se nas ondas com a capitanea; o resultado ficou indeciso, isto é, a Companhia das Indias continuou dominando no mar. Com Oquendo vieram e continuaram no Brasil Duarte de Albuquerque, dona-

tario de Pernambuco, admiravel historiador desta guerra, desde o desembarque do Pau-Amarello até o assalto da Bahia por Nassau (1630 - 1638), e João Vicente de San Felice, conde de Bagnoli, que já aqui estivera com D. Fadrique de Toledo. Depois do combate dos Ilhéos o inimigo incendiou Olinda, desesperado de fortifica-la efficazmente, e concentrou-se no Recife.

Até aqui sahiram frustrados todos os esforços da Companhia para romper o circulo de ferro em que a envolvera Mathias de Albuquerque; apenas fundára na ilha de Itamaracá o forte de Orange. Começa agora a sorrir-lhe a sorte. A 20 de Abril de 32 passou para seu lado Domingos Fernandes Calabar, mulato natural de Porto-Calvo, aonde tinha mãi e alguns parentes. Segundo se pode concluir das poucas e suspeitas noticias encontradas a seu respeito nos escriptos contemporaneos, Calabar exercia a profissão de contrabandista, nem de outro modo se podem explicar os roubos feitos á fazenda real de que o accusam os nossos, pois não deviam ter andado dinheiros publicos por suas mãos; para professar o contrabando assignalavam-no a audacia, a presença de espirito, a fertilidade de invenções, o profundo conhecimento das localidades. Era o unico homem capaz de se medir com Mathias de Albuquerque, e como tinha sobre este a vantagem de dispôr do mar, desfechou-lhe os golpes mais certeiros. Qual movel o levou a abandonar os compatriotas, nunca se saberá; talvez a ambição, ou a esperança de fazer mais rapida carreira entre estranhos, tornando-se pela singularidade de seus talentos indispensavel aos novos patrões ou, talvez, o desanimo, a convicção da victoria certa e facil do invasor.

Entre os feitos mais notaveis inspirados por Calabar contam-se o ataque ao Igaraçú, varias incursões ao rio Formoso, a occupação de Afogados, séria ameaça ao arraial do Bom-Jesus, entradas por Alagôas, a tomada de Itamaracá e Rio-Grande. Estes ultimos successos deixavam bem iniciada a conquista da Parahiba, agora mera questão de tempo. Em fins de Fevereiro de 34, uma armada para lá se dirigiu, e durante dois dias não cessaram combates; tratava-se, porém, de simples diversão: a verdadeira mira era, como se verificou logo no começo de Março, o cabo de Santo Agostinho. Neste porto desembarcavam os soccorros vindos da Bahia; ali embarcavam os fructos da terra destinados ao commercio; apossar-se delle era sinão impossibilitar de todo, pelo menos paralysar qualquer resistencia ulterior.

O inimigo dividiu o ataque em tres armadas, uma de treze, outra de onze navios, outra composta de lanchas com mil homens encabeçados por Calabar.

Graças a seu conhecimento da localidade, os Hollandezes entraram no porto e fortificaram-se no pontal. Um ataque violento dirigido contra elles, e começado sob os melhores auspicios, fracassou devido ao panico. Uma fortaleza nossa collocada no monte provou de pouca efficacia. Mathias de Albuquerque conseguiu apenas transportar para aqui as companhias de emboscada, os ataques permanentes, o cerco insuperavel. O arraial passava agora ao segundo plano: heroismo sobraria sempre ali; o cabo de Santo Agostinho reclamava a effervescencia do general.

Com os auxilios recebidos de fresco, o inimigo dirigiu-se depois para a Parahiba sob o commando de

Sigismundo von Schkopp. Governava a praça Antonio de Albuquerque, filho do conquistador do Maranhão, que bem mostrou não desmerecera o sangue paterno. Foi-lhe, porém, impossivel impedir o desembarque do inimigo a 4 de Dezembro. Os soccorros, idos por terra, de Pernambuco, chegaram tarde. Os fortes foram capitulando; vespera de Natal a cidade estava em poder da Companhia. Antonio de Albuquerque ainda tentou fundar um arraial á semelhança do do Bom-Jesus; não encontrou companheiros; os que não se quizeram sujeitar ao dominio estrangeiro emigraram com elle para Pernambuco, e foram batalhar com Mathias.

No fim de cinco annos o invasor mandava desde o Rio-Grande até o Recife; agora resistiam-lhe apenas o arraial e o forte de Nazareth no cabo de S. Agostinho. Artichofsky desde Parahiba marchou por terra a apertar o cerco do arraial; Sigismundo von Schkopp seguiu do Recife para Guararapes a apertar o cerco de Nazareth. Mathias de Albuquerque, deixando-o entregue a soldados de confiança, transferiu-se a Serinhaen, para de lá organisar e mandar os soccorros. Por terra, por mar, em caravelas, em jangadas, pelos caminhos mais defesos soccorreu os companheiros emquanto poude; mas a resistencia tem limites: "Afinal faltou o que tudo rende, que é o sustento, e não já de rocins, que isto seria regalo, mas de couros, cachorros e gatos e ratos, — escreve Duarte de Albuquerque. E quando d'isto houvesse o necessario, já não havia polvora nem outra munição. Não é de admirar, pois, que se perdesse, não por certo; o admiravel é que em tal estado o sustentasse o gover-

nador André Marin com seus capitaes tres mezes e tres dias". Á rendição do arraial em 3 de Junho seguiu-se a do forte de Nazareth a 2 de Julho de 635. "Al sahir nuestra gente cayeran algunos soldados muertos de que parece los sustentava vivos el no moverse".

Bagnoli tinha-se retirado antes para Alagôas, e Mathias de Albuquerque foi reunir-se a elle com duzentos soldados de linha, menos de cem de emboscada, e alguns indios. A 3 abalou de Serinhaen este exodo dos que não desesperavam.

"Iam sessenta indios com seus capitães Antonio Cardoso e João de Almeida, ambos bem valentes, descobrindo adiante os caminhos e bosques, por serem nisto tão praticos, como quem havia nascido nelles. Seguiam-nos os capitães D. Fernando de la Riba Aguero, Affonso de Albuquerque, D. Pedro Taveira Souto Mayor, Francisco Rabello, Luiz de Magalhães, Leonardo de Albuquerque.

"Logo succediam os moradores que se iam retirando, e levavam duzentos carros. Atraz d'estes os capitães Martim Ferreira, João de Magalhães, D. Pedro Marinho, Manoel de Sousa e Abreu, Rodrigo Fernandes, D. Gaspar de Valcaçar e Paulo Vernola. Era retaguarda o capitão-mór dos indios Antonio Philippe Camarão, com oitenta dos seus, armados de mosquetes e arcabuzes". Confiavam-se a indios os postos de maior perigo ! Precisam de outra justificativa os esforços de Nobrega ?

O caminho mais praticavel passava em Porto-Calvo, occupado pelo inimigo. Mathias de Albuquerque, para facilitar a passagem, teria de ataca-lo;

sua resolução tornou-se inflexivel quando soube da chegada de Calabar com um reforço de duzentos soldados. Mandou adiante a gente imbelle. O combate começou a 12 de Julho e continuou nos dias seguintes. A 19 o inimigo propoz capitular. Os sitiantes, sem os indios, eram apenas cento e quarenta; o inimigo, além de Picard, chefe hollandez, e numerosos officiaes, contava trezentos e sessenta homens. Foram desarmados e logo mandados aos pequenos troços para Alagôas, afim de não conhecerem a insignificancia da força atacante e romperem o pacto á ultima hora. De todos Mathias de Albuquerque reservou para a justiça real o Domingos Fernandes Calabar. No dia 22, "strangulatus jugulo defectionem expiavit et dissectos artus infidelitatis ac miseriæ suæ testes ad spectaculum reliquit".

Desde muito annunciava-se a chegada de nova e mais forte frota espanhola com soccorros. Mathias de Albuquerque deixara em diversos pontos do littoral pessôas fieis incumbidas de darem noticias da terra aos navegantes e fornecerem-lhes indicações sobre o ponto mais conveniente para o desembarque. Devia partir em Março, depois em Maio, só partiu em 7 de Setembro. Reunidos em Cabo-Verde os navios espanhoes e portuguezes, commandados aquelles por D. Lope de Hozes y Cordova, estes por D. Rodrigo Lobo, decidiram aproar a Pernambuco.

A 26 de Novembro avistaram Olinda, e logo em frente ao Recife surtas nove naus do inimigo, carregadas de assucar, pau brasil, tabaco, algodão e gengibre, de partida para a Hollanda, cada uma com cinco ou seis homens apenas a bordo. Resolveu-se ataca-las,

mas o almirante espanhol, a pretexto de suas naus serem de maior calado, deu contra-ordem. Nem ao menos se deteve um pouco á espera de algum mensageiro de terra.

Sigismundo ante o apparelho bellico julgou-se perdido, mas a viração soprava de Nordeste, as aguas corriam para o Sul, e era agradavel entregar-se ás seducções da corrente. No cabo de S. Agostinho um jangadeiro, desfraldando a vela, poude communicar o recado: deitassem a gente no rio Serinhaen, mandassem um navio buscar Mathias de Albuquerque! As duas armadas entregaram a solução ao vento e ás aguas; ao anoitecer de 28 ancoravam em Alagôas.

Vinham a bordo Pedro da Silva, nomeado successor de Diogo Luis de Oliveira no governo geral do Brasil, Luiz de Rojas y Borja, successor de Mathias de Albuquerque. Devia este recolher-se ao Reino; Duarte de Albuquerque continuaria no governo politico da sua capitania; a Diogo Luis de Oliveira commettia-se a reconquista de Curaçáo, antes de voltar para o Reino.

Mathias informou largamente a Rojas y Borja do estado de cousas. Em summa, a situação não era desesperada; urgia desandar o caminho percorrido, voltar para o Norte, inquietar, expulsar o inimigo. Calaram estes conselhos: D. Luis poz-se a caminho de Pernambuco e apossou-se de Porto Calvo, occupado pelo inimigo apenas os nossos proseguiram para o Sul, depois da execução de Calabar. Teria forças para continuar as tradições e estaria á altura do seu heroico antecessor? Na batalha de Mata Redonda (18 de Janeiro), um mosquetaço na perna derrubou-o do ca-

vallo, outro no peito levou-lhe a vida, aos cincoenta annos de idade. Pelas vias de successão assumiu o commando supremo o conde de Bagnoli, velho militar muito difficil de se julgar com justiça. Nossos escriptores tratam-no sempre com menosprezo, cobrem-no de apodos, negam-lhe até a virtude elementar da coragem individual. Constitue uma excepção apenas Duarte de Albuquerque, sempre discreto e circumspecto, mas sente-se que não expõe todo o seu pensamento. De Bagnoli, si alguma linha já foi publicada relativa ao periodo hollandez, anda perdida em alguma collecção escura: não sabemos como se defenderia dos accusadores. Em todo caso uma honra lhe cabe: nunca desesperou.

Bagnoli assignalou seu commando pelo emprego de companhistas, aventureiros destemidos, que iam até as barbas do inimigo, aprisionando, degolando gente, jarreteando gado, si não podiam conduzi-lo, queimando os cannaviaes, os assucares, o pau brasil, os engenhos. Alguns avançaram até as fronteiras da Parahiba. Era sempre o pensamento de Mathias de Albuquerque: a conquista nunca seria facto consummado. Algum tempo Bagnoli pensou em mover-se para o Norte e fortificou ligeiramente o passo do rio Una, seis leguas ao Sul de Serinhaen. Talvez contribuisse a animal-o nesta iniciativa tão estranha á sua maneira habitual a presença de Duarte de Albuquerque. Com este avanço os Hollandezes abandonaram Paripuera e Barra Grande.

Tomado o arraial do Bom-Jesus, occupada a fortaleza de Nazareth, a Companhia das Indias Occidentaes achou a occasião propria para nomear um governador geral, como lhe permittia seu regimento.

Escolheu João Mauricio, conde de Nassau-Siegen, membro da familia de Orange, e confiou-lhe interinamente o cargo por cinco annos. A 27 de Janeiro de 637 aportou Nassau a Pernambuco, onde deveria permanecer um octennio. Em sua companhia ou logo depois vieram consideraveis reforços. Tratou sem demora de retomar Porto-Calvo. Do Recife partiram ao mesmo tempo trinta navios com dois mil infantes mandados por Artichofsky, que a 12 de Fevereiro fundearam em Barra-Grande, e o proprio Nassau com Sigismundo, levando tres mil soldados e quinhentos indios, que incolumes passaram o rio Una, já desguarnecido por Bagnoli.

Reunidos apresentaram-se a 17 diante do povoado; a 18 travaram um combate de que a nossa gente não sahiu com o melhor partido; a 20 subiram lanchas pelo rio das Pedras, conduzindo artilharia e material; com o canhoneio, respondido sempre galhardamente, baquearam os parapeitos do forte de Porto-Calvo, misturando terra nos mantimentos; a 5 de Março a falta de viveres obrigou Miguel Giberton, commandante da praça, a render-se.

Na noite de 18 de Fevereiro, depois de mandar Alonso Ximenes com parte da força pelo caminho da praia, escoltando a gente que se queria retirar para Alagôas, Bagnoli tomou o mesmo destino pelo interior. A 25 chegava á villa de Magdalena, onde não julgou prudente demorar. A 10 de Março continuou a marcha e a 17 chegava á villa de S. Francisco, recentemente erigida pelo donatario na margem esquerda do rio, a meia distancia entre a barra e a região encachoeirada. Duarte de Albuquerque aconselhou-lhe

fortificar-se no rio Piaguy, para resistir ao inimigo, caso avançasse por terra; tão pouca attenção prestou a este como antes ao conselho de fortificar efficazmente o passo do Una. Em ambos os casos ao inimigo não se depararam tropeços.

A 18 Bagnoli fez os terços napolitano e castelhano atravessarem o rio para a capitania de Sergipe; a 19 passou parte do terço de Portugal, a 26 passou o resto; a 27 chegaram os Hollandezes á villa e acharam-na vasia. Com a confusão, muitos dos retirantes ficaram prisioneiros, salvaram-se outros perdendo todos os haveres. No local abandonado por Bagnoli resolveu Nassau construir um forte chamado Mauricio: lá existe hoje a cidade de Penedo. Sigismundo foi incumbido da construcção e do commando. Nassau voltou para Pernambuco.

A 31 de Março Bagnoli chegou a S. Christovão. Por sua ordem diversos companhistas atravessaram para Alagôas, ora acima, ora abaixo do forte, fazendo suas costumadas façanhas. Trouxeram tambem a noticia de uma invasão planejada no forte Mauricio contra Sergipe, no intento de arrebanhar as numerosas manadas de gado, e vingar-se dos audazes que não deixaram os Hollandezes socegados em suas novas conquistas. De facto, a 17 de Novembro Sigismundo chegou a S. Christovão, já deserta, a 25 de Dezembro queimou a cidade e retirou-se para o outro lado do rio.

A 14 de Novembro, sabendo da entrada do inimigo pelo territorio sergipano, Bagnoli proseguiu para a Bahia, com grande pezar e indignação dos emigrados da Parahiba e Pernambuco, que haviam começado suas roças; a 24 chegou á torre de Garcia d'Avila, onde

recebeu ordem do governador geral para se deter. Com alguns companheiros encaminhou-se a 15 de Dezembro para a cidade do Salvador a avistar-se com Pedro da Silva, governador geral do Estado. Receoso de proximo ataque dos hollandezes contra a capital do Brasil, vinha lembrar a conveniencia de estabelecer-se com sua gente na antiga povoação de Pereira, onde poderia com suas forças auxiliar a resistencia.

Nem Pedro da Silva, nem o povo acreditaram na imminencia de tal perigo, ninguem queria a soldadesca na visinhança. Concordou-se que permaneceriam na Torre e, contrariado embora, Bagnoli submetteu-se. Em breve, porém, seus companhistas trouxeram noticia de que Nassau preparava uma expedição destinada a tomar a Bahia e, apesar de pactuado, marchou para Villa-Velha a 14 de Março de 38.

Prisioneiros feitos por Sebastião Souto, chegados ao acampamento em 8 de Abril, dissiparam as ultimas duvidas. A 16 numa forte armada Nassau entrava de facto pela bahia de Todos os Santos, com tres mil e quatrocentos soldados europeus e mil indios, e desembarcou em Itapagipe.

Nos dias seguintes apossou-se de alguns fortes, construiu trincheiras e baluartes, despejou artilharia contra partes da cidade. A continuação correspondeu mal a tão brilhante estréa: as tropas de Bagnoli e a guarnição, deixadas de parte rivalidades mesquinhas, bateram-se com enthusiasmo; a população, a principio tumultuaria e desconfiada, acreditou por fim na bravura e capacidade dos defensores; embarcações veleiras traziam sem cessar farinha de Camamú; entrou abundante gado de Itapicurú e do Real; emboscadas repe-

tidas faziam prisioneiros pelos quaes se ficava a par de todos os passos do inimigo; realisaram-se sortidas felizes. Na noite de 25 para 26 de Maio Mauricio de Nassau encerrou as seis semanas de carnificina, embarcando furtivamente para o Recife, não com tanta festa como se promettia, nem com tanto contentamento como desejava.

A victoria foi conhecida na peninsula quando se preparava uma forte armada restauradora, composta de trinta e tres navios, commandada por D. Fernando Mascarenhas, conde da Torre. Partiu de Lisboa a 7 de Setembro; depois de damnosa demora no pestilencial clima do Cabo-Verde, passou á vista do Recife em 23 de Janeiro de 39, sem, tão pouco, como as duas que a precederam, ousar ataca-lo, e seguiu para a Bahia. Nassau aproveitou o aviso, e no praso de quasi um anno pelo almirante portuguez proporcionado, melhorou as fortificações, organisou um serviço de informações rapidas e apparelhou uma esquadra.

Só a 19 de Novembro a armada restauradora partiu da Bahia em demanda do Norte, já então elevada a oitenta e seis embarcações com onze a doze mil homens. A situação de Nassau era approximadamente a de Mathias de Albuquerque dez annos antes, com a grande vantagem de possuir a força naval que faltava áquelle.

O conde da Torre poderia desembarcar nas proximidades de Santo Agostinho ou Serinhaen; preferiu abordar o Pau-Amarello. Não lho permittiu a vigilancia do inimigo. Appareceu depois a armada hollandeza; entre a ponta de Pedras, o ponto mais oriental do continente americano, e Cunhaú, na costa do

Rio-Grande, renhiram-se combates a 12, 13, 14 e 17 de Janeiro de 40. Apenas cerca de mil soldados nossos lograram tomar terra na ponta do Touro, donde Luis Barbalho, por entre inimigos e pelo sertão, novo Xenofonte, levou-os heroicamente á Bahia. Já o precedera por via maritima com os destroços que poude salvar o conde da Torre, acompanhado do velho Bagnoli, que não tardou a fallecer. O resto da esquadra dispersara-se em varias direcções.

Os Flamengos soffreram grandes perdas; alguns de seus officiaes portaram-se covardemente e foram executados; mas a victoria coube ás suas armas e sua posição consolidou-a mais do que nunca.

Podemos deixar em silencio varios feitos navaes dos Hollandezes e numerosas incursões dos companhistas occorridos em seguida; outro successo reclama de preferencia a attenção. A 1 de Dezembro de 640 Portugal declarou-se independente da Espanha, acclamou rei o duque de Bragança, tratou pactos de amizade com os adversarios da monarchia espanhola. A 12 de Junho de 41 concluiu com a Hollanda um tratado de alliança offensiva e defensiva na Europa, e nas colonias uma tregua de dez annos, que devia vigorar para os dominios da Companhia das Indias Orientaes um anno depois da ratificação do tratado, e nos da Companhia das Indias Occidentaes apenas a noticia de haver sido ratificado fosse transmittida officialmente. Esta clausula pouco lisa deve ter sido lembrada pelos Portuguezes, na esperança de melhorarem a situação durante o intersticio; de outro modo não se explica terem demorado a ratificação até 18 de Novembro. Em Fevereiro de 42 os Estados Geraes or-

denaram ás duas companhias cumprissem fielmente o pactuado.

Governava na Bahia, como primeiro vice-rei do Brasil, D. Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão, quando chegou a noticia dos successos de Portugal. Suas medidas previdentes inutilisaram a pequena guarnição espanhola; todos os magnatas adheriram á independencia de Portugal e á acclamação do Bragança, e o resto do paiz acompanhou-os, mesmo a capitania de S. Vicente, onde havia muitas familias de estirpe castelhana.

O vice-rei communicou a novidade a Mauricio de Nassau, que a recebeu contente e celebrou-a com festas. O inimigo tradicional era o espanhol; tudo de contrario a este resultava em proveito das Provincias-Unidas. As relações melhoraram ainda com a noticia do tratado de 12 de Junho; como, porém, a ratificação se demorasse, Mauricio ampliou os dominios da Companhia no Maranhão e na Africa.

Os últimos annos do seu governo cabem em poucas palavras. Da obra do administrador nada sobrevive; seus palacios e jardins consumiram-se na voragem de fogo e sangue dos annos seguintes; suas collecções artisticas enriqueceram varios estabelecimentos da Europa e estão estudando-as os americanistas; os livros de Barlaeus, Piso, Markgraf, devidos a seu mecenato, attingiram uma altura a que nem-uma obra portugueza ou brasileira se póde comparar, nos tempos coloniaes; parece mesmo terem sido pouco lidos no Brasil apesar de escriptos em latim, a lingua universal da época, tão insignificantes vestigios encontramos delles.

A cidade Mauricéa não guardou seu nome, mas prosperou e conserva sua memoria. Com o titulo de desforra, legado, vingança ou coisa similhante, de Mauricio de Nassau, poderia um amante de phantasias historicas interpretar a guerra dos Mascates adiante narrada, e não precisaria de esforço maior do que o empregado para transformar Domingos Fernandes Calabar em patriota e vidente. A origem principesca de Mauricio lisongeou os colonos e tornou-lhes mais repugnantes os outros governadores, simples burguezes, meros dependentes da Companhia. Elle proprio preveniu disto os successores, ao entregar-lhes o mando.

Frei Manuel Calado, que o conheceu e frequentou, apresenta-o como fidalgo de raça, capaz de sentir uma injustiça e repara-la, amante de festas e esplendores, inclinado a farças nem sempre do gosto mais delicado, admirador das bellezas tropicaes, isento da preoccupação de voltar a terras mais civilisadas. Em limpesa de mãos ficou infinitamente abaixo de Mathias de Albuquerque: está provado o seu conluio em contrabandos com Gaspar Dias Ferreira, que, como era natural, logrou-o no ajuste das contas, feito em Hollanda quando o principe já não governava.

A' partida de Mauricio de Nassau, em Maio de 644, seguem-se dez annos profundamente agitados.

Dos emigrados com Mathias de Albuquerque alguns tinham voltado para as antigas propriedades e procuravam reconstituir sua antiga abastança. O regimen hollandez era duro, as estorsões continuas; mesmo si Nassau fosse o justiceiro, em que pretendem

transfigura-lo, não tinha braço bastante longo e bastante forte para amparar todas as victimas.

Os invasores desarmaram a população rural, preferindo deixa-la entregue ás devastações inclementes de companhistas a ter de se preoccupar algum dia com qualquer tentativa de insurreição.

Como poderia reagir?

O foco do irredentismo, entretanto, lavrava na Bahia.

Norteiros emigrados e reduzidos á miseria, bahianos cujos engenhos devastaram tantas vezes as expedições maritimas dos Flamengos, alimentavam profundo rancor contra os seus malfeitores; padres e frades espoliados e expulsos irritavam a consciencia religiosa. O successor de Montalvão, Antonio Telles da Silva, tão abrasado catholico que quiz fundar e dotar á sua custa um Santo Officio para o Brasil, a exemplo de Goa onde estivera, não podia supportar herejes na visinhança.

Ainda no tempo de Nassau a religião catholica gosava de tolerancia embora limitada e instavel. Com sua partida protestantes e judeus ultrajavam a toda hora as crenças da população indigena. Por isso o primeiro titulo assumido pelos chefes dos insurgentes foi o de governadores da liberdade divina: em linguagem moderna tanto valeria dizer da liberdade de consciencia.

Da Bahia devia partir a iniciativa contra o Flamengo, pois só de lá podiam sahir o armamento, os officiaes, a gente de guerra, em torno da qual se adensassem os Pernambucanos bisonhos; precisava-se, en-

tretanto, de um chefe em Pernambuco, para o esforço não ficar perdido nos primordios.

Um só homem havia ali capaz de assumir esta res-responsabilidade, si quizesse: João Fernandes Vieira. Natural da ilha da Madeira, passara aos onze annos para aquella capitania, batera-se ao lado de Mathias de Albuquerque, e foi um dos prisioneiros do arraial do Bom-Jesus, em Junho de 635. Preferiu ficar com os Hollandezes, depois da rendição, e a sorte protegeu-o. Adquiriu a maior fortuna da terra. Os compatriotas respeitavam-no, e elle os ajudava e protegia liberal e generosamente. Conciliou igualmente as graças dos invasores. Por que artes explica-o no seu testamento: "Tambem me são devedores (os Flamengos) de mais de cem mil cruzados, que no decurso de oito ou nove annos lhes dei por remir minha vexação e por segurar a vida de suas tyranias, de peitas e dadivas a todos os governadores e seus ministros e com grandiosos banquetes que ordinariamente lhes dava pelos trazer contentes".

A' primeira vista ninguem menos proprio para o papel de heroe e libertador. Entretanto, Vidal de Negreiros, parahibano que começou a se distinguir com Mathias de Albuquerque, e official da guarnição da Bahia, sondou o espirito de Vieira e achou-o disposto á empreza. Notou, porém, a falta de munições, de armamento, de gente entendida em guerra para o levante não degenerar em manifestação esteril; para supprir todas estas faltas precisava-se de tempo e de soccorros estranhos. De facto foi-se fazendo tudo com as maiores precauções possiveis. Apesar de todas as cautelas, os Hollandezes tiveram noticias vagas dos preparativos, admira, até, que as tivessem tão tarde, quando o

segredo andava por tantas bocas, e mandaram duas embaixadas a Antonio Telles queixando-se dos bahianos que fomentavam a revolução nas possessões dos recem-alliados.

Um dos embaixadores, D. von Hoogstraten, comprometteu-se a trahir os patrões, entregando o forte de Nazareth de seu commando quando lhe fosse exigido.

Por occasião da segunda embaixada, Camarão e seus indios, Henrique Dias e seus negros, de accôrdo com o governador da Bahia, a convite de Vieira tinham passado para o lado de Pernambuco. Peguem-nos e castiguem-nos como merecem, intimava Antonio Telles aos agentes da Companhia das Indias Occidentaes, desde que não poude mais negar a sua ausencia. E quando a gente de Vieira começou a se agitar, mandou embarcados dois terços da força paga sob o mando do velho Martim Soares Moreno e do ardente Vidal de Negreiros, a pretexto de conterem os rebeldes. Os dois mestres de campo a 28 de Julho de 45 desembarcaram proximo de Serinhaen; logo a 4 de Agosto rendeu-se-lhes o forte hollandez ali situado; a 3 de Setembro Hogstraten entregou-lhes o forte do Pontal, como tratara.

Para se ajuizar da importancia deste ponto basta lembrar que Mathias de Albuquerque nunca mais assistiu no arraial do Bom-Jesus depois de tomado o Pontal. Assim a restauração começava por onde findara a conquista. O exito dos terços bahianos seria maior si o Flamengo não destruisse a esquadrilha de Serrão de Paiva em que tinham vindo até Serinhaen, e si Salvador Corrêa collaborasse com sua armada, como lhe foi mandado, para fechar o ataque do Recife por terra e por mar.

Desde Junho, antes de chegado o reforço da Bahia, a insurreição rebentara em Pernambuco. Com pouca gente, sem armamentos, sem munição, Vieira devia empenhar-se sobretudo em não se encontrar com o inimigo. Isto conseguiu graças ás medidas cautelosas anteriormente tomadas, ao requintado serviço de espionagem, apoiado no conhecimento das localidades. Só a 3 de Agosto houve o primeiro combate no monte das Tabocas, e a victoria ficou de nosso lado. Aos que censuram as hesitações de Vieira, suas delongas á espera de Camarão e Henrique Dias, sua insistencia por soccorros da Bahia, basta lembrar um facto: na batalha das Tabocas muita gente combateu ainda de páu tostado e foice por falta de espingarda.

Uma das vantagens da victoria foi proporcionar armas de fogo e munições tiradas aos inimigos mortos. A tomada da Casa-Forte em 16 de Agosto propagou o incendio. Com a rendição de Serinhaen e do Pontal a Martim Soares e André Vidal, insurgiu-se o Sul até o rio de S. Francisco e a situação voltou ao que era em começos de 35. As forças bahianas, mandadas a pretexto de pacifica-los, reuniam-se sem rebuço aos insurgentes.

Formou-se logo um arraial á margem direita do Capibaribe, e deram-lhe o nome de arraial Novo do Bom-Jesus. D'aqui partiram ataques incessantes contra a gente do Recife. Uma fortaleza no continente, a força do Asseca, sobretudo causava-lhe grandes estragos. Lembrou-se Sigismundo de repetir a tactica pela qual isolara o antigo arraial do forte de Nazareth e obrigara os dois a se renderem. Desta vez o plano mangrou: a batalha dos Guararapes (19 de Abril de 48)

terminou em derrota completa dos invasores, que deixaram o campo juncado de mortos e despojos. Uma compensação tiveram valiosa: a devastadora força de Asseca passou para seu poder e em seu poder persistiu até o fim da guerra.

Poucos dias antes da batalha dos Guararapes assumira o commando supremo dos pernambucanos o general Francisco Barreto de Menezes, mandado do Reino a este fim. O estado em que achou as cousas descreve assim um historiador destes feitos, arauto emphatico de Vieira: "Sem armas e soldados venceu (Vieira) o inimigo que o buscava com soldados e armas na batalha das Tabocas. Depois unido com o mestre de campo André Vidal de Negreiros ganharam a victoria ao Flamengo no engenho de D. Anna Paes, e nove fortalezas, com outros reductos e casas fortes; perto de oitenta peças de artilharia de diversos calibres, a maior parte de bronze; armas, munições e petrechos de guerra em tanta quantidade quanta bastou para sustentar a guerra viva em cinco annos continuos".

A' primeira seguiu-se a segunda batalha dos Guararapes, em 19 de Fevereiro de 49, com o mesmo resultado contrario aos Flamengos. Depois della não houve mais combates notaveis por terra nem por mar. A Companhia estava exhausta, apesar dos largos subsidios dados pelos Estados Geraes. Dentro em pouco estes não poderam mais auxilia-la, envolvidos em guerra contra a Inglaterra. Em compensação Portugal organisára uma companhia de commercio que appareceu na costa pernambucana por Dezembro de 53. Os patriotas puzeram-se de accordo com ella, como outr'ora a gente da Bahia com a armada de D. Fadri-

que de Toledo; o almirante portuguez desembarcou no rio Tapado, o primeiro ponto em que Weerdenburgh tentara o desembarque, e em Olinda combinou com os chefes pernambucanos a marcha a seguir.

Um a um foram cahindo os fortes hollandezes; a 26 de Janeiro de 54 assignava-se a capitulação da Taborda, e terminava esta guerra, levada quasi sem interrupções durante trinta annos.

O desfecho fôra previsto e publicado annos antes por Pierre Moreau, natural de Charolais, na Borgonha, que passara algum tempo entre os Hollandezes, em Pernambuco. Suas palavras patenteiam algumas das mais profundas causas do insuccesso da Companhia das Indias Occidentaes.

"Não ha apparencia, publicava em 1651, de que os Hollandezes possam nunca se restabelecer e restaurar no Brasil como eram antes, mesmo si sua frota derrotasse a dos Portuguezes; mesmo si lhes enviassem outro soccorro semelhante ao ultimo, apenas perderião homens e esgotarião seus thesouros, sem nada adiantar; porque o territorio que lhes resta desde o Ceará até a cidade de Olinda está inteiramente perdido e sem habitantes, as casas, povoados, aldeias ou villas, as proprias fructeiras queimadas e arruinadas, portanto seu estado inutil e sem proveito; e embora sejam senhores das fortalezas do Rio-Grande e Parahiba, as unicas que resistem com o Recife, para pouco prestam e dellas não podem tirar soccorros; os que se animam a reconstruir tijupás para cultivar a terra ou se aventuram a alguma distancia, são surprehendidos e mortos quando menos pensam pelos corsos ordinarios dos

Portuguezes, dos Tapuyas e dos Brasis bravos *(desunis)* que não têm dó de ninguem.

"Os Portuguezes têm bloqueado o Recife, por terra, de todos os lados, por meio da cidade de Olinda, do cabo de S. Agostinho, das fortalezas construidas em redor; são absolutos por toda a campanha fertil e abundante, e de todas as praças fortes, portos, abras e passagens desde o Recife até a outra extremidade do Brasil além do Rio de Janeiro. Todo o paiz que possuem é muito bem povoado, com gente de guerra numerosa, sabem subsistir e vivem do que a terra produz com abundancia, dispensam facilmente as producções da Europa, cousa impossivel aos Hollandezes, que aliás têm apenas soldados arrebanhados de diversas nações, comprados antes que escolhidos, de cuja fidelidade não podem estar seguros, improprios aos costumes e ao ar estranho do paiz, ignorantes dos desvios e das emboscadas dos logares. Ao passo que os Portuguezes em sua maioria ali nasceram, delle são originarios desde a quarta geração, são robustos, um mesmo povo, dos mesmos costumes e complexões, que se sustentam entre si, não deixam de valorisar e tirar proveito da terra, sabem-lhe até os minimos recantos, e basta-lhes esperarem os inimigos nas passagens para derrota-los".

Em outros termos, Olinda e Hollanda representavam o mercantilismo e o nacionalismo. Venceu o espirito nacional. Reinóes como Francisco Barreto, ilhéos como Vieira, masombos como André Vidal, indios como Camarão, negros como Henrique Dias, mamalucos, mulatos, caribocas, mestiços de todos os matizes combateram unanimes pela liberdade divina.

Sob a pressão externa operou-se uma solda, superficial, imperfeita, mas um principio de solda, entre os diversos elementos ethnicos.

Vencedores dos Flamengos, que tinham vencido Espanhoes, algum tempo senhores de Portugal, os combatentes de Pernambuco sentiam-se um povo, e um povo de heróes. Nesta convicção os confirmaram os testemunhos do reconhecimento official, os encarecimentos dos historiadores, como Manuel Calado e Raphael de Jesus, cujas obras foram logo publicadas, Diogo Lopes de Santiago, inedito até nossos dias, os sobreviventes das luctas, os herdeiros das tradições ligeiramente alteradas com o tempo. Um documento de 1703 resume taes sentimentos nos seguintes termos:

"Entre todas as nações do orbe são os Portuguezes os que se tem empenhado nas emprezas mais arduas e conseguido os maiores triumphos, tendo pelo mais heroico brasão a fidelidade e intimo affecto com que não só veneram mas adoram aos seus Principes naturaes: e sendo isto assi parece que em Pernambuco se souberam sinalar com maior ventaje, pois quando mais opprimidos, mais sujeitos e mais desemparados, sem favor e sem humana ajuda, desprezando aquelle trato que a continuação de tantos annos podera por familiar ter facilitado, e mais sabendo grangear os animos com liberal mão os hollandezes, desprezando tudo com soberano impulso, intentaram e conseguiram a mais illustre acção e digna de immortal fama, não só porque com invicto soffrimento supportaram o duro peso de toda a guerra, até se extinguir de todo a hostilidade, mas ostentando-se ainda mais generosos, nem um privilegio procuraram impetrar por serviço tão relevante,

havendo despendido por conseguilo todos os seus bens e ficando pobres; e assi sem mais premio que o interesse do glorioso nome de leaes vassallos, fidelissimos ao seu rei e amantissimos de sua patria, recuperada e isenta de alheio dominio lha restituiram como usurpada, sendo uma tão nobre parte da sua real coroa, a custa do caro preço de tantas vidas e de tanto sangue vertido, recuperando, o que é o mais, o culto ao sagrado que tão profanamente viram da heresia infestado tanto annos".

Passado o primeiro momento de enthusiasmo, os reinóes quizeram reassumir a sua attitude de superioridade e protecção. Data dahi a irreparavel e irreppримivel separação entre Pernambucanos e Portuguezes.

IX

O SERTÃO

A invasão flamenga constitue mero episodio da occupação da costa. Deixa-a na sombra a todos os respeitos o povoamento do sertão, iniciado em épocas diversas, de pontos apartados, até formar-se uma corrente interior, mais volumosa e mais fertilisante que o tenue fio littoraneo.

*

Podemos começar pela capitania de São Vicente. O estabelecimento de Piratininga, desde a era de 1530, na borda do campo, significa uma victoria ganha sem combate sobre a matta, que reclamou alhures o esforço de varias gerações. D'este avanço procede o desenvolvimento peculiar de São Paulo.

O Tietê corria perto; bastava seguir-lhe o curso para alcançar a bacia do Prata. Transpunha-se uma garganta facil e encontrava-se o Parahiba, encaixado entre a serra do Mar e a da Mantiqueira, apontando o caminho do Norte. Para o Sul extendiam-se vastos descampados, interrompidos por capões e até manchas de florestas, consideraveis ás vezes, mas incapazes de sustarem o movimento expansivo por sua discontinuidade. A Éste apenas uma vereda quasi intransitavel levava á beira-mar, vereda facil de obstruir, obstruida

mais de uma vez, tornando a população sertaneja independente das autoridades da marinha, pois um punhado de homens bastava para arrostar um exercito, e abrir novas picadas, domando as asperezas da serra, rompendo as massas de vegetação, arrostando a hostilidade dos habitantes, pediria esforços quasi sobrehumanos.

Sob aquella latitude, naquella altitude, fôra possivel uma lavoura semi-europea, de alguns, sinão todos os cereaes e fructos da peninsula. Ao contrario o meio agiu como evaporador: os paulistas lançaram-se a bandeirantes.

Bandeirantes eram partidas de homens empregados em prender e escravisar o gentio indigena. O nome provem talvez do costume tupiniquim, referido por Anchieta, de levantar-se uma bandeira em signal de guerra. Dirigia a expedição um chefe supremo, com os mais amplos poderes, senhor da vida e morte de seus subordinados. Abaixo delle com certa graduação marchavam pessoas que concorriam para as despezas ou davam gente.

Figura obrigada era o capellão. "Meu capellão sahiu para fóra estando eu para sahir para a campanha", escrevia Domingos Jorge Velho em Novembro de 1692, "mandei-o buscar; não quiz vir; de necessidade busquei o inimigo; sem elle morreram-me tres homens brancos sem confissão, cousa que mais tenho sentido nesta vida; peço-lhe pelo amor de Deus me mande um clerigo em falta de um frade, pois se não pode andar na campanha e sendo com tanto risco de vida sem capellão". Montoya fala nestes "lobos vestidos de pieles de ovejas, unos hipocritones, los cuales tienen por

oficio mientras los demás andan robando y despojando las iglesias y atando indios, matando y despedazando niños, ellos, mostrando largos rosarios que traen al cuello, lléganse á los padres (jesuitas espanhoes) pidenles confesión... y mientras están hablando de estas cosas van pasando las cuentas del Rosario muy aprisa".

Escravos serviam de carregadores. Compunha-se a carga de polvora, bala, machados e outras ferramentas, cordas para amarrar os captivos, ás vezes sementes, ás vezes sal e mantimentos. Poucos mantimentos. Costumavam partir de madrugada, pousavam antes de entardecer, o resto do dia passavam caçando, pescando, procurando mel silvestre, extrahindo palmito, colhendo fructos; as pobres roças dos indios forneciam-lhes os supplementos necessarios, e destruil-as era um dos meios mais proprios para sujeitar os donos.

Si encontravam algum rio e prestava para a navegação, improvisavam canôas ligeiras, faceis de varar nos saltos, alliviar nos baixios ou conduzir á sirga. Por terra aproveitavam as trilhas dos indios; em falta dellas seguiam corregos e riachos, passando de uma para outra banda conforme lhes convinha, e ainda hoje lembram as denominações de Passa-Dois, Passa-Dez, Passa-Vinte, Passa-Trinta; balisavam-se pelas alturas, em busca de gargantas, evitavam naturalmente as mattas, e de preferencia caminhavam pelos espigões. Alguns ficaram tanto tempo no sertão que "volviendo a sus casas hallaron hijos nuevos, de los que teniendolos ya a ellos por muertos, se habian casado con sus mujeres, llevando tambien ellos los hijos que habian engendrado en los montes", informa-nos Montoya. Os

jesuitas chamam a gente de S. Paulo mamalucos, isto é, filhos de cunhãs indias, denominação evidentemente exacta, pois mulheres brancas não chegavam para aquellas brenhas.

Faltam documentos para escrever a historia das bandeiras, aliás sempre a mesma: homens munidos de armas de fogo atacam selvagens que se defendem com arco e frecha; á primeira investida morrem muitos dos assaltados e logo desmaia-lhes a coragem; os restantes amarrados são conduzidos ao povoado, e distribuidos segundo as condições em que se organisou a bandeira. Nesta monotonia tragica os Cayapós introduziram mais tarde uma novidade: "a de nos cercar de fogo quando nos acham nos campos, a fim de que impedida a fuga nos abrasemos: este risco evitam já alguns lançando-lhe contrafogo, ou arrancando o capim para que não se lhe communiquem as suas chammas; outros se untam com mel de pau, embrulhados em folhas ou cobertos de carvão, por troncos verdes ou paus queimados".

A' parte geographica das expedições corresponde mais ou menos o seguinte schema: Os bandeirantes deixando o Tietê alcançaram o Parahiba do Sul pela garganta de S. Miguel, desceram-no até Guapacaré, actual Lorena, e dali passaram a Mantiqueira, approximadamente por onde hoje a transpõe a E. F. Rio e Minas. Viajando em rumo de Jundiahy e Mogy, deixaram á esquerda o salto do Urupungá, chegaram pelo Paranahiba a Goyaz. De Sorocaba partia a linha de penetração que levava ao trecho superior dos affluentes orientaes do Paraná e do Uruguay. Pelos rios que desembocam entre os saltos do Urubupungá e Guay-

rá, transferiram-se da bacia do Paraná para a do Paraguay, chegaram a Cuyabá e a Mato-Grosso. Com o tempo a linha do Parahiba ligou o planalto do Paraná ao do S. Francisco e do Parnahiba, as de Ceará e Mato Grosso ligaram o planalto amazonico ao rio-mar pelo Madeira, pelo Tapajós e pelo Tocantins.

As bandeiras no seculo XVI devastaram sobretudo o Tietê, cujos numerosos Tupiniquins de pressa desappareceram, e o alto Parahiba, chamado rio dos Surubis em Piratininga, segundo informa Glimmer; com o tempo foram-se alongando os raios do despovoamento e depredação, caracteristico essencial e inseparavel das bandeiras.

O movimento paulista para o sertão occidental chocou-se com o movimento paraguayo á procura do mar: Ciudad-Real, no Piquery, proximo do salto das Sete-Quedas, Villa-Rica, no Ivahy, datam da segunda metade do seculo XVI, antes do Brasil cahir sob o dominio da Espanha. Com estes colonos a gente de São Paulo cultivou a principio bôas relações; nas caçadas humanas foram ás vezes socios e alliados. Além disso a viagem por terra do Paraguay para a costa fazia-se mais facilmente procurando Piratininga, do que repetindo a incommoda travessia de Cabeza de Vaca. A harmonia entrava assim no interesse de ambas as partes. Só mais tarde houve conflictos e as duas povoações desappareceram.

Por 1610, jesuitas castelhanos partidos de Asuncion começaram a missionar na margem oriental do Paraná. Fundaram Loreto e San Ignacio, no Parapanema, e em compasso accelerado mais onze reducções no Tibagy, no Ivahy, no Corumbatahy, no Iguaçú. Transposto o

Uruguay, assentaram outras dez entre o Ijuhy e o Ibicuhy, outras seis nas terras dos Tapes, em diversos tributarios da lagoa dos Patos. De San Cristoval e Maria, no rio Pardo, poucas leguas os separaram agora do mar.

Esta catechese grandiosa não consistia simplesmente em verter as orações da cartilha para a lingua geral, faze-las repetir pela multidão ignara, submettendo-a á observancia machinal do culto externo. "Reducções — escreve um dos jesuitas contemporaneos que mais concorreram para avultarem — chamamos aos povoados dos indios, que vivendo á sua antiga usança, em matos, serras e vales, em escondidos arroios, em trez, quatro ou seis casas apenas, separados, uma, duas, trez e mais leguas uns de outros, os reduziu a diligencia dos padres a povoações grandes e a vida politica e humana, a beneficiar algodão com que se vistam, porque commummente viviam em nudez, ainda sem cobrir o que a natureza occultava".

Não se imagina presa mais tentadora para caçadores de escravos. Por que aventurar-se a terras desvairadas, entre gente boçal e rara, falando linguas travadas e incomprehensiveis si perto demoravam aldeamentos numerosos, iniciados na arte da paz, afeitos ao jugo da autoridade, doutrinados no *aba-nheen?*

Houve alguns salteios contra as reducções desde o seu começo, mas a energia e o sangue frio dos jesuitas contiveram os arreganhos dos mamalucos, que se retiraram proferindo ameaças. Para po-las em pratica precisavam, porém, da connivencia da gente de Asuncion. Isto conseguiram em fins de 1628, e muito concorreu para assegura-la Luis Cespedes Xeria, go-

vernador do Paraguay, casado em familia fluminense, senhor de engenho no Rio. Fez por terra a viagem para seu governo; esteve em Loreto do Pirapó, e Santo Ignacio de Ipãumbuçú, admirou as igrejas, "hermosísimas iglesias, que no las he visto mejores en las Indias que he corrido del Perú y Chile", e fez signal aos bandeirantes para avançarem.

A primeira das reducções invadidas, a de S. Antonio, demorava na margem direita do Ivahy; invadiram depois San Miguel, Jesus Maria, San Pablo, San Francisco Xavier, no Tibagy; as outras ainda mais depressa do que as aggremiara uma inspiração ideal foram successivamente destruidas pela furia devastadora. Restavam apenas as de Loreto e San Ignacio, no Parapanema; os jesuitas resolveram transplanta-las para abaixo do salto das Sete Quedas, entre o Paraná e o Uruguay, doloroso exodo cuja narrativa ainda hoje penalisa. Depois de devastadas as missões de Guayrá, os mamalucos passaram ás do Uruguay e dos Tapes.

A entrada em Jesus Maria, no rio Pardo, já em aguas da lagoa dos Patos, qual a descreve Montoya, dará idéa resumida dos processos empregados nestas expedições.

No dia de São Francisco Xavier (3 de Dezembro de 1637), estando celebrando a festa com missa e sermão, cento e quarenta paulistas com cento e cincoenta tupis, todos muito bem armados de escopetas, vestidos de escupis, que são ao modo de dalmaticas estofadas de algodão, com que vestido o soldado de pés a cabeça peleja seguro das setas, a som de caixa, bandeira tendida e ordem militar, entraram pelo povoado, e sem aguardar razões, acommettendo a igreja,

disparando seus mosquetes. Pelejaram seis horas, desde as oito da manhã até as duas da tarde.

Visto pelo inimigo o valor dos cercados e que os mortos seus eram muitos, determinou queimar a igreja, aonde se acolhera a gente. Por tres vezes tocaram-lhe fogo que foi apagado, mas á quarta começou a palha a arder, e os refugiados viram-se obrigados a sahir. Abriram um postigo e sahindo por elle a modo de rebanho de ovelhas que sae do curral para o pasto, com espadas, machetes e alfanjes lhes derribavam cabeças, truncavam braços, desjarretavam pernas, atravessavam corpos. Provavam os aços de seus alfanjes em rachar os meninos em duas partes, abrir-lhes as cabeças e despedaçar-lhes os membros.

Compensará taes horrores a consideração de que por favor dos bandeirantes pertencem agora ao Brasil as terras devastadas?

Apenas vagamente se conhece o caminho seguido nas bandeiras contra Guayrá, Uruguay e Tapes. Certamente Sorocaba, ultimo povoado, representava papel importante. Em canôas ou balsas feitas no planalto desciam os rios, e uma ou outra que garrava servia de aviso do perigo imminente ás reducções; eram, pois, viagens mixtas. A' volta, as jornadas deviam ser inteiramente por terra; de outro modo não poderiam trazer as chusmas de prisioneiros de colleira, amarrados uns aos outros.

Que destino davam a esta gente? Diz-nos Montoya que eram empregados em transportar nas costas para a marinha carne de vacca e porco; naturalmente carregariam sal na volta; outros passavam para o Rio, onde havia interessados nestas piratarias; outros fi-

nalmente juntavam-se nas fazendas dos administradores. Em campanha "las mujeres de buen parecer, casadas, solteras ó gentiles, el dueño las encerraba consigo en un aposento, con quien pasaba las noches al modo que un cabron en un curral de cabras".

O numero consideravel dos escravisados nas reducções jesuiticas manifesta-se na frequencia de Carijós, posteriormente encontrados nos logares mais distantes de sua primitiva assistencia: Carijós chamavam em São Paulo aos Guaranis. Estes indios, devidamente amestrados, serviam tambem para as conquistas de outros; eram o grosso das forças dos bandeirantes, cujo papel se limitava ao de officiaes.

Os successos dos Tapes provaram mais uma vez não haver remedio en Asuncion, Rio ou Bahia. Os missionarios esperavam ser mais felizes no alem-mar e embarcaram Antonio Ruiz de Montoya para Madrid, Francisco Dias Taño para Roma. Conseguiu este bullas e censuras fulminantes, trouxe aquelle as ordens mais precisas e encarecidas para as autoridades coloniaes. Tudo perdido. Conhecidas as lettras pontificias no Rio, alborotou-se a população, e a bulla ficou suspensa. A irritação propagou-se pela marinha e intensificou-se em serra acima. Defendidos por seu caminho inexpugnavel, os paulistas expulsaram os jesuitas que só voltaram annos depois, á força de negociações e concessões. Implantou-se, portanto, o systema seguido nas terras espanholas de encommendas ou administração dos indios; algumas encommendas por testemento couberam finalmente á Companhia de Jesus. Imagina-se mal neste figurino opportunista a consciencia heroica de Manuel da Nobrega.

Montoya conseguiu licença para apparelhar os indios com armas de fogo e adextra-los na arte militar. Em breve os bandeirantes perderam a superioridade; derrotados, procuraram conquitas mais faceis, na serra de Maracaju', no alto Paraguay, entre os Chiquitos, e por fim entre o gentio de corso, de lingua travada. Esta caçada não rendia tanto, as bandeiras foram perdendo parte dos primeiros attractivos e decahiram. Das reducções destruidas nunca mais se restabeleceram as de Guyará e dos Tapes; no Uruguay foram novamente fundados sete povos, mais tarde encorporados ao Brasil, como veremos.

Melhores serviços prestaram os paulistas na Bahia e ao Norte do rio S. Francisco. Em torno do Paraguaçú reuniram-se tribus ousadas e valentes, aparentadas aos Aymorés convertidos no principio do seculo, que invadiram o districto de Capanema, trucidaram os moradores e vaqueiros do Aporá, e avançaram até Itapororocas. Pouco fizeram expedições bahianas mandadas contra elles, e houve a idéa de chamar gente de São Paulo. Acudindo ao convite Domingos Barbosa Calheiros embarcou em Santos; na Bahia se dirigiu para Jacobinas, mas deixou-se illudir por Payayás domesticados, e nada fez de util. Acompanhando-o na jornada mais de duzentos homens brancos, raros tornaram do sertão.

Com este mallogro não admira se repetissem as incursões de Tapuyas, a ponto de a 4 de Março de 1669 ser-lhes declarada guerra e outra vez convidados paulistas para faze-la. Em Agosto de 71 chegou a gente embarcada, com cuja conducção a camara do Salvador despendeu mais de dez contos de réis. Eram

dois os chefes principaes, Braz Rodrigues de Arzão, e Estevão Ribeiro Bayão Parente. Fizeram de Cachoeira base das operações que duraram annos. Braz Rodrigues retirou-se depois de tomar, na margem esquerda do Paraguaçú, a aldêa do Camisão. Estevão Ribeiro guerreou sobretudo na margem direita, onde conquistou a aldêa de Massacará. Em paga dos serviços foi-lhe dado o senhorio de uma villa chamada de João Amaro, nome de seu filho. A villa, depois de vendida com as suas terras a um ricaço da Bahia, extinguiu-se; o eponymo ainda é lembrado nos catingaes bahianos.

A estas expedições maritimas succederam outras por via terrestre. Talvez a mais antiga fosse a de Domingos de Freitas de Azevedo, de quem apenas consta haver sido derrotado no rio São Francisco. Facilitaram estas entradas a abundancia de mattas no trecho superior do rio, as suas condições de navegabilidade dentro do planalto, o emprego de canoas. Paulistas houve que fizeram canoas e desceram para vende-las proximo do trecho encachoeirado, onde a escassez da vegetação tornava preciosa a mercadoria. Das expedições feitas pelo interior conhecemos as de Domingos Jorge Velho, Mathias Cardoso de Almeida, Moraes Navarro, todos empregados em combater os Paiacús, Janduys, Icós, nas ribeiras do Açú e do Jaguaribe. Domingos Jorge auxiliou a debellação dos Palmares, mocambo de negros localisado nos sertões de Pernambuco e Alagôas, que já existia antes da invasão flamenga e zombara de numerosas e repetidas tropas contra elle mandadas. Ficou assim livre todo o territorio

entre as mattas do cabo de Santo Agostinho e Porto Calvo.

Muitos dos paulistas empregados nas guerras do Norte não tornaram mais a S. Paulo, e preferiram a vida de grandes proprietarios nas terras adquiridas por suas armas: de bandeirantes, isto é despovoadores, passaram a conquistadores, formando estabelecimentos fixos. Ainda antes do descobrimento das minas sabemos que nas ribeiras do rio das Velhas e do S. Francisco havia mais de cem familias paulistas, entregues á criação de gado.

Conhecemos mal, para ajuizar della, a vida levada em São Paulo pelos bandeirantes recolhidos aos lares, pela gente rica e poderosa. O seguinte trecho de Pedro Taques só em parte supre a lacuna, pois refere-se a época posterior ás minas, o que altera em muito a situação.

"Na casa de Guilherme Pompeu de Almeida, celebrava-se annualmente a festa a 8 de Dezembro, com um oitavario de festa de missas cantadas, sacramento exposto e sermão a varios santos de sua especial devoção e se concluia o oitavario com um anniversario pelas almas do purgatorio, com officio de nove lições, missa cantada e sermão para excitar a devoção dos fieis ouvintes. De São Paulo concorria a maior parte da nobreza com os religiosos de maior autoridade das quatro communidades, Companhia de Jesus, Carmo, São Bento e São Francisco, e os clerigos de maior graduação. Era a casa do Dr. Pompeu naquelles dias uma populosa villa ou côrte pela assistencia e concurso dos hospedes. Para a grandeza do tratamento da casa deste heroe paulista, basta saber que havia para-

mentos para cem camas, cada uma com cortinado proprio, lençóes finos de bretanha, guarnecidos de rendas, e com uma bacia de prata debaixo de cada uma das ditas cem camas, sem pedir-se nada emprestado. Tinha, na entrada de sua fazenda, em Araçariguama, um portico, do qual até ás casas mediava um plano de 500 passos, todo murado, cujo terreno servia de pateo á igreja ou capella da Conceição.

Neste portão ficavam todos os criados dos hospedes, que ali se apeavam, largando esporas e outros trastes com que vinham a cavallo, e tudo ficava entregue a criados escravos, que para este politico ministerio os tinha bem disciplinados.

Entrava o hospede, ou só um, ou muitos em numero, e nunca mais nos dias que se demorava, ainda que fosse de uma semana ou de um mez, não tinha nenhum dos hospedes noticia alguma dos seus escravos, cavallos e trastes. Quando porém qualquer dos hospedes se despedia, ou fosse um ou muitos ao mesmo tempo, chegando ao portão cada um achava seu cavallo com os mesmos arreios, em que tinha vindo montado, as mesmas esporas, e os trastes todos, sem que a multidão de gente produzisse a menor confusão na advertencia daquelles criados, que para isto estavam destinados; os cavallos recolhiam ás cavallariças, onde tinham todo o necessario e milho, que é o que se dá diariamente no Brasil aos cavallos, principalmente na capitania de São Paulo... Esta advertencia era uma das acções de que os hospedes se aturdiam, por verem que nunca jámais, entre multidão de varias pessoas que diariamente concorriam a visitar e obsequiar dias e dias a Pompeu, experimentassem a menor falta, nem

ainda uma só troca de trastes. Foi profusa a mesa de Pompeu, pois que nella as iguarias de varias viandas se praticava com tal advertencia, que si depois de acabada ella e passadas algumas horas, chegassem hospedes, não havia a menor falta para banqueteal-os.

Por esta razão estava a ucharia sempre prompta. A abundancia de trigo nesta casa foi tanta que todos os dias se fazia pão, de sorte que para o seguinte já não servia o que tinha sobrado do antecedente; o vinho era primoroso e de uma grande vinha que com acerto se cultivava e supposto o consumo era sem miseria, sempre o vinho sobrava de anno a anno".

A vida do povo commum dizia mal com estes esplendores: a cángica, alimento da maioria da população, dispensava sal, porque este ingrediente não chegava para todos.

Os paulistas não se limitaram a passar de bandeirantes e conquistadores. Houve sempre alguma mineração em Iguape e Paranaguá: em maior numero ainda, entregaram-se a pesquisas mineraes a partir da era de 1670, depois que o monarcha portuguez appellou para seus brios. Antes da grande dispersão provocada pelos descobertos auriferos, a população grupava-se nas margens do Tietê e nas do Parahiba. Na ribeira do Tietê, Mogy das Cruzes, Parnahiba, Itú, Sorocaba; na do Parahiba, Jacarehy, Taubaté, Guaratinguetá precedem os descobertos. A maior densidade provavelmente notava-se no Parahiba, cujo valle estreitado á direita pela serra do Mar, á esquerda pela da Mantiqueira, produzia o effeito de condensador. Entretanto, a abundancia de villas não importa forçosamente população consideravel. Em terras de donatarios de-

viam facilitar as fundações o orgulho de poder juntar ao proprio nome o titulo de senhor de taes e taes villas e o interesse de nomear tabelliães & *).

Já neste tempo, Piratininga não se impunha como entrada unica do planalto: formaram-se grupos conjugados do sertão e da marinha: Paraty e Taubaté; S. Vicente, Santos, São Paulo, Mogy e quiçá Jacarehy, que pelo menos mais tarde, possuiu ligação directa com o littoral; Iguape, Paranaguá, São Francisco e Curitiba: esta ultima, apparentemente destinada a situação preponderante, attrahiu pouca população, e medrou precariamente emquanto não lhe deu vida o commercio de transito, principalmente de muares, procedentes do Sul.

Um escriptor anonymo dizia a respeito dos paulistas pouco depois de 1690: "Sua Magestade podia se valer dos homens de São Paulo, fazendo-lhes honras e mercês, que as honras e os interesses facilitam os homens a todo o perigo, porque são homens capazes para penetrar todos os sertões, por onde andam continuamente sem mais sustento que caças do mato, bichos, cobras, lagartos, fructas bravas e raizes de varios paus, e não lhes é molesto andarem pelos sertões annos e annos, pelo habito que têm feito daquella vida. E

(*) Segundo Azevedo Marques as villas do sertão de S. Paulo foram creadas nas seguintes datas, que entretanto precisam de revisão:

Mogy das Cruzes	3 de Setembro	1611
Parnahiba	14 de Novembro	1625
Taubaté	5 de Dezembro	1650
Jacarehy		1653
Jundiahy	14 de Dezembro	1655
Guaratinguetá	13 de Fevereiro	1657
Itú	18 de Abril	1657
Sorocaba	3 de Março	1661
Pindamonhangaba	10 de Julho	1705

supposto que estes paulistas, por alguns casos succedidos de uns para com outros, sejam tidos por insolentes, ninguem lhes póde negar que o sertão todo que temos povoado neste Brasil elles o conquistaram do gentio bravo que tinha destruido e assolado as villas de Cayrú, Boipeba, Camamú, Jaguaripe, Maragogipe e Peruaçú no tempo do governador Affonso Furtado de Mendonça, o que não poderam fazer os mais governadores antecedentes por mais diligencias que fizeram para isso.

Tambem se lhes não póde negar que foram os conquistadores dos Palmares de Pernambuco, e tambem se pódem desenganar que sem os paulistas com o seu genio nunca se ha de conquistar o gentio bravo que se tem levantado no Ceará, no Rio Grande e no sertão da Parahiba e Pernambuco, porque o genio bravo por serras, por penhas, por matos, por catinga só com o gentio manso se ha de conquistar e não com algum outro poder, e dos paulistas se deve valer Sua Magestade para a conquista de suas terras".

* *

Alexandre de Moura deixou Jeronymo de Albuquerque por capitão-mór do Maranhão; da capitania subordinada de Cumá encarregou Martim Soares Moreno; a do Pará, confiada a Francisco Caldeira de Castello Branco, ficaria independente, para evitar novos attritos entre os recentes rivaes. Capitão de entradas elegeu Bento Maciel Parente, reinol criado em Pernambuco, que estivera nas guerras da Parahiba e Rio-Grande, andara na jornada de salitre na Bahia, acompanhara D. Francisco de Sousa a São Vicente, e lá

assistira um triennio empenhado em minas e bandeiras, outro de sargento-mór em cinco villas do Sul.

Faltavam a Jeronymo de Albuquerque alguns requisitos para governar bem, na opinião insuspeita de Gaspar de Sousa; accusações lhe fizeram, bem graves si forem verdadeiras; algumas das recommendações de Alexandre de Moura parece ter descurado; mostrou-se mais proprio aos rompantes da guerra que ás artes da paz. Falleceu em Fevereiro de 1618 legando o cargo a seu filho Antonio de Albuquerque, assessorado por Bento Maciel e Diogo da Costa Machado. O joven de vinte e dois annos despresou os limites postos pelo pai á sua autoridade; quando, havendo preso aquelle, o governador geral impoz-lhe a assistencia do segundo, preferiu retirar-se para o reino. Substituiu-o no mando desde Abril de 1619 Diogo Machado; de suas mãos recebeu-o Antonio Muniz Barreiros em Maio de 1622, e occupou-o até Agosto de 1626.

Durante esta primeira decada, Bento Maciel fez diversas entradas aos rios Mearim e Pindaré, seguindo os exemplos e processos dos bandeirantes e construiu um forte no Itapicurú, bastante acima da barra. Outras entradas fez Francisco de Azevedo, o primeiro apenetrar nos sertões de Tury e Gurupy. O gentio de Cumá insurgiu-se apenas Martim Soares sahiu para o reino, urgido por antigas enfermidades. Sob seu successor Mathias, irmão de Antonio de Albuquerque, a guarnição portugueza foi quasi toda trucidada, e o levante extendeu-se quasi á ponta de Saparará. A devastação nos indios foi enorme; os jesuitas Manuel Gomes e Diogo Nunes, convictos da inutilidade de seus esforços em favor dos indigenas, procuraram as Indias

occidentaes; Fr. Christovão de Lisboa, chefe dos capuchos, viu desrespeitadas as leis mais explicitas e até as censuras.

No governo de Diogo da Costa Machado chegaram a São Luis algumas centenas de açorianos, engajados para povoadores. Nada encontraram feito para recebel-os, e padeceram as maiores privações e miserias. A immigração, iniciada sob fagueiras esperanças, não recobrou o alento originario com o livro de propaganda de Simão Estaço da Silveira.

No empenho de crear engenhos, o governo geral contractou a construcção de dois ou tres com Antonio Barreiros; a nomeação do filho para capitão-mór do Maranhão visava facilitar a execução do trato. Um engenho construiu Bento Maciel. A terra prestava-se bem á cultura da canna; braços podiam fornecer os indios sujeitos ás administrações usadas nas colonias espanholas e transplantadas por Bento Maciel; a difficuldade grande pendia dos transportes. Ficava proximo Pernambuco, o maior mercado do paiz, mas só se navegava para lá durante certa parte do anno, nas monções; a viagem terrestre pela costa, feita na estação das aguas, para escapar aos tormentos soffridos por Pedro Coelho quando tentou colonisar o Ceará, apenas poderia servir á passagem de escravos. Parece ter servido effectivamente: fala um contemporaneo na "grande quantidade de patacões que os moradores do Maranhão houveram pelo commercio com os de Pernambuco, enviando-lhes de quando em quando escravos".

Além da canna plantava-se algodão e fumo; o fio e o panno de algodão correram como moeda. Os navios partiam para o reino em Agosto ou Setembro.

As difficuldades de communicações maritimas entre o Maranhão e o resto do Brasil suggeriram a idéa de crear ali um estado independente. Isto se ordenou em 621. Começava no Ceará, proximo do cabo de São Roque, e ia á fronteira septentrional, ainda indefinida, do Pará. Francisco Coelho de Carvalho, primeiro governador, aportou a Pernambuco ao tempo da invasão hollandeza na Bahia. Deteve-o ali Mathias de Albuquerque; depois, sob varios pretextos, foi se deixando ficar; só em Agosto de 26 chegou a seu destino, levando Manuel de Sousa de Sá, capitão-mór do Pará, declarado agora dependente do estado do Maranhão.

Na capitania do Pará, Francisco Caldeira de Castello Branco, recebido amigavelmente pelo gentio, apanhara o primeiro pretexto para guerreal-o. A immensidade das aguas inspirou-lhe a adaptação de um supplicio medieval, que devia parecer novo e terrivel aos rudes filhos da natureza: amarrava o condemnado a diversas canoas, mandava remar em sentidos oppostos, até os membros despregarem do tronco. Seu genio rixento, já revelado em presença dos Francezes, malquistou-o com os compatriotas; cançados de atura-lo, depuzeram-no, metteram-no a ferros, e substituiram-no por Baltasar Rodrigues em Novembro de 618. Nem assim arrefeceu a sanha dos indios; o movimento de Cumá soldou-se ao do Pará. Teve-se de reclamar auxilio de Pernambuco; vieram soccorros sob as ordens de Jeronymo Fragoso, nomeado capitão-mór por D. Luis de Sousa, governador geral, com ordem, logo cumprida, de mandar presos Castello Branco, Rodrigues e outros cabecilhas. Castello Branco morreu na prisão do Limoeiro, em Lisboa.

Bento Maciel, que fôra a Pernambuco depois das questões com Antonio de Albuquerque, voltou com gente nova recrutada nas duas capitanias visinhas, e repetiu com maior furia suas costumadas façanhas. De Tapuytapera até dentro do Amazonas tamanhas foram suas devastações que Jeronymo Fragoso intimou-lhe cessasse as hostilidades; elle, porém, desrespeitou a intimação porque, sendo o commandante da guerra por investidura do governador geral, não estava subordinado ao capitão-mór do Pará. Fragoso falleceu logo; houve diversos pretendentes á successão; por fim sahiu nomeado Bento Maciel, que abriu um caminho terrestre para o Maranhão, ligando talvez o rio Capim ao Pindaré, como se tentou mais tarde, e governou quatro annos, até chegar Manuel de Souza de Sá, em 1627.

Franciso Caldeira fôra logo á chegada informado de viagens e fortalezas de inglezes e flamengos nas plagas amazonicas. No proprio anno da fundação de Belem, Pedro Teixeira aprisionou uma nau hollandeza, cuja artilharia serviu a reforçar a do Presepe. Os Inglezes preferiram a foz do rio e seu estabelecimento mais occidental assentava no Cajary; os Flamengos avançaram até o Xingú. Diversas expedições, em que se distinguiram Pedro Teixeira, Pedro da Costa Favella, Feliciano Coelho, Jacomo Raymundo de Noronha tomaram navios, fizeram muitos prisioneiros e arrasaram um a um todos os fortes. No assalto ao forte inglez de Philippe, gaba-se Noronha de haver tomado quatro peças de artilharia grossas e roqueiras e muitas armas, com a morte de oitenta e tres estrangeiros, o aprisionamento de treze, a des-

truição de todos os gentios confederados, "com que ficaram tão aterrorisados que nunca mais tiveram pazes com os estrangeiros.

A falta de indios amigos, fornecedores de fumo, algodão, urucú (anoto, em lingua cariba) e outras drogas, bastaria a dissuadir os entrelopos de novos commettimentos. Veiu ainda mais difficulta-los a fortaleza de Gurupá, estabelecida no local de um antigo forte hollandez, no começo do delta amazonico, excellente posto de observação para todos os movimentos da margem esquerda, obra avançada e complemento precioso do forte de Presepe na margem direita. O ultimo estabelecimento hollandez de que temos noticia tomou-o Sebastião de Lucena em 1646, no Mayacaré, junto ao cabo do Norte; os Inglezes já havia annos não appareciam. Ficou assim firmada a soberania de Portugal desde o cabo do Norte até á ponta de Saparará, e desassombrado de inimigos todo o baixo Amazonas.

No tempo de Francisco Coelho, foi dividido o estado do Maranhão em varias capitanias hereditarias: as de Tapuitapera e Cametá couberam a um irmão e ao filho do governador, a de Caeté ou Gurupy a Alvaro de Sousa, filho de Gaspar de Sousa, que tantos serviços prestara á conquista; para si a metropole reservou no Maranhão o territorio entre o Parnahiba e o Pindaré, no Pará as terras de Maracanã ao Tocantins. Mais tarde Bento Maciel obteve a capitania do cabo do Norte limitada pelos rios Vicente Pinzon ou Oyapoc, Amazonas e Parú, e Antonio de Sousa de Macedo a da ilha Marajó.

A penetração no Amazonas proseguia lentamente: pela margem septentrional tratara-se apenas de eliminar os entrelopos; ao Sul a aldeia Maturú, na margem direita do Xingú, tambem chamado Parnahiba, durante algum tempo permaneceu o posto mais occidental; ante as frechas envenenadas do gentio do Tapajoz estacaram as entradas. A marcha precipitou-se a partir de 1637 com a chegada de dois leigos franciscanos vindos do pé dos Andes. Jacome de Noronha, que com certo atropello de formas succedera no governo por fallecimento de Francisco Coelho de Carvalho, resolveu abrir relações com as dependencias cisandinas de Castella. Pedro Teixeira, incumbido desta missão, partiu a 17 de Outubro aguas a riba do rio-mar, em 15 de Agosto de 38 alcançou o Payamino, affluente do Napo, e seguiu para Quito. Depois de receber as ordens do vice-rei do Perú, regressou e chegou ao Pará em 12 de Dezembro do anno seguinte. Já de volta, a 16 de Março de 39, na barra do Aguarico, tomou posse em nome da coroa de Portugal das terras que para o Oriente se estendiam até beira-mar. Bento Maciel, então governador do estado, recompensou estes e outros serviços durante mais de quatro lustros prestados por seu companheiro de armas, concedendo-lhe por tres vidas a encommendação de trezentos casaes de indios.

Mal suspeitava então o velho capitão de entradas os perigos que se avisinhavam. Desde 1637, Gedeon Morris, Flamengo preso em combate no Amazonas e lá conservado prisioneiro durante oito annos, lograra repatriar-se e chamava a attenção da camara de Zelandia para a conquista do Maranhão. Tal conquista, al-

legava, traria a acquisição de mais de quatrocentas leguas de costa, occupadas apenas por mil e quatrocentos a mil e quinhentos Portuguezes, e quarenta mil indios; os indios estavam sujeitos mais por medo que por affeição, os Portuguezes com as forças disseminadas, os soldados descontentes e rebeldes pelo desgoverno e falta de pagamento, os fortes pouco defensaveis; os indios considerariam os Flamengos como libertadores. A Companhia das Indias Occidentaes se apossaria de bellos assucares, fumos, algodão, laranjas, anil, tintas, oleos e balsamos, gengibres, gommas e varias sortes de excellentes madeiras. Poderia vender escravos para Pernambuco "como os portuguezes faziam outr'ora, antes de começar a guerra naquella capitania, e este era o seu maior negocio".

Quando Morris expunha estas idéas em Middelburg, occorria na colonia um facto proprio a facilitar-lhes a execução. Attendendo a repetidos chamados do gentio cearense, a Companhia mandou uma expedição que desembarcou no Mocuripe, e após brava mas inutil resistencia da guarnição apossou-se do forte fundado por Martim Soares Moreno. Havia agora um ponto de apoio para as operações apregoadas como tão proveitosas: Gedeon Morris foi nomeado commandante do Ceará, onde descobriu as salinas do Ipanema, como que a preparar a avançada.

A noticia da viagem de Pedro Teixeira apenas divulgada ainda mais confirmou-o em suas traças e aspirações. A todas as vantagens apresentadas, a conquista do Maranhão juntava ainda a da contiguidade com as terras do Perú, e seria portanto o mais terrivel golpe contra as possessões espanholas, insistia nova-

mente Gedeon. Não foi comprehendido. Nassau e as autoridades superiores preoccupavam-se antes com a conquista de Buenos-Aires e do Chile, procurando longe o que lhes acenava de tão perto. Só mais tarde attenderam a suas incitações; em Novembro de 1641 apresentou-se uma esquadra hollandeza na bahia de São Marcos.

Vigorava o estado esquisito creado pela politica hesitante de D. João IV. Não havia guerra, pois fôra decidida na Europa uma alliança offensiva e defensiva entre Portugal e Hollanda; não havia paz nas colonias, porque faltava a ratificação do tratado. Illudido ou decrepito ou aterrado, Bento Maciel entregou-se sem combater e a Companhia das Indias mais uma vez alargou seus dominios. Morris, que tomou parte na operação, ficou descontente com o modo de proceder de Nassau. Por que depois de tomada a ilha não passavam logo ao Pará? Por que não expulsavam os Portuguezes ricos, deixando apenas os mais pobres como feitores? Onde se viu em todo o Brasil um Portuguez, quatro mezes apenas depois de tomada a terra, embarcar por sua conta cem caixas de assucar, como fez o provedor-mór Ignacio do Rego, que se passou para as Indias? Que valia a posse do Maranhão sem a encorporação do Amazonas?

Emquanto dominaram, os Flamengos houveram-se com a cobiça e a venalidade já correntes em Pernambuco. Entretanto, a população calava-se e parecia mesmo disposta a não reagir, si não fossem Antonio Muniz Barreiros, o antigo capitão-mór, e os jesuitas Benedicto Amadeu e Lopo do Couto, este chegado em companhia de um coadjuctor desde 1624. Impelliram

a estes chefes insurgentes sobretudo considerações religiosas: o Hollandez era o herege e a fé catholica perigava. O movimento começou no Itapicurú, libertado em poucos dias, e passou á ilha. Aqui a resistencia foi maior: vieram soccorros de Pernambuco para o Flamengo, tambem os nossos receberam-no do Pará, mas a falta de armas e munições obrigou-os a passarem para a capitania de Tapuitapera, no continente. Mais tarde, chegados recursos da Bahia, acommetteram novamente a obra libertadora. A Teixeira de Mello, successor de Barreiros, morto em consequencia de ferimentos, coube a gloria de restaurar S. Luiz em 1643. O exemplo do Maranhão propagou-se ao Ceará, onde os indios trucidaram os Hollandezes, que entretanto voltaram mais tarde e se mantiveram até 1654. Tambem produziu impressão em Pernambuco, e alentou os anhelos patrioticos ainda desconnexos, apontando um exemplo a seguir.

Nos annos seguintes o facto mais notavel foi a introducção dos jesuitas. A Alexandre de Moura acompanharam dois, mas retiraram-se, reconhecendo a inutilidade de seus esforços na defesa dos indios. Luiz Figueira, vindo com Antonio Barreiros logrou apagar as prevenções dos colonos limitando e encobrindo a sua acção, e depois de algum tempo recolheu-se á Europa. Lopo do Couto, além de isolado e portanto impotente, soube conquistar as sympathias no ardor da reconquista, de que foi a alma. Figueira, que desde 1638 preparava uma missão no além mar, afinal com muitos socios partiu do reino mais Pedro de Albuquerque, nomeado successor de Bento Maciel. Por estarem ainda os Hollandezes senhores de S. Luiz, passaram ao Pará; junto á bahia do Sol, Figueira e a maior

parte dos companheiros afogaram-se ou foram mortos pelos indios, em Junho de 1643. Os sobreviventes pouco puderam fazer no Maranhão para onde se transportaram apenas as condições o permittiram; logo trucidaram-nos selvagens de Itapucurú. Em 1646 não havia mais um só padre da Companhia de Jesus em todo o estado.

Entretanto na Europa movia-se o padre Antonio Vieira, grande valido de Dom João IV e um dos maiores escriptores da lingua. Pupillo de Fernão Cardim, colhera dos labios deste amigo de Anchieta a historia das primeiras missões, e a carreira de missionario formara uma das primeiras aspirações de sua alma ambiciosa. Mandado para o reino quando se divulgou na Bahia a noticia da independencia de Portugal, passara de dez annos em terras européas por vontade da Companhia ou insistencia do rei, triumphando na tribuna sagrada, ajudando as mais espinhosas negociações diplomaticas, engenhando combinações financeiras como a da Companhia do Commercio, tão util na guerra pela libertação de Pernambuco, influindo nos conselhos da corôa, dando idéas e defendendo as proprias ou alheias, estas principalmente, com uma abundancia de expressões, uma subtileza de raciocinios, um bysantinismo de argumentos, uma fertilidade de distincções verdadeiramente admiraveis. Um dia appareceu-lhe o vacuo de todas estas pompas, invadiu-o a saudade da primeira infancia e da segunda patria e aspirou missionar no Maranhão.

Em Setembro de 1652 partiram adiante nove missionarios, trazendo por superior o padre Francisco Veloso: dois destes continuaram a viagem para o Pará,

onde fundaram casa. Em seguida á primeira leva embarcou no Tejo o padre Vieira acompanhado de outros tres jesuitas, que a 16 de Janeiro de 53, vespera de S. Antão, fundearam diante da capital do estado. Afinal chegavam defensores aos indios. Para que narrar esta historia? Com os indios só havia duas politicas racionaes: ou deixa-los aprisionar á vontade como então se fazia, ou prohibir expressamente toda e qualquer escravidão. Nem uma das duas observaram quer o governo, quer os proprios jesuitas. Dahi luctas contra os colonos cubiçosos, contra os governadores venaes, contra padres e frades simoniacos, contra os legisladores incoherentes e a legislação instavel, viagens pelo sertão e rios, travessias do oceano, sermões causticos, papeis sediciosos, expulsões e exprobações, em summa uma serie de tumultos tragicos ou burlescos. Mais interessa que taes historietas apresentar o organismo do estado cerca de 1662, tal qual o deseca o valente escriptor em uma pagina memoravel, ainda palpitante no pallido resumo aqui feito.

Os alicerces assentaram sobre sangue, com sangue se foi amassando e ligando o edificio e as pedras se desfazem, separam e arruinam. As terras se esterilisam; as plantações de mandioca não bastam para garantir o sustento; tem-se de buscar longe as madeiras e as terras de tabaco; minguaram a caça e a pesca; as povoações são muito distantes uma das outras e o trabalho de remar consome as forças da indiada. Não ha açougue, nem ribeira, nem horta, nem tenda para vender as cousas usuaes para o comer ordinario, nem ainda um arratel de assucar, com se fazer na terra. No Pará onde todos os caminhos são por agua, não ha

uma canoa de aluguel. Para um homem ter o pão da terra ha de ter roça, e para comer carne ha de ter caçador, e para comer peixe pescador e para vestir roupa lavada lavadeira, e para ir á missa ou a qualquer parte canoas e remeiros: os moradores de mais cabedal têm a mais de tudo isto costureiras, fiandeiras, rendeiras, teares e outros instrumentos e officios de mais fabrica, com que cada familia vem a ser uma republica.

Os povoadores primeiros foram gente pobre: soldados idos de Pernambuco, mal pagos a ponto de raros poderem calçar sapatos e meias; ilhéos nobres, mas gente necessitada, impellida á emigração pela procura de meios não existentes no archipelago; soldados rotos e despedidos tomados na guerra e abandonados nas costas pelos Hollandezes; finalmente degradados.

Não guarda proporção com a população o numero de frades: o Pará com oitenta moradores, tem quatro conventos e sahe dos moradores a paga de missas, officios e enterros, servem grande numero de confrarias com grandes e involuntarios gastos nas suas festas, por que sem serem perguntados, se ouvem apregoar dos pulpitos e não basta o que grangeam num anno para satisfazer os empenhos desta forçada devoção. Apenas a Companhia de Jesus não pesa sobre a gente, porque a renda concedida pela fazenda real a põe a coberto das necessidades.

As drogas do estado baixaram de preço, e mal bastam para pagar os fretes; em compensação os generos vindos da Europa vendem-se por preços excessivos. Dominam a ociosidade, a preguiça e o luxo; grassa o alcoolismo; só na cidade do Pará gastam annualmente quinze mil cruzados em aguardente da terra, sem falar

na que vai do reino. Os governadores e officiaes de fazenda pagam-se em primeiro logar, pouco deixando para os vigarios e soldados; confiam os melhores officios aos criados; prendem, processam, recrutam, atravessam os generos.

Finalmente os indios por sua natural fraqueza e pelo ocio, descanço e liberdade em que se criam não são capazes de aturar por muito tempo o trabalho em que os Portuguezes os fazem servir, principalmente das cannas, engenhos e tabacos, sendo muitos os que por esta causa continuamente estão morrendo; e como nas suas vidas consiste toda a riqueza e remedio dos moradores, é mui ordinario virem a cahir em pouco tempo em grande pobreza os que se tinham por mais ricos e afazendados, porque a fazenda não consiste nas terras que são communs si não nos fructos da industria com que cada um as fabrica e de que são os unicos instrumentos os braços dos indios. — Até aqui Antonio Vieira, com esta vivida descripção da economia naturista.

Exceptuando a de Bartholomeu Barreiros de Athaide ao rio de Ouro, isto é, ás terras de que Pedro Teixeira tomara posse em nome da coroa de Portugal, e a de João Betencourt Muniz contra os Anibás do Jary, as expedições tinham de preferencia procurado a margem direita do Amazonas. Em 1663 Antonio Arnau Villela dirigiu-se á outra margem e foi pouco feliz numa entrada do rio Urubú; a vingal-o sahiu Pedro da Costa Favella, que matou setecentos, aprisionou quatrocentos indios dos Guaneenas e Caboquenas, queimou trezentas aldeas. Atraz destes vieram outros, attrahidos pela densidade da indiada. Logo em se-

guida começou a ser frequentado o rio Negro e finalmente o Branco. A fortaleza da barra do rio Negro, nas proximidades da actual cidade de Manaus, ponto de partida para este movimento de penetração, foi fundada logo depois.

No anno de 1693 foram determinados os territorios em que cada uma das ordens poderia estabelecer missões: aos jesuitas concedeu-se a margem meridional do Amazonas; aos franciscanos as terras do cabo do Norte até o rio Urubú; aos carmelitas coube o rio Negro.

Entrementes os jesuitas espanhoes no seu ardor de catechisar foram descendo o Solimões, como os do Paraguay procuraram o Parapanema, Ivahy, Iguaçú e Uruguay. Samuel Fritz, natural da Bohemia, attrahiu ao gremio da igreja diversas tribus de linguas travadas, e os Cambebas ou Omagoas da lingua geral, missionando até o Juruá ou talvez mais a Este. Motivos de saude levaram-no ao Pará em Setembro de 1689, onde sob varios pretextos o detiveram cerca de dois annos. Na volta, apesar de suas escusas, deram-lhe uma escolta para acompanha-lo ás reducções, e, lá chegado, o official commandante protestou pertencerem a Portugal as terras que se extendiam até o rio Napo. Emquanto o apostolo dos Maynas se dirgia a Lima no intuito de avisar da proxima usurpação ao vice-rei do Perú, que não quiz tomar providencias, desde 1695 se discutia no Pará e em Lisboa a idéa de augmentar o dominio portuguez por aquelles lados. Forneceu ensejo proprio o caso da successão da Espanha. Ignacio Corrêa de Oliveira expulsou os Jesuitas castelhanos do Solimões. Assim a guerra entre as duas coroas pro-

duziu ao Norte os mesmos effeitos que de sua união resultaram em Guayrá, Uruguay e Tapes. A estas invasões e ás seguintes uniram-se os frades do Carmo, dignos confrades dos capuchos das bandeiras meridionaes. Nestas missões aprenderam os invasores o emprego do cáucho.

As entradas pelos affluentes da margem direita iam tambem continuando: em 1669 Gonçalo Pires e Manuel Brandão descobrem cravo, canella e castanha no Tocantins; em 1716 João de Barros Guerra derrota os Torás no Madeira; em 1720 marcha uma expedição contra os Juinas do Juruá; em 1724 Francisco de Mello Palheta sóbe o Madeira até as aldeias espanholas. Com o descobrimento das minas, procura-se chegar a ellas pelos affluentes meridionaes. Mais de uma das tentativas foi bem succedida e o Maranhão reclamou como pertencentes a seu districto as minas de S. Felix e da Natividade, ribeirinhas do Tocantins. Desde a terceira decada do seculo XVIII descem ao Amazonas mineiros de Goyaz e Mato Groso. Destas descidas a mais fertil em consequencias foi a de Manoel Felix de Lima, que em 1742 navegou o Sararé, Guaporé, Mamoré, Madeira e alcançou o Maranhão. Quando o governador de Mato Grosso assentou a capital na margem do Guaporé apenas tirou a consequencia do achamento deste caminho, que com o tempo se tornou o mais frequentado.

Lentamente a população ia crescendo, embora epidemias frequentes inutilizassem em poucos mezes o progresso de annos. Como signaes evidentes de melhores condições basta citar a fundação de um pesqueiro real em 1692 na ilha de Marajó, por Antonio de Al-

buquerque Coelho, e o desenvolvimento assumido pela criação de gado na mesma ilha, a partir dos primeiros annos do seculo seguinte. Na Paschoa de 1726 começou a funccionar um açougue em Belem. Quando La Condamine passou por Belem em 743 a unica moeda corrente eram grãos de cacau; desde Maio de 1749 principiou a correr dinheiro amoedado de ouro, prata e cobre.

Em 1751 Pará, a que agora estava subordinado o Maranhão, contava 9 freguezias e seis ermidas parochiaes, sete fortalezas, vinte e quatro engenhos de assucar, quarenta e duas engenhocas de aguardente, sessenta e tres aldeas de indios missionados. Muitas medidas concertou o governo para desenvolver a agricultura, mas só o conseguiu nas cercanias de Belem. O café, levado de Cayena por Francisco de Mello Palheta, pareceu despertar o torpor da população. Pouco tempo durou a experiencia; preferiu-se a apanha e productos florestaes, cravo, canella, cacau, salsa, mais rendosos e creados á lei da natureza.

Os annos seguintes á partida de Antonio Vieira para a Europa em 1661 assignalam-se pela legislação cahotica a respeito de aldeias, jurisdicção espiritual e temporal, descimentos, salarios e escravidão dos indios. Em 1680 uma lei prohibiu que os indios fossem escravisados, unica solução logica e justa, si houvesse gente bastante honesta e bastante energica para faze-la respeitada.

Para mitigar as queixas dos colonos criou-se uma companhia de commercio com o privilegio de vender certos generos de primeira necessidade, que compraria toda a producção do estado e forneceria escravos

mais fortes e mais proprios para a pesada labuta agricola.

Pouca repugnancia provocou no Pará, cujos interesses, em parte divergentes, a distancia resguardava; no Maranhão produziu grande alboroto. Foram expulsos os jesuitas, deposto e preso o capitão-mór, mandados procuradores á côrte para apresentar as queixas do povo e impetrar o perdão regio. Manuel Bequimão, reinol de origem teutonica, primeira figura da assuada, poz-se á frente da governança. O movimento inciado com tamanha valentia ficou estacionario; nem a fronteira capitania de Tapuitapera adheriu; dos adherentes da primeira hora, muitos foram-se esgueirando.

Nota-se agora o caso repetido tantas vezes em nossa historia: depois do triumpho, obtido antes por desidia ou pusillanimidade do atacado que por habilidade ou fortaleza do atacante, e só depois do triumpho comprado tão barato, comprehende-se que o facto importa consequencias, e começa-se a indagação de quaes poderão ser. Desta mandrice intellectual ou myopia politica não se eximiu Bequimão. Quando appareceu na barra Gomes Freire de Andrade, nomeado governador do estado e acompanhado de força armada para se fazer obedecido, veio-lhe a veleidade de oppor-se ao desembarque. Nada previra, nada preparara, agora era tarde. O governador empossou-se do poder sem opposição.

Restava a esperança de ter trazido o perdão regio; mesmo este não veio. Prestes instaurou-se o processo, e sahiram condemnados á morte Manuel Bequimão, Jorge de Sampaio e Deiró. Este padeceu o supplicio em effigie; os outros subiram ao patibulo. Com

os figurantes o governador mostrou benevolencia; de bondoso e benevolo deixou tradição entre os governados. Por seu conselho aboliram-se a companhia e o estanco; a questão india proseguiu com os avanços, recúos e sobresaltos do costume.

Durante seu governo preoccupou-o a questão maxima do estado; achar communicações com o Brasil, independente do capricho das monções, sobranceira á linha dos vaus á beira mar.

Poucos annos antes Vital Maciel Parente, filho do velho prisioneiro dos Flamengos, depois de derrotar os Tremembés, desafrontando o caminho da praia para o Ceará, navegara muitas leguas pelo Parnahiba e reconhecera a direcção meridional de seu curso. Deve manar dahi a idéa da proximidade sinão identidade entre o Parnahiba ou Paraguaçú e o São Francisco. Assim a questão apresentava-se com certa nitidez: a Bahia representava o objectivo e o Parnahiba o rumo a seguir.

João Velho do Valle incumbido de resolver o problema levou-o a bom termo; escreveu mesmo a narrativa do descobrimento, entregue mais tarde a Gomes Freire, no Reino, livro hoje extraviado ou perdido, e muito importante para a ethnographia e historia patria, a julgar pelas indicações ligeiras, fornecidas por Fr. Domingos Teixeira, biographo do governador:

"Depois de dar em larga relação noticia exacta dos sertões que penetrou, signalando pelos graus a altura do polo, mais gasto do trabalho que dos annos, veio a acabar João Velho do Valle em beneficio da patria, com serviços maiores que a gratidão. Descansam suas cinzas em jazigo humilde na cidade de São

Salvador onde veiu consummar como ultimo termo seus trabalhos com mais honra que interesse".

Valle fez duas viagens. Na primeira chegou á serra de Ibiapaba, onde deixou tres estradas; da segunda alcançou a Bahia, naturalmente partindo da mesma serra, o que indica traçado bastante oriental, talvez pelas ribeiras do Poty e contravertentes do rio São Francisco, Cabrobó, Ibó e Geremoabo.

E' impossivel decidir si a esta ou a outra estrada se refere uma carta de Antonio de Albuquerque, successor de Gomes Freire, escripta em Julho de 1694 e entregue na Bahia a D. João de Lencastre, governador geral, em 19 de Abril do anno seguinte. Dois dias depois chegava á mesma cidade o sargento-mór Francisco dos Santos com quatro soldados e vinte indios, que tinham acabado de descobrir o caminho, trazendo uma carta de Antonio de Albuquerque datada de 15 de Dezembro. Para retribuir a fineza e ver se podia encurtar o caminho, o governador geral mandou o capitão André Lopes ao Maranhão, com carta para Antonio de Albuquerque datada de 21 de Maio. André Lopes alcançou a capital do estado em Novembro, mas teve de esperar pela volta de Antonio de Albuquerque, ido ao Pará. Com resposta de 15 de Março de 1696 estava na Bahia em 22 de Setembro.

O trecho mais difficil a vencer ficava no Maranhão propriamente dito: nos rios Piauhy e Canindé, nas ribeiras do Ceará, a uma e outra margem do São Francisco já abundavam fazendas de gado e deviam existir numerosas vias de communicação. Com o gado desta procedencia povoaram-se os sertões de Pastos Bons, cujas transacções durante algum tempo se fi-

zeram só com a Bahia, exactamente como as de Pernambuco a montante de Paulo Affonso.

Mais tarde o padre Malagrida levou a catechese até o rio Codó; seu successor João Ferreira fundou as Aldeas-Altas, hoje Caxias. Conhecida a pequena distancia neste trecho estre o Itapucurú e o Parnahiba começou a ser preferida esta passagem. Já em 1747 della se servia D. Manuel da Cruz, trasladado do solio do Maranhão para o de Marianna.

Maranhão começou a decahir desde ou antes do governo de Gomes Freire, e explica-se o facto pelo abandono da agricultura, devido a productos florestaes semelhantes aos do Pará. Ao cravo, á canella, á castanha succumbiram os engenhos.

"Erigiram cerca de cincoenta engenhos, — escrevia um contemporaneo em 1703,— que fabricaram emquanto se não descobriu o cravo e cacau, total ruina daquelles homens, como causa de ocio com que todos deixaram perder a fabrica de tabaco e assucar em que se iam augmentando... Terrivel é a difficuldade que têm os senhores de engenho em accommodar a conveniencia de seus lavradores, em quem tambem é impraticavel o querer lavrar canas; uns e outros confessam esta pela melhor conveniencia, clamando que por falta della estão miseraveis e que quando della usavam viviam prosperos; porém, não ha remedio ajustarem-se; os lavradores com justa causa queixosos e teimosos com notavel sem razão; os senhores de engenho tyrannos de suas proprias consciencias: esta desunião é capaz de impedir a fabrica dos engenhos e não o é menos outro erro a que aquelles homens estão amarrados, querendo fabricar tudo o que gastam, como são lenhas,

cinzas, azeites, farinhas, taboados e canoas, em cuja fabrica divertindo a gente dos engenhos lhes não fica logar de fabricar assucar".

Informando este papel, accrescentava Antonio de Albuquerque: como estejam só com o sentido no sertão, feitos hydropicos do gentio que só appetecem e procuram por unico remedio, são tratam de se disporem a outro algum meneio.

Em 1751 a capitania contava oito freguezias, cinco engenhos de assucar, duzentas e tres fazendas a crear gado, das quaes quarenta e quatro em Pastos-Bons e trinta e cinco em Aldêas Altas.

As questões de limites com a Espanha, não menos que a importancia crescente do Pará foram causa da metropole declarar-lhe subordinado o Maranhão e transferir para a bacia do Amazonas a capital do estado. Breve, porém, graças á cultura do algodão e do arroz, á introducção de escravos africanos e á intervenção de nova companhia de commercio, abriu-se uma era de prosperidade relativa, muito inferior entretanto a seus immensos recursos naturaes.

* * *

Os engenhos de assucar, as roças de fumo e mantimentos cabiam dentro de uma area traçada pelo custo de transporte dos productos. Além de certo raio vegetava-se indefinidamente, a prosperidade real nunca bafejaria o proprietario. Com a economia naturista, o equivoco podia prolongar-se por muito tempo, mas por fim patenteava-se que só proximo do mar ou no pequeno trecho dos rios navegaveis graças á ausencia

de corredeiras e saltos, a labuta agricola encontrava remuneração satisfactoria. Queixam-se os primeiros chronistas de andarem os contemporaneos arranhando a areia das costas como caranguejos, em vez de atirarem-se ao interior. Faze-lo seria facil em São Paulo, onde a caçada humana e deshumana attrahia e occupava a actividade geral, na Amazonia toda cortada de rios caudalosos e desimpedidos, com preciosos productos vegetaes, extrahidos sem cultura. Nas outras zonas interiores o problema pedia solução diversa.

A solução foi o gado vaccum.

O gado vaccum dispensava a proximidade da praia, pois como as victimas dos bandeirantes a si proprio transportava das maiores distancias, e ainda com mais commodidade; dava-se bem nas regiões improprias ao cultivo da canna, quer pela ingratidão do solo, quer pela pobresa das mattas sem as quaes as fornalhas não podiam laborar; pedia pessoal diminuto, sem traquejamento especial, consideração de alta valia num paiz de população rala; quasi abolia capitaes, capital fixo e circulante a um tempo, multiplicando-se sem intersticio; fornecia alimentação constante, superior aos mariscos, aos peixes e outros bichos de terra e agua, usados na marinha. De tudo pagava-se apenas em sal; forneciam sufficiente sal os numerosos barreiros dos sertões.

A criação de gado primeiro se desenvolveu nas cercanias da cidade do Salvador; a conquista de Sergipe extendeu-a á margem direita do São Francisco. Na outra margem veio dar menos forte e menos accelerado movimento identico partido de Pernambuco. Ao romper a guerra hollandeza estavam inçadas de gado

as duas bandas do rio em seu curso inferior. Nem por outro motivo as incorporou Mauricio de Nassau ao territorio da Companhia das Indias Occidentaes, e os patriotas da liberdade divina com tanto afinco as defenderam.

Foi o gado acompanhando o curso do São Francisco. O povoado maior, a Bahia, attrahiu todo o da margem meridional, que para lá ia por um caminho parallelo á praia, limitado pela linha dos vaus.

Mais tarde, á medida que a criação se afastou do littoral, outros caminhos se tornaram necessarios. Um dos mais antigos passava por Pombal no Itapucurú, Geremoabo no Vasabarris, e attingindo o São Francisco acima da região encachoeirada, chamou o gado da outra margem. Esta, pertencente a Pernambuco por todos os titulos, ficou de facto bahiana, foi povoada por bahianos, e como o chapadão do São Francisco se estreita depois da grande volta, onde ao contrario attinge sua maior expansão o do Parnahiba, consummou-se aqui a passagem de um para o outro, e encontraram-se os bahianos com a gente vinda do Maranhão. O riacho do Terra-Nova e do Brigida facilitaram a marcha para o Ceará. Pelo do Pontal e pela serra dos Dois Irmãos passaram os caminhos do Piauhy. Nem o Parnahiba teve poder para conter a onda invasora: Pastos-Bons foi povoado por bahianos, e até meiados do seculo XVIII teve communicações exclusivamente com a Bahia.

Na margem pernambucana do rio S. Francisco possuia duzentas e cincoenta leguas de testada a casa da Torre, fundada por Garcia d'Avila, protegido de Thomé de Sousa, a qual entre o São Francisco e o

Parnahiba senhoreava mais setenta leguas. Para adquirir estas propriedades immensas, gastou apenas papel e tinta em requerimentos de sesmarias. Como seus gados não davam para encher tamanhas extensões, arrendava sitios, geralmente de uma legua, a razão de 10$ por anno, no principio do seculo XVIII. Um de taes rendeiros, Domingos Affonso, por alcunha o Sertão, partindo de um dos muitos Sobrados existentes no São Francisco, aos quaes se dá este nome por causa de vagamente semelharem um edificio, fundou numerosas e importantes fazendas nos rios Piauhy e Canindé, legadas por sua morte á Companhia de Jesus, a quem a corôa as confiscou em proveito proprio, por occasião de supprimir a Ordem.

Por esta margem do São Francisco existiam numerosas tribus indigenas, a maioria pertencente ao tronco cariry, algumas caribas como os Pimenteiras, e até tupis como os Amoipiras. Com ellas houve guerras, ou por não quererem ceder pacificamente as suas terras, ou por pretenderem desfructar os gados contra a vontade dos donos. Estes conflictos foram menos sanguinolentos que os antigos: a criação de gado não precisava de tantos braços como a lavoura, nem reclamava o mesmo esforço, nem provocava a mesma repugnancia; além disso abundavam terras devolutas para onde os indios podiam emigrar. Entretanto, muitos foram escravisados, refugiaram-se outros em aldeias dirigidas por missionarios, acostaram-se outros á sombra de homens poderosos, cujas luctas esposaram e cujos odios serviram.

Resistiram bastante os indios do Pajehú, mas em tempo de D. João de Lencastro e por sua ordem Ma-

nuel de Araujo de Carvalho atacou-os. Simultaneamente penetrava da Parahiba Theodosio de Oliveira Ledo. Graças aos esforços dos dois, ficaram pacificados os sertões de Pajehú, Piancó e Piranhas. Parte delles abriu communicações com Pernambuco, para onde mandava seus gados. Pajehú, apesar da proximidade, só fez isto em começos do seculo XIX; até então gravitava para a Bahia.

Ao compasso do afastamento do gado, novas passagens e novos caminhos iam sendo trilhados. Basta citar o de Jacobinas e a passagem do Joaseiro, pelo qual se pautou uma estrada de ferro. Com o crescimento de Cachoeira e o impulso do plantio de fumo, abriu-se um ramal importante em busca do baixo Paraguaçú.

A margem bahiana do São Francisco creou gado em não menor quantidade, embora no terreno cortado de serras e nas mattas littoraneas ou ribeirinhas se conservasse numerosa população indigena, sempre disposta a salteios. As bandeiras de Arzão e Estevão Parente e outras enfraqueceram, mas não extinguiram a resistencia do genio, e annos depois guerreava-se ainda nas cabeceiras do rio de Contas, Pardo, etc. O grande proprietario desta banda chamava-se Antonio Guedes de Brito, com cento e cincoenta leguas, contadas do morro do Chapeu até aguas do rio das Velhas. Merecem tambem ser mencionados João Peixoto Viegas, que incorporou as terras do alto do Paraguaçú; Mathias Cardoso e Filgueiras, conquistadores paulistas, estabelecidos em situações muito proprias a favorecerem o trafego com S. Paulo. Os caminhos destes lados entroncaram primeiramente nos que pela

margem esquerda do S. Francisco demandavam o chapadão do Parnahiba; só mais tarde o Paraguaçú foi procurado desde o curso superior e seguido até Cachoeira, perto da barra.

Os primeiros occupadores do sertão passaram vida bem apertada; não eram os donos das sesmarias, mas escravos ou prepostos. Carne e leite havia em abundancia, mas isto apenas. A farinha, unico alimento em que o povo tem confiança, faltou-lhes a principio por julgarem impropria a terra á plantação da mandioca, não por defeito do solo, pela falta de chuva durante a maior parte do anno. O milho, a não ser verde, afugentava pelo penoso do preparo naquelles districtos estranhos ao uso do monjólo. As fructas mais silvestres, as qualidades de mel menos saboroso eram devoradas com avidez. Pode-se apanhar muitos factos da vida daquelles sertanejos dizendo que atravessaram a época do couro. De couro era a porta das cabanas, o rude leito applicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar agua, o mocó ou alforje para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavallo, a peia para prende-lo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para cortume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz.

Adquirida a terra para uma fazenda, o trabalho primeiro era acostumar o gado ao novo pasto, o que exigia algum tempo e bastante gente; depois ficava

tudo entregue ao vaqueiro. A este cabia amansar e ferrar os bezerros, cura-los das bicheiras, queimar os campos alternadamente na estação apropriada, extinguir onças, cobras e morcegos, conhecer as malhadas escolhidas pelo gado para ruminar gregariamente, abrir cacimbas e bebedouros. Para cumprir bem com seu officio vaqueiral, escreve um observador, deixa poucas noites de dormir nos campos, ou ao menos as madrugadas não o acham em casa, especialmente de inverno, sem attender ás maiores chuvas e trovoadas, porque nesta occasião costuma nascer a maior parte dos bezerros e pode nas malhadas observar o gado antes de espalhar-se ao romper do dia, como costumam, marcar as vaccas que estão proximas a ser mãis e traze-las quasi como á vista, para que parindo não escondam os filhos de forma que fiquem bravos ou morram de varejeiras.

Depois de quatro ou cinco annos de serviço, começava o vaqueiro a ser pago; de quatro crias cabia-lhe uma; podia assim fundar fazenda por sua conta. Desde começos do seculo XVIII, as sesmarias tinham sido limitadas ao maximo de tres leguas separadas por uma devoluta. A gente dos sertões da Bahia, Pernambuco, Ceará, informa o autor anonymo do admiravel *Roteiro do Maranhão a Goyaz*, tem pelo exercicio nas fazendas de gado tal inclinação que procura com empenhos ser nella occupada, consistindo toda a sua maior felicidade em merecer algum dia o nome de vaqueiro. Vaqueiro, criador ou homem de fazenda, são titulos honorificos entre elles.

As boiadas procuravam os maiores centros de população, isto é, as capitaes da Bahia e Pernambuco.

Sobre as que iam para a Bahia escreve o seguinte André João Antonil, anagramma do benemerito jesuita João Antonio Andreoni:

"Constam as boiadas que ordinariamente vêm para a Bahia, de cem, cento e sessenta, duzentas e trezentas cabeças de gado; e destas quasi cada semana chegam algumas a Capoame, logar distante da cidade oito leguas, aonde têm pasto e aonde os marchantes as compram e em alguns tempos do anno ha semanas em que cada dia chegam boiadas. Os que as trazem são brancos, mulatos e pretos, e tambem indios que com este trabalho procuram ter algum lucro. Guiam-se indo uns adiante cantando, para serem desta sorte seguidos do gado; e outros vêm atraz das rezes tangendo-as e tendo cuidado que não saiam do caminho e se amontem. As jornadas são de quatro, cinco e seis leguas, conforme a commodidade dos pastos aonde hão de parar. Porém, aonde ha falta de agua, seguem o caminho de quinze, vinte leguas, marchando de dia e de noite, com pouco descanço, até que achem paragem aonde possam parar. Nas passagens de alguns rios, um dos que guiam a boiada, pondo uma armação de boi na cabeça e nadando, mostra ás rezes o vau por onde hão de passar".

Por maior cuidado na conducção das boiadas, transviavam-se algumas rezes, outras por fracas ficavam incapazes de continuar a marcha. Contando com isso, alguns moradores se estabeleceram nos caminhos e por pouco preço compravam este gado depreciado que mais tarde cediam em boas condições. Além disso, faziam uma pequena lavoura, cujas sobras vendiam aos transeuntes; alguns, graças aos conhecimentos locaes,

melhoraram e encurtaram as estradas; fizeram açudes, plantaram cannas, proporcionaram ao sertanejo uma de suas alegrias, a rapadura. No rio S. Francisco, desde a barra do Salitre até S. Romão, descobriram-se jazidas de sal na extensão de tres gráus geographicos, que preparado com algum trabalho provou excellente. Graças a estas circumstancias, formou-se no trajecto do gado uma população relativamente densa, tão densa como só houve igual, depois de descobertas as minas, nas cercanias do Rio.

Perdeu assim os terrores a viagem do sertão, e cerca de 1690 havia antes motivos a aconselhal-a. Um contemporaneo muito bem informado, fala no preço altissimo dos generos estrangeiros, na depreciação dos fructos da terra, na menor feracidade do solo em consequencia do cansaço, nas limitações impostas á cultura do tabaco, "genero fabricado por pretos, por brancos, por forros, por captivos, por ricos, por pobres, de que todos em sua qualidade se alimentavam e vestiam", nos excessos do contracto do sal, na prepotencia da magistratura, na difficuldade de cobrar dividas, no desenvolvimento anormal da mão-morta. "Das fazendas, terras, lavouras e propriedades possuidas das religiões nem Sua Magestade tem tributos, sem subsidios, nem ainda dizimos, nem as misericordias, nem os hospitaes, nem as sés, matrizes e mais igrejas, nem as confrarias e irmandades, nem as pobres orfãs e viuvas têm esmola alguma; só são uteis ás religiões que as possuem e não a outra pessoa alguma... Annualmente vão indo ás religiões muitas propriedades, terras e fazendas, ou por compra, ou por deixa, ou por herança, ou por demanda de pretenções de sessenta, setenta,

oitenta, noventa e cem annos, as quaes em poder dos vassallos seculares eram sujeitas a dizimos, tributos e mais pensões e incorporadas em religiões logo ficam exemptas, e o peior é que aquelle tanto ou quanto que pagavam de fintas, tributos, subsidios e outros impostos, tornam a cahir sobre os miseraveis seculares".

Desvanecidos os terrores da viagem ao sertão, alguns homens mais resolutos levaram familia para as fazendas, temporaria ou definitivamente e as condições de vida melhoraram; casas solidas, espaçosas, de alpendre hospitaleiro, curraes de mourões por cima dos quaes se podia passear, bolandeiras para o preparo da farinha, teares modestos para o fabrico de redes ou panno grosseiro, açudes, engenhocas para preparar a rapadura, capellas e até capellães, cavallos de estimação, negros africanos, não como factor economico, mas como elemento de magnificencia e fausto, apresentaram-se gradualmente como signaes de abastança.

Si a Bahia occupava os sertões de dentro, escoavam-se para Pernambuco os sertões de fora, começando de Borborema e alcançando o Ceará, onde confluiam a corrente bahiana e pernambucana. A estrada que partia da ribeira do Acaracú, atravessava a do Jaguaribe, procurava o alto Piranhas e por Pombal, Patos, Campina-Grande, bifurcava para o Parahiba e Capibaribe, avantajava-se a todas nesta região. Tambem no alto Piranhas confluiram o movimento bahiano e o movimento pernambucano, como já fica indicado.

Sobre a extensão de terras occupadas pelo gado vaccum offerece-nos dados positivos o maravilhoso Antonil-Andreoni: "Extende-se o sertão da Bahia até a barra do rio de S. Francisco, oitenta leguas por

costa: e indo para o rio acima até a barra que chamam de Agua-Grande, fica distante a Bahia da dita barra cento e quinze leguas; de Sentunsé cento e trinta leguas; de Rodellas, por dentro, oitenta leguas; das Jacobinas, noventa leguas, e do Tucano cincoenta leguas... Os curraes da parte da Bahia estão postos na borda do rio de São Francisco, na do rio das Velhas, na do rio das Rãs, na do rio Verde, na do rio Peramirim, na do rio Jacuipe, na do rio Itapicurú, na do rio Real, na do rio Vasabarris, na do rio de Sergipe e de outros rios, em os quaes, por informação tomada de varios que correram este sertão, estão actualmente mais de quinhentos curraes...

"E posto que sejam muitos os curraes da parte da Bahia chegam a muito maior numero os de Pernambuco, cujo sertão se extende pela costa, desde a cidade de Olinda até o rio de São Francisco, oitenta leguas; e continuando da barra do rio de São Francisco até á barra do rio Iguaçú, contam-se duzentas leguas. De Olinda para Oeste até o Piagui, freguezia de Nossa Senhora da Victoria, cento e sessenta leguas, e pela parte do Norte extende-se de Olinda até ao Ceará-mirim, oitenta leguas, e dahi até ao Açú trinta e cinco leguas, e até o Ceará Grande, oitenta leguas; e por todas vem a extender-se desde Olinda até esta parte, quasi duzentas leguas...

Os curraes desta parte hão de passar de oitocentas leguas; e de todos estes vão boiadas para o Recife e Olinda e suas villas e para o fornecimento das fabricas dos engenhos, desde o rio de São Francisco até o rio Grande, tirando os que acima estão nomeados desde o Piagui, até a barra do Iguaçú e de Pernaguá

o rio Preto, porque as boiadas destes rios vão quasi todas para a Bahia, por lhes ficar melhor caminho pelos Jacoabinas, por onde passam e descançam...

"As (cabeças de gado) da parte da Bahia se tem por certo que passam de meio-milhão, e mais de oitocentas mil hão de ser as da parte de Pernambuco, ainda que destas se aproveitam mais os da Bahia, para onde vão muitas boiadas, que os Pernambucanos".

Muito tempo viveu esta gente entregue a si mesmo, sem figura de ordem nem de organisação. Como eram catholicos e a igreja obriga á frequencia dos sacramentos, naturalmente qualquer vigario ou algum mais animoso, mais zeloso ou mais cupido sahia de tempos em tempos a desobrigar as ovelhas remotas. Depois da installação do arcebispado da Bahia, crearam-se freguezias no sertão, enormes de oitenta, cem leguas e mais. Ali era cobrado o imposto meio civil meio ecclesiastico do dizimo. Os dizimeiros que o arrematavam depois de ter feito a experiencia, preferiram deixar a outros o trabalho da arrecadação: um dos fazendeiros ou qualquer pessoa capaz do interior em seu nome ia pelos visinhos recolher os bezerros dizimados, pois a paga realisava-se em genero; depois de alguns annos, tres ou quatro conforme a convenção, prestava contas: cabia-lhe pelo trabalho um quarto do gado, exactamente como aos vaqueiros.

A carta régia de 20 de Janeiro de 1699, primeiro esforço para introduzir alguma ordem naquella massa amorpha, mandou crear nas freguezias do sertão juizes á semelhança dos de vintena, que sahiam dos mais poderosos da terra, e em cada freguezia um capitão-mór e cabos de milicia obrigados a soccorrer e ajudar os

juizes. A resistencia contra estes se equiparava á resistencia contra os juizes de fóra, e ficariam sequestrados os bens do réu até sentença final as penas pecuniarias deveriam ser preferidas por não se poder facilmente executar as corporaes. Ouvidores, corregedores eram obrigados a uma visita triennal. Si taes ordens foram cumpridas e nos archivos de além-mar existirem relatorios das correcções, nem um documento podera nos ajudar tanto no estudo e conhecimento da vida sertaneja.

Os capitães-móres deixaram fama de violentos, arbitrarios e crueis; não eram, porém, incontrastaveis e maior ou menor sempre encontraram opposição. Reinava respeito natural pela propriedade; ladrão era e ainda é hoje o mais affrontoso dos epithetos; a vida humana não inspirava o mesmo acatamento. Questões de terra, melindres de familia, uma descortezia mesmo involuntaria, cousas ás vezes de insignificancia inapreciavel desfechavam em sangue. Por desgraça não se dava o encontro em campo aberto: por tras de um pau, por uma porta ou janella aberta descuidosamente, na passagem de algum logar ermo ou sombrio lascava o tiro assassino, as vezes marcando o começo de longa serie de assassinatos e vendettas. Com a economia naturista dominante, custava pouco ajuntar valentões e facinorosos, desafiando as autoridades e as leis. Para apossar-se destes regulos só havia dois recursos: a astucia ou o auxilio de visinhos.

Além do sentimento de orgulho inspirado pela riqueza, pelo afastamento de autoridades efficazes, pela impunidade, a criação de gado teve um effeito, que repercutiu longamente. Graças a ella foi possivel desco-

brir minas. Desde 1618 o autor do *Dialogo das grandezas do Brasil* dizia que o problema da mineração não consistia em encontrar metaes, — estes existiam não restava duvida, pois o Oriente é mais nobre que o Occidente e portanto o Brasil mais opulento que o Perú; o problema verdadeiro consistia na difficuldade de alimentar os mineiros. E expunha um plano: "O primeiro que se devia fazer antes de bolir nellas, depois de estarem certos que eram de proveito, houvera de plantarem-se muitos mantimentos ao redor do sitio onde ellas estão e como os houvesse em abundancia tratar-se-ia da lavoura das minas; mas isto se faz pelo contrario, porque sem terem mantimento entenderam em tirar o ouro e como as minas estão muito pelo sertão os que vão levam de carreto o mantimento necessario e como se lhe acaba tornam-se e deixam a lavoura que tinham começado. E esta cuido que é a verdadeira causa de darem as ditas minas pouco de si".

O plano decorria da natureza das cousas e Fernão Dias Paes, sem nunca ter lido os *Dialogos das grandezas do Brasil*, conservados ineditos até muito poucos annos, obedeceu-lhe na famosa jornada das esmeraldas; seria sufficiente emquanto os mineiros se limitassem a bandos mais ou menos numerosos, e a alimentação vegetal pudesse ser supprida com a caça e a pesca; depois do alboroto provocado pelos descobertos era indispensavel recurso menos aleatorio, e impunha-se a necessidade de gado vaccum e de muito gado.

Não podia ir de S. Paulo: em Março de 1700 o capitão-mór Pedro Taques de Almeida confessava a D. João de Lencastre, governador geral: "destas villas não é possivel fazer-se (a remessa das boiadas), porque

sendo vinte já perecem os povos, nem se vende peso de carne, e valendo uma rez dois mil réis promettem os mineiros oito, pelo que interessam nas minas, porque o preço geral até o presente foi cincoenta oitavas e em alguma necessidade cem".

O recurso só podia partir da bacia do rio S. Francisco. "Pelo dito rio ou pelo seu caminho, expõe um documento pouco posterior a 1705, lhe entram os gados de que sustenta o grande povo que está nas minas, de sorte que de nem uma outra parte lhe vão nem lhe podem ir os ditos gados, porque não os ha nos sertões de S. Paulo nem nos do Rio de Janeiro. Da mesma sorte se provém pelo dito caminho de cavallos para suas viagens, de sal feito de terra no rio de S. Francisco, de farinhas e outras cousas, todas precisas para o trato e sustento da vida".

"O rio S. Francisco", accrescenta, "desde a sua barra que faz no mar junto á villa de Penedo, em igual distancia de oitenta leguas da Bahia e Pernambuco, de uma e outra parte, assim do que pertence á jurisdicção de Pernambuco como á da Bahia (para os quaes serve de divisão o dito rio) tem as suas beiras varias povoações, umas mais chegadas, outras mais distantes do dito rio; e na mesma fórma se vão continuando por elle acima, por espaço de mais de seiscentas leguas, até se ajuntarem na barra que nelle faz o rio das Velhas, em cuja altura se acham hoje as ultimas fazendas de gados de uma e outra banda do dito rio de S. Francisco, sem ter da dita barra até esta altura parte despovoada nem deserta em a qual seja necessario dormir ou alvergarem no campo os viandantes, querendo re-

colher-se na casa dos vaqueiros, como ordinariamente fazem, pelo bom acolhimento que nellas acham".

Assim, como o alto Parahiba do Sul, mas em proporções muito mais grandiosas, tambem o rio de S. Francisco serviu de condensador da população.

A' vista disto poder-se-ia esperar muitas villas nestas regiões tão povoadas. Puro engano: só foram creadas no seculo XVIII, mais uma prova da differença entre as capitanias del-rei e as de donatarios na apreciação das municipalidades.

As camaras do sertão não divergiam das do littoral, isto é, possuiam direito de petição, podiam taxar os generos de producção local, davam os juizes ordinarios, mas eram antes de tudo corporações meramente administrativas.

Dos assentos da camara do Icó no Ceará, installada em 1738, constam posturas relativas ao plantio de mandioca para farinha e de carrapateira para o fabrico de azeite, a prohibição de exportar farinha por causa da carestia, aos salarios que deviam cobrar alfaiates, sapateiros e outros officiaes, á morte de periquitos etc.

Nada confirma a omnipotencia das camaras municipaes descoberta por João Francisco Lisboa, e repetida á porfia por quem não se deu ao trabalho de recorrer ás fontes.

* * * *

A' preoccupação de minas cederam já Christovão Jaques e Martim Affonso. Nas suas capitanias esperavam encontra-las João de Barros e socios. Duarte Coelho contava descobri-las no rio de S. Francisco e

só deixou de ir pesquisa-las pessoalmente por circumstancias alheias a sua vontade. Em Porto Seguro correram noticias de ouro uns quarenta annos depois da viagem de Pedr'Alvares. Luis de Mello da Silva embarcou-se á sua procura para as terras do Amazonas.

Thomé de Sousa dispoz uma expedição que transpoz a serra do Espinhaço. Sob seus successores volveram outros com pedras preciosas, especialmente esmeraldas. Pareceram por fim taes e tantos os vestigios de haveres a uma intelligencia perspicua como a de Gabriel Soares, que abandonou o prospero engenho de Jeriquiriçá e perdeu annos com requerimentos junto ás côrtes de Lisbôa e de Madrid para prestar á patria o serviço de revelar-lhe as riquezas occultas.

"Dos metaes de que o mundo faz mais conta, que é o ouro e prata, — escreve no ultimo capitulo de seu monumental *Tratado*, — fazemos aqui tão pouca que os guardamos para o remate e fim desta historia, havendo-se de dizer delles primeiro, pois esta terra da Bahia tem delle tanto quanto se póde imaginar; do que pode vir a Espanha cada anno maiores carregações do que nunca vieram das Indias Occidentaes, si Sua Magestade fôr disso servido".

A tentativa em que se metteu não provou a verdade destes assertos, mas perpetuou-lhe o nome. A elle prende-se a tradição de grandes viagens ao interior e de inexhauriveis minas de prata. Melchior Dias, seu parente, offereceu mostrar o metal branco em quantidade igual á do ferro em Biscaya; apoz muitas negaças, intimado a cumprir a promessa levou o governador geral do Brasil com alguns mineiros ás serras de Itabayana. As experiencias feitas com azougue deram

nada, com fogo deram fumo, informa testemunha de vista. Apesar de tudo continuou inabalavel a crença nos thesouros occultos de Melchior e na riqueza argentifera. Ainda no ultimo quartel do seculo XVII procurava-se, esperava-se prata.

Partilhando das crenças de Gabriel Soares, D. Francisco de Sousa mandou do Espirito Santo ás esmeraldas e de S. Vicente a Sabarabuçú. Quando lhe veio substituto dirigiu-se para Madrid, onde conseguiu a separação do estado em dois governos, em 1608; coube-lhe o do Sul com a superintendencia exclusiva das minas em toda a colonia. Nestes trabalhos perdeu a vida em São Paulo; a esperança conservou sempre e soube communica-la a outros.

A incumbencia dada a D. Francisco passou por sua morte a Salvador Correa e a alguns de seus descendentes, que durante quatro gerações pesquisaram ouro, prata, esmeraldas nos pontos mais diversos. Salvador neto adquiriu por fim certo scepticismo a proposito de metaes; antes de qualquer outro convenceu-se da não existencia de prata: em sua consciencia o declara "que de Itabayana para o sul quarenta leguas do mar não ha minas de prata, porquanto nestas partes andou elle conselheiro e fez todas as experiencias para a descobrir, e é differente terreno do de Potosi", concluia no Conselho Ultramarino em 3 de Maio de 1677. De Potosi podia falar com pertinencia, pois fôra até os Andes.

Por que se generalisou e persistiu esta crença com tanta pertinacia? Porque se acreditava na identidade estructural do Occidente e no Oriente da America; porque tomaram a malacacheta por prata, como Salva-

dor affirma de Melchior Dias; porque nas idéas do tempo o Oriente era mais nobre que o Occidente, e não podia faltar aqui o que abundava lá: "por boa rasão de philosophia esta região deve ter mais e melhores minas que a do Perú", lê-se em documento escripto cerca de 1610, "por ficar mais oriental que ella e mais disposta para a creação de metaes". Talvez influissem tambem o nome do rio da Prata legado pelos primeiros navegadores e os informes confusos dos indigenas.

O ouro, não procurado ou procurado com menor afinco, apparecia entretanto ás pequenas quantidades na capitania de S. Vicente. Desde o tempo de Men de Sá encontraram alguns grãos Braz Cubas, provedor da fazenda, e Luis Martins, mineiro ido de Portugal.

Foram igualmente felizes outros. A crer na tradição houve descobertos riquissimos; Affonso Sardinha, dizia-se, deixara oitenta mil cruzados de ouro em pó. Ha de entrar exaggero nesta conta, ou pelo menos muito ogó haveria no monte. Si tanto abundasse o metal, a população teria affluido aos bandos e os paulistas não levariam tanto tempo vida de bandeirantes.

Antonil-Andreoni parece mais proximo da verdade, quando diz a respeito destas primitivas lavras "que de um outeiro distante tres leguas da villa de S. Paulo, a que chamam Jaraguá, se tirou quantidade de ouro que passava de oitavas a libras. Em Parnahyba, tambem junto da mesma villa no serro Ibituruna, se achou ouro e tirou-se por oitavas. Muito mais e por muitos annos se continuou a tirar em Parnaguá e Coritiba, primeiro por oitavas, depois por libras, que chegaram a alguma arroba posto que com muito trabalho para ajuntar, sendo o rendimento no catar limitado".

Mais que as libras e oitavas, importam porém o gosto pelas pesquisas auríferas assim mantido e a pratica do ouro de lavagem. Esta familiaridade influiu de maneira benefica sobre o desenvolvimento ulterior da mineração.

D. Pedro II, depois de ver frustradas ou mal correspondidas todas as esperanças concentradas nas minas, resolveu dar um grande passo: dirigiu as mais lisongeiras cartas á gente principal de São Paulo, confiando-lhe por assim dizer a questão.

Este appello aos brios paulistas provocou o maior enthusiasmo: um rei ainda se reputava então semideus, e uma carta régia honra quasi sobrehumana. De chofre apparelharam-se e partiram nos rumos mais oppostos numerosas bandeiras, e desde logo se evidenciou que, si o Brasil contivesse haveres mineraes, não poderia conserva-los encobertos por mais tempo.

O mais famoso destes bandeirantes, transformado agora em mineiro pelo pedido do rei, chamava-se Fernão Dias Paes. Administrava algumas aldeias de indios Guanãan, desfructava a casa grande caracteristica da economia naturista e transmontara já o pino da vida. Alistou-se na cruzada do metal, apesar de tudo isto. Dez annos consumiu na porfia, e ao fallecer nas mattas do rio Doce levou a certeza de haver descoberto as celebres esmeraldas, secularmente esquivas.

Sua morte precedeu de pouco o despontar dos descobertos phenomenaes. Garcia Rodrigues Paes era seu filho, uma filha sua esposara Manuel da Borba Gato, ambos astros de primeira grandeza nestes commettimentos.

De Minas Geraes o nome indica a fartura, a omnipresença dos haveres. Quem os descobriu primitivamente é impossivel apurar, tanto se contradizem as versões; o facto occorreu pouco depois de 1690. Segundo Antonil-Andreoni, um mulato de Coritiba encontrou no riacho chamado Tripuhy uns granitos côr de aço, que vendeu em Taubaté a Miguel de Sousa, por meia pataca a oitava; levados ao Rio reconheceu-se nelles ouro finissimo. Foi este o primeiro descoberto.

Seguiram-se o de Antonio Dias, a meia legua de Ouro Preto, o de João de Faria, o de Bueno e Bento Rodrigues pouco mais distantes, os do ribeirão do Carmo e do Ibupiranga, todos nas cercanias de Ouro Preto e Marianna; parte da bacia do alto rio Doce foi escavada, justificando o nome de minas geraes primeiramente applicado a este districto.

Outros centros foram o rio das Mortes nas proximidades de São João e São José de El-Rei, caminho de São Paulo; o rio das Velhas, revelado por Manuel da Borba Gato, caminho da Bahia; Caeté e, ainda e sempre no alto rio Doce e na cordilheira do Espinhaço, o serro do Frio. Novas minas foram descobertas em Pitanguy, Paracatú e alhures; já pertencem á segunda corrente e dispensam enumeração especial.

Dos caminhos primitivos um partia de S. Paulo, acompanhava o Parahiba, transpunha a Mantiqueira, cortava as aguas do rio Grande e alem bifurcava para o rio das Velhas ou o Doce, conforme o destino; outro ou sahia de Cochoeira na Bahia e subia o rio Paraguaçú, ou tomando outras direcções, passava a divisoria do São Francisco, margeava-o a maior ou menor distancia até o rio das Velhas que perlongava; o caminho do

Rio seguia por terra ou por mar até Paraty, pela antiga picada dos Guayaná galgava a serra do Facão nas cercanias da actual cidade do Cunha e em Taubaté entroncava na estrada geral de São Paulo. Mais tarde o entroncamento fez-se em Pindamonhangaba.

Arthur de Sá, primeira autoridade que visitou os descobertos, tratou com Garcia Rodrigues Paes a abertura de uma linha mais directa de communicações com a cidade de São Sebastião, a verdadeira capital do Sul. O filho de Fernão Dias deu conta cabal da incumbencia. Nas proximidades da hodierna Barbacena reuniram-se os caminhos do rio das Mortes, o do rio das Velhas, e o do rio Doce; começou d'ahi, venceu a Mantiqueira, procurou o Parahibuna, seguiu-o até sua barra no Parahiba e pela serra dos Orgãos chegou á bahia do Rio, passando em Cabarú, Marcos da Costa, Couto e Pilar. O trecho entre o Parahiba e a bahia já estava ligado em 1725 por outro caminho, devido a Bernardo Soares de Proença, correspondendo em parte ao traçado da E. de F. de Petropolis a Entrerios, em parte acompanhando o rio Inhomirim.

Ainda uma decada depois dos primeiros descobertos, custava um boi cem oitavas, a mão de sessenta espigas de milho trinta oitavas, um alqueire de farinha de mandioca quarenta oitavas, uma gallinha tres ou quatro oitavas um barrilote de aguardente, carga de um escravo, cem oitavas, um barrilote de vinho, carga de um escravo, duzentas oitavas, um barrilote de azeite duas libras (libra = 128 oitavas).

"Não se póde crer o que padeceram ao principio os mineiros por falta de mantimentos, achando-se não poucos mortos, com uma espiga de milho na mão sem

terem outro sustento, informa Antonil-Andreoni. Porém tanto que se viu a abundancia do ouro que se tirava e a largueza com que se pagava tudo o que lá ia, logo se fizeram estalagens e logo começaram os mercadores a mandar ás minas o melhor que chega nos navios do reino e de outras partes, assim de mantimentos como de regalo e de pomposo para se vestirem, além de mil bugiarias de França, que lá tambem foram dar... E não havendo nas minas outra moeda mais que ouro em pó, o menos que se pedia e dava por qualquer cousa eram oitavas.

"Com vender cousas comestiveis, aguardente e garapas muitos em breve tempo accumularam quantidade consideravel de ouro, — continúa o mesmo autor. Porque como os negros e os Indios escondem bastantes oitavas quando catam nos ribeiros e nos dias santos e nas ultimas horas tiram ouro para si, a maior parte deste ouro se gasta em comer e beber, e insensivelmente dá aos vendedores grande lucro, como costuma dar a chuva miuda aos campos, a qual continuando a regal-os sem estrondo, os faz muito ferteis. E por isso até os homens de maior cabedal não deixaram de se aproveitar por este caminho dessa mina a flor da terra, tendo negras cosinheiras e mulatas doceiras e crioulos taverneiros occupados nesta rendosissima lavra, e mandando vir dos portos de mar tudo o que a gula costuma appetecer e buscar".

Sem serem procuradas appareceram as minas de Cuyabá. Paschoal Moreira Cabral e seus companheiros andavam á cata de Indios quando encontraram os primeiros grãos de ouro em 1719, em tamanha abundancia que se extrahia com as mãos e paus pontudos;

tirava-se ouro da terra como nata de leite, na expressão pinturesca de Eschwege. Os bandeirantes viraram mineiros sem pensar e sem querer. A experiencia das desordens das minas geraes foi aproveitada, e não houve aqui as terriveis desordens que fizeram tristemente celebre o rio das Mortes.

As noticias desta facilidade unica de minerar, levadas ao povoado, agitaram a população, e levianamente se lançou á terrivel jornada que começava no Tietê proximo do Itú, proseguia pelo Paraná até junto das Sete Quedas, varava para as aguas do Mboteteú até sua barra no Paraguay e subindo por este procurava o São Lourenço e o Cuyabá. Muitos naufragaram; morreram outros de inanição ou devorados pelas feras; dos escapos á morte muitos perderam nos saltos e correideiras as fazendas com que pretendiam negociar; as fazendas salvas chegavam podres a seu destino, porque não toldavam as canoas. E depois de tantos perigos encontravam a mais negra miseria em Cuyabá.

Alguns factos narrados por Barbosa de Sá, testemunha e chronista desse periodo, mostram o horror da situação.

Só em 1721 chegou a primeira ferramenta para a mineração. Não havia pescadores e um dourado colhido acaso vendia-se por sete e oito oitavas. Muitos andavam opilados e hydropicos, todos em geral com pernas e barrigas inchadas, com cores de defuntos; appetecia-se comer terra e muitos o faziam. Em 1723 appareceram os primeiros porcos e gallinhas. Em 1725 chegou-se a dar por um frasco de sal meia libra de ouro (256$, a cambio de 27). O milho, antes de brotado, era comido pelos ratos; depois de nascido cahiam-

lhe em cima os gafanhotos; si espigava, o sabugo sahia sem grãos; o que granava tinha de ser colhido verde para os passaros o não comerem. As ratazanas eram tantas que um casal de gatos foi vendido por uma libra de ouro, e os filhotes a vinte e trinta oitavas. Em 1729, por falta de fazendas, venderam-se camisas de alguns lençóes que se desfaziam a doze oitavas de ouro; a vara de algodão da terra a tres e a quatro oitavas; sal não havia nem para baptisado.

A situação melhorou muito lentamente. Em 1725 começou-se a navegação pelo Pardo, Coxim e Taquary, o que facilitava bastante a viagem, principalmente depois de se fazerem roças, criação de gado e até carros para transportar canoas no varadouro de Camapuan, entre o Paraguay e o Paraná.

Em 1728 plantou-se canna: "logo começaram a moer nas moendinhas que chamamos escaroçador e a estilar em lambiques que formavam de tachos, appareceram logo aguas ardentes de canna que vendiam a cinco e seis oitavas de ouro e as frasqueiras a quarenta oitavas. Com isto foi que se começou a lograr saude, a cessarem as enfermidades e terem os homens boas cores que até então tinham-nas de defuntos, foram a menos as hydropesias e inflammações de barrigas e pernas e a mortandade de escravos que té ahi se experimentava enterrando-se cada dia aos montões".

Até então a gente se concentrava nas cercanias de Cuyabá. Em 1734 transpuzeram a serra e na região dos Parecis affloraram novas minas. Grandes florestas encontradas ali são a origem do nome de Mato-Grosso. Em 1736 descobriu-se caminho por terra de Cuyabá ao Paraguay, e pelas aguas do Guaporé a mi-

neração foi se extendendo. Aquelle ponto mais remoto ainda do que Cuyabá soffreu iguaes miserias; despertou, porém, risonhas esperanças conhecer-se a existencia de aldeias de jesuitas espanhoes a distancias relativamente pequenas. Os primeiros que foram ás reducções encontraram bom acolhimento e obtiveram algum gado. Brotou a idéa de entabolar commercio e logo outros aventureiros realisaram mais de uma expedição sem o fructo appetecido, porque ordens restrictas vedaram quaesquer transacções com os Portuguezes. Nas reducções encontraram noticia de estarem na bacia do Madeira.

Poucos annos antes Francisco de Mello Palheta chegara ás aldeias do Mamoré, partindo do Pará. Animado por este exemplo, Manuel Felix de Lima em 1742 atirou-se ao rio Guaporé e foi sahir em Belem. Mais tarde João de Sousa de Azevedo embarcou no Arinos, foi dar no Tapajós e voltou pelo Madeira. Apesar das difficuldades de navegação ainda hoje não vencidas, a viagem de um e outro rio foi repetida e aquelles sertões de Noroeste ficaram ligados á baixada do Amazonas.

Outra ligação se estabelecera antes com S. Paulo por via terrestre para evitar os indios brabos. Desde a barra do São Lourenço começaram os Payaguás e Guaicurús a perseguir as pessoas que iam para Cuyabá ou de lá tornaram. Appareciam de subito em innumeras canoas, e conhecendo os minimos accidentes dos pantanaes escolhiam os pontos de ataque e sabiam furtar-se aos que os perseguiam. Diz-se que obravam incitados pelos Castelhanos de Asuncion e é muito possivel, porque mineiros e bandeirantes não eram visi-

nhos para se desejar. Em todo caso o ouro que tomavam encontrava sahida no Paraguay e tanto bastava para estimula-los em seus salteios.

O primeiro destes successos occorreu em 1725. Diogo de Sousa com muita gente entrava no Xané, no delta do S. Lourenço, quando appareceu o gentio. Foram mortas seiscentas pessoas: salvaram-se apenas um branco e um preto: como trophéo e despojo, os Payaguás levaram vinte canoas. Repetiram-se os ataques nos annos seguintes, ora mais perto, ora mais longe do Taquary, ponto obrigado depois das plantações do Camapuã e da navegação do Pardo. No meio de expedições para tomar vingança dos Barbaros, surgiu a idéa de abrir caminho para Goyaz e o povo concorreu com tres mil oitavas para a obra. Realisou-a Antonio Pinto de Azevedo, que já estava de volta a Cuyabá em Setembro de 1737, com cavallarias e gados, os primeiros ali introduzidos.

Os descobertos de Cuyabá lembraram a Bartholomeu Bueno da Silva que uns quarenta annos antes, percorrendo os sertões em companhia de seu pae, o primeiro Anhanguera, vira entre os indios Guaiá pepitas de ouro servindo-lhes de ornatos. Deviam ser muito auriferas aquellas regiões, pois o metal chegara a attrahir a attenção do aborigene. Sentiu-se capaz de acha-las outra vez, offereceu-se a tenta-lo e seu offerecimento acceito, partiu de São Paulo em Janeiro de 722.

Fiara de mais de sua retentiva: durante mais de tres annos andou a esmo em todos os sentidos, até as cabeceiras do Araguaya; parte de sua gente desceu o Tocantins e chegou ao Pará; parte cahiu em encontro

com os Indios, parte morreu de fome; depois de comidos os cachorros e alguns cavallos, "fiz trinta e cinco sermões sem mudar de thema, — conta um companheiro do segundo Anhanguera —, animando a todos que não esmorecessem, certificando-lhes para diante rios de muitos peixes, campos de muitos veados, matos de muita caça, mel e guarirobas. Perguntavam os miseraveis quando? Respondia-lhes: nestes dias, e nestes permittia Deus que chegassemos e tudo se achava certo. Com isto cessaram as mortes e não morreu mais ninguem, e mal de muitos se não fora o pregador".

Afinal, em 21 de Outubro de 725, Bartolomeu Bueno chegou triumphante a S. Paulo, assegurando iguaes grandezas ás de Cuyabá, com a vantagem dos ares não serem tão contagiosos. Os rios, cujas passagens lhe foram concedidas e a seu socio Bartholomeu Paes de Abreu, pae do benemerito historiador paulista Pedro Taques, dão idéa approximada do seu itinerario, a trechos seguido no traçado da E. F. Mogyana: Atibaia, Jaguary, Mogy, Sapucahy, Pardo Grande, Velhas, Paranahiba, Corumbá, Meia-Ponte e Pasmados.

A primeira mineração condensou-se no rio Vermelho, affluente do Araguaya; mas tambem aqui appareceram minas generalisadas e os mineiros se dispersaram.

Em 733 Domingos Rodrigues do Prado descobriu as de Crixás, Manuel Dias da Silva as de Santa Cruz, e Calhamare as de Antas; no mesmo anno Manuel Rodrigues Thomar descobriu as de Agua-quente e nos seguintes as de S. José e Trahiras; em 734 Carlos Marinho descobriu as de S. Felix, em 736 descobriu

as de Cachoeira, Santa Rita e Moquem; em 737 Francisco de Albuquerque Cavalcante descobriu as que guardam seu nome; datam de 739 o descoberto de Amaro Leite, de 740 o de Arraias, devido a Francisco Lopes, de 740 o de Pilar, devido a João de Godoy Pinto da Silveira, de 746 o de Santa Luzia, devido a Antonio Bueno de Azeredo. Estas datas são approximadas, e variam com os chronistas.

A situação geographica de Goyaz permittia-lhe facilmente communicar-se com a baixada amazonica e com os chapadões de Parnahiba, de S. Francisco e do Paraná; sua apparição tardia na historia e relativa proximidade do povoado pouparam-lhe muitas das privações soffridas por Minas Geraes e Mato Grosso. O primitivo caminho de S. Paulo pouco tempo conservou-se unico; apesar das prohibições repetidas e arbitrarias abriram-se mais outras picadas, e gados e aventureiros affluiram de Minas Geraes, Bahia, Pernambuco, Piauhy e Maranhão. Já se viu que poucos annos depois daqui partiram recursos para os cuyabanos.

Varias expedições se organisaram á procura de jazidas particularmente abundantes, sybilinamente annunciadas em roteiros mysteriosos, — Martyrios, assim chamados da semelhança entre as fórmas das rochas visinhas e os instrumentos da Paixão, Araez, rio Rico, etc. Nos roteiros, observa Eschwege, que ainda alcançou alguns, guardados ciosamente nas familias, tres irmãos ou tres irmãs podem ser tres serras ou tres rios; juntamente com a trindade, anda em geral a alavanca encostada á gamelleira, ou a corrente pregada ao cedro, ou o prato de estanho largado numa loca, designados como conhecenças inequivocas do thesouro e

nunca vistos. Os Martyrios, se de facto existem, aguardam ainda descobridor.

A estas tres capitanias auriferas cumpre aggregar a da Bahia, não menos rica. Jacobinas e rio de Contas, este sobretudo, justificaram todas as esperanças do velho Gabriel Soares; mas a metropole julgou estes descobertos demasiado proximos do littoral, expostos portanto a assaltos de piratas, e prohibiu fossem minerados. O veto respeitou-se o menos possivel, embora se guardassem as apparencias; dahi certo ar de clandestinidade associado á mineração bahiana e a impossibilidade de especifica-la. Mais tarde a prohibição foi levantada; comtudo Bahia continuou antes agricola e pastoril que mineira, e Goyaz afogou-a com o seu esplendor.

As Ordenações do Reino enumeravam as minas entre os direitos reaes. Como a experiencia de quasi um seculo patenteasse a difficuldade de desfructa-las, triumphou a idéa, suggerida talvez por D. Francisco de Sousa e incorporada no regimento de 1603, de permittir a lavrança, com a resalva do quinto para a Corôa. Em quanto o ouro andou por oitavas e libras, a porcentagem foi por assim dizer deixada aos escrupulos de cada mineiro, mera affirmação de um principio theorico; com os descobertos geraes de Cataguazes transformou-se em propulsor de todo o mechanismo colonial.

No chaos inicial a unica autoridade, o guarda-mór, demarcava os lotes e apartava para o rei uma data, adjudicada em licitação a quem mais désse. O quinto cobravam provedores *ad hoc* ou arrecadavam registros collocados em pontos de passagem for-

çada: Taubaté, para quem procurava São Paulo, ou Paraty, no caminho do Rio. Nas ribeiras do São Francisco a collecta ficava mais difficil, porque a partir do arraial de Mathias Cardoso, perto da actual Januaria, abriram-se muitos caminhos para o Norte e Nascente; pelo rio desciam canoas e muitos preferiam este vehiculo, mais seguro e mais economico. A difficuldade de arrecadação ainda avultou quando Garcia Paes estabeleceu communicação directa com a bahia de Janeiro. Mesmo assim o rendimento foi consideravel.

Nova era começa em 1711, com a chegada de Antonio de Albuquerque, a creação de villas e a installação das municipalidades. Albuquerque reuniu as camaras e pessoas mais notaveis, para assentarem o melhor meio de garantir os interesses da Corôa. Parecia racional uma capitação paga por cada bateia empregada na lavra; as camaras preferiram impostos de entrada sobre fazendas seccas, molhadas e escravos. A invasão de Duguay Trouin chamou o governador ao Rio; o ponto ficou suspenso; continuaram os registros e o systema antigo.

Braz Balthasar da Silveira, novo governador, acceitou o offerecimento feito pelas camaras de Villa-Rica, Sabará e Carmo, de darem annualmente, em paga do quinto, trinta arrobas de ouro (1 arroba == 16.834.000, cambio de 27); para auxilio da cobrança, concedeu-lhes D. Braz uma quota no direito das entradas. Durou esta avença um quinquennio, sem que o governo da metropole jamais parecesse satisfeito.

De 1718 a 722, as camaras abriram mão da quota de importação e obrigaram-se a pagar annualmente

vinte e cinco arrobas. A côrte encheu-se, porém, de escrupulos com a injustiça da capitação até ali vigente; preferiu casas de fundição, a que seria recolhido todo o ouro em pó, reduzido a barras e desde logo quintado. Avessas a este systema, as municipalidades propuzeram pagar trinta e sete arrobas e assim se fez até 1725.

De então até 1750 vigorou, ora systema de capitação, ora o de casas de fundição. Estas foram definitivamente estabelecidas desde o começo do reinado de José I; afiançaram as camaras o rendimento annual de cem arrobas; havendo sobra, poderia servir para cobrir o deficit do anno seguinte; si este apresentasse tambem sobra, a do anno anterior ficava pertencendo definitivamente á Corôa; si houvesse deficit e não pudesse ser supprido pelo modo indicado, proceder-se-ia á derrama, isto é, cada municipalidade concorreria proporcionalmente, de modo a completar-se a centena de arrobas. A camara mais opulenta, a de Villa-Rica, tinha, como recursos exclusivos, os aferimentos de pesos e medidas, os foros das casas, a renda dos açougues e a da cadeia; sommado tudo não chegava a cinco contos annuos. Quer isto dizer que a escrupulosa metropole passava adiante a responsabilidade na odiada capitação.

Levariam longe os pormenores do regimen fiscal, imposto a Minas Geraes e, até onde o permittiam as distancias e a população esparsa, a Bahia, Goyaz e Mato Grosso; a prohibição de abrir novas picadas, a prohibição de fundar novos engenhos, a prohibição de andar com ouro em pó, a prohibição de andar com ouro amoedado, a prohibição de exercer o officio de ourives, os impostos multiplos, os donativos implorados

por prazo certo e curto e depois exigidos imperiosamente por prazo muito maior, estranhando-se a ousadia de suspende-los nos termos do accordo inicial, mostrariam até onde pode chegar uma administração sem melindres e sem intelligencia e uma gente sem energia, si não fosse o districto adiamantino.

Apenas uma amostra. Divulgada em 1730 a existencia de diamantes no Tijuco, logo D. Lourenço de Almeida, governador de Minas Geraes, estabeleceu a capitação de 5$ por cada escravo empregado nas lavras; no anno seguinte mandou despejar as minas, expulsar da comarca do Serro negros, mulatas e mulatos forros, limitar a mineração a certa zona, pagando-se pelo menos 60$ annualmente, afinal por muito favor reduzidos a 20$, prohibiu vendas fora do povoado e só as permittiu na povoação com o sol de fóra; em 1734 a capitação foi elevada a 40$, e logo em seguida vedada a mineração e mandado que nem um dos habitantes do districto pudesse ter batêa, almocrafe, alavanca ou qualquer outro instrumento de minerar. Com o tempo foi-se tornando mais tyrannico o regimen, de modo a permittir que a Corôa portugueza ficasse senhora do mercado de diamantes do mundo inteiro.

O ouro produzido no Brasil escapa a qualquer avaliação exacta. Levando em conta uma porção de dados, Calogeras calcula que Goyaz e Mato Grosso desde o começo da mineração até 1770 deram uma producção total de nove mil arrobas; daquella data a 1822 mais umas duas mil e quinhentas: ao todo cento e noventa mil kilogrammas. Entre São Paulo, Bahia e Ceará haveria mais setenta e cinco a oitenta mil. Chega-se assim ao total de duzentos e setenta mil kilos para a

producção destas partes do Brasil, durante o periodo colonial até 1822.

Para Minas Geraes avalia-a em sete mil quinhentas arrobas do principio até 1725; em seis mil e quinhentas arrobas a producção dos onze annos seguintes; em doze mil arrobas de 1736 a 1751; em dezoito mil arrobas de 1752 a 1787; em tres mil e quinhentas a quatro mil arrobas de 1788 a 1801; em tres mil e quinhentas arrobas de 1801 a 1820. Até 1820 a extracção total em Minas deveria andar por 51.500 arrobas, digamos 772.500 kilogrammas.

Os quintos representavam apenas uma parte do regimen fiscal: havia mais os dizimos, os direitos das entradas, as passagens dos rios.

Os dizimos, estabelecidos em 1704, rendiam no tempo de Teixeira Coelho mais de sessenta contos annuaes: para os seis annos e cinco mezes decorrentes do primeiro de Agosto de 1777 ao ultimo de Dezembro de 1783 o contracto foi arrematado por 388 contos.

Os direitos de entrada cobravam-se nos registros do caminho novo, da Mantiqueira, do Itajubá, do Jaguára, do Ouro-fino, do Jacuhy, de Sete Lagôas, do Jequitibá, de Zabelê, do ribeirão da Areia, de Nazareth, de Olhos d'agua, de S. Luis, de Santo Antonio, de Santa Isabel, do Pé do morro, do Rebello, do Inhacica, do Caeté-mirim, do Galheiro, do Bom-Jardim, de Simão Vieira, de Jequitinhonha, de Itacambira, do rio Pardo. Pagavam entrada os escravos introduzidos pela primeira vez, cabeças de gado vaccum, muar ou cavallar, e as cargas de fazenda secca ou molhada. Por molhados entendiam-se os comestiveis, ferro, aço, pol-

vora e tudo o mais improprio para se vestir. O rendimento das entradas em 1776 foi de mais de cento e quarenta e sete contos.

Pagava-se passagem nos rios Sapucahy, Verde, Mortes, Grande, Paraupeba, Velhas, Urucuia, Baependy, Pará, São Francisco, Jequitinhonha. Officios de justiça e fazenda pagavam tambem donativos, terças e novos direitos.

Na constancia da derrama surgiram os primeiros phenomenos da decadencia da mineração. Explicaram-na pelos extravios cada vez mais numerosos, graças á multiplicidade, de vias de communicação. Teixeira Coelho, que passou onze annos em Minas, occupando altos empregos, e deixou escripto precioso sobre a capitania, indica outras causas: a pobreza dos mineiros; falta de negros, monopolios delles e direitos excessivos que pagavam; abusos nas concessões dos guarda-mores; demandas sobre terras e aguas mineraes; mau methodo de minerar; demandas sobre os privilegios dos mineiros a que chamam da trintada, divisão das fabricas por herança, etc.

Todos estes males influem sensivelmente na decadencia das minas, observa Eschwege, mas todos elles procedem de duas unicas causas, e são terem se franqueado ao povo as minas sem limitação e sem inspecção sobre seus trabalhos e a falta de leis montanisticas adequadas a este paiz... Os mineiros do paiz aproveitam só o que podem separar mecanicamente e de uma maneira muito imperfeita. Assim, contando todas as perdas que soffrem, causadas pela sua ignorancia, desde que tiram o ouro do seu leito natural

até que sae fundido da casa de fundição e da da moeda, não será por certo exaggerado quem avaliar estas perdas em a metade do mesmo ouro...

Desenganada de ouro, a população procurou outros meios de subsistencia: a creação do gado, a agricultura de cereaes, a plantação de canna, de fumo, de algodão; com o tempo avultou a producção ao ponto de crear-se uma industria especial de transportes, confiada aos historicos e honrados tropeiros.

Diversas tentativas se fizeram para atravessar a matta e communicar directamente com o mar. A mais feliz consistiu na passagem do alto rio Doce para o Pomba iniciada por 1766. A presença de poaia facilitou o commercio com os indios daquellas regiões, Coroados, Coropotos, extractores da erva medicinal, cujo emprego, segundo uma tradição encontrada por Martius, lhes ensinou a irara: "asseguraram-nos, escreve elle, que estes filhos da natureza aprenderam o uso da raiz hemetica com a irara, especie de marta, que costuma, quando bebeu de mais agua impura ou salgada de muitos riachos e tanques, mastigar a raiz e a erva para provocar vomito. Comtudo isto pode muito bem ser uma das muitas historias infundadas que sem exame os Portuguezes receberam dos indios".

Assim, a penetração ou melhor a exteriorisação fez-se rapida atravez da zona da ipecacuanha. Já na era de 780 Miguel Henriques, o Mão de Luva, chegava por este caminho ás minas de Cantagallo. Mais tarde plantou-se café naquella comarca, que desceu o Paraiba ou procurou o porto de Magé, (por Apparecida, Serra do Capim, Paquequer, estrada construida pelo

barão de Ayuruoca), emquanto não poude servir-se da Estrada de Ferro de Pedro II e da Estrada da Leopoldina.

* * * * *

Os triumphos colhidos em guerras contra os estrangeiros, as proezas dos bandeirantes dentro e fóra do paiz, a abundancia de gados animando a immensidade dos sertões, as copiosas sommas remettidas para o governo da metropole, as numerosas fortunas, o accrescimo da população, influiram consideravelmente sobre a psychologia dos colonos. Os descobertos auriferos vieram completar a obra. Não queriam, não podiam mais se reputar inferiores aos nascidos no além-mar, os humildes e envergonhados masombos do começo do seculo XVII. Por seus serviços, por suas riquezas, pelas magnificencias da terra natal, contavam-se entre os maiores benemeritos da corôa portugueza.

Tal transfiguração não se deram pressa em reconhecer os filhos de alem-mar. Dahi attritos frequentes. Gregorio de Mattos, bahiano que se formara em Coimbra e aliás não revela sympathia particular pelos patricios, já na segunda metade do seculo XVII manejava o latego da satira contra o reinol: vem degradado por crimes, ou fugido ao pae, ou por não ter o que comer, salta no caes descalço, despido, rôto, trazendo por cabedal unico piolhos e assobios, curte vida de miserias, amiúda roubos, ajunta dinheiro, casa rico e occupa os cargos da republica! De outra parte não faltariam respostas mordazes e remoques equivalentes.

Destes attritos e malquerenças a primeira mani-

festação publica explodiu nas terras do ouro com a chamada guerra dos Emboabas, uma das designações dos reinoes na lingua geral. Para o caso de que vamos agora tratar a designação era pouco rigorosa. Naquellas brenhas tão alongadas do littoral devia haver poucos Portuguezes; é provavel, quasi certo, estivessem em minoria nos combates: mas a alcunha além de affrontosa, resolvia uma questão difficil: como chamar os adversarios, em sua maioria gente da ribeira do São Francisco, si muitos vieram de S. Paulo ou procediam de paulistas, e eram bahianos os de uma, pernambucanos os de outra margem? Chamavam emboabas a todos os que não sahiram de sua região, explica Rocha Pitta.

Os paulistas affectavam profundo despreso pelo emboaba, tratavam-se por vós, como se fôra escravo, informa o chronista destes successos. Durante o praso de sua prepotencia entre a serra da Mantiqueira e a do Espinhaço, nas primeiras decadas da anarchia incompressivel, entregaram-se aos maiores excessos e só a força deu leis. Um dia, ante a violencia praticada á sua vista contra um pobre diabo, protestou Manuel Nunes Vianna, emboaba poderoso, afazendado nas margens do Carinhanha, pratico em guerras contra o gentio de S. Francisco, nas quaes conquistara o posto de mestre de campo. Tanto bastou para promoverem-no a chefe dos opprimidos. Os paulistas por sua vez sentiam-se espoliados com a presença de tantos forasteiros. Conservam odio aos reinoes, lembrava Antonio Rodrigues da Costa, no Conselho Ultramarino de que era membro, porque os reputam por usurpadores daquellas riquissimas minas, que elles entendiam firmemente serem patrimonio seu, que lhes havia dado ou a sua for-

tuna ou a sua industria. Entre espoliados e opprimidos o conflicto era fatal.

A morte da gente miúda não se levava em conta, mas um dia os forasteiros mataram José Pardo, paulista poderoso, e seus patricios começaram a se armar, para em Janeiro do seguinte anno de 1709, dar cabo dos emboabas. Estes, fogosos agora com o prestigio do chefe eleito, anteciparam a ameaça e sahiram á procura do inimigo para dar-lhe combate. A força de São Paulo, que descuidosa acampava junto ao rio das Mortes, recolheu-se a um capão quando chegou a multidão arrebanhada no rio das Velhas e alto rio Doce. De cima das arvores os paulistas disparam tiros certeiros, mas sua resistencia não podia aturar muito, por estar cercado o mato de modo a não permittir sahida e além disso fallecerem viveres. Espalhou-se que os emboabas se contentariam com desarmar os contrarios, e estes fiados sa promessa vaga pediram bom quartel, promettendo entregar as armas. Concedeu-lhe Bento do Amaral Gurgel, cabo da força atacante, fluminense de instinctos sanguinarios; apenas, porém, os viu indefesos "fez um tal estrago naquelles miseraveis que, deixando o campo coberto de mortos e feridos, foi causa de que ainda hoje se conserve a memoria de tanta tyrannia, impondo áquelle logar o infame titulo de capão da Traição".

Ensoberbecidos com esta victoria, os emboabas proclamaram Manuel Nunes Vianna governador daquellas minas. O acclamado, alheio ás malfeitorias e crueldades de Bento do Amaral, praticadas longe de suas vistas e sem seu assentimento, mostrou-se capaz do cargo; elevou-se de chefe de partido a cabeça de governo, creou

juizes, distribuiu postos, officios e patentes, regularisou a concessão das minas, cobrou os quintos devidos ao regio erario, arrecadou direitos sobre os gados e fazendas importadas, sopeou a anarchia reinante. Excessos praticou necessariamente, nem com facilidade poderia evita-los, mas sua obra foi benefica e depois della percebe-se o arrefecimento da barbarie universal. Era aliás um espirito de certa cultura; gostava de ler a *Cidade de Deus,* e obras congeneres; a suas expensas se imprimiu o *Peregrino da America* de Nuno Marques Pereira, um dos mais apreciados livros para nossos ávós do seculo XVIII, como provam suas numerosas edições.

A noticia dos successos do rio das Mortes attrahiu ás minas Fernando de Lencastro, governador do Rio. Os espiritos estavam ainda muito excitados para reconhecer-lhe a autoridade, mesmo si admittissem sua imparcialidade e desta com razão ou sem ella duvidavam. Em Congonhas, proximo de Ouro Preto, Nunes Vianna sahiu-lhe ao encontro, rodeado de cavallaria e infantaria e o governador intimidado fez-se de volta para sua capital. Diz-se que secretamente procurou-o o chefe dos emboabas, assegurando-lhe sua lealdade, promettendo sujeitar-se á ordem legal apenas serenasse a effervescencia de sua gente. Parece exacta a historia, pois quando mais tarde acudiu Antonio de Albuquerque, successor de D. Fernando, acompanhado apenas de dois capitães, dois ajudantes e dez soldados, Nunes Vianna entregou-lhe voluntariamente o mando e recolheu-se a suas fazendas na margem pernambucana do S. Francisco.

Donde menos se esperava annunciou-se nova procella. Os paulistas, sobreviventes ao morticinio do capão da Traição, foram recebidos em sua terra com desprezo até das proprias mulheres, que "blasonando de Pantasileas, Semiramis e Zenobias, os injuriavam por se haverem ausentado das minas fugitivos, e sem tomarem vingança dos seus aggravos, estimulando-os a voltar na satisfação delles com o estrago dos forasteiros". Estas palavras ardentes encontraram echo; Piratininga tornou-se praça de guerra; numerosos voluntarios, sedentos de vingança, gruparam-se a roda de Amador Bueno da Veiga e se encaminharam para além da Mantiqueira. Sua marcha foi bastante vagarosa. Sahiu-lhes ao encontro Antonio de Albuquerque, esperançado em ser tão bem succedido com elles como fôra com os emboabas. Enganou-se, porém; a marcha vagarosa dos paulistas não provinha de hesitações ou receios e por tal modo receberam o governador que dali mesmo seguiu para o Rio pelo velho caminho de Paraty, receioso de ser preso por aquelles subditos turbulentos. Da cidade, pelo caminho novo de Garcia Paes, mandou avisar os emboabas do perigo que os ameaçava.

Assim tiveram tempo de se apparelhar e fortalecer até chegar Amador Bueno com seus mil e trezentos soldados. Feriu-se logo o combate e durou varios dias; alguns paulistas, desanimados com a resistencia, falaram em levantar o cerco; alguns emboabas, á vista da mortandade nas proprias fileiras, pensaram em se render. O odio era demasiado forte de parte a parte para prevalecer qualquer solução mais humana. Afinal, quando os emboabas já não podiam se man-

ter e dispunham uma sortida desesperada, mysteriosamente retiraram-se os paulistas, talvez com o boato de marcharem do rio das Velhas e de Ouro-Preto forças consideraveis. Não deram com isso a partida por perdida e trataram de preparar ou fingiram preparar outra expedição mais forte para recomeçar a lucta; interveio, porém, D. João V, com o prestigio semi-divino da realeza naquellas intelligencias rudimentares: "entendendo o soberano que animos generosos se deixam vencer com qualquer afago, lhes enviou pelo novo governador um retrato seu... para que entendessem que visitando-os daquelle modo, já que pessoalmente o não podia fazer, tomava aos paulistas debaixo de sua real protecção". Com este singular presente se satisfizeram, e esquecidos dos aggravos passados depuzeram as armas.

Depois da guerra dos emboabas, houve ainda desordens em Minas-Geraes, uma dellas, em 1720, suffocada energicamente; não mais as inspirou o espirito de nativismo, isto é, a queixa de espoliação e sua importancia é meramente provinciana.

Mal estavam pacificadas as terras do ouro e já rebentava manifestação analoga na capitania de Pernambuco.

Depois da expulsão dos Flamengos, o governador fixou residencia em Olinda, e nella o primeiro bispo estabeleceu a séde da diocese em 1688. A nobreza antiga reedificou a casaria destruida, que occupava só por occasião das festas, pois a maior parte do anno passava nos engenhos. O Recife, graças á superioridade do porto, continuou a prosperar e adquiriu população numerosa e permanente; preferiam-no para mo-

rada os negociantes, gente que em geral procurava enriquecer depressa, para ir desfructar a fortuna no além-mar. Os olindenses olhavam para elles com toda a soberania de sua prosapia e de seus postos, desdenhosamente chamavam-nos mascates, e andavam sempre em rusgas por causa de contas, queixando-se uns de usura e extorsão, outros de mau pagamento e má fé.

Depois de enriquecer, alguns recifenses procuravam ter tambem parte no governo, obter habitos e ganhar postos de milicia. Conseguiram-no com grande indignação da nobreza, acostumada ao privilegio destas honrarias. Em 1703 fizeram não só eleitores como um vereador. Com isto tanto mais se exarcebaram as paixões. Olinda aproveitou sua dupla superioridade de capital civil e ecclesiastica para a todo proposito amesquinhar a rival. Desde então empenharam-se os mascates em obter para o Recife o titulo de villa, condição de autonomia dos negocios municipaes. Emquanto reinou D. Pedro II, lembrado ainda da guerra dos vinte e quatro annos, valeu a opposição da nobreza; D. João V cedeu á influencia contraria poucos annos depois de haver subido ao throno.

A solução offendeu os brios olindenses, mas talvez não provocasse violencias se a outro coubesse executar a ordem régia. Governava a capitania Sebastião de Castro Caldas, ex-governador do Rio e da Parahiba, portuguez leviano, sarcastico, desdenhoso dos subordinados, addicto dos reinoes. A 5 de Fevereiro de 1710 levantou o pelourinho da villa nova, em honra sua chamada de S. Sebastião; a 3 de Março levantou outro com maior solennidade, por não ser bastante o primeiro. A delimitação do termo de Recife, a jurisdi-

cção dos juizes ordinarios, a serventia dos diversos officios malquistaram o ouvidor, o juiz de fóra e o juiz ordinario com o governador. Correu que se pretendia depo-lo, como em 1666 se fizera a Jeronymo de Mendonça Furtado. Sob este pretexto, verdadeiro ou falso, começou elle a prender pessoas importantes, e ameaçava ainda outras quando a 17 de Outubro desfecharam-lhe um tiro ás 4 horas da tarde, no meio da rua. Já tardava este desfecho: "em Pernambuco se acha que mais gente se tem morto a espingarda depois de sua restauração do que matára a mesma guerra", escrevera-se alguns annos antes.

Não foram pegados os tres mandatarios nem se descobriu mandante. Caldas, ligeiramente ferido, prohibiu que a dez leguas do Recife andasse alguem armado e mandou prender mais gente. O facto de superintender a tudo sem se recolher ao leito, deu aso aos agitadores para espalharem ser fingido o ferimento e o tiro mandado dar por elle proprio; a prohibição de andar-se armado apontaram como prova de estar disposto a entregar a terra aos Francezes, que acabavam de atacar o Rio. Com isto cresceu a fermentação; perdendo a calma, o governador expediu varios destacamentos ás freguesias da matta, a effectuar novas prisões. Levantou-se o povo; parte da tropa foi cercada, parte capitulou, parte fraternisou, e levas numerosas de populares puzeram-se em marcha para o Recife.

A 5 de Novembro chegou á praça a noticia do levante; a 6, Caldas tentou negociar com os levantados, que a nada quizeram attender; a 7 de madrugada embarcou numa sumaca para a Bahia, levando comsigo alguns dos mais odiados de seus partidarios.

Dos populares, recrutados pela maior parte em Santo Antão, S. Lourenço, Jaboatão, Varge, Muribeca, alguns eram movidos sobretudo pela pretensa traição do governador; a outros instigava odio aos mascates, e formava artigo de seu programma o saque do Recife. Te-los dissuadido deste projecto deveu-se principalmente aos religiosos regulares e seculares. Na entrada da nova villa houve algumas violencias, mas de pequeno vulto e a tempestade desfez-se sem os estragos temidos. O pelourinho foi derribado, annullada a eleição, inutilisados os pelouros, privados de insignias os officiaes mascates; um ou outro devedor menos consciencioso liquidou as contas summariamente; comtudo houve mais farças e desfeitas que violencias e desforços.

Com a retirada de Sebastião de Castro vagara o logar de governador; abertas as vias de successão para saber o nome do substituto, sahiu o do bispo da diocese. Alguns insurgentes oppuzeram-se á posse. Bernardo Vieira de Mello, sargento-mór, um dos cabos na guerra dos Palmares, propoz se proclamasse uma republica á moda de Veneza ou se procurasse a protecção de alguma potencia christã. Hoje é festa estadual em Pernambuco o dia 10 de Novembro, em honra deste gesto peregrino. Que idéa formava de republica e da adaptabilidade a terras tão atrasadas, a povo tão alheio ás praticas politicas e administrativas, de organismo complexo e delicado qual a constituição veneziana, provavelmente se ignorará até a consummação dos seculos. Ouvira, talvez, falar no seu caracter aristocratico e ingenuamente equiparava a nobreza de Olinda aos cultos patricios das lagunas. Do protectorado de qual-

quer nação christã que se poderia seguir? Esperava-o fim identico ao da invasão flamenga, — bem o provava o actual movimento, triumphante graças principalmente á crença que se divulgou da connivencia do governador expulso com os Francezes. De resto podem ser falsas estas allegações, transmittidas só por adversarios rancorosos, empenhados em aggravar as culpas dos vencidos. Acabou-se reconhecendo legitimo o successor indicado pelas vias de successão, Sua Illustrissima o Senhor D. Manuel.

D. Manuel Alvares da Costa, chegado de Portugal no começo do anno, mantivera com o representante do poder civil as relações antes frias que cordiaes de praxe entre os cabeças das duas sociedades perfeitas. Ao ser informado do tiro, foi visitar o ferido de quem na mesma occasião se despediu por ter de partir para a Parahiba. Em caminho aggregou-se á comitiva, como dias antes convencionara, José Ignacio Arouche, o ex-ouvidor malquistado com o governador a proposito da divisão do termo do Recife, e objecto de odio muito particular seu e dos mascates, apesar de portuguez. Sebastião de Castro implicou-o entre os mandantes do crime e fautores da conspiração, deu ordem de captura-lo e não sendo achado em casa, mandou segui-lo até onde fosse encontrado: era facil a diligencia, pois Arouche não andara com mysterios.

A 20 de Outubro amanheceu cercada a igreja de Tapirema, onde pernoitara o bispo, por uma tropa de soldados encarregada de realisar a prisão. D. Manuel escreveu a Sebastião de Castro, protestando contra a desattenção a sua pessoa e descomposição immerecida e obrigando-se a dar conta do perseguido. A

resposta foi remessa de força mais numerosa, accusações odiosas contra o ex-ouvidor, ordem de traze-lo vivo ou morto: "si o dito doutor está innocente, tenho bens com que satisfazer-lhe a injuria e cabeça com que pague quando por este respeito mereça castigo... Este doutor ficou em Pernambuco ou por peccado da terra ou pelos meus, pois não só embaraçou o meu governo, mas poz a V. S.ª em odio com as suas ovelhas, como é publico e notorio, pois todos reconhecem as lettras e virtudes de V. S.ª e attribuem aos seus conselhos e vinganças tudo quanto se tem visto e experimentado". Arouche escapou á prisão porque sacerdotes do logar deram-lhe escapula e por caminhos desviados levaram-no á Parahiba.

D. Manuel voltou para Olinda no dia 10 de Novembro, a 15 tomou posse do governo e logo, para aquietar os povos sublevados desde São Francisco até Parahiba, perdoou-lhes a revolução e o tiro, "confiado na grandeza de el-rei nosso senhor que Deus guarde o haja de confirmar".

Seguem-se alguns mezes de calma apparente. A nobreza desfructava ruidosamente a victoria, dando tudo por terminado: apenas em Junho do anno seguinte falou-se de tirar proveito das fortalezas para impedir o desembarque do novo governador, si não trouxesse o perdão esperado, ou permitti-lo sómente sob certas condições.

Entretanto a inercia dos mascates encobria um trabalho de mina muito activo. Com habilidade foram separadas da causa de Olinda as freguesias situadas entre o cabo de Santo Agostinho e o rio S. Francisco; obtida a cooperação do capitão-mór da Parahiba,

do mestre de campo dos Henriques, do governador dos indios, do commandante da fortaleza de Tamandaré; aos poucos, para não despertar attenção, reunidos viveres em quantidade sufficiente para resistir a um cerco; alliciado o terço do Recife com seus officiaes, fieis a Sebastião de Castro até a ultima hora. Esta pelo menos é a versão olindense. Como nada transpirou até o momento decisivo difficilmente se comprehende; não se sabe o que mais admirar, si a manha da gente mascatal, si a cegueira da nobreza, e ganha foros de verosimil a historia depois contada pelos mascates de que nada se previra, nada se preparara, tudo surgira de momento. Até hoje só têm triumphado no Brasil movimentos improvisados, que dispensam longas combinações e prodigalidades cerebraes.

Soldados do terço do Recife e os de Bernardo Vieira de Mello entraram em rusga por causa de mulheres a toa; o sargento-mór tomou o partido dos seus e exigiu o castigo dos outros; estes imploraram-lhe perdão, mas encontrando-o mal disposto e implacavel, sahiram para a rua disparando tiros, dando vivas ao rei e morras aos traidores, prenderam o cabo dos Palmares e levaram-no para a cadeia. O bispo e Valenzuela Ortiz, antigo juiz de fóra que interinamente substituia Arouche na ouvidoria, assistiram á prisão e approvaram-na. Como por encanto occupou as fortalezas a gente recifense; tudo isto a 18 de Junho de 1711. No outro dia o bispo assignou communicações ás freguesias ruraes aquietando-as. Si houvera de facto plano, a execução correu magistral: de um só golpe ficavam guarnecidas as fortalezas com pessoal amigo, immobilisado o mais resoluto cabecilha do grupo adverso

e a legalidade de tudo attestada pela presença e approvação explicita do chefe religioso e civil da capitania e de seu primeiro magistrado. Depois de tres dias o bispo e o ouvidor sahiram de Recife para Olinda, onde o inesperado dos successos provocara a maior agitação.

D. Manuel era varão virtuoso e lettrado, mas facilmente sugestionavel, timorato e violento a um tempo, impellido numa direcção pelos dictames da consciencia e logo atirado em sentido opposto pelas intrigas dos conselheiros. Sem grande custo convenceu-se na cidade de que os mascates quizeram prende-lo, que a guarnição das fortalezas embuçava os mais negregados horrores e não podia, nem devia permittir desrespeito á magestade real depositada em suas mãos. Mandou diversas intimações aos do Recife para abandonarem as fortalezas, desvanecerem as fortificações feitas para terra, reconhecerem a fidelidade dos olindenses. Depois da quarta, tão inutil como as outras, a 27 de Junho demittiu de si parte do poder temporal em favor de Valenzuela Ortiz, do mestre de campo Christovão de Mendonça Arraes, e officiaes do senado, "comtanto que não haja effusão de sangue e assim o protesto uma e mil vezes, como já protestado tenho, e que para esta restauração e negocio e tudo o mais que delle se pode seguir, não concorro directa nem indirectamente, porque só quero a paz e socego nos vassallos de Sua Magestade que Deus guarde".

Si quizesse tornar inevitavel a effusão de sangue, o pobre prelado não teria achado melhor caminho. Escudada em sua cumplicidade, a nobreza cer-

cou o Recife e as hostilidades abriram-se com violencia de parte a parte. Bombardeios, sortidas, recriminações, folhas avulsas mostrando a sem razão dos adversarios compõem este pouco interessante episodio. Commandava os mascates João da Motta, natural de Alagoas, elevado a capitão mandante por ser o official mais antigo. Era-lhe facil manter a resistencia, pois os sitiados sabiam que desta vez, si se rendessem, seria fatal o saque da villa. Dispunha a mais de sangue frio, bravura, enthusiasmo, bom humor e presença de espirito. A exemplo do bispo, constituiu uma especie de governo ecclesiastico de frades, principalmente recolletos e carmelitas, lettrados e canonistas, para contrabalançar as censuras e excommunhões episcopaes. Nunca os mensageiros do prelado poderam fazer as intimações necessarias, e portanto ninguem se considerou nunca excommungado. A terrivel arma mentiu fogo.

Na campanha houve dois combates: no primeiro venceram os mascates, no segundo os cidadãos. Apesar de seu furor partidario, o chronista olindense reconhece um que de providencial no resultado dos dois encontros. "Mysterios foram ambas estas occasiões da Divina Providencia, que não permittiu o conseguir-se de outra sorte, livrando-nos sempre do maior mal, que por cegos o não viamos; pois é certo que si os nossos da primeira vez vencessem, como desejavam, escandalisados do seu atrevimento e sem o seu amparo os do Recife, entrariam de fóra os moradores a abrasar quantos dentro nelle achassem. E si nesta segunda batalha nos vencessem, vinham do mesmo modo sobre nós a acabar-nos".

A noticia dos primeiros successos chegou a Lisboa em Fevereiro de 711. Com elles occupou-se o Conselho Ultramarino na consulta de 26. A impressão produzida foi vehemente: "este caso não só é gravissimo, mas o maior que até agora aconteceu na nação portugueza", e a variedade nos alvitres, a viruiencia nas propostas, chegando um membro a fixar o minimo dos que deveriam ser condemnados á pena ultima, patentearam o sossobro dos conselheiros. Quasi tanta indignação como o tiro e o levante suscitou a fuga de Sebastião de Castro, largando um governo de que prestara menagem nas mãos do soberano; o perigo da vida, mesmo si houvesse, não era o motivo para desculpa-lo.

Chegaram depois noticias mais tranquillisadoras: a posse do bispo, o perdão concedido aos revoltosos, a paz e a obediencia succedendo ao motim. A consulta de 8 de Abril já revela mais calma. Só a 1 de Junho, porém, o governo metropolitano resolveu confirmar o perdão, prender Sebastião de Castro por abandono do cargo, enviar novo governador, acompanhado de ouvidor, juiz de fóra e alguma tropa.

Felix José Machado, nomeado governador, appareceu ao longe sobre Pau Amarello em 6 de Outubro, e logo os dois partidos mandaram a bordo expondo a seu modo o estado das cousas. Só então devia ter sabido do cerco do Recife e mais successos delle decorrentes. Exigiu que João da Motta entregasse as fortalezas, fez levantar o cerco, e restituir toda a autoridade politica a D. Manuel, de cujas mãos unicamente as receberia.

Estes actos revelaram espirito bem orientado, disposto a collocar-se sobranceiro ás facções que se degladiavam. E' bem possivel mantivesse esta attitude até o fim si houvesse maneira de chegar a qualquer conciliação entre os combatentes, ou de arredar a questão fundamental: quem eram os verdadeiros criminosos? os de Olinda que attentaram contra a vida de Sebastião de Castro, derribaram o pelourinho, queimaram as pautas eleitoraes? os do Recife que negaram obediencia ao bispo-governador, guarneceram as fortalezas por autoridade propria, abocaram a artilharia contra a terra? Os cidadãos haviam sido amnistiados pelo rei; o governador geral desde a Bahia amnistiara os mascates, mas estes, desvanecidos e orgulhosos, diziam não precisar de perdão, antes reclamavam recompensas e agradecimentos.

A resposta seria facil havendo terceiro levante, e logo um partido denunciou o outro de o estar tramando. A accusação era absurda, como o acto inexequivel. Os de Olinda não tinham encontrado apoio ao Norte de Itamaracá ou ao Sul de Santo Agostinho; menos o encontrariam agora, com tropas vindas de Portugal e navios de guerra fundeados no porto. A gente mascatal obtivera a restauração da villa, o reerguimento do pelourinho, novas eleições: que mais poderia aspirar?

Entretanto, convenceu-se o governador de que os olindenses conspiravam, e logo começaram prisões, perseguições e processos. Ouvidores e desembargadores chamados a devassar o caso mostraram não só parcialidade odienta a favor dos reinoes, como ás vezes ordenaram prisões pelo simples desenfado de desfei-

tear o adversario e de se divertir com a gente de sua roda. O bispo teve ordem de sahir de Olinda para o S. Francisco e como, por ser tempo das aguas, viajasse de vagar, intimou-lhe um desembargador que andasse mais depressa. Si a primeira dignidade ecclesiastica não escapava destas affrontas, pode-se imaginar o que passariam pessoas sem immunidades. Foram annos bem calamitosos os de 712 e 713.

No fim deste, Antonio de Albuquerque, depois de ter governado Maranhão, Rio, S. Paulo e Minas, aportando a Pernambuco de passagem para Europa, poude observar o estado de miseria e attribulação daquella pobre gente e na côrte expoz a verdadeira situação.

Os serviços prestados durante annos em cargos tão importantes davam peso a suas palavras e a elle se attribue a disposição mais benevola desde logo mostrada. Cartas regias datadas de 7 de Abril de 714 lembraram que estavam perdoados tanto o levante de 710 como o de 711; não havia mais devassar e prender por causa delles; só constituia crime o de 713.

Por implicados neste foram conservados presos Bernardo Vieira de Mello e um filho, Leonardo Beserra e dois filhos, e Leão Falcão, o estouvado e leviano que, ainda depois da chegada de Felix José Machado, teve a velleidade de tentar resistir e insurgir-se, nos limites de Goyana, poderoso centro mascatal.

Leonardo Beserra, depois de desterrado para a India, conseguiu fugir para a Bahia, onde terminou a vida. Segundo a tradição escrevia aos amigos: "não corteis um só quiri das mattas; tratai de poupa-los

para em tempo opportuno quebrarem-se nas costas dos marinheiros". Marinheiro era uma das designações dos Portuguezes na capitania de Pernambuco, quirí o nome de madeira tão rija como ferro. Si as palavras são autenticas, devia possuir optimismo incuravel o velho insurgente que fiava a republica ou a independencia de sua patria de costas e cacetes quebrados.

Entre estas agitações publicou-se na metropole um livro intitulado *Cultura e opulencia do Brasil por suas drogas e minas,* obra de André João Antonil, lê-se na primeira pagina da edição impressa com as licenças necessarias pela officina real Deslanderina em 1711. Hoje sabemos que se tratava de anagramma e deve-se ler João Ant. Andreoni L. (luquense). Filho de Luca em Toscana, Andreoni veio ao Brasil em 1689 como visitador da Companhia de Jesus, e terminada a commissão ficára na provincia. Occupava o cargo de reitor da Bahia quando expirou Antonio Vieira em 1697. Era provincial ao rebentar a guerra dos Mascates; ha queixas, provavelmente fide-indignas, de haver manifestado sympathias a favor da nobreza de Olinda.

A obra de Andreoni, dividida em cinco partes, trata de engenhos e assucar, de fumo, minas e gado. Sem amplificações, em forma tersa e severa, adunava algarismos e mostrava o Brasil tal qual se apresentava á visão de um espirito investigador e penetrante. Ficava-se agora sabendo da existencia de cento e quarenta e seis engenhos, moentes e correntes na Bahia com a producção annua de quatorze mil e quinhentas caixas de assucar; de duzentos e quarenta e seis engenhos em Pernambuco, produzindo dez mil e trezentas

caixas; de cento e trinta e seis engenhos no Rio, produzindo dez mil duzentas e vinte. Sommava tudo trinta e sete mil e vinte caixas, de trinta e cinco arrobas cada uma, apurando 2.535:142$800.

A Bahia produzia vinte e cinco mil rolos de fumo, Pernambuco e Alagoas dois mil e quinhentos, rendendo annualmente 334:650$000.

No decennio anterior, a extracção de ouro importaria mil arrobas; officialmente andava agora por cem cada anno, mas na realidade importaria trezentas, uma por dia, descontados domingos e dias santos.

Para avaliar o gado bastava lembrar que os milhares de rolos de fumo iam encourados para bordo; além disso Bahia exportava annualmente cincoenta mil meios de sola, Pernambuco quarenta mil e Rio, com os que iam da colonia do Sacramento, vinte mil, — ao todo cento e dez mil meios de sola, na importancia de 201:800$000.

E não são tudo estes 3.743:992$800 da opulencia do Brasil em favor de Portugal.

Cumpre accrescentar "o que rende o contracto das baleias que por seis annos se arrematou ultimamente na Bahia por 110 mil cruzados, e no Rio de Janeiro por tres annos por 45.000 cruzados; o contracto annual dos dizimos reaes, que na Bahia, nestes ultimos annos, fóra as propinas, chegou a perto de 200.000 cruzados; no Rio de Janeiro, por tres annos, por 190.000 cruzados, em Pernambuco por outros tres annos por 97.000 cruzados; em S. Paulo por 60.000 cruzados, fóra os das outras capitanias menores, que

em todas notavelmente cresceram; o contracto dos vinhos, que na Bahia se arrematou por seis annos em 195.000 cruzados, em Pernambuco por tres annos em 46.000 cruzados, e no Rio de Janeiro por quatro annos por mais de 50.000 cruzados; o contracto de sal na Bahia arrematado por doze annos a 28.000 cruzados cada anno; o contracto das aguas ardentes da terra e de fóra, avaliado por junto em trinta mil cruzados; o rendimento da casa da moeda do Rio de Janeiro, que fazendo em dois annos tres milhões de moeda de ouro, deu de lucro a El-Rei que o compra a doze tostões a oitava, mais de seis centos mil cruzados; além das arrobas dos quintos que cada anno lhe vão; os direitos que pagam nas alfandegas dos negros que vêm cada anno de Angola, S. Thomé e Mina em tão grande numero aos portos da Bahia, Recife e Rio de Janeiro, a 3.500 réis por cabeça; e os dez por cento das fazendas no Rio de Janeiro, que importam um anno por outro oitenta mil cruzados".

A conclusão tirada destes algarismos escrupulosamente dispostos não podia ser mais modesta. Devem ser multiplicadas as igrejas, pois tanto cresce a população, amoestava o sagaz jesuita; devem ser propostas pessoas idoneas nos concursos e provimentos das igrejas vacantes, pois tanto avultam os dizimos; deve-se pagar com pontualidade a soldadesca das praças e fortalezas maritimas e adiantal-a nos postos em igualdade de serviços; deve-se deferir as petições dos moradores, e acceitar os meios que para seu allivio e conveniencia as camaras tão humildemente propõem. "Si os senhores de engenhos e os lavradores de assucar são os que mais promovem um lucro tão

estimavel, parece que merecem mais que os outros ser preferidos no favor e achar em todos os tribunaes aquella prompta expedição que atalha a dilação dos requerimentos, e o enfado e os gastos de prolongadas demandas".

O governo metropolitano déu ao livro uma resposta fulminante: confiscou-o, e com tamanho rigor que ainda hoje rarissimos exemplares se encontram da edição princeps. Pretextou para esta violencia, estar divulgado nelle o segredo do Brasil aos estrangeiros. Não se vê bem como podia faze-lo: cultivava-se canna e fabricava-se assucar em colonias de outras nações; plantava-se tambem fumo, criava-se gado, trafegavam-se minas. Que lhes poderia ensinar de novo a *Cultura e opulencia do Brasil por suas drogas e minas?* A verdade é outra: o livro ensinava o segredo do Brasil aos brasileiros, mostrando toda a sua possança, justificando todas as suas pretensões, esclarecendo toda a sua grandeza.

Sob a architectonica severa dos algarismos colhidos pelo benemerito jesuita conservou-se inviolado o segredo do Brasil aos brasileiros; transpirou, porém, sob outras fórmas, em adumbrações significativas.

Surdiu em dythirambos, exaltando a riqueza sem par do paiz. Appareceu em vastas compilações dedicadas á nobiliarchia, como a de Borges da Fonseca para Pernambuco, a de Jaboatão para a Bahia, e sobretudo a de Pedro Taques para S. Paulo, entroncando as familias do Brasil na primeira nobreza de Espanha, Italia e Flandres. Como lhe fallecia senso historico, Loreto Couto apanhou centenas de nomes para

mostrar Pernambuco illustrado com virtudes, com as lettras, pelas armas, pelo sexo feminino.

No mesmo Loreto Couto, benedictino pernambucano que escrevia por 1757, encontramos manifestação ainda mais caracteristica: o exalçamento, a glorificação do indigena, em confronto com a antiga gente de Portugal e até com povos mais adiantados do velho mundo.

Para provar suas virtudes moraes, cita o nome de indios notaveis pelo valor e pela fidelidade, um Tabira, os Camarões e tantos outros auxiliares nas guerras flamengas e na conquista do paiz. Entre as manifestações de suas virtudes intellectuaes aponta os conselhos em que os velhos da tribu discutiam as questões pendentes, o conhecimento das enfermidades e mezinhas, os ardis de caça e pesca.

Ignoravam a verdadeira religião? Não adoravam como os gentios antigos moradores da *Beira* e marinha de *Setubal* uma baleia arrojada á praia, nem lhe offereciam em sacrificio annualmente uma donzella e um moço. "Si os erros mui repugnantes aos principios naturaes provam barbaridade, é preciso declarar por barbaros aos inglezes, dinamarquezes, suevos e muitos allemães, pois em todas estas nações está muito dominante o erro de que não peccamos por eleição, sinão por necessidade, que Deus nos obriga a peccar e nos é impossivel evitar o peccado".

Si tivessem cultura, desenvolveriam a intelligencia. "No nosso reino de *Portugal* entre Celorico e Trancoso habitavam povos tão brutos e silvestres como animaes indomitos, tão rudos que uma familia não en-

tendia a lingua de outra com menos de duas leguas de distancia, pelo que eram julgados pelos povos confinantes como bestas mais feras que as mesmas feras".

Entregavam-se á anthropophagia? "Nem nos deve admirar a barbaridade destes povos, quando sabemos que dos descendentes de Tubal e de outras nações politicas com que se povoou *Portugal* se reduziram muitos dos seus descendentes a tanta brutalidade que matavam e comiam aos que dos povos visinhos apanhavam ou em guerra ou em ciladas".

Servindo-se dos mesmos raciocinios, trata da lingua geral cujas excellencias celebra, da côr dos primitivos habitantes, etc. Suas idéas, discursivamente expostas e fundamentadas, apparecem sob fórma synthetica nos poetas contemporaneos; de modo ainda mais intuitivo revelam-nas os appellidos tomados na epoca da independencia: Araripe, Braúna, Canguçú, Guaicurú, Jucá, Montezuma, Mororó, Sucupira, Tupinambá e muitos outros. Por toda parte transparece o segredo do brasileiro: a differenciação paulatina do reinol, inconsciente e timida ao principio, consciente, resoluta e irresistivel mais tarde, pela integração com a natureza, com suas arvores, seus bichos e o proprio indigena.

Com ar triumphante, o escriptor benedictino agita o decreto real de 4 de Abril de 1755, declarando "que os meus vassallos deste reino e d'America que casarem com as indias della não ficam com infamia alguma, antes se farão dignos de minha real attenção e nas terras em que se estabelecerem serão preferidos para aquelles logares e occupações que couberem na graduação de suas pessoas e seus filhos e descendentes serão habeis e ca-

pazes de qualquer emprego, honra ou dignidade, sem que necessitem de dispensa alguma", etc.

Este decreto constitue episodio de longa historia que se póde resumir em poucas palavras.

Apenas aportou á Bahia em 1549, Manuel da Nobrega interessou-se pelos indigenas, por seu bem estar physico, por sua formação espiritual e incorporação ao catholicismo. A experiencia convenceu-o da necessidade, para colher resultado util e duradouro, de isolar o indigena do colono, para afeiçoal-o ao trabalho moderado, resguardar-lhe a segurança pessoal e garantir-lhe economia independente. Que fosse permittido escravisar indios, nunca contestou elle nem qualquer de seus successores: exigiram apenas o preenchimento de certas condições para a escravidão ser licita. Commetteram um erro capital, mas inevitavel: como poderiam negar o direito de captivar brasis, si os contemporaneos e as gerações seguintes durante mais de dois seculos reconheceram a escravatura africana?

Apesar de todos os embaraços creados pelas hesitações da metropole e pelas paixões da colonia, a obra de Nobrega proseguiu e, na região amazonica sobre tudo, prosperou. Aos missionarios foi entregue a administração temporal das aldeias, cuja abastança e fartura excediam ás das villas dos brancos. Não se falava sinão das riquezas dos Jesuitas, e de facto sua parcimonia, gerencia methodica e desapego pessoal figuravam uma magnificencia de que levaram o segredo, como depois se verificou.

Com o tempo as aldeias tornaram-se não só um estado no estado como uma igreja na igreja. O pri-

meiro bispo do Pará quiz chamar á sua jurisdicção os missionarios; mas estes, escudados em numerosos privilegios pontificios e mercês regias, recusaram submetter-se. Suas razões deviam pesar alguma cousa, pois a decisão final exigiu largos annos.

Aos 24 de Setembro de 1751 tomou posse do cargo em Belem Francisco Xavier de Mendonça Furtado, nomeado governador geral do estado. Recommendavam-lhe suas instrucções velasse pela liberdade dos indios e cohibisse os excessos dos missionarios. Uma excursão começada em Fevereiro do anno seguinte, permittiu-lhe visitar as aldeias distribuidas entre a ilha de Marajó e o estreito de Pauxis. Em Cayá, ouvindo o discurso de um cacique, satisfeito com os melhores tempos que se annunciavam, exclamou: "E estes são os homens de quem se diz que não têm juizo nem são capazes de nada! Delles se pode fazer uma nação como qualquer outra de que se pode tirar grande interesse".

Sua correspondencia official neste e nos annos immediatos insiste na liberdade dos indigenas, nos abusos dos missionarios, nos bens de raiz possuidos contra lei expressa, etc. Em Fevereiro de 54 escrevendo a Diogo de Mendonça Cortereal, mostra-se convencido da impossibilidade de civilisar os indios com o auxilio dos regulares. Suas palavras eram genericas, sem referencia alguma especial á Companhia de Jesus. De suas reclamações resultaram duas leis, datadas de 6 e 7 de Junho do anno seguinte, uma abolindo a administração temporal dos missionarios nas aldeias, proclamando a outra mais uma vez a liberdade absoluta

dos indigenas. Deixou-se ao arbitrio do governador geral o modo e a occasião de publica-las.

Incumbido de dirigir a demarcação das fronteiras do Norte, Mendonça Furtado reclamou das aldeias as centenas de remeiros necessarios ao progresso da commissão, os milhares de alqueires de farinha e outros generos necessarios á manutenção de toda esta gente durante annos. O Pará moderno, servido por navios a vapor, commerciando com os dois mundos, estaria á altura de tamanhas exigencias; não estava a Amazonia antiga, occupada na extracção do cravo, da salsaparrilha, do cacau, sustentada quasi exclusivamente pela pesca, muito feliz quando a pequena producção agricola bastava para o consumo ordinario.

Mendonça parece não ter tido idéa clara desta situação, e todos os embaraços fataes, decorrentes da natureza das cousas, attribuiu ás intrigas, á malevolencia e perfidia dos Jesuitas, criminosos obstinados e relapsos de uma monstruosidade sem nome: não terem domesticado as leis demographicas e economicas ás impaciencias do irmão de Pombal. Para castigar tão nefando crime, reuniram-se as duas sociedades perfeitas; só uma expiação bastaria: extinguir a igreja na igreja, o estado no estado, que realmente era e não podia deixar de ser o regimen dos aldeamentos.

Em 5 de Fevereiro de 57, Mendonça publicou a lei retirando aos missionarios a administração temporal das aldeias, que deviam ter dahi por diante uma organisação puramente civil. Os missionarios continuariam como parochos sujeitos á jurisdicção do prelado. Todos sujeitaram-se a isto excepto os jesuitas por não lho permittirem suas constituições. Offerece-

ram-se para coadjutores, mas isto não acceitaram o governador nem o bispo.

Mendonça formulou um directorio em cerca de noventa e cinco artigos, datado de 3 de Maio, para reger provisoriamente. Neste codigo da nova ordem de cousas, o missionario era substituido pelo director. A 14 do mesmo mez explicava esta creação do seguinte modo: "Não sendo possivel que passassem (os indios) de um extremo a outro sem se buscar algum meio por que se podesse chegar aquelle importante fim, me não occorreu outro mais proporcionado do que pôr em cada povoação um homem com o titulo de director, ao qual, sem ter jurisdicção alguma coactiva, lhe pertencesse só a directiva para lhe ir ensinando não a forma de governarem civilmente, mas a commerciarem e a cultivarem as suas terras, e tirarem destes fructuosos e interessantissimos trabalhos os lucros que elles sem duvida alguma hão de dar de si e fazerem-se estes até agora desgraçados homens por esta forma christãos, civis e ricos, que é o que sem duvida alguma lhe ha de succeder, si os directores fizerem a sua obrigação".

Em seguida passou a elevar as aldeias maiores a villas e as menores a logares. Um contemporaneo, suspeito por ser jesuita e não ter presenciado os successos, dá interessante descripção destas novidades; tambem sua chronologia não parece rigorosamente exacta.

"Veio-lhe pois ao pensamento dar o nome e os privilegios de villas á semelhança das que ha em Portugal a muitas Aldeias que os indios habitavão, não obstante constarem todas de pobres, e rusticas choupa-

nas, a excepção da igreja e casas dos Parrochos. Para isto mandando levantar hum grande páo no meyo de hum terreiro, dava este sitio o nome do Pelourinho; depois escolhendo entre todos aquelles salvagens alguns, que lhe parecerão ou pela physionomia do rosto ou pela mole do corpo, mais habeis para empregos, a que os queria elevar, os constituio como vereadores ou juizes dos mais, dizendo-lhes que elles eram tão bons, como os Portuguezes: que se governassem a si, sem dependencia, ou sogeição alguma dos missionarios. Além disto mandou vestir e calçar estas suas novas creaturas, assentalas á sua meza, fazendolhes nella muitos brindes, e ensinandolhes *inter pocula,* por meio de um lingua ou interprete, o modo como se havião de portar dali em diante, administrando a todos Justiça, ec. ec. Os Indios porem, acabada a comida, e a companhia desfeita, esquecendo-se de quanto lhes tinha dito o senhor Mendonça, apenas sahiram da sua presença tiraram os çapatos e vestidos e se emborracharam com os seus vinhos a que chamam *mocòroròs,* e em sinal de alegria, e contentamento pelos cargos, á que tinham sido elevados, gritavam todos dizendo: *Vinha del-Rei, vinha del-Rei,* querendo dizer *Viva el-rei, viva el-rei.* Mas passada a bebedice e tornando em si, se fizerão insolentes não só com os Missionarios, perdendo-lhes o respeito e desobedecendo-lhes ainda nas cousas espirituaes, sinão tambem com os outros Indios; e isto com tal excesso, que sahindo os Jesuitas e os mais Religiosos, que até ali forão Parrochos nas Aldèas, alem dos clericos, que os substituirão, se vio o senhor Mendonça obrigando a mandar alguns Portuguezes com o titulo de directores para os governar, e

metter em sogeição: e ainda muitos destes Portuguezes repugnaram a ir para ás novas villas sem terem sempre com sigo alguns soldados, que os defendessem dos insultos da quelles barbaros".

Mendonça tratou em seguida da lei relativa á liberdade dos Indios. Havia uma bulla de Benedicto XIV, passada em 20 de Dezembro de 1741 a instancias de D. João V, comminando escommunhão *latae sententiae* a quem por qualquer motivo captivasse indigenas do Brasil. No pamphleto pombalino intitulado *Relação abreviada da republica,* etc. lê-se que o bispo do Pará D. Miguel de Bulhões ao tratar de executar a mesma bulla se concitou contra elle uma sublevação que impediu por então aquella providencia apostolica. A allegação é absolutamente calumniosa. Em data de 14 de Junho de 1757 escrevia Mendonça Furtado: "cuja bulla foi dada a este prelado por ordem de V. Magestade para a publicar e fazer observar na sua diocese, o que pretendendo executar quando veio para esta cidade foi embaraçado pelos mesmos fundamentos com que eu suspendi a publicação da liberdade etc.". Os fundamentos para a suspensão da lei da liberdade foram meras considerações de opportunidade, como se verifica em toda a correspondencia do governador geral; nunca houve sublevação. E tanta consciencia tinha o escriba de estar calumniando, que accrescenta: "ao mesmo prelado não pareceu participar á corte uma tão estranha desordem, em tempo no qual a noticia de um tão escandaloso facto, temeu que alterasse a tranquillidade do animo do dito monarcha, que já se achava com a grave infermidade de que veio a fallecer em 31 de Julho de 1750." Assim se escreve a leitura.

A 25 de Maio foi publicada a bulla de Benedicto XIV pelo bispo. A 28 Mendonça publicou a lei da liberdade dos indios. Não despertaram protestos, e diga-se a verdade, não foram respeitadas, apesar das apparencias.

O directorio, approvado pelo rei, vigorou de 1757 a 1798. As miserias provocadas por elle directa ou indirectamente, são nefandas. Por fim D. Francisco de Sousa Coutinho teve compaixão dos indios e conseguiu a revogação. Chegava tarde a medida salvadora: o mal estava feito. Em 1850 o Pará e o Amazonas eram menos povoados e menos prosperos que um seculo antes; as devastações da cabanagem, os soffrimentos passados por aquellas comarcas remotas de 1820 a 1836 contam entre as raizes a malfadada creação de Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

As leis retirando aos missionarios a administração das aldeias e libertando os indios, dictadas só para o estado do Maranhão, foram feitas extensivas ao resto do Brasil por alvará de 8 de Março de 1758. Tambem aqui miraculosamente pullularam as villas, todas com legitimos nomes portuguezes. Nestas partes a questão do indigena já perdera a importancia, e as violencias não foram tamanhas. Um escriptor pernambucano das primeiras decadas do seculo passado mostra a situação antes ridicula que tetrica:

"Os Indios têm villas, e cameras; e são nellas juizes, sem saberem nem lêr, nem escrever, nem discorrer! tudo supre o escrivão; o qual, não passando muitas vezes de um mulato sapateiro, ou alfaiate, dirige a seu arbitrio aquellas cameras de irracionaes quasi, pelo formulario seguinte:

"Na vespera do dia, em que hade haver na aldeia vereação, parte o escrivão da sua moradia, si é longe; e neste caso sempre a cavallo; e vem dormir, nessa noite, em casa do senhor juis, o qual immediatamente se encarrega do cavallo do senhor escrivão, leva-o a beber agoa; e por fim vae peial-o aonde possa commodamente pastar.

"Fica entretanto o escrivão descansando, senhor aliás da casa, molher, e filhas do officioso juis, que na volta lhe cede o melhor lugar da choupana, para dormir e passar a noite. Logo em amanhecendo começa o juis a ornar-se com os velhos e emprestados arreios da sua dignidade, e a horas competentes marcha para um pardieiro, com alcunha de casa da camera, aonde lidas as petições, que o escrivão fez na vespera, são despachadas pelo mesmo escrivão em nome do senhor juis ordinario; e pouco depois se desfaz o venerando senado, e apparecem os senadores de camisa, e ceroulas e de caminho para as suas tarefas".

A declaração da liberdade e o directorio dos Indios foram seguidos de outras medidas em que igualmente collaboraram a igreja e o estado. A Santa Sé nomeou visitador e reformador geral apostolico da Companhia de Jesus o cardeal F. de Saldanha, que contra os jesuitas vibrou um tremendo mandamento, subscripto a 5 de Maio de 1758. A 7 de Junho o patriarcha de Lisboa suspendeu-os do exercicio de confessarem e pregarem na sua diocese. Aproveitando uns tiros dados no rei, Pombal fez assignar pelo regio manequim uma lei declarando-os rebeldes, traidores e havendo-os por desnaturalisados e proscriptos.

No correr do anno seguinte foram embarcados para o Reino as centenas de successores de Nobrega encontrados no Brasil. Durou duzentos e dez annos a sua actividade em nossa terra, e sua influencia deve ter sido consideravel. Deve ter sido, porque no actual estado de nossos conhecimentos é impossivel determina-la com precisão. No tempo de sua prosperidade publicaram apenas a redundante, deficiente e nem sempre fidedigna chronica de Simão de Vasconcellos que vae só de 1549 a 1570. O que se encontra nas chronicas geraes, annuas e outras publicações reduz-se ás poucas paginas reunidas por A. H. Leal na *Rev. Trim. do Inst. Hist.* Biographias como as de Anchieta, Almeida, Vieira, Corrêa, pouco adiantam. Uma historia dos jesuitas é obra urgente; emquanto não a possuirmos será presumpçoso quem quizer escrever a do Brasil.

Nas suas differentes casas devem ter ficado numerosos e importantes documentos, que o deleixo ou proposito anniquilou; salvaram-se apenas os titulos de suas propriedades. A julgar por algumas publicações e documentos fornecidos a Eduardo Prado e a Studart os archivos europeus devem ser ricos.

Emquanto não se fizer a luz sobre tão obscuros assumptos, um juizo definitivo a respeito da famosa ordem pecará pela base. Em todo caso pouca, muito pouca intelligencia revelam os ataques dirigidos contra ella. Intinctivamente a sympathia volta-se para os discipulos e companheiros de Nobrega, Anchieta, Cardim, Vieira, Andreoni, os educadores da mocidade, os fundadores da linguistica americana.

O mappa annexo foi extrahido da *Recopilação de noticias soteropolitanas e brasilicas,* escriptas em quatro volumes, acompanhados de dois de cartas geographicas, por Luis dos Santos Vilhena, professor de grego na capital da Bahia, em começos do seculo passado. O precioso codice, pertencente outrora á bibliotheca dos condes de Linhares, é hoje propriedade de José Carlos Rodrigues, que gentilmente permittiu a divulgação do interessante inedito.

Seria conveniente organisar trabalho semelhante para as outras capitanias do Brasil. Emquanto isto não se faz, pode prestar algum serviço a lista seguinte das aldeias existentes antes da revolução pombalina.

A lista do Pará e Amazonas refere-se a 1751; compo-la João Antonio da Cruz Diniz Pinheiro, e publicou-a J. Lucio de Azevedo, *Os Jesuitas no Grão-Pará,* Lisboa 1901. Ha nella mais de um equivoco.

Os Jesuitas administravam no Pará as aldeias de Caeté, Maracanã, Cabu, Vigia, Mortigura, Sumauma, Araticú, Aricurú, Aricará, no Amazonas; Itacuruçá, Pirauiry, Aricará no Xingú; Tapajós, Borary, Camarú, Santo Ignacio e S. José, no Tapajós; Abacaxy e Trocano, no Madeira.

Os capuchos de S. Antonio administravam as de Caviana na ilha do mesmo nome, Menino Jesus, Socacas ou Joannes, S. José, Anaiatuba, Bocas, Urubucuara, Acarapy e Parú.

Os capuchos da Conceição ou de S. Boaventura administravam Mangabiras, Cayá, Conceição, Iary, Tuary, Uramucú.

Os capuchos de S. José ou da Piedade administravam Gurupá, Arapijó, Caviana, Maturú, Jamundá, Pauxis, Curuá, Manema, Surubiú e Gurupatuba.

Os carmelitas administravam no Solimões Coary, Teffé, Maneruá, Paraguary, Turucuatuba, S. Paulo, e S. Pedro, e no rio Negro Jahú, Caragay, Aracary, Comarú, Mariuá, S. Caetano, Cabuquena, Bararuá, Dary.

Pela somma de Diniz Pinheiro são sessenta e tres as aldeias, dezenove regidas por jesuitas, doze por capuchos de Santo Antonio, seis por capuchos da Conceição, nove por capuchos da Piedade, dezesete por carmelitas, e uma pelos mercenarios no rio Urubú.

Os nomes dados a aldeias quando se retirou a administração temporal dos missionarios encontram-se mais ou menos no ensaio chorographico de Baena. Precisa-se, porém, de uma revisão critica, a que felizmente está procedendo Manuel Barata, grande conhecedor da historia amazonica. Um documento proprio a resolver todas as duvidas seria o *Mappa geral do bispado do Pará repartido nas suas freguezias,* existente na Bibliotheca Nacional, construido pelo engenheiro Henrique Antonio Galuzi em 1759, si ao lado das modernas trouxesse as designações antigas.

A C. R. de 19 de Março de 1693 confiou aos jesuitas os Indios da margem meridional do Amazonas, sem limitações do sertão; aos frades de Santo Antonio o sertão do cabo do Norte, e a margem septentrional do grande rio comprehendendo os rios Jary, Parú e a aldeia de Urubucuara, fundada pela Companhia de Jesus; aos da Piedade o districto do Gurupá com as aldeias visinhas, as da margem septentrional do Amazonas desde o rio Trombetas até o rio Negro, e tambem o rio Xingú.

No Maranhão e capitanias dependentes existiam, segundo Diniz Pinheiro, dezesete aldeias: Aruás e Paracatis, no Piauhy; duas de Araiós e Arapeús, junto ao Parnahiba; mais uma de Tarambambés, uma de Gamellas, outra de Tapijaras, chamada S. José, no Maranhão; S. João, Maracú e Pinaré, administradas por jesuitas, uma administrada por carmelitas e outra por mercenarios, na capitania de Cumá.

Um msc. do Instituto Historico, *Evora,* 8, redigido cerca de 1751, dá como aldeados no Itapicurú os Guegués, Barbados, Caicaises, Aranhé e Tupinambá; no Pindaré os Guayajaras Marava e Guayajaras-açu.

A carta de Gonçalo Pereira Lobato e Sousa, governador do Maranhão, escripta a Diogo de Mendonça Cortereal em 21 de Fevereiro de 1759, trata da creação de diversas villas. Ha copia deste documento no Instituto Historico.

As aldeias existentes em Pernambuco, desde as divisas com Minas Geraes pelo interior até as fronteiras do Piauhy na marinha, constam da *Informação geral de Pernambuco,* organisada em 1746, msc. que a Bibliotheca Nacional tem no prelo.

Na capitania de Pernambuco existiam cincoenta e quatro aldeias, dezesete de lingua geral, seis misturadas, as outras de linguas travadas administradas por jesuitas, franciscanos, theresianos, carmelitas, benedictinos, capuchinhos, italianos ou não, oratorianos, e sacerdotes do habito de S. Pedro. No seguinte, l. g. = lingua geral, J = jesuita, F = franciscano, Cm. = Carmelita, Cp. = Capuchinhos; Ci = Capuchinhos italianos, B = benedictinos, O = oratoriano, H. = habito de S. Pedro, Th. = theresianos, Sm. = sem missionario.

Segue-se a ordem adoptada pela informação geral de Pernambuco.

Na villa de Recife havia a aldeia de N. S.ª da Escada, 1. g., O; na de Igaraçú a do Limoeiro, 1. g., O; na de Goyana, Arataguy, 1. g., O; Ciry, 1. g., Cm.

Parahiba: Na cidade de Parahiba, Jacoca, 1. g., B.; Utinga, 1. g., B; em Mamanguape, S. Miguel da bahia da Traição, 1. g., Cm.; Preguiça, 1. g., Cm.; Boa-Vista, Canindés e Sucurús, Th.; Taipú, Carirys, Cp; Cariry, ou Campina-Grande, Cavalcantes, H; Brejo, Fagundes, Cp; no rio Piancó, Panaty, Tapuyos, Th.; Coremas, Tapuyos, Cp; no rio Piranhas: Pega, Tapuyas, Sm; no rio do Peixe, Icó pequeno, Tapuyos, Sm.

Rio Grande do Norte: Guajarú, 1. g. e Payacús, J.; Apody, Payacús, Th.; Mipibú, 1. g., Cp.; Gurairas. 1. g., J.; Gramació, 1. g., Cm.

*Ceará: I*biapaba. 1. g.; Acaracú, Irariús e Anacés, J.; Tramambés, Tramambés, H; Caucaya. 1. g., J.; Porangaba, 1. g., Anacés, J.; Paupina, 1. g., J; Payacús. J; Palma, Canindés e Genipapos, H; Telha, Quixelôs, Quixereú, Jucá, Condadú e Cariú, H; Miranda. Quixereú. Cariú, Cariuané, Calabaça e Icosinho, Cp.

Sirinhaen: Una, 1. g., Cm.

Villa de *Alagoas:* Santo Amaro, 1. g., F.; Gamelleira, Carirys e Uruás, H; Urucú, 1. g., Sm.

Villa de *Penedo:* São Braz, Carirys, Progez, J.; Alagoa-Comprida, Carapotiós, Sm.; Pão de Assucar, 1. g.; Chocós, H; serra do Comonaty, 1. g., Cornijós, H.

Freguezia de *Ararobá:* Ararobá, Chururús, H; Cornijós do rio Panema, Tapuyas, H; Macaco, Paraquioz, Sm.

Freguezia de *Rodellas:* São Francisco do Brejo, Tapuyos, F.; N. S.ª do O da ilha de Sorobabé, Porcaz e Brancararús, F; N. S.ª de Belem da ilha de Acará, Porcaz e Brancararús, Ci.; Beato Seraphim, Porcaz e Brancararús, Ci; N. S.ª da Conceição do Pambú, Carirys, Ci.; S. Francisco de Aracapá, Carirys, Ci.; S. Felix da ilha do Cavallo, Carirys, Ci,; S. Antonio de Irapuá, Carirys, Ci; N. S.ª da Piedade na ilha do Inhamum, Carirys, F.; N. S.ª do Pillar na ilha de Caripós, Caripós F.; N. S.ª dos Remedios na ilha do Pontal, Tamaquiús, F.; S. Christo de Araripé, Ichús, Ci.

Rio Grande do Sul (antigo nome do affluente occidental do S. Francisco): Aricobés, 1. g., F.

A synonimia é facilitada pela *Idea da população de Pernambuco,* manuscripto da Bibliotheca Nacional, organisado no governo de José Cesar de Menezes. As aldeias do Ceará elevadas a villas já foram estudadas pelo indefesso erudito barão de Studart.

Segundo Joaquim Norberto, *Rev. Trim. do Instit. Hist.*, 17 109 e seguintes, existiam no Rio as aldeias de S. Lourenço, S. Barnabé, S. Francisco Xavier, N. S.ª da Guia, S. Pedro, Ipuca e Guarulhos. Na interessante monographia acham-se reunidos os documentos elucidadores do assumpto. Pode-se tambem consultar com proveito o *Regimento das Camaras Municipaes de* Cortines Laxe, Rio, 1868; ha segunda edição revista e accrescentada por A. J. de Macedo Soares.

Machado de Oliveira, *Rev. Trim.*, 8, 200, enumera para S. Paulo as seguintes aldeias: Pinheiros ou Carapicúiba, Baruery, Ururary, N. S. da Escada, Conceição dos Guarulhos, S. João de Perohybe, S. José, Nossa Senhora da Ajuda do Itaquequecetuba, Emboú ou Mboi, Itapecerica e Conceição de Itanhaem. Ao mesmo autor parece que existiram no Parapanema as aldeias de São Xavier, S. Ignacio e Encarnação.

Não precisam de especificação as aldeias de Santa Catharina, Rio-Grande do Sul, Minas Geraes, Goyaz e Matto-Grosso.

Mappa curioso que contêm não vulgares noticias de muitas Aldeias de Indios que, por Ordem Regia, são hoje Villas

NUMEROS DAS ALDEIAS	NOMES QUE TINHAM NO TEMPO QUE ERAM ALDEIAS	VILLAS DE QUE ERAM TERMO	FREGUEZIAS A QUE PERTENCIAM	MISSÕES QUE AS DOUTRINAVAM	NOVAS VILLAS QUE HOJE SÃO	ORAGOS DAS SUAS PAROCHIAS	DIOCESES A QUE PERTENCEM	CAPITANIAS A QUE PERTENCEM	COMARCAS EM QUE SE ACHAM	EXTENSÃO DE TERRAS QUE SE LHES DEU	CASAES COM QUE FICARAM	NAÇÃO DOS GENTIOS QUE AS HABITAVAM	LEGUAS DE DISTANCIA DA BAHIA
1	JURU'	Lagarto	N. S. dos Campos do Rio Real	Jesuitas	Tavora	N. S. do Soccorro	Bahia	Sergipe d'El-Rei	Sergipe d'El-Rei		60	Kiriris	50
2	SACO DOS MORCEGOS	Itapicurú	Santa Anna dos Tucanos	Jesuitas	Mirandella	Ascensão de Christo	Bahia	Bahia	Bahia	Bastante	100	Kiriris	65
3	CANA BRAVA	Itapicurú	S. João de Gerimoabo	Jesuitas	Pombal	Santa Thereza	Bahia	Bahia	Bahia	Poucas	110	Kiriris	60
4	NATUBA	Itapicurú	N. S. de Nazareth de Itapicurú	Jesuitas	Soure	N. S. da Conceição	Bahia	Bahia	Bahia	Muito poucas	110	Kiriris	50
5	IPITANGA	Bahia	Santo Amaro	Jesuitas	Abrantes	Espirito Santo	Bahia	Bahia	Bahia	Seis legoas quadradas	140	Tupis ou tupinambás com mistura Goyanás etc.	7
6	SERIAHEM	Camamú	Assumpção do Camamú	Jesuitas	Santarem	S. Miguel e S. André	Bahia	Ilhéos	Ilhéos	Bastante	160	Payaya	30
7	ESCADA DOS ILHÉOS	S. Jorge dos Ilhéos	Santa Cruz dos Ilhéos	Jesuitas	Olivença	N. S. da Escada	Bahia	Ilhéos	Ilhéos		130	Tabajaras ou Tupinaquis	50
8	MARAHU'	Camamú	S. Sebastião do Camamú	Jesuitas	Barcellos	N. S. das Candeias	Bahia	Ilhéos	Ilhéos		86	Tupinaquis	30
9	GRENS	S. Jorge dos Ilhéos	Santa Cruz da Villa de S. Jorge	Jesuitas	Almada	N. S. da Conceição	Bahia	Ilhéos	Ilhéos	Muitas	95	Grens	60
10	S. JOÃO DOS TOPES	Santa Cruz	N. S. da Pena	Jesuitas	Trancoso	S. João	Rio de Janeiro	Porto Seguro	Porto Seguro		120	Tupinaquis Tupinambás	70
11	PATATIBA	Santa Cruz	N. S. da Pena	Jesuitas	Villa Verde	Espirito Santo	Rio de Janeiro	Porto Seguro	Porto Seguro		80	Tupinaquis Jontutus	80
12	RERITIBA	Guruparim	N. S. da Conceição	Jesuitas	Benevente	N. S. da Assumpção	Rio de Janeiro	Esp. Santo	Esp. Santo	12 legoas de costa	250	Tupinambás	150
13	REIS MAGOS	Villa da Victoria	Serra	Jesuitas	Almeida	Santos Reis Magos	Rio de Janeiro	Esp. Santo	Esp. Santo	Muitas	300	Tupinambás	120
14	POXINO	S. Jorge dos Ilhéos	S. Boaventura de Poxino	Clerigo	Nunca foi villa	S. Boaventura de Poxino	Bahia	Ilhéos	Ilhéos				
15	ARAMARIS	S. João da Agu fria	Espirito Santo do Inhambuque	Clerigo	Nunca foi villa	S. Boaventura de Poxino	Bahia	Bahia	Bahia	Muito poucas	51	Kiriris	40
16	MANGUINHOS	S. João de Agua fria	Espirito Santo do Inhambuque	Clerigo	Nunca foi villa	S. Boaventura do Poxino	Bahia	Bahia	Bahia	Muito poucas	120	Caramurú	35
17	CONQUISTA DA PEDRA BRANCA	Marogogipe	Oiteiro Redondo de N. S. do Desterro	Clerigo	Nunca foi villa	S. Boaventura do Poxino	Bahia	Bahia	Bahia	Muito poucas	20	Kiriris	30
18	OUTRA NO MESMO SITIO	Marogogipe	Oiteiro Redondo de N. S. do Desterro	Clerigo	Nunca foi villa	S. Boaventura de Poxino	Bahia	Bahia	Bahia	Muito poucas		Tapuyas	30
19	RODELIAS	Pambú	Santo Antonio do Pambú	Capucho italiano	Nunca foi villa	S. João Baptista	Bahia	Sergipe	Jacobina	uma legoa	Almas 200	Periás	170
20	PORTO DA FOLHA	Villa Nova Real d'El-Rei	S. Antonio do Urubú de Baixo	Capucho italiano	Nunca foi villa	S. Pedro	Bahia	Sergipe	Sergipe	uma legoa	Almas 250	Urumas	124
21	PACATUBA	Villa Nova Real d'El-Rei	S. Antonio de Villa Nova Real	Capucho italiano	Nunca foi villa	S. Felix	Bahia	Sergipe	Sergipe	meia legoa	Almas 466	Caxago	106
22	UNA DO CAIRU'	Villa Cayrú	N. S. do Rosario	Italiano	Nunca foi villa	S. Felix	Bahia	Bahia	Ilhéos	uma legoa	Almas 160	Tupinambás	16
23	ITAPICURU' DE CIMA	Itapicurú	N. S. de Nazareth	Franciscano	Nunca foi villa	S. Antonio e N. S. da Saude	Bahia	Bahia	Bahia	Menos de uma legoa	Casaes 80	Tupinambás	45
24	MASSACARA'	Itapicurú	S. João de Gerimoabo	Franciscano	Nunca foi villa	Santissima Trindade	Bahia	Bahia	Bahia	uma legoa	Casaes 200	Kiriris e catrimbis	60
25	BOM JESUS DA JACOBINA	Villa Santo Antonio de Jacobina	Santo Antonio	Franciscano	Nunca foi villa	Bom Jesus	Bahia	Bahia	Jacobina	Muito poucas	Casaes 100		80
26	SAHY	Jacobina	Santo Antonio de Jacobina	Franciscano	Nunca foi villa	N. S. das Neves	Bahia	Bahia	Jacobina	uma legoa	Casaes 150		80
27	JOAZEIRO	Jacobina	Santo Antonio	Franciscano	Nunca foi villa	N. S. das Brotas	Bahia	Bahia	Jacobina		Casaes 100		100
28	CURRAL DOS BOIS	Villa Nova da Rainha ou Penedo	Pambú	Franciscano	Nunca foi villa	S. Francisco	Bahia	Bahia	Jacobina		Casaes 80	Kiriris	100
29	ALDEIA DO RIO REAL	Villa da Abbadia	N. S. da Abbadia	Carmelita calçado	Nunca foi villa	Jesus, Maria e José	Bahia	Sergipe	Bahia	Muito poucas	Casaes 80	Kiriris	52
30	JAPARATUBA	[illegible]	[illegible] S. Gonçalo	[illegible] calçado	[illegible] villa	N. [illegible] do Carmo	Bahia	Sergipe	Bahia	Muito poucas	Casaes [illegible]	Boymé	65
31	AGUA AZEDA	Cidade de Sergipe	N. S. da Victoria	Carmelita calçado	Nunca foi villa	N. S. do Carmo	Bahia	Sergipe d'El-Rei	Sergipe d'El-Rei			Boymé	65
32	MASSARANDUPIO'	Santa Luzia do Rio Real	Santo Amaro da Ipitanga	Carmelita descalço	Nunca foi villa	Santo Antonio de Arguim	Bahia	Bahia	Bahia	6 legoas	Casaes 50 Almas 240	Tupis ou Tupinambás	18
33	SANTO ANTONIO DA ALDEIA	Maragogipe	S. Partholomeu	Clerigo	Nunca foi villa	Santo Antonio	Bahia	Bahia	Bahia			Tupis ou Tupinambás	18
34	JIQUIRIÇA'	Jaguaripe	S. Antonio	Clerigo	Nunca foi villa	N. S. dos Prazeres	Bahia	Bahia	Bahia			Tupis ou Tupinambás	18
35	JAGUARIPE DO RIO D'ALDEIA	Jaguaripe	Nazareth	Clerigo	Nunca foi villa	N. S. de Nazareth	Bahia	Bahia	Bahia			Tupis ou Tupinambás	18
36	ALDEIA DO SALITRE	S. Antonio do Urubú de cima	S. Antonio	Clerigo	Nunca foi villa	N. S. Madre de Deus	Bahia	Bahia	Jacobina			Tupis ou Tupinambás	134

X

FORMAÇÃO DOS LIMITES

Os papas Nicolau V, Calixto III, Xisto IV, concederam á corôa portugueza as terras e ilhas novamente descobertas sob o influxo do infante D. Henrique e dos seus successores immediatos. Com surpreza de Portugal obtiveram os reis catholicos uma concessão do mesmo genero depois de Christovão Colombo tornar de sua primeira viagem: em Maio de 1493 attribuiu-lhes Alexandre VI todas as terras e ilhas descobertas e por descobrir, situadas cem leguas a Oeste de qualquer das ilhas dos Açores e do Cabo-Verde.

Protestou contra o acto pontificio D. João II, julgando-o lesivo de seus direitos; depois do protesto entabolou negociações com os monarchas visinhos; afinal concluiram um accordo em Tordesilhas. O convenio, ahi assignado em 7 de Junho de 1494, manteve o principio enunciado pelo Papa: a divisão do mundo em dois hemispherios, pertencente um a Portugal, outro a Espanha; modificou, porém, o numero de leguas, elevando-as de cem a trezentas e setenta e o ponto de partida para a contagem, que seria uma ilha, não especificando então nem depois, do archipelago do Cabo-Verde. O arreglo foi meramente formal e theorico: ninguem sabia o que dava ou recebia, e si ganhava ou perderia com elle no ajuste das contas

O descobrimento do Brasil, realisado alguns annos depois por Pedr'Alvares Cabral, foi precedido pela expedição de Vicente Yañez Pinzon; mas os Espanhoes não allegaram prioridade nem duvidaram coubesse a terra dos Papagaios dentro na raia portugueza. Seus interesses estavam ao Norte, não ao Sul da equinocial, que só começou a ter valor com a expedição de D. Nuno Manuel.

As primeiras duvidas sobre a linha divisoria surgiram no mediterraneo austral-asiatico. Segundo o parecer de Fernão de Magalhães comprehendiam-se nos dominios da Espanha as Molucas, tão cobiçadas por suas especiarias. Para prova-lo emprehendeu a viagem em que descobriu o estreito ainda hoje conhecido por seu nome, atravessou o oceano Pacifico, chegou pelo Poente ao Levante como nebulosamente concebera e nunca realisou Colombo. Depois de sua morte Sebastian d'Elcano concluiu o periplo incomparavel e na volta á patria, em Setembro de 1522, manifestou a mesma crença nos direitos de sua nação e a urgencia de reivindica-los. A côrte espanhola deixou-se convencer. Entre ella e a de Portugal estabeleceu-se uma discussão enfadonha, allegando-se ora a prioridade do descobrimento, ora a legitimidade do dominio no archipelago prestigioso. Do debate resultou a capitulação de Saragoça, em Abril de 529. Admittindo que as Molucas pertenciam legitimamente á corôa espanhola, João III comprou os direitos de Carlos V, por trezentos e cincoenta mil ducados; si mais tarde verificassem a não existencia de taes direitos, o imperador restituiria a somma recebida; a linha divisoria passaria naquelle hemispherio duzentas e noventa e

sete e meia leguas ao Oriente das Molucas; e a legua seria das de dezesete e meia o grau no equador.

O machado de metal levado em 1514, as expedições de Solis, Christovão Jaques, Cabot e Garcia, deram importancia ás terras platinas, e levantaram a questão de limites no continente americano. Surgiram e arrastaram-se os debates a proposito da expedição de Martim Affonso de Sousa (1530-1533), sempre sob a dupla face de prioridade proclamada por Portugal e legitimidade de dominio, allegada por Castella. Em Setembro de 32, exprimia D. João III a idéa de distribuir em capitanias hereditarias o territorio situado entre Pernambuco e rio da Prata; nas doações feitas mais tarde, avançou apenas até 28° ½, á vista das reclamações espanholas, ou, segundo parece, de observações astronomicas de Martim Affonso, assim reconhecendo que seus dominios não iam mais longe. Os Espanhoes extendiam, porém, suas pretenções mais para o Norte. Em 534, Ruy Mosquera estabeleceu-se no Iguape, repelliu com vantagem um ataque de Pero de Goes e saqueou S. Vicente; diversos documentos officiaes contemporaneos traçam a linha divisorias desde Cananéa e até de S. Vicente para o Sul.

Com a união das duas corôas decresceu a importancia dos limites meridionaes e a attenção concentrou-se na Amazonia. Ante as incursões de Flamengos e Inglezes, conhecidas apenas no Pará se estabeleceu Castello Branco, pareceu acertado confiar as novas conquistas á guarda dos Portuguezes mais proximos e melhor preparados para defende-las; a creação do governo separado do Maranhão representou um primeiro passo neste sentido. Ainda mais decisiva foi a crea-

ção de duas capitanias hereditarias, sujeitas ambas á corôa portugueza, em terreno indiscutivelmente espanhol pelo espirito e pela lettra de Tordesilhas: a de Cametá, concedida a Feliciano Coelho de Carvalho, limitada a Oeste pelo Xingú na margem direita, a do cabo do Norte na margem esquerda do Amazonas, concedida a Bento Maciel Parente, limitada a Oeste pelo Parú. Em 1639, Pedro Teixeira voltando de Quito tomou posse em nome de rei de Portugal das terras situadas entre o rio Aguarico, affluente do Napo, e o mar; faltava-lhe autoridade para tanto; mas este acto foi mais tarde e muitas vezes invocado e acceito como titulo de posse.

No Sul, o movimento de occupação se operou com muita lentidão por parte de Portugal, acompanhando o littoral do Paraná e Santa Catharina, e continuou do mesmo modo ainda depois de 1640. Por sua parte os Espanhoes não curaram de occupar a margem esquerda do Prata, descuido verdadeiramente inexplicavel, si não duvidavam de seus direitos, a menos que se não explique pela certeza de sua intangibilidade.

Si persistissem as reducções dos Tapes e de Guayrá, avançariam naturalmente para o Oriente, chegariam á marinha. Si outros elementos os reforçassem, o conflicto poderia ser evitado ou talvez a victoria lhes coubesse. Mas os jesuitas só reergueram as missões do Uruguay, e as relações destas gravitavam para Buenos Aires e Asuncion, como estas capitaes para os Andes e o Pacifico.

Autores portuguezes discutiam entretanto o meridiano de Tordesilhas, traçando-o uns pela foz do Prata, outros pelo golpho de São Mathias, na Pata-

gonia. Taes idéas tornaram-se correntes. Depois de assignada a paz que reconheceu sua independencia, o monarcha de Portugal outorgou uma capitania a um dos netos de Salvador Correa, balisando-a pelo estuario platino. Em 1680 mandou fundar na margem septentrional do Prata, a dez leguas de Buenos Aires, a colonia do Sacramento.

Apenas certificou-se de sua existencia, o governador espanhol atacou-a e tomou-a. A noticia transmittida á Europa quasi desencadeou nova guerra. Procurou-se ainda uma vez, e agora com mais veras, apurar o verdadeiro alcance da linha de Tordesilhas. Não se conseguiu. A' Espanha condescendeu em reconstruir a fortaleza e restituir provisoriamente o territorio, para afastar qualquer motivo de irritação do debate, que deveria continuar no terreno scientifico.

Ao rebentar a guerra da successão da Espanha, el-rei de Portugal esposou a causa do duque de Anjou, que por isso lhe cedeu o territorio disputado no Prata. Mais tarde mudou de partido e alliou-se á Inglaterra a favor do pretendente austriaco. Dahi resultou novo ataque e nova tomada da colonia do Sacramento que permaneceu em mãos do inimigo de 1706 a 1715. Levara até então vida bem singular. "A nova colonia do Sacramento por mercê de Deus se conserva, escrevia alguem pouco depois de 1690, por metterem nella um presidio fechado sem mulherio que é o que conserva os homens, porque se não tem visto em parte alguma do mundo fazerem-se novas povoações sem casaes". Este ninho, antes de contrabandistas que de soldados, foi talvez o berço de uma prole sinistra, os gauchos ou gauderios, originarios da margem esquerda do Prata,

famosos durante largas decadas e ainda não assimilados de todo á civilisação. A quantidade de meios de sola exportados do Rio no começo do seculo XVIII não se explica pela simples producção indigena nem por contrabando de Buenos Aires: implica o processo summario dos gauchos na matança das rezes, resultante da abundancia e depreciação do gado vaccum, do pullulamento da cavalhada e do espaço indefinido e livre para as correrias.

O tratado de Utrecht mandou restituir a colonia a Portugal e foi restituida com seu territorio. Qual era seu territorio? Toda a margem esquerda do Prata, pretenderam os Portuguezes; o espaço alcançado por um canhão da fortaleza, entendiam os Espanhoes. Triumpharam estes. Aquelles tentaram estabelecer-se em Montevidéo, mas seus esforços foram perdidos. Tambem os Espanhoes em 1735 tentaram apossar-se da colonia e sujeitaram-na a um assedio asperrimo de vinte e dois mezes. Antonio Pedro de Vasconcellos, commandante da praça, resistiu heroicamente e obrigou o inimigo a retirar-se.

A fundação da colonia do Sacramento devia servir de ponto de partida para um povoamento que, partindo do Prata, iria ter á beira mar. Este plano falhara; restava o plano contrario: estabelecer-se na marinha, extender-se pelo interior até chegar as aguas platinas, em outros termos, povoar o rio de S. Pedro, mais tarde chamado Rio-Grande do Sul.

Em Fevereiro de 1737 entrou José da Silva Paes pelo canal que sangra a lagoa dos Patos e a Mirim. No local que lhe pareceu mais apropriado desembarcou, fortificou-se. A' sombra da fortaleza foi-se

adensando a população. Dos Açores vieram varias familias e agregaram-se a este nucleo primitivo: as capitanias do Norte por força ou por vontade forneceram não poucos colonos.

A rapida expansão do Brasil pelo Amazonas até o Javary, no Mato Grosso até o Guaporé e agora no Sul, urgiu a necessidade de atacar de frente a questão de limites entre possessões portuguezas e espanholas, no velho e no novo mundo, sempre adiada, sempre renascente, interpretando authenticamente o convenio de 1494. Com este fim, os dois monarchas da peninsula assignaram um tratado em Madrid a 13 de Janeiro de 1750.

Ambas as partes contractantes reconheceram neste documento ter violado a linha de Tordesilhas, uma na Asia, outra na America. Começaram, portanto, abolindo "a demarcação acordada em Tordesilhas, assim porque se não declarou de qual das ilhas do Cabo-Verde se havia de começar a conta das trezentas e setenta leguas, como pela difficuldade de assignalar nas costas da America Meridional os dois pontos ao Sul e ao Norte donde havia de principiar a linha, como tambem pela impossibilidade moral de estabelecer com certeza pelo meio da mesma America uma linha meridiana". Na mesma occasião aboliram quaesquer outras convenções referentes a limites, que exclusivamente seriam regidos pelo tratado agora assignado:

A linha meridiana, até então vigente pelo menos nos instrumentos publicos, seria substituida por limites naturaes, tomando por balisas as passagens mais conhecidas para que em tempo nem um se confundam, nem dêm occasiões a disputas, como são a origem e

curso dos rios e os montes mais notaveis. Salvo mutuas concessões inspiradas por conveniencias communs para os confins ficarem menos sujeitos a controversia, ficaria cada parte com o que actualmente possuisse.

Maior importancia que ás terras prestou-se ao aproveitamento dos rios. Estabeleceu-se que a navegação seria commum quando cada um dos Reinos tivesse estabelecimentos ribeirinhos; si pertencessem á mesma nação ambas as margens, só ella poderia navegar pelo canal. Para ficar com a navegação exclusiva do Prata, a Espanha trocou a colonia do Sacramento pelas missões do Uruguay. Encarregadas de assentar os limites iriam duas tropas de commissarios, uma pelo Amazonas, outra pelo Prata.

Da commissão do Amazonas foi plenipotenciario e principal commissario portuguez Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do marquez de Pombal. Como vimos, já exercia o cargo de governador do Pará, quando foi nomeado para o trabalho das demarcações. A 2 de Outubro de 1754 sahiu para o rio Negro, levando em sua companhia setecentas e noventa e seis pessoas, distribuidas em vinte e cinco barcos. Escolheu para residencia a aldeia de Mariuá, chamada mais tarde Barcellos, e nella mandou construir aposentos para accommodar a partida espanhola. A' frente desta, de estado maior ainda mais numeroso, partiu de Cadix D. José de Iturriaga, a 13 de Janeiro do mesmo anno, e chegou ao Orinoco aos fins de Julho. Em 1756 fundou São Fernando de Atabapo, para escala da grande peregrinação e caixa de viveres. D'ahi por diante, arcando com o aspero sertão despovoado, taes embaraços encontrou, apesar das ordens mais expressas e das fa-

cilidades extraordinarias proporcionadas por seu governo, que gastou annos no caminho.

A partida de Mendonça tinha de se occupar de tres questões principaes: a do rio Negro, a do Japurá e a do Madeira e Javary; a cada uma caberia uma tropa. Tomou as providencias necessarias para organisa-las, e como Iturriaga continuasse ausente voltou em 756 para Belém com os engenheiros da demarcação, onde o absorveram outras preoccupações mais instantes.

Em Janeiro de 758, recebendo aviso da proxima chegada dos commissarios espanhoes, dirigiu-se novamente para Barcellos. Com effeito no anno seguinte ali se apresentaram D. José de Iturriaga e seu grandioso sequito de commissarios, mathematicos, engenheiros, desenhistas. Quasi ao mesmo tempo chegou a noticia da substituição de Mendonça na capitania do Pará e no trabalho dos limites, que dahi em deante seria dirigido da parte de Portugal por Antonio Rolim de Moura, governador de Mato-Grosso, mais tarde vice-rei do Brasil e conde de Azambuja. No mesmo dia e hora da partida de Mendonça Furtado para a capital os commissarios espanhoes volveram ao Orinoco. Tal é pelo menos a versão referida por Baena. Os escriptores venezuelanos e colombianos contestam o encontro dos dois commissarios e, parece, com melhores fundamentos.

Depois de tantos annos e de tantas canceiras nem um passo se dera para realisar o ideal afagado pelo tratado de Madrid. Para os interesses de Portugal a solução não foi desvantajosa: estribado no *uti possidetis*, dando-lhe uma extensão inconciliavel com o tratado de Madrid, poude agora satisfazer a sua avidez de terras.

No tempo de Mendonça installou-se a capitania de S. José de Javary. Mandara-lhe a corôa assentar a capital no Solimões proximo dos limites occidentaes; elle achou mais conveniente situa-la no rio Negro, donde os Espanhoes estavam muito afastados, como o provára a lenta marcha de Iturriaga. Ahi, portanto, a expansão se faria sem tropeços. Além disso a proximidade relativa de Belem e de Portugal garantiam uma superioridade esmagadora. Em seu tempo foram fundados o forte de Marabitanas no rio Negro, o de S. Joaquim na confluencia do Uraricoera e Tacutú, cabeceiras do Branco.

Pelas instrucções, a tropa de commissarios destinados á demarcação do Sul devia subdividir-se em tres troços: um reconheceria o terreno desde Castilhos Grandes até a barra do Ibicuhy, no Uruguay; outra o Uruguay desde o Ibicuhy até o Pepiry-Guaçú e, passada sua contravertente, desceria o Iguaçú até marcar a barra do Igurey, aquelle affluente oriental, este occidental do Paraná; a terceira deveria demarcar o Igurey em todo o curso, por seu concabeçante descer para o Paraguay e subir por este até a barra do Jaurú.

As duas ultimas tropas deram conta de sua commissão pacificamente; a primeira andou com menos fortuna. Em troca da colonia do Sacramento e navegação exclusiva do Prata, a Espanha cedera a Portugal a navegação do Uruguay com os sete povos das missões jesuiticas: São Nicolau, São Miguel, São Luiz Gonzaga, São Borja, São Lourenço, São João e Santo Angelo, fundados entre 1687 e 1707, alguns com os restos de reducções que escaparam á sanha dos mamalucos. Ceder terras com habitantes é amputação dolorosa, ainda hoje

praticada; entregar as terras, deixando os bens de raiz, levando os moradores apenas os moveis e semoventes reporta á crueza dos Assyrios. Entretanto as duas córtes julgaram consumar facilmente este ultraje á humanidade si os jesuitas as ajudassem, pesando sobre o espirito dos Indios. Os jesuitas acreditaram-se poderosos para tanto e bem caro pagaram este accesso de fraqueza ou de vaidade: quando os indios se levantaram, desmentindo ou antes engrandecendo seus padres, mostrando que a catechese não fôra méra domesticação e a vida interior vibrava-lhes na consciencia, aos jesuitas foi attribuida a responsabilidade exclusiva em um movimento natural, humano e por isso mesmo irresistivel.

Os chefes da missão demarcadora do Sul, Gomes Freire de Andrade por parte de Portugal, o marquez de Valdelirios pela de Espanha, encontraram-se na fronteira maritima do Rio-Grande do Sul em começo de Setembro de 1752, e no mez seguinte iniciaram os trabalhos. Em Janeiro, assentado o terceiro marco, Gomes Freire ausentou-se para a colonia do Sacramento e o marquez para Montevidéo. A primeira partida luso-espanhola continuou na tarefa, que deveria se extender até á barra do Ibicuhy; mas ao chegar a Santa Tecla, dependencia do povo de São Miguel, situado um pouco ao Norte da actual cidade de Bagé, defrontou indios armados que se oppuzeram a seu avanço. Fôra prevista a hypothese e havia ordem dos dois governos para domar a resistencia pelas armas, pois os jesuitas já se haviam felizmente convencido de sua impotencia.

Reunidos Gomes Freire e Valdelirios na ilha de Martim Garcia resolveram mandar emissarios ás missões a ver si ainda era possivel conciliar os indios. Si

elles continuassem teimosos, marchariam Adonaegui, governador de Buenos Aires, pelo Uruguay até São Borja, e Gomes Freire pelo rio Pardo até Santo Angelo. Depois de tomadas estas duas reducções proseguiriam até se encontrar. Em Março de 54 Adonaegui pôz-se em movimento, mas o mau estado da cavalhada e outras causas não menos fortes obrigaram-no a recuar até Dayman, junto á presente cidade do Salto. Ahi os indios atacaram os Espanhoes e perderam trezentos homens, dos quaes duzentos e trinta mortos, canhões, armas brancas e cavalhada. Menos feliz foi Gomes Freire, obrigado a assignar um armisticio com os levantados a 18 Novembro.

Viu-se que melhor andariam unidos os dois exercitos. Partiu Gomes Freire do rio Pardo e em Sarandy, no rio Negro, juntou-se ás forças de Adonaegui. A 21 de Janeiro de 56 marcharam para as missões. Quasi só encontraram os obstaculos creados pela natureza. Os indios, embora numerosos, mal armados, mal ou antes não dirigidos, pouca resistencia podiam offerecer; de todos os recontros sahiram derrotados. A 17 de Maio entregou-se São Miguel sem resistencia, e os outros povos foram seguindo-lhe o exemplo. Podia-se agora operar a permuta, Gomes Freire empossar-se das sete missões e entregar a colonia do Sacramento. Não se fez isto; dir-se-ia que, como os primitivos, estes mamalucos postumos tinham por movel unico a destruição. Em Janeiro de 59, Gomes Freire embarcou para o Rio, donde não mais voltou.

Entretanto, fallecia Fernando VI, subia ao throno Carlos III, inimigo do tratado de 1750 desde o tempo de seu reinado em Napoles. Um dos primeiros cuidados

do novo rei foi annulla-lo pelo pacto firmado no Pardo, a 12 de Fevereiro de 1761. Ficaram outra vez de pé todos os actos reguladores de limites, a principiar pelo de Tordesilhas, tantas vezes desrespeitado por ambas as partes, como de publico haviam reconhecido poucos annos antes. O tratado de Madrid, exactamente porque resolvia uma questão secular, fôra atacado com violencia em ambas as côrtes e a cordialidade dos dois monarchas que o assignaram não teve echo nos respectivos povos. Agora com razão condemnavam-no os representantes dos dois governos á vista de seus resultados, faceis de evitar, a não ser a clausula barbara relativa aos sete povos do Uruguay: "estipulado substancial e positivamente para estabelecer uma perfeita harmonia entre as duas corôas e uma inalteravel união entre os vassallos dellas, se viu pelo contrario que desde o anno de 1752 tem dado e daria no futuro muitos e muito frequentes motivos de controversias e contestações oppostas a tão louvaveis fins".

A insistencia de Portugal em não adherir ao famoso pacto de familia, dirigido pelos Bourbons contra a Inglaterra, desencadeou as hostilidades na peninsula e nos dominios da America do Sul. Pedro Cevallos, successor de Adonaegui no governo de Buenos-Aires, poz cerco á colonia do Sacramento em Outubro de 62 e tomou-a sem grande esforço. Dirigiu-se depois ás plagas rio-grandenses, num passeio militar apossou-se do forte de Santa Thereza proximo ao Chuy, da villa capital, da margem septentrional da lagôa dos Patos. Um convenio assignado no povo de São Pedro em 6 de agosto de 1763 declarou o porto privativo do dominio

da Espanha, fechado, portanto, ao commercio de qualquer outra nação.

O tratado concluido em Paris a 10 de Fevereiro 763 mandou voltarem as cousas ao estado anterior á guerra. Cevallos restituiu a colonia do Sacramento, guardou o Rio-Grande, deixando os Portuguezes reduzidos á fortaleza do rio Pardo, e ás cercanias de Viamão. Mesmo estas nesgas procurou retirar-lhes Vértiz y Salcedo, novo governador de Buenos-Aires, atacando o rio Pardo em 773, não com tanta felicidade como esperava.

Portugal fingiu acceitar a situação creada por Cevallos, mas foi se preparando manhosamente para modifica-la em seu proveito. Readquiriu, sem combate, S. José do Norte á entrada da barra; a pouco e pouco mandou forças por terra; uma esquadra entrou pelo canal apesar das fortalezas inimigas; em Março de 76, combinadas as forças de terra e mar atacaram e tomaram as fortificações dos Castelhanos; em Abril a villa de São Pedro foi evacuada. O dominio espanhol durara treze annos: data delle a fortuna do porto dos Casaes, hoje Porto-Alegre.

Muitos dos colonos portuguezes transplantados para além do Chuy não tornaram mais para as antigas estancias.

Apenas chegou ao velho mundo a noticia da reconquista do rio de S. Pedro, preparou-se em Espanha uma forte armada para tirar a desforra. Commandava-a Cevallos, nomeado para assumir o vice-reinado do Prata, então creado. Deveria tomar Santa Catharina, Rio Grande e Sacramento. Santa Catharina entregou-se logo sem resistencia; na colonia propuzeram a entrega

apenas se apresentou o inimigo. O Rio-Grande ficou livre de ser accommettido por via maritima graças aos ventos contrarios; quando ia ser atacado por via terrestre, chegou ordem de suspender as hostilidades. Cevallos, como si votasse odio pessoal á colonia do Sacramento, secular pomo de discordia entre os dois povos, não quiz deixar pedra sobre pedra. A 8 de Junho de 77 começou a demolição pela fortaleza; foram depois destruidas as casas, o porto obstruido; as familias que não quizeram recolher-se ao Brasil, transportadas para Buenos-Aires, distribuiram-se pelo caminho do Perú.

Expirava a este tempo José I, extinguia-se o poderio do truculento Pombal, pela primeira vez uma rainha ascendia ao throno portuguez; todos estes motivos devem ter influido certa brandura no tratado de limites firmado em Santo Ildefonso a 1 de Outubro de 1777, em quasi tudo semelhante ao de Madrid, e mais humano e generoso que este, pois não impunha exodos cruentos.

O *uti possidetis,* reconhecido em 1750, annullado em 761, veio outra vez a prevalecer. Si não se explicasse pela superioridade relativa das posições portuguezas nas zonas litigiosas, seria uma das ironias da historia averiguar que do mero apego á posse das Philippinas procederam todas as concessões por parte da Espanha.

As modificações mais notaveis apanharam a fronteira meridional. Espanha não concordou mais que Portugal tivesse direito a navegar no Uruguay e por isso impoz uma fronteira tal que as possessões portuguezas só abeirassem o rio ao Oriente do Pepiry-guaçú. Desenvolvendo um principio já formulado no tratado

de Madrid, cujo artigo 22 não permittia fortificações nem povoações nos cumes das raias, a partir das lagôas Mirim e da Mangueira o tratado de Santo Ildefonso estabeleceu no artigo 5 "um espaço sufficiente entre os limites de ambas as nações, ainda que não seja de igual largura á das referidas lagôas, no qual não possam edificar-se povoações por nenhuma das duas partes, nem construir-se fortalezas, guardas ou postos de tropas, de modo que os taes espaços sejam neutros, pondo-se marcos e signaes seguros que façam constar aos vassallos de cada nação o sitio de que não deverão passar, a cujo fim se buscarão os lagos e rios que possam servir de limite fixo e inalteravel, e em sua falta o cume dos montes mais signalados, ficando estes e as suas faldas por termo natural e divisorio, em que se não possa entrar, povoar, edificar nem fortificar por alguma das duas nações".

Para o trabalho de demarcar a fronteira foram creadas quatro divisões: operaria a primeira do Chuy ao Iguaçú; a segunda do Igurey ao Jaurú; a terceira do Jaurú ao Japurá; a quarta dahi ao rio Negro. Pela parte de Portugal ficaram dependentes do vice-rei no Rio, dos governadores de S. Paulo, Mato-Grosso e Pará. O trabalho effectuado limitou-se á fronteira do Chuy ao Iguaçú, e do Javary ao Japurá, isto durante annos de argucias, dilações, inacção, de que cada nação lançava á outra a culpa exclusiva. As divisões confiadas aos governadores de S. Paulo e Mato-Grosso nunca se encontraram com as divisões espanholas. Poder-se-ia dizer que com isso ganhou a geographia das respectivas regiões, pois os scientistas exploraram rios, descreveram plantas e animaes, enviaram curiosos especimens dos

tres reinos para os estabelecimentos de alem-mar... poder-se-ia dize-lo, si taes trabalhos, ciosamente guardadados, fossem dados então á publicidade.

Dois episodios mostrarão como as cousas passaram.

O tratado de Madrid nos artigos 5º e 6º, repetidos pelo de Santo Ildefonso nos artigos 8º e 9º, dispunha que a fronteira desde a barra do Iguaçú proseguiria pelo alveo do Paraná acima, até onde pela parte occidental se lhe ajuntasse o Igurey, acompanharia este até descer o concabeçante mais proximo, affluente do Paraguay, chamado talvez Corrientes.

Proximo do Iguaçú não desemboca pela margem oriental do Paraná rio chamado Igurey, proprio a servir de fronteiras, allegou Sá e Faria, Portuguez passado agora para o serviço de Castella; rio Corrientes tão pouco se conhece no Paraguay. Convencionou-se pois que a fronteira partiria do Iguatemy, primeiro affluente oriental do Paraná, acima das Sete-Quedas. Mais tarde, o vice-rei do Brasil escreveu ao do Prata que a convenção fôra condicional, para a hypothese de não existir o Igurey; ora Igurey existia abaixo das Sete-Quedas. Candido Xavier o descobriu e o seu correspondente no Paraguay é o Jejuy. Pelo Igurey e pelo Jejuy devia passar portanto a linha divisoria.

Tem razão o vice-rei do Brasil, respondia Felix de Azara, commissario espanhol; a convenção foi condicional, e desapparece apurada a existencia do Igurey; mas o Igurey existe: é o Iaguarey, Monici ou Ivinheima, e corresponde-lhe pelo Paraguay outro rio caudoloso, que desemboca aos 22°. Isto, accrescentava, nos dará as unicas terras não inundadas daquellas regiões: teremos ervaes, barreiros, salinas, pastos, aguadas, ma-

deiras; as frotas de Cuyabá e Mato-Grosso cahirão em nossas mãos na boca do Taquary, ou mais acima; podemos na paz chupar suas riquezas por um commercio que ha de ser-nos vantajoso sem prejuizo; os famosos estabelecimentos de Mato-Grosso, Cuyabá e serra do Paraguay serão precarios a seus illegitimos donos e alfim cahirão em nossas mãos com o tempo. "No es posible que no tengamos las minas de Cuyaba y Matogroso, cuando las podemos atacar com fuerzas conpetentes, llevadas por el mejor rio del mundo, sin que los portugueses puedan sustenerlas ni llegar a ellas sino por el embudo obstruido del rio Tacuari, en canoas y con los trabajos que nadie ignora".

Seriam melhores os Portuguezes? O caso Chermont-Requena narrado brevemente responderá de modo satisfatorio.

Tinham os commissarios de demarcar a fronteira do Javary á boca mais occidental do Japurá e seguir por este acima até um rio que resguardasse os estabelecimentos portuguezes do rio Negro. A boca mais occidental do Japurá originou graves discussões, por um chamar boca o que o outro considerava furo, isto é um canal que levava as aguas do Solimões ao Japurá em vez de traze-las. O rio que devia resguardar as possessões portuguezas do rio Negro seria o Apaporis, o Comiary ou dos Enganos, ou qualquer outro? Nunca se decidiu, á vista dos multiplos varadouros, imaginarios ou verdadeiros, allegados por parte de Portugal. Em todo caso, Tabatinga demorava a Oeste da mais occidental das bocas do Japurá, demorava mesmo a Oeste do Içá, não comprehendido nas pretenções portuguezas mais exaggeradas; quando, porém, Requena reclamou a

posse de Tabatinga, Chermont negou-se a assumir responsabilidade tão grave e declinou da sua para a competencia de João Pereira Caldas, chefe daquella divisão. Este declarou-se prestes a fazer a entrega de Tabatinga si os Espanhoes lhe entregassem São Carlos, forte do alto rio Negro, fundado na expedição de D. José de Iturriaga, mallogrado commissario da primeira demarcação.

Nestes dares e tomares consumiu Requena um decennio. Afinal conseguiu de seu rei licença de voltar para a Europa, e o de Portugal permittiu-lhe que descesse até o Pará. "De ordem do governador do Rio-Negro o acompanhou o tenente-coronel engenheiro José Simões de Carvalho com a recommendação secreta de dirigir a viagem de maneira que elle não visse povoação alguma, nem podesse tomar nota topographica de qualquer ponto do Amazonas. Destina-lhe o governador (do Pará) para sua morada a fazenda de Val de Cães. Ali o teve como em custodia até proseguir a viagem, permittindo-lhe vir á cidade (de Belém) só de noite, e acompanhado de um official de tropa regular quando intentava fazer-lhe visitação, na qual tambem era recebido pelos cidadãos mais qualificados que segundo a disposição do governador o esperavam em grande ceremonia".

Em summa, valiam-se bem os commissarios das duas altas partes contractantes. Teria razão ou talvez não tenha quem affirmasse sua má fé; entretanto uma ou outra opinião seria superficial. Os termos dos tratados prestavam-se ás vezes a mais de uma interpretação; os mappas trazidos do reino applicavam-se mal aos terrenos; nem destes sem daquelles resultava uma

hermeneutica forçada; cada funccionario procurava ostentar zelo, isto é adiantar sua carreira. E em nome destes seres heteronomos ainda hoje nossos visinhos propagam e herdam o odio ao Brasil desde os bancos escolares! Felizmente no Brasil já não somos prisioneiros destas paixões inferiores de colonos fossilisados.

Portugal sahiu mais favorecido da sorte por ter creado a capitania independente de Mato-Grosso logo depois do tratado de 1750 e a capitania subordinada do Rio-Negro em seguida. De Villa-Bella via-se bem claro que o problema se decompunha em duas partes: absorver a navegação do Madeira, paralysando as hostilidades das visinhas aldeias dos Moxos e dos Chiquitos, — e isto fez principalmente o conde de Azambuja; passar além dos Xaraes, até onde o Paraguay não transborda do leito, limitando assim as possibilidades dos ataques e surpresas, garantindo ao mesmo tempo a navegação de S. Paulo, — isto fizeram Luis de Albuquerque com a fundação de Corumbá e Coimbra, e Caetano Pinto com a de Miranda. Na capitania subalterna Mendonça Furtado sentiu a importancia capital do rio Negro e do rio Branco; escolhendo Barcellos para capital, assignalou nitidamente o rumo a seguir pelos successores. Tanto em Mato-Grosso como no Rio-Negro houve pequenos conflictos sem importancia, de que os Espanhoes não tiraram o melhor partido e os Portuguezes poderam continuar na sua maneira original de entender e applicar o *uti possidetis*.

Os debates inanes das demarcações ainda continuavam em 1801 ao rebentar a guerra entre Portugal e Espanha. Ipso facto caducaram os tratados. José Borges do Canto, desertor do regimento dos dragões, e Manuel

dos Santos Pedroso, sem ordem de ninguem, congregaram um troço de aventureiros, e atiraram-se contra os sete povos do Uruguay. Foram, viram, venceram; voltou novamente a ser lindeiro o rio Ibicuhy.

Depois disto não houve mais questões sobre limites americanos entre as duas metropoles peninsulares.

O historico dos limites com a França e Hollanda, desde o rio Branco a Oeste até o cabo de Orange a Este, conta-se em poucas palavras.

A capitania do cabo do Norte, doada a Bento Maciel Parente, foi limitada a beira mar pelo rio Vicente Pinzon, cuja denominação indigena é Oyapok. Apenas se fixaram em Cayenna, os Francezes lançaram olhos cobiçosos sobre o Amazonas, e reclamaram-no como limite.

Para affirmar seus direitos, em 1697 tomaram os fortes portuguezes de Araguary, Toheré e Macapá, logo retomados. Um tratado provisional assignado em 1701 neutralisou o territorio, mas o de Utrecht restituiu-o aos Portuguezes. Pelo inequivoco artigo 8, Sua Magestade Christianissima desistiu "pelos termos mais fortes e mais autenticos e com todas as clausulas que se requerem, assim em seu nome como de seus descendentes, successores e herdeiros de todo e qualquer direito e pretensão que pode ou poderá ter sobre a propriedade das terras chamadas do cabo do Norte, e situadas sobre o rio Amazonas e o de Japoc ou de Vicente Pinsão, sem reservar ou reter porção alguma das ditas terras, para que ellas sejam possuidas daqui em diante por Sua Magestade Portugueza", etc.

A disposição por sua clareza não permittia duvidas; os Francezes acharam meio de perpetua-llas, descobrindo

mais de um Vicente Pinzon e mais de um Oyapok, de modo a approximarem-se o mais possivel do Amazonas, seu verdadeiro e constante objectivo. Isto lograram durante a Revolução franceza e o Imperio. O tratado de Paris, de 23 Thermidor V, traçou o limite pelo Calçoene até as cabeceiras e destas por uma recta até o rio Branco. O de Badajoz de 6 de Junho de 1801 transportou-o para o Araguary, desde a foz mais apartada do cabo do Norte até a cabeceira e dahi até o rio Branco. O de Madrid de 29 de Setembro do mesmo anno fixou-o no Carapanatuba desde a foz até as cabeceiras, donde acompanharia as inflexões da serrania divisora das aguas até o ponto mais proximo do rio Branco, cerca de 2° $^{1}/_{3}$ N. O de Amiens de 27 de Março de 1802 trouxe-o novamente para o Araguary. Todos estes tratados caducaram com o de Fontainebleau, que desmembrou Portugal e produziu a trasladação da côrte portugueza para o Brasil.

Depois de na era de 1750 terem passado do rio Banco para o Repununi, os Portuguezes approximaram-se das possessões hollandezas. Nunca entretiveram, porém, contacto, ou travaram conflicto com ellas, nem convenção alguma interveio entre as duas metropoles.

XI

TRES SECULOS DEPOIS

Tres seculos depois do descobrimento os habitantes do Brasil exprimiam-se por sete algarismos. Repartidos na superficie reclamada como sua pela metropole, tocavam dois ou tres kilometros quadrados a cada individuo.

A população occupava a marinha desde Marajó até o Chuy, e uma e outra margem do Amazonas desde a foz a Tabatinga e ao Javary. Nos tributarios desta bacia os povoados, de preferencia estabelecidos nos caudaes de agua preta, paravam a pouca distancia da barra, excepto no rio Negro, onde preoccupações de limites tinham requintado a expansão natural, no Madeira, Tapajós e Tocantins, ligados a Mato Grosso e Goyaz. Desde Piauhy á linha singela do littoral correspondiam uma ou mais linhas interiores de povoamento nas beiras dos rios e nos chapadões do Parnahiba, do S. Francisco, do Paraná e regiões intermedias. Estas linhas, interrompidas a cada instante, melhor se diriam pontos indicando um traçado a realisar.

Observando a distribuição geographica dos povoadores notavam-se duas correntes faceis de distinguir. A corrente espontanea do povoamento tendia á conti-

nuidade e procurava a peripheria a Oeste, ao Norte e ao Sul. A corrente voluntaria, determinada por acção governativa, ambição de territorios ou vantagens estrategicas, apparecia salteada e desconnexa, e começando da peripheria procurava rumos oppostos. Nas terras auriferas a occorrencia irregular dos minerios trouxe primitivamente a desconnexão dos nucleos, mais tarde corrigida onde foi possivel.

A maioria constava de mestiços; a mestiçagem variava de composição conforme as localidades. Na Amazonia prevalecia o elemento indigena, abundavam mamalucos, rareavam os mulatos. Na zona pastoril existiam poucos negros e foram assimilados muitos indios. A' beira mar e nas comarcas dos metaes sobresahia o negro, com todos os derivados deste radical. Ao Sul dos tropicos elevava-se a porcentagem dos brancos. Das tres raças irreductiveis, oriunda cada qual de um continente e compellidas á convivencia forçada, eram os africanos a que maior numero de representantes puros possuia, em consequencia das levas annualmente fornecidas pelo trafico dos negreiros.

Na baixada amazonica o predominio da agua e da matta restringiam as occupações agricola e pastoril. Lavoura existia apenas nas proximidades dos povoados maiores, limitada á canna, ao café, a poucos cereaes e á mandioca: esta desfazia-se em farinha d'agua, mais resistente á humidade; o tucupy ou manipuera dava um molho apreciado; crú servia tambem para apanhar aves. O gado vaccum criado na ilha do Marajó, perto do Parú, em Obidos, no Tapajós, nos campos do rio Branco, não chegava para o consumo interno. De gado

cavallar ainda menos se curava: as embarcações, desde a montaria, verdadeira succedanea do cavallo, como o nome está indicando, até as grandes canoas, arqueando centenas de arrobas, e durante parte do anno impellidas rio arriba pelos ventos geraes, eram o quasi exclusivo meio de transporte.

O povo alimentava-se de peixe, fresco, pegado diariamente pelos multiplos e engenhosos processos recebidos dos indigenas, ou salgado, como o pirarucú, a tainha e o peixe-boi; de tartaruga, mais abundante á medida que se caminhava para Oeste, ou porque assim estivesse distribuida originariamente, ou por se não ter adiantado tanto por aquellas bandas a obra de devastação. Verdadeira vacca amazonica, gado do rio como lhe chamavam, podia-se guardar ás centenas em curraes, e fornecia manteiga; a gemma do ovo de uma especie tomava-se com café, como leite. Sua manteiga, além de condimento usual, fornecia illuminação; o casco, sem brilho e por isso imprestavel para obras delicadas, empregava-se como vasilha.

A extracção de productos florestaes, cacau, salsa, piassaba, cravo, occupava a maioria da população masculina em certas quadras do anno, marcadas pelas enchentes e vasantes do rio-mar, durante as quaes as aldeias ficavam reduzidas a velhos, meninos e mulheres. Estas fabricavam louça, pintavam coités, não raro reveladoras de talento artistico, fiavam e teciam. A seringueira, já conhecida e utilisada, entrava apenas no fabrico de objectos caseiros, como o que lhe deu o nome, ou no tornar impermeaveis botas e tecidos. Nem de longe se poderia ainda prever a importancia que lhe

adveio depois de descobertos os modernos processos de manipulação.

"Nenhuns cuidados parecem ter commumente no estado, escrevia Fr. João de São José em tempo de Pombal, e continuava a ser verdade: "havendo rede, farinha e cachimbo está em termos. A frugalidade da meza pode passar si fosse coherente a de beber; e quanto ao mais é expressão vulgar a da seguinte endecha ou trova:

Vida do Pará
Vida de descanço:
Comer de arremeço,
Dormir de balanço".

Da bacia amazonica passando á zona pastoril, notava-se logo a falta de matta e escassez de agua. A matta apparece apenas ás margens dos rios correntes mais caudalosos, em algumas baixadas humidas, em serras elevadas, de mil metros mais ou menos de altitude. A agua, exceptuando alguns rios permanentes, limitava-se a ipueiras, olhos d'agua, poços naturaes, mais ou menos grandes e constantes; fóra destes casos tem-se de procura-la no seio da terra, operação facil nos alveos seccos, em outros casos empreza ardua e até frustranea. Em geral não prima quanto ao gosto, em consequencia da salinidade dos terrenos que a filtram. O caracter salino do solo, a abundancia de pastos succulentos, os campos mimosos e agrestes, determinaram a multiplicação do gado vaccum. Vivia solto o maior do tempo. Na epoca da parição, as vaccas eram recolhidas ao curral, por causa dos cuidados exigidos pelo bezerro, e tambem do leite, e mais tarde do queijo e do requeijão; pouco valia

a manteiga, si merece este nome o exquisito producto guardado em botijas, que se aquecia para extrahir o conteudo.

O gado não se prendia ao descampado; internava-se pelas catingas e amontava. O vaqueiro corria-lhe ao encalço, e com uma vara de ferrão em alguns pontos, em outros pela simples apprehensão do rabo, deitava a rez em terra e subjugava-a. "Quando o vaqueiro se aproxima o boi foge para o mato mais proximo, — informa Koster —; segue-o o homem tão de perto quanto possivel, afim de aproveitar a aberta que o animal faz apartando os galhos, os quaes se aproximam logo depois e retomam sua posição antiga. Algumas vezes o boi passa sob o grosso e baixo galho de uma arvore grande; o cavalleiro passa igualmente por baixo do galho, para consegui-lo inclina-se tanto á direita que pode agarrar a silha com a mão esquerda; ao mesmo tempo prende-se com o calcanhar esquerdo á aba da sella; nesta posição, roçando quasi em terra, de aguilhada em punho segue sem diminuir a andadura, endireitando-se novamente no assento desde que transpoz o obstaculo. Si pode alcançar o boi, mette-lhe o aguilhão na anca e, fazendo-o com geito, derriba-o. Apeia então, liga as pernas do animal, ou passa-lhe uma das mãos por cima dos chifres, o que o segura do modo mais efficaz. Estes homens recebem muitas vezes ferimentos, mas raro é que occasionem mortes". A tradição popular celebrou alguns dos barbatões mais famosos, como o boi Espaço (espaço, isto é, de chifres espaçados, não espacio, como José de Alencar escreveu e outros têm repetido), o Surubim, o Rabicho da Geralda.

Na boca deste uma poesia publicada por Sylvio Romero põe as seguintes quadras:

Foi uma carreira feia
Para a serra da Chapada,
Quando eu cuidei era tarde,
Tinha o cabra na rabada.
Tinha adiante um pau cahido
Na descida de um riacho,
O cabra passou por riba
O russo passou por baixo.
Apertei mais a carreira
Fui passar no boqueirão.
O russo rolou no fundo
O cabra pulou no chão.

O gado cavallar dava bem no sertão, mas nunca se multiplicou tanto como o outro, por falta de forragem apropriada. Talvez isto, mais que a falta de cruzamento, explique a diminuição da estatura; em todo caso sua resistencia ao trabalho é incomparavel, a exiguidade do porte apropriava-o ás corridas pelo catingal. As viagens eram sempre interrompidas nas horas de maior calor; não se ferravam os cavallos, cujo casco rijo resistia ás pederneiras sem estropeio. O gado muar quasi, sinão de todo, se desconhecia no começo. Havia poucas ovelhas e cabras: o desenvolvimento destas data dos ultimos trinta annos, depois de reconhecida a superioridade de sua pelle.

Na alimentação entrava naturalmente a carne, mas em quantidade menor do que se poderia suppor. Uma rez tinha grande valor relativo, porque ficavam proximos consideraveis centros de consumo, como Bahia

e Pernambuco. Além disso dos sertões da Parnahiba e São Francisco e das ribeiras concabeçantes partiu o gado que abasteceu e inçou Minas Geraes, Goyaz e indirectamente Mato Grosso; tal abastecimento encareceu ainda mais a mercadoria, desfalcando-a. Cumpre não esquecer a calamidade das seccas. Assim consumia-se principalmente carne seccada ao sol, ou a do gado miudo, de preferencia á de ovelha.

No começo nada se plantava, julgando o terreno esteril; mais tarde introduziu-se o feijão, o milho, a mandioca e até a canna. São ainda hoje tres épocas alegres do anno sertanejo: a do milho verde, a da farinha e a da moagem. Do milho secco, quasi exclusivamente reservado para os cavallos, só se utilisavam torrado ou feito pipoca, transformado no raro cuscús ou no insipido aluá. O milho verde, cozido ou assado, feito pamonha ou cangica (no sentido do Norte, muito diverso do Sul), o milho verde durante semanas tirava o gosto das outras comidas. A farinhada com a farinha mole, os beijús de cocó ou de folha, as tapiocas, os grudes, etc., as scenas joviaes da rapagem de mandioca, representavam dias de convivencia e cordialidade. A moagem era a canna assada, a garapa, o alfenim, a rapadura, o mel de engenho.

Estas festas, excepto a do milho, provavelmente herdada dos indigenas, presuppunham a *casa grande*, isto é, proprietarios abastados que residiam em suas terras e escravos que as cultivavam. Nas proximidades moravam aggregados, livres e dedicados. Muitas vezes por motivos futeis entre os donos de duas casas grandes irrompiam questões que podiam pôr em armas populações inteiras. São caracteristicas as luctas de Montes e

Feitosas no Ceará. Os inventos mechanicos, que no seculo dezoito revolucionaram a industria dos tecidos, augmentando o consumo do algodão, levaram o plantio aos terrenos mais afastados, por onde diffundiram o bem estar.

O dono da casa grande, como toda a população masculina, excepto quando viajava, andava de ceroula e camisa, geralmente com rosarios, reliquias, orações cuidadosamente cosidas e escapularios ao pescoço. Nas occasiões solennes, recebendo visitas, revestia-se de quimão, timão ou chambre. "Quando um brasileiro põe-se a usar um desses habitos talares começa a se considerar personagem importante (*gentleman*) e com titulo portanto a muita consideração", informa Koster. A roupa caseira das mulheres constava de camisa e saia; o casebeque só appareceu mais tarde. As moças solteiras dormiam juntas num gyneceu chamado camarinha. Não appareciam aos estranhos. Era commum verem-se noivos pela primeira vez no dia do casamento. Entre as joias presava-se sobretudo o collar: o numero de varas de cordão possuido pela mulher indicava até certo ponto sua jerarchia. Até as alongadas brenhas penetravam os bufarinheiros levando ouros, fazendas, utensilios domesticos. Quando os objectos se permutavam em gado, alugavam gente para arrebanha-lo, e podiam voltar com grande numero de cabeças. O mesmo succedia aos dizimeiros, e até a ecclesiasticos ambulantes. Um phenomeno daquellas regiões, ainda hoje existente, eram as feiras de gado ou de outros generos. Algumas feiras deram origem a povoados.

A zona criadeira começava um pouco acima da foz do São Francisco, acompanhava-lhe as margens a en-

testar com a fronteira de Minas Geraes, transpunha as vertentes do Tocantins e do Parnahiba, alcançava já enfraquecida o alto Itapicurú, comprehendia as ribeiras de todos os rios de meia agua mettidos entre a bahia de Todos os Santos e a de Tutoya. A trechos se approximava muito da beira-mar, de que em Ilhéos e Porto Seguro separavam-na a serra do Espinhaço e suas mattas littoraneas. Em Pernambuco occorria facto semelhante, porque como as ligações beijavam o rio de São Francisco, a maior ou menor distancia, grande numero de sertanejos achavam mais facil e mais vantajoso communicar-se com a Bahia, deixando deserta uma região intermedia, variavel em comprimento e largura; o caminho entre Pajehú e Capibaribe, que regulou esta anomalia, data dos primeiros annos do seculo XIX.

Como vimos, pode-se chamar pernambucanos os sertões de fóra, desde Parahiba até o Acaracú no Ceará; bahianos os sertões de dentro, desde o rio S. Francisco até o Sudoeste do Maranhão. Entre os sertanejos de um e outro grupo deve ter havido differenças mais ou menos sensiveis. Talvez se venha a determina-las um dia, quando forem divulgadas as relações dos missionarios, corregedores, etc.; em todo caso as semelhanças entre os moradores de ambos os sertões avultam mais que entre quaesquer outros habitantes do Brasil.

Nas margens do rio S. Francisco encontram-se bahianos e pernambucanos com os paulistas. Ao Sul e ao Occidente pode-se determinar até certo ponto os limites das duas correntes oppostas, marcando os logares em que os altos deixam de ser preferidos para a

habitação, mesmo quando não ha perigo de ser inundado o terreno, e entram a funccionar os monjolos.

Predilecção pelas baixas para as casas de vivenda, frequencia de monjolo para pilar o milho secco, milho como alimentação habitual, sob as fórmas de cangica (no sentido do Sul), fubá e farinha fermentada antes da torrefacção definitiva, carne de porco preferida á de boi indicam a presença de paulistas ou de seus descendentes. Como raiz de todas estas vergonteas apparece a falta de sal, que impedia o desenvolvimento rapido do gado vaccum e ainda hoje não tempera o angú nem a cangica. O porco, apesar do enorme consumo interno, tornou-se mais tarde genero de exportação, em toucinho e em pé.

Para o terreno accidentado provavam melhor os muares, mais sobrios, mais resistentes, de passo mais seguro, importados de além Uruguay. A viagem, não partida como ao Norte, arrastava-se vagarosamente quasi de sol a sol. As cavalgaduras eram ferradas; nos caminhos mais frequentados, junto ás vendas que forneciam milho, havia ferradores, e seus serviços reclamavam a cada instante os terriveis caldeirões.

O ouro, passado o alboroto primitivo, quasi só occupava faiscadores. A mineração de ferro, aprendida de africanos, segundo informa Eschwege, pouco deu de si pelo atraso dos processos e sobretudo pela ausencia de lenha, devastada cruelmente. A agricultura, além de cereaes communs, encontrou applicação rendosa no algodão: o de Minas-Novas procurava-se muito pela excellente qualidade. A cultura do café começou relativamente tarde, depois de verificada a superioridade das regiões serranas sobre as de beira-mar, nas proxi-

midades do Rio, e desde o começo revestiu os caracteres que conservou até o fim.

Perguntou Augusto de Saint-Hilaire a um seu compatriota, conhecedor da localidade, em que os fazendeiros gastavam o dinheiro: "Como vê, respondeu-lhe, não é em constituir bellas casas nem em mobilia-las. Comem arroz e feijão; muito pouco lhes custa tambem o vestuario, tão pouco dispendem na educação de seus filhos, que se rebolcam na ignorancia; são de todo estranhos aos prazeres da sociedade; mas é o café que lhes dá dinheiro, não se pode apanhar café sinão com negros; é pois em comprar negros que gastam todos os seus rendimentos, e o augmento de sua fortuna serve muito mais para satisfazer-lhes a vaidade que para augmentar-lhes os gosos. Não têm luxos de habitação, nada apregoa sua riqueza. Mas é impossivel que se ignore nas cercanias que têm tantos escravos, tantos pés de café; empertigam-se, comprazem-se comsigo mesmo e vivem satisfeitos, não se distinguindo realmente dos pobres sinão por uma vã nomeada que se extende a alguns tiros de espingarda de sua casa".

Esta installação summaria e pobre appareceria nos logares recentemente destravados; nos de occupação mais antiga notava-se espectaculo bem differente. "Às fazendas aportadas fallece todo o auxilio da grande sociedade, escreve Martius, entre Villa-Rica e a demarcação diamantina; cada fazendeiro rico é por isso obrigado a preparar os escravos para todas as necessidades da sua casa. Assim commummente acham-se numa casa todos os officiaes e a aviação para elles, como sapateiros, alfaiates, tecelões, serralheiros, ferreiros, pedreiros, oleiros, caçadores, mineiros, agricultores... Á

frente dos negocios está um feitor, mulato ou negro de confiança, e determina-se a ordem do dia como num convento. O dono faz ao mesmo tempo de regedor, juiz e medico em sua propriedade. Muitas vezes é um ecclesiastico ou vem um clerigo da visinhança celebrar em sua capella particular".

Como alguns frades figuraram nas primeiras desordens, a metropole prohibiu severamente a fundação de conventos nas tres capitanias auriferas, e, caso raro, nunca variou a tal respeito. Em tanto maior numero appareceram os clerigos do habito de S. Pedro, a principio importados, ordenados mais tarde no ribeirão do Carmo, depois de creada a diocese de Marianna sob D. João V, por Benedicto XIV. "Desde a nomeação do bispo de Marianna, D. Joaquim Borges de Figueiroa (1782), se tem conferido ordem a um semnumero de sujeitos, sem necessidade e sem escolha. Tem se visto alguns que, tendo aprendido officios mecanicos e servido de soldados pedestres, se acham hoje feitos sacerdotes. Tendo o doutor Francisco Xavier da Rua, governador que foi do bispado com procuração do dito bispo, ordenado os sacerdotes que eram precisos, não foi bastante para que o Dr. José Justino de Oliveira Gondim, que lhe succedeu, deixasse de ordenar em menos de tres annos cento e um pretendentes, dispensando sem necessidade em mulatismos e illegitimidades. O Dr. Ignacio Corrêa de Sá, que succedeu a este José Justino no governo do bispado, ordenou oitenta e quatro pretendentes em menos de sete mezes e entre elles um que era devedor á fazenda real". Estas facilidades só começaram a desapparecer no correr do seculo XIX.

Junte-se a tal fartura de sacerdotes e abundancia de irmandades, o gosto geral pela musica, a proximidade dos povoados nos districtos em que primeiro se extrahiu o metal amarello, os numerosos vadios sustentados pela hospitalidade e indifferença indigenas, a falta de divertimentos publicos e se comprehenderá a frequencia das festas religiosas. Sobresahiam principalmente as procissões pelo grande luxo, pelo numero de figuras symbolicas, por um certo apparato theatral e jogralesco. No extremo Goyaz, em Trahiras, Pohl assistiu a uma festa de Santa Ephigenia, padroeira dos negros, feita com todas estas visualidades: imperador, imperatriz, tiros de roqueira, ductos aos imperantes, cavalhadas, lanças, leilão, etc.

O mineiro e o paulista differiam bastante de aspecto. "O mineiro em geral é esbelto e magro, de peito estreito, pescoço comprido, rosto um tanto alongado, olhos negros e vivos, cabello preto na cabeça e no peito; tem por natureza um nobre orgulho e no exterior um modo brando, affavel e intelligente, é sobrio e parece gostar de uma vida cavalheiresca, assegura Martius. Em todas estas feições assemelha-se mais ao ardego pernambucano que ao paulista pesadão... Seu vestuario nacional differe do paulista. Em geral usa jaqueta curta, de algodão ou de manchester preto, collete branco de botões de ouro, calça de velludo ou de manchester, longas botas de couro branco, presas a cima do joelho por fivelas; um chapeu de feltro de abas largas abriga-o do sol; a espada e não raro a espingarda são com o guarda-chuva seus companheiros inseparaveis, desde que sae de casa. As viagens, mesmo as mais breves, são feitas em mulas. Os estribos e as redeas são de prata e do mesmo

metal o cabo do facão que enfia na bota abaixo do joelho. Nestas jornadas as mulheres são carregadas em liteiras por negros ou bestas, ou sentam-se, vestidas de longa montaria azul com chapeu redondo, em uma cadeirinha presa á mula".

A pequena estatura do paulista, o cabello corrido, a face pallida, os olhinhos penetrantes revelavam a procedencia americana, no entender de Eschwege, que accrescenta em desaccordo com Martius: Sua coragem, sua impavidez no perigo, sua agilidade e espirito de iniciativa, sua repugnancia a canceiras, sua sede de vingança, patenteiam a procedencia selvagem pelo lado materno, assim como sua finura e a vivacidade de seu espirito denunciam a ascendencia portugueza pelo lado paterno.

De resto, chamando pesadão ao paulista, Martius parece referir-se apenas ao aspecto physico, pois antes escrevera: "O paulista gosa em todo o Brasil da fama de grande franqueza, impavidez e amor romanesco ás aventuras e perigos. Associa a isto um temperamento apaixonado, que o leva á colera e á vingança, e seu orgulho e inflexibilidade são temidos pelos visinhos... Muitos paulistas se conservaram sem mescla com os indios; os mamalucos, conforme os graus da mescla, têm a pelle quasi cor de café, amarella ou quasi branca. Traem a mistura indiana antes de tudo a cara larga, com maçãs salientes, os olhos pretos e não grandes e certa incerteza de olhar. A estatura elevada e ao mesmo tempo larga, feições fortes, sentimento de liberdade e desassombro, olhos brunos, ou raramente azues, cheios de fogo e afoiteza, cabello cheio, preto e liso, musculatura reforçada, decisão e rapidez nos movimentos, são

aliás, os principaes caracteristicos na physionomia dos paulistas. Em geral póde-se attribuir-lhes um caracter melancolico, misturado com alguma cousa de colerico... Em parte alguma do Brasil ha tantos colericos e hystericos como aqui".

Escreve ainda o mesmo viajante:

"Em S. Paulo, homens e mulheres viajam sempre a cavallo ou em mulas; muitas vezes o homem leva uma mulher na garupa. Os cavalleiros usam de um chapeu de feltro pardo de abas largas, um poncho azul, comprido e muito largo, em cujo meio ha uma abertura para a cabeça; jaqueta e calças de algodão escuro, botas compridas por tingir, apertadas no joelho por uma correia e um fivelão; uma longa faca de cabo de prata, mettida na bota ou presa á cinta, serve para a comida e outros misteres. As mulheres usam longos sobretudos e chapeus redondos. Segundo um proverbio corrente eram dignos de apreço na Bahia, elles não ellas, em Pernambuco ellas não elles, em S. Paulo ellas e ellas. Não raro ouve-se dizer nesta provincia: si não fossemos os primeiros que descobriram as minas de ouro, seriamos ainda benemeritos da patria graças á cangica e á rede, que primeiros imitamos dos indios".

A cangica paulista, preparada pelo monjolo, preguiça ou negro velho, dominava nos logares de aguas correntes, que dispensavam os pilões: nos sertões do Norte, onde tal abundancia de agua não era commum, o mungusá que lhe corresponde só se usava nas casas grandes, com escravos para a pilação.

Aos paulistas attribue Martius a descoberta das propriedades medicinaes das plantas indigenas, que

não podiam ter aprendido com os indios. Desde Pindamonhangaba notavam-se papudos, e em geral os paulistas levaram o papo aos logares onde foram. "Muitas vezes o pescoço é todo occupado pela grande intumescencia; entretanto parecem considerar esta disformidade como belleza particular, pois não raro vê-se mulheres com enorme papeira á mostra, ornada de ouros e pratas, sentadas em frente a suas casas, de cachimbo no queixo ou fiando algodão".

No principio do seculo, começavam a despertar da hibernação devidas ás minas e aos grandes exodos por ellas provocados em S. Paulo. A agricultura aos poucos se reanimava; existiam numerosos engenhos de assucar e de aguardente; duvidava-se ainda que o clima permittisse a grande cultura do algodão e do café. A mais importante fonte de receita consistia no commercio de transito, de Mato-Grosso, de Goyaz, de parte de Minas e dos sertões do Sul. Já funccionava a famosa feira annual de Sorocaba.

Um paulista sem vivacidade poderia se chamar o goyano, ainda notavel pela aversão á vida de casado.

Segundo uma estatistica de 1804, extractada na obra de Pohl, existiam 7.273 brancos, 15.585 mulatos, 7.992 pretos, 19.285 escravos, ao todo 50.135 habitantes. Descontando das 24.401 pessoas do sexo feminino 7.868 escravas, sobre as quaes não apresenta informações, havia casadas 809 brancas, 1.668 mulatas, 575 pretas, ao todo 3.052, e solteiras 2.663 brancas, 6.639 mulatas, 4.179 pretas, ao todo 13.481. Por esta synopse vê-se tambem como o elemento africano era numeroso.

A gente de Cuyabá tinha certa semelhança com

os mineiros no aspecto; dormitava, porém, nella um genio sanguinario, talvez aprendido com os Guaicurús, que se revelou estrepitosamente na era regencial, e com mais frequencia se tem manifestado depois de proclamada a republica. A gente do Paraguay e Guaporé era fraca e doentia.

Nos campos geraes do Paraná viviam bastantes criadores, mas a verdadeira zona pastoril do Sul ostentava-se nas terras rio-grandenses.

Excepto as faldas da serra geral ainda desertas, capões salteados e alguns trechos ribeirinhos, o territorio era occupado por pastagens succulentas, tão propicias á propagação de bois como de cavallos, que dispensavam rações de sal. Abundava a agua perenne; nunca passavam annos sem chuva; não havia as enredadas catingas de outras regiões menos favorecidas. A proporção entre o gado cavallar e vaccum era muito maior do que ao Norte: basta dizer que havia lotes de baguaes, cavallos bravios e sem dono; os donos só conheciam os cavallos pela marca, e matavam eguas para extrahir o couro. Para viagens mais longas não chegava uma cavalgadura; era preciso levar uma cavalhada.

Como differe isto dos sertões nortistas, com poucos cavallos, todos bem conhecidos e estudados, e o cavallo da sella, ensinado no passo, na estrada, na baralha, no esquipado, e varias outras marchas de que ha mestres habilidosos, promovido quasi a parente da familia!

Quando começou o povoamento já pullulava esta criação, procedente das destruidas missões jesuiticas; apossava-se cada um do que lhe convinha, e o uso da

bola e do laço, conhecido dos Charrúas, dispensava as corridas violentas pelo mato do sertão bahiano-pernambucano. O valor do gado era até certo ponto negativo; sobejava para a população e não havia para onde exporta-lo; consumi-lo sem parcimonia parecia acto de prudencia, pois mais facilmente se amansava e os pastos não se esgotariam; os trabalhos de rodeio, unicos reclamados quando a situação se regularisou, eram antes um divertimento que uma canceira.

"Toda a guerra era contra as vitellas, — informa Ayres de Casal, — e de ordinario uma não chegava para o jantar de dois camaradas, porque acontecendo quererem ambos a lingua, tinham por mais acertado matar segunda do que repartir a da primeira. Havia homem que matava uma rez pela manhã para lhe comer o rim assado; e para não ter o incommodo de carregar uma posta de carne para jantar, onde quer que pousava fazia o mesmo áquella que melhor lhe enchia o olho. Não havia banquete em que não apparecesse um prato de vitellinha recem-nascida".

Aos poucos, a gente se desacostumou do sal, da farinha (comer do arremeço no Pará) e de qualquer conducto. A escassez de lenha obrigava a comer a carne quasi crúa, apenas sapecada no lume, produzido por dejecções animaes ou gravetos, e comida quasi sempre sem mastigar. Ao mate, beberagem primeiro descoberta nos sertões de Guayrá e depois propagada pelos jesuitas, attribue-se a attenuação dos males que deviam resultar desta dieta.

A superficie ligeiramente ondulada, o descampado quasi omni-presente, a facilidade de alimentação, a abundancia de cavalgaduras convidavam á locomoção.

Viajava-se principalmente no verão, quando raras vezes chovia, os rios levavam pouca agua e augmentava o numero de vaus; a importancia destes em capitania onde não havia pontes, manifesta-se nos passos sem conta que a cada instante se encontra designando localidades. Serviam-se ás vezes de pelotas, canoas frageis feitas de pelle. De passagem fique notado que tambem aqui houve uma época do couro.

Dormia-se ao relento: os aperos do animal serviam de leito. Extendiam por terra a grande peça chamada carona, o lombilho substituia o travesseiro, sobre a carona punham o pelego e por cima de tudo deitavam-se embrulhados no poncho e de cabeça descoberta.

Avigorou-se a tendencia ao nomadismo com a circumstancia de passar por ali a fronteira, uma fronteira disputadissima, que qualquer dos confinantes ambicionava extender, e de entre ambos metterem-se os campos neutraes, em que nem-um tinha direito de penetrar, por isso mesmo violados a cada instante, maxime da parte do Rio-Grande. Os combates regulares não subiram a muitos, mas as surprezas, as arreatas, ou encontros singulares, as incursões de contrabandistas constituiam facto quotidiano. Forçosamente os riograndenses tornaram-se aventureiros e soldados; só por militares tinham attenção; a Saint-Hilaire deram o titulo de coronel. A quem não montava bem ou não sabia laçar de cavallo xingavam de bahiano ou maturango.

Este desbarato semi-barbaro modificou-se graças ao augmento da população em parte, em parte graças ás seccas do Norte. O Ceará não poude mais fornecer

a carne a que acostumara parte da gente do littoral, e experimentou-se o xarque do Rio Grande; diz-se que cearenses concorreram para a fundação de S. Francisco de Paula, mais tarde Pelotas. Abriu-se assim uma fonte de riqueza, o gado cresceu de valor e as estancias, tambem aqui estabelecidas geralmente nas eminencias, começaram a ter alguma organisação. Com as xarqueadas foram introduzidos os negros, que chegaram a muitas dezenas de mil. Algumas estancias rendiam milhares de cruzados, esbanjados no jogo e nas apostas.

Na Bahia, por 1803, cerca de quarenta navios de duzentos cincoenta toneladas cada um empregavam-se no commercio do xarque do Rio Grande, que mal completavam a viagem dentro de dois annos. Levavam da Bahia aguardente, assucar, louça, mercadorias europeas, principalmente inglezas e allemãs, que passavam por prata de contrabando em Maldonado e Montevidéo. Durante este tempo as tripulações empregavam-se em carregar couro e carne secca. Os navios chegando á Bahia vendiam o xarque a retalho, a dois vintens a libra. Dispondo da carga por este modo em vez de desembarca-la, detinham-se no porto cinco mezes e até mais, de modo que, observa Lindley, no tempo consumido por uma só viagem podiam ser feitas tres.

A agricultura nunca ficou de todo descurada. A producção do trigo attingiu a milhares de alqueires; cultivaram outros cereaes, a propria mandioca. Aos inconvenientes da proximidade do gado solto obviava-se abrindo vallados, fazendo sebes vivas de sabugueiro e cactos, levantando cercas de cabeças com chifres. Entretanto a facha agricola occupava uma área insignifi-

cante, que só se dilatou depois da chegada de immigrantes allemães. A decadencia na lavoura do trigo, attribuida a certas medidas anti-economicas tomadas pelo governo central e á deterioração das sementes em consequencia da ferrugem, deve ter causas mais profundas, pois não foi ainda possivel reergue-la.

Saint-Hilaire, que percorreu a região, pinta-nos o rio-grandense da campanha como vivo, corado, em geral de cor branca, de estatura avantajada, sem curiosidade intellectual, de maneiras agrestes, incrivelmente voraz e pouco sensivel, sinão cruel... Falando de alvoroço todas as vezes que se carneava alguma rez, repara: "A idéa de em pouco poder se fartar de carne é um dos motivos do prazer, mas não é o unico; o maior é matar a vacca e espedaça-la, independente de toda a esperança de poder satisfazer logo a sua gula. Entretanto, cumpre confessa-lo, esta paixão é uma das que dominam os habitantes da capitania do Rio-Grande".

Ao mesmo autor deve-se uma observação que explica uma porção de factos decorridos desde a regencia. Os mineiros, affirma, não se apegam ao seu paiz. Com effeito, nem um habito particular ali os retem, e não lhes custa acharem outro melhor. Accresce que a intelligencia que lhes é natural, garante-lhes por toda a parte meios faceis de subsistirem. Os habitantes desta capitania, ao contrario, nunca sahem de sua terra, porque sabem que alhures seriam obrigados a renunciar a andarem sempre a cavallo e em parte alguma achariam carne em tamanha abundancia.

Na formação do rio-grandense entraram sobretudo açorianos, nortistas, principalmente de S. Paulo, e

não poucos Espanhoes immigrados ou incorporados. Sobretudo na fronteira meridional deu-se a penetração das duas linguas. Havia poucos mulatos. Notava-se a certos respeitos um que de mocidade fogosa ausente das outras capitanias. O combate contra seres animados differe muito nos effeitos da lucta travada contra as massas da vegetação ou contra as inclementes forças cosmicas, como ao Norte.

A' beira-mar pobres pescadores arrastavam existencia miseravel; as armações de baleias davam trabalho durante uma estação apenas e apenas em poucos pontos; a pescaria feita em maior escala, como em Porto-Seguro e alhures, não dispensava a importação do peixe secco; o bacalhau contava-se entre as especies de maior consumo. O contrabando universalisado zombava de todas as medidas de repressão.

Os proprietarios ruraes, possuindo melhores aviamentos, casas mais espaçosas e mobilias menos summarias, proseguiam na lavoura aleatoria de drogas de luxo para o estrangeiro, esbanjando as riquezas naturaes, indifferentes ás culturas dos generos de primeira necessidade e á formação de mercados internos. Victima desta latronicultura, a escravidão africana condemnava-a por sua vez á immobilidade e ao recúo. As crises agricolas repetiam-se; as valorisações disfarçavam sem extinguir o vicio congenito.

Os antigos povoados, assentes, como Igaraçú e Porto-Calvo, nos limites da cabotagem fluvial, definharam á medida que as embarcações cresceram de calado. A prosperidade mercantil pedia o contacto do

oceano. Os centros de maior movimento eram São Luis do Maranhão, Recife, Bahia e Rio.

Nas cidades costeiras o pobre indio sumia-se ante o europeu e o negro com seus descendentes puros ou mesclados. O preconceito de cor agonizava no exclusivismo dos corpos armados, como o dos Henriques, composto só de pretos, nas confrarias, de que algumas só admittiam pretos, pardos ou brancos, na especialisação de certos padroeiros, como a Senhora do Rosario, São Benedicto, São Gonçalo Garcia. A impedir ou siquer minorar a mestiçagem não chegava seu alento; era antes uma tradição meio delida do que uma força viva.

O serviço domestico tocava aos escravos, sempre em numero excessivo, pois vivia-se com pouco, e graças á criação miuda, aos mariscos abundantes, ao peixe barato, aos engenhosos e multiplos quitutes, grassavam a prodigalidade e a imprevidencia da economia naturista. Alguns delles empregavam-se na faina dos transportes por terra e por agua; alguns aprendiam officios; outros, pagando jornaes convencionados com os donos, procuravam occupações a seu gosto. Conversavam ás vezes em lingua africana, constituiam gremios secretos e praticavam feitiçarias. Sua alegria nativa, seu optimismo persistente, sua sensualidade animal soffriam bem o captiveiro.

Nunca ameaçaram a ordem de modo serio, e os carregadores davam certa animação ás ruas. "São mandados com cestos vasios e longas varas a procurar emprego em beneficios de seus senhores, escreve John Luccock. Mercadorias pesadas transportam-se ao hombro entre dois parceiros por meio destas varas, ás

quaes se passam umas alças, que levantam o fardo um pouco acima do solo. Si a carga for muito grande para uma parelha, forma-se um bando de quatro, de seis e até mais, de que um, em geral o mais intelligente, é escolhido para dirigir o trabalho. Este para promover a regularidade dos esforços, e especialmente uniformisar o passo, entoa sempre um canto africano, de musica breve e simples; no fim respondem todos em coro estridente. O coro continúa emquanto dura o trabalho, e parece alliviar o peso e alegrar o coração".

Os mulatos, gente indocil e rixenta, podiam ser contidos a intervallos por actos de prepotencia, mas reassumiam logo a rebeldia originaria. Suas festas, menos cordiaes que as dos negros, não raro terminavam em desaguisados; dentre elles sahiam os assassinos e os capangas profissionaes. Crescendo em numero, desconheceram, e afinal extinguiram as distincções de raça e foram bastante fortes para romper com as formas do convencionalismo vigente e viver como lhes pedia a indole irrequieta. Para o nivelamento concorreu sobretudo a parte feminina, com seus dengues e requebros lascivos. Spix e Martius ouviram cantar na Bahia:

Uma mulata bonita não carece de resar
Abasta o mimo que tem para sua alma se salvar.

O convencionalismo opprimia a gente branca: funccionarios pretenciosos vindos da metropole e abrangendo no mesmo desdem soberano a terra e os moradores, negociantes grosseiros e pouco lisos nas transacções, meros consignatarios de seus patricios, que por sua vez não passavam de consignatarios de In-

glezes, capitalistas desconfiados, descendentes empobrecidos de pais ricos e perdularios, irmãos das almas, os proprios mulatos quando a multiplicidade dos cruzamentos disfarçava-lhes a casta, em publico moviam-se sorumbaticamente, como automatos.

Toda a população parecia de lingua atada, informa ainda Luccock; não havia brinquedo de meninada, vivacidade de rapazes, gritaria ruidosa de gente mais entrada em annos. "O primeiro grito geral que ouvi no Rio foi no anniversario da rainha em 1810. Seguiu-se a um fogo queimado nesta occasião, e foi um viva abafado, não frio, porém timido; parecia perguntar si podia ser repetido".

De sua residencia, no cruzamento da rua do Ouvidor com a da Quitanda, assistia a uma scena, que descreve do seguinte modo: "Precisamente neste logar, todos os dias não santificados pela manhã, reuniam-se os solicitadores com os meirinhos para tratar de negocios. A generalidade delles usava de velhos casacos pretos surrados, alguns com bastantes remendos, e tão mal adaptados á altura e á forma dos donos, que excitavam a suspeita de não terem sido estes os primeiros que os possuiram; os colletes eram de cores mais alegres, com longos peitos bordados, grandes golas e profundas algibeiras; os calções eram pretos e tão curtos que mal chegavam aos lombos ou aos joelhos, onde se prendiam com fivelas quadradas de diamantes falsos, as meias de algodão fiado em casa e enormes as fivelas dos sapatos. As cabeças eram cobertas de cabelleiras empoadas e punham por cima chapeus de bico, grandes e sebosos, em que usualmente collocavam um tope preto. A' esquerda traziam um espadagão

muito velho e estragado. Era divertido observar com que ceremonias minuciosas estes cavalheiros e seus subalternos dirigiam-se uns a outros; com que ordem exacta se curvavam e tiravam os sujos chapeus; com que formas perversas e fria deliberação combinavam-se para esvasiar o bolso de seus clientes".

A educação reduzia-se a expungir a vivacidade e a espontaneidade dos pupillos. Meninos e meninas andavam nús em casa até a edade de cinco annos; nos cinco annos seguintes usavam apenas de camisas. Si porém iam á igreja ou a alguma visita, vestiam com todo o rigor da gente grande, com a differença apenas das dimensões. Poucos aprendiam a ler. Com a raridade dos livros exercitava-se a leitura em manuscriptos, o que explica a perda de tantos documentos preciosos.

Só os frades, a exemplo da gente de côr, obedeciam aos dictames do temperamento, sem medo de escandalo e até procurando-o. "Um dos motivos da relaxação é haverem muitos conventos e poucos religiosos, — escrevia Fr. Caetano, bispo do Pará —; a causa para não poderem satisfazer a todas as observancias brevemente degenera em pretexto frivolo para se eximirem até das mais faceis e ei-los ahi ociosos, inuteis absolutamente á igreja e ao estado". A tanto subiu sua desenvoltura que difficilmente encontravam noviços nos ultimos tempos. Das freiras e recolhidas não se contavam iguaes excessos.

Gosavam de prestigio os padres, os genuinos representantes da mentalidade até o começo do segundo imperio, quando os substituiram no scenario bachareis formados pelas academias de S. Paulo e Olinda. As virtudes da sua vocação raros possuiam, mas o caso de

tão commum não causava estranheza. Alguns, rompendo com o exclusivismo do latim, aprenderam francez e até inglez, cultivavam as sciencias naturaes, esposavam as idéas dos encyclopedistas, enthusiasmaram-se pelas tragedias da revolução franceza, conheciam as theorias de Adam Smith.

Entre elles contavam-se pedreiros livres, que já existiam em pequeno numero, officiaes portuguezes e brasileiros viajados no estrangeiro, e não se reuniam ainda em lojas. A população, que aliás não podia conhece-los, pois ninguem se animava a apregoar-se como tal, votava-lhes um terror louco; circulavam noticias pavorosas de suas abominações sacrilegas, entre ellas a de se aprazerem em apunhalar crucifixos. Apesar de sua exiguidade ou por causa desta, dispunham de certa influencia e conseguiram dar escapúla ao inglez Thomas Lindley, preso na Bahia por contrabandista.

"Os principaes divertimentos dos pracianos (citizens) são as festas dos differentes santos, profissões de freiras, funeraes sumptuosos, a semana santa etc., celebrados rotativamente, com grandes ceremonias, musicas e procissões frequentes, informa este viajante. Mal passa um dia em que não occorra uma ou outra destas festas, e assim se apresenta um circulo de opportunidades para unir a devoção e o prazer, que é vivamente abraçado, em particular pela mulher.

"Em grandes occasiões destas, depois de virem da igreja, visitam-se uns a outros e saboreiam um jantar mais farto que de costume, durante e passado o qual bebem quantidades desmedidas de vinho. Quando alcançam uma temperatura extraordinaria introduz-se o violino ou a guitarra, começa o canto, logo seguido da ex-

citante dança negra, mistura de danças da Africa e dos fandangos de Espanha e Portugal, que consiste em um individuo de cada sexo dançar ao toque monotono do instrumento, sempre no mesmo compasso, quasi sem mover as pernas, mas com todos os movimentos licenciosos do corpo, juntando-se durante a dança em contacto estranhamente immodesto. Os espectadores, acompanhando a musica de um coro improvisado e dando palmas, saboreiam a scena com um goso indescriptivel".

As mulheres poucos vezes sahiam a publico e iam ás missas de madrugada; algumas serviam-se de cadeirinhas, carregadas por negros de bella estampa e rica libré; carruagens póde-se dizer não havia. A maior parte do tempo levavam em seus aposentos, quasi em mangas de camisas, sem meias e até sem tamancos, ouvindo das mucamas historias de carochinha ou bisbilhotices frescas, penteando o cabello, embevecidas nos cafunés. Bordavam, faziam rendas ou doces, cantarolavam modinhas sentimentaes, communicavam com as visinhas pelos quintaes; entretinham-se com quitandeiras e beatas, ou abrigadas por uma rotula discreta procuravam saber o que havia na rua. As moças solteiras engordavam, quando se fazia esperar muito o dia do casamento, felizes as que encontravam "casa de Gonçalo, em que a gallinha canta mais que o gallo".

Das fluminenses diz Luccock que seus ornatos produziam um effeito agradavel, e molduravam os encantos de uma face redonda, de feições regulares, olhos negros, vivos e curiosos, fronte lisa e aberta, boca expressiva de simplicidade e bom genio, occupada por uma fieira de dentes brancos e iguaes, unidos a um rosto

soffrivelmente bonito, um ar risonho e um modo alegre, franco e sem malicias.

Tal, accrescenta, é a apparencia commum de uma moça de cerca de treze ou quatorze annos. Aos dezoito a natureza attingiu a maturidade completa na brasileira. Alguns annos mais tarde torna-se corpulenta e até pesadona; adquire uma grande giba nas espadoas, e anda com um passo desgracioso e cambaleante. Começa a decahir, perde o bom humor da physionomia, e substitue-o por uma carranca; olhar e boca exprimem ambos que se acostumou a exprimir paixões vingativas e violentas, as faces ficam privadas de frescura e de côr, e aos vinte e cinco annos ou trinta transforma-se numa velha perfeitamente enrugada.

Os homens jogavam, frequentavam cafés, iam ás casas de pasto, palestravam sobre assumptos muito limitados, quasi sempre vida alheia. Os acontecimentos mais comesinhos deformavam-se em interminaveis commentarios maliciosos. Abundavam as alcunhas. Mesmo a morte se desrespeitava. Si morria alguem com fama de santo, si apparecia algum cadaver incorrupto, estabelecia-se um reboliço na população e a procura de reliquias assumia as mais indiscretas formas. Si ao contrario corria que a alma se perdera, corriam logo boatos prodigiosos, assombravam-se as casas e sentia-se a proximidade das trevas exteriores onde ha choro e ranger de dentes. Ainda hoje se nota isto no interior.

No Rio, e o mesmo se deveria com pouca differença notar nas outras cidades maritimas, a maioria das casas eram terreas. Na frente havia uma sala assoalhada de bom tamanho; atraz ficavam as alcovas, a cozinha, o quintal. Embaixo dos poucos sobrados exis-

tiam geralmente vendas. A familia se reunia na varanda no fundo, as mulheres sentadas em esteiras, os homens encostados a qualquer cousa, ou andando de uma parte para outra. Ahi jantavam numa mesa velha extendida sobre dois cavalletes, cercada de bancos de pau e ás vezes uma ou duas cadeiras. A principal refeição era ao meio-dia, e então o dono, a dona da casa, os filhos sentavam-se todos a roda; mais commummente, porém, acocoravam-se no chão. Os alimentos molhados vinham em terrinas ou cuias; os alimentos seccos em cestas; comia-se em pratinhos de Lisboa. Só os homens serviam-se de faca; mulheres e meninos comiam com a mão.

Quando um cavalheiro fazia qualquer visita, si não era intimo da casa, ia de ponto em branco, chapeu armado, fivela nos sapatos e nos joelhos, espada á cinta, segundo Luccock. Ao chegar batia palmas para chamar a attenção, e soltava uma especie de som sibilante, emittido entre os dentes e a ponta da lingua. Acudia uma criada que de modo aspero e tom fanhoso perguntava quem era e ia levar o recado ao patrão. Si o visitante era algum amigo ou não reclamava ceremonias, apparecia logo o dono da casa, levava-o para a sala, protestando alto o prazer com que o recebia, fazendo-lhe discursos cheios de cumprimentos, acompanhados de reverencias, e antes de entrar em negocio, si disto se tratava, pedia-se muitas desculpas pela sem ceremonia da recepção. Si o visitante era de ceremonia, uma criada levava-o para a sala, donde ao entrar via muitas pessoas que ahi estavam sahirem por outra porta. Aqui esperava só, talvez meia hora, até o cavalheiro apparecer numa especie de trajo de meio rigor. Ambos se inclinam pro-

fundamente a distancia; depois de haver mostrado sufficiente pericia nesta sciencia, ganhando tempo para apurar a posição e as pretensões do outro, approximavam-se, com dignidade e respeito correspondente si desiguaes; com familiaridade si suppostos proximamente iguaes. Tratava-se e despachava-se o negocio sem demora. Pede-se ao estranho que considere a casa como sua, nota Pohl; si mostra agradar-se de qualquer cousa, exige o costume que lhe seja offerecida, pedindo-se que leve aquella insignificancia.

As ruas eram estreitas, sem calçamento, sem illuminação ou illuminadas a azeite de peixe. A agua e os esgotos ficavam entregues á iniciativa particular. Enterravam-se os cadaveres nas igrejas. Só a pouca população explica a ausencia de epidemias. Da hygiene publica incumbiam-se as aguas da chuva, os raios do sol e os diligentes urubús. Constituiam excepção notoria o passeio publico e o aqueducto do Rio.

Depois de brutalmente extinctas as primeiras tentativas industriaes, ficaram nas cidades apenas mecanicos que trabalhavam por encommenda e a quem se pagava só o feitio. "Quando um official ganhava algumas patacas folgava até acabar de come-las, observa Saint-Hilaire. Apenas possuia a ferramenta mais necessaria, e quasi nunca andava provido das materias que devia feitiar. Assim tinha-se de fornecer couro ao sapateiro, linha ao alfaiate, madeira ao marceneiro; adiantava-se dinheiro para comprarem taes objectos, mas quasi sempre gastavam o dinheiro e a obra não se fazia ou se fazia só passado um tempo consideravel. Quem tinha alguma cousa a encommendar precisava de faze-lo com larga antecedencia. Supponhamos por

exemplo que fosse uma obra de marcenaria, era necessario primeiro empregar amigos para arranjarem no campo a madeira precisa; tinha-se depois de mandar cem vezes á casa do official, ameaça-lo e ás vezes em definitiva nada conseguir. Perguntava a um homem honrado de S. Paulo como fazia quando precisava de um par de sapatos. Encommendo-o, me disse, a varios sapateiros ao mesmo tempo e entre elles acha-se ordinariamente um que, premido pela falta de dinheiro, se resigna a faze-lo".

Os officiaes do Rio tinham a pretenção de possuir grandes segredos, mas ignoravam as cousas mais simples, narra Luccock. Tendo perdido uma chave, foi á procura e a final encontrou um operario que o tirasse do aperto. "Deteve-me longo tempo, mas em compensação appareceu-me de ponto em branco, chapeu armado, de fivelas nos sapatos e nos joelhos e correspondentes paraphernaes. A' sahida remanchou ainda á espera de algum negro que lhe carregasse o martello, o escopro e outro instrumento pequeno. Suggeri-lhe que eram leves, e propuz eu proprio carregar parte ou todos; mas isto teria sido solecismo pratico tamanho como usar elle das proprias mãos. O cavalheiro esperou pacientemente até apparecer um negro, fez então seu trato e marchou com a devida solennidade acompanhado de seu servo temporario. Despachou-se de pressa, arrombando a fechadura em vez de arranca-la; então o figurão, fazendo-me uma profunda mesura, partiu com seu acolyto".

Os mecanicos nunca formaram gremios profissionaes á maneira da Europa: eram para isso muito poucos, e si nas cidades podiam viver de um só officio, em logares de população menos densa precisavam de

sete instrumentos para ganhar a subsistencia. Mesmo nas cidades faziam-lhes concorrencia os officiaes escravos.

A falta de gremios notava-se nas outras classes. Continuavam as historicas pessoas moraes, mas sua acção, já enfraquecida pela vastidão do territorio, acabara de definhar desde que o absolutismo nivellador desattendeu a seus privilegios. Si exceptuarmos algumas irmandades e associações de beneficencia como as casas de misericordia, sempre benemeritas e sempre vivazes, as manifestações collectivas eram sempre passageiras: mutirão, pescarias, vaquejadas, feiras, novenas. Entre o estado e a familia não se interpunham coordenadores de energia, formadores de tradição, e não havia progressos definitivos. Um individuo podia tentar uma empreza e leva-la a bom exito; com a sua ausencia ou com a sua morte perdia-se todo o trabalho, até vir outro continua-lo passados annos, para afinal colher o mesmo resultado ephemero.

Vida social não existia, porque não havia sociedade; questões publicas tão pouco interessavam e mesmo não se conheciam: quando muito sabem si ha paz ou guerra, assegura Lindley. E' mesmo duvidoso si sentiam, não uma consciencia nacional, mas ao menos capitanial, embora usassem tratar-se de patricio e paisano. Um ou outro leitor de livro estrangeiro podia falar na possibilidade da independencia futura, principalmente depois de fundada a republica dos Estados Unidos da America do Norte e divulgada a fraqueza lastimavel de Portugal.

Não se inquiria, porém, o meio de conseguir tal independencia vagamente conhecida, tão avessa a indole do

povo a questões praticas e concretas. Preferiam divagar sobre o que se faria depois de conquista-la por um modo qualquer, por uma serie de successos imprevistos, como afinal succedeu. Sempre a mesma mandriice intellectual de Bequimão e dos Mascates!

Cinco grupos ethnographicos, ligados pela communidade activa da lingua e passiva da religião, moldados pelas condições ambientes de cinco regiões diversas, tendo pelas riquezas naturaes da terra um enthusiasmo estrepitoso, sentindo pelo Portuguez aversão ou desprezo, não se prezando, porém, uns aos outros de modo particular — eis em summa ao que se reduziu a obra de tres seculos.

ANNOTAÇÕES DE J. CAPISTRANO DE ABREU

(No exemplar de sua bibliotheca)

CAP. I
pg. 21

What is sacred and dear to the native is trodden under foot, and pressure is exerted on him to adapt his way of feeling and living to our own.

Instead of being encouraged to develop his native industries, he is taught to do work that we do and that we value; instead of developing his work, which leaves him time to live, he is driven into our plantation or factory system. The basis of his social life and of such of his beliefs as are foreign to our feelings is undermined and he is given as a substitute nothing that has a solid foundation is his mode of life and thought. Furthermore the incentive to continue his own industrial pursuits, which require time and loving devotion, is lost when cheap factory products may be had with little troubles, and when effective tools may be had almost for the asking. Thus it happens that the home industries which forms the background of native life decays. The diseases of civilisation are imported and work havoc among people that have not developed that immunity which is protecting the white invaders. Unless the population is dense this inevitable result of all these causes is the extinction of the native population — F. Boas. The Nation, 15 de Fev. de 1919.

CAP. IX
pg. 211

Depois de desembarcados e de receberem uma copiosissima salva de gritos e appellidos infames não só dos moços e negros, mas tambem dos praticos da sua mesma nação e patria, aquelle que não leva dinheiro ou carta para algum amigo ou parente, logo aquella primeira noite alberga pelos alpendres das egrejas ou dentro de algum navio dos que na ribeira estão varados, com tanta miseria e desventura como si com gran fortuna os houvesse o mar lançado em algum porto ou terra de inimigos. Assim passam o segundo e o terceiro dia, empenhando ou vendendo a capa e a espada si a levam, até se desenganarem do estylo da terra. E vão de quatro em quatro, de seis em seis, tomando suas casinhas donde se estão formando e consumindo a pura fome, do que muitos vem a enfermar e morrer. E os que são de tão robusta natureza que podem superar com saude todos estes contrastes vão entretendo o tempo e suas miserias, como melhor podem a sombra das esperanças que os praticos lhes dão, da armada que dahi a dous outros mezes se ha de fazer para Malabar — C. Lobo. Memorias de um soldado da India 16/17.

(No exemplar de Adriano de Abreu)

CAP. VIII (Guerras flamengas)

La flotte marchande s'adonnait sortout au trafic entre les pays baignés par la mer Baltique, specialement le port de Dantzig, d'une part, et de la France, l'Espagne et le Portugal d'autre part. Dans les pays baltiques elle échangait contre du blé, du bois, des matières textiles et des metaux, ses cargaisons de sel, d'épices et de produits alimentaires de l'industrie hollandaise.

Elle portait en Espagne et en Portugal les blés des pays baltiques et les bois de la Norvège, ainsi que des denrées alimentaires hollandaises (fromages et harengs), et y prenait en échange du sel, de l'huile, des laines, du vin, des fruits et des épices. (Ch. de Launnay et Von der Linden, Hist. de l'exp. colon. 2.° 5/6).

ANNOTAÇÕES DE JOHN CASPER BRANNER

(No exemplar de Adriano de Abreu)

CAP. I
pg. 7
linha 14

With the exception of the regions about the Bay of Bahia and about Rio and Santos.

CAP. I
pg. 7
linha 17

This is not true in a geologic sense. Branner's map showing the relief of the ocean's bottom along this coast (The Stone Reefs of Brasil) shows that the old coast line is now far off at sea. The configuration of the region from near Victoria to Santos shows also that there has been a recent depression of the coast and a corresponding invasion by the sea. On the other hand the growth of the coral reef north of Rio shows a slow but constant encroachment of the land upon the sea.

CAP. I
pg. 8
linha 7

The precarious nature of the river bars is due chiefly to the varying volume of the streams and these varying volumes are due to the fluctuating rainfall in the regions where the streams rise. A river like the S. Francisco has water enough at all seasons to keep its mouth open and clean of sand, but the weaker streams have water enough to keep their mouths open *only in times, of enchentes.* At such times these weaker streams serve as ports and harbors, but when the dry season comes the streams diminish in volume, and the waves of the sea are able to throw the sands back into the stream mouths and to choke them up. Ships entering the mouths of these rivers during the season of the enchentes are liable to be shut in and kept there for months until later enchentes sweep aside the obstructions thrown across the mouths of the streams by the waves. I have known this to happen at Aracajú.

CAP I
pg. 11
linha 16

The Serra do Espinhaço is an aged and respectable myth so far as north-eastern Bahia is concerned. The Serra de Jacobina which was formely regarded as a part of the Serra do Espinhaço runs in an almost straight line from Jacobina to Villa Nova or Bomfim.

At this last place the serra bends toward the northwest and becoming gradually lower it disappears entirely just west of the village of Jurema — The railway from Bahia to Joazeiro does not cross any serra in the vicinity of Bomfim and even its route does not follow the low valley that runs due north from near Tiririca in the direction of Boa Vista on the Rio S. Francisco. The top of the watershed in the valley has an elevation of 425 metres above sea-level. The highest point on the railway is 683 metres and the elevation of Joazeiro is 372 metres. If one supposes that the railway crosses a serra, it is evidently a very low one, only 311 metres above Joazeiro; while if it crossed the lowest point on the watershed it would only have to pass 53 metres above the level of Joazeiro.

To the east of this railway toward Paulo Affonso there are various peaks and ridges but they are isolated and have no direct connection with the mountains west and southwest of Bomfim.

CAP. I
pg. 12
linha 25

This is true of the ordinary stages of these streams no doubt but during rainy seasons the "rios Verde, Jacaré and Salitre" carry down enormous floods. Those streams especially the Jacaré and the Salitre are much larger than were formely supposed. The Jacaré has a length of about 400 kilometers and the Salitre of about 300 kilometers not to mention their branches and feeders.

CAP. I
pg. 13
linha 6

Volume — em vez da palavra — força

CAP. I
pg. 15
linha 12

The elevation of the caatinga region of Bahia the dry atmosphere and the even temperature make this one the most healthful climates in the world.

The studies I have lately made of the geology of the secca region convince me that much relief can be had over a large part of the area by the sinking of ordinary wells and the use of common pumps. There are many places where water cannot be had in this way, but there are thousands of square kilometers in Bahia where water can be so had in sufficient abundance for domestic uses. The people there are not now acquainted with the methods of well sinking and pumping.

ANNOTAÇÕES DE PHILIPP VON LUETZELBURG

(No exemplar de Adriano de Abreu)

Epiphytos e cipós. Vegetação no chão, musgos e fetos (pteridophytasas)

Caatinga — Vegetação xerophila caracterisada pelos seguintes signaes: raizes, ou profundas em procura d'agua subterranea ou horizontaes, muitas vezes engrossadas (reservatorios d'agua ou de substancias nutritivas, fecula etc); arbustos e arvores sem tronco bem formado, ramificação baixa e muito partida, forma de chapéo de sol; folhas miudas ou duras, coreaceas ou lanigerosas e molles (para evitar a transpiração continua) quando folhas miudas e pinatas, são estas movediças; folhas muitas vezes transformadas em espinhos, arvores misturadas com cactaceas no chão; de vez em quando cactaceas ou bromeliaceas. Não se observa epithytismo; as cascas em geral são lisas. Perda de folhas para o fim da secca não geral e muito irregular.

Palmeiras nas zonas mais humidas.

O sertanejo distingue — Caatinga — Geraes — Sertão: —

Caatinga, vegetação mais abundante em arvores e arbustos, chão de areia;

geraes: zonas enormes de caatinga uniforme:

sertão: vegetação: caatinga com mais cactaceas, chão pedroso;

cerrado: caatinga especialmente nas serras e chapadas aonde abundam pedras e o chão é bastante duro; com vegetação especialmente de arvores e arbustos baixos (1 m. na media); abundantes são n'elles os arbustos espinhosissimos e muito ramificados;

capoeira — mattas com páos altos mas muito decimados pelo fogo. Apparecem palmeiras, bambús, no chão; de vez em quando, fetos, e em cima, epiphytos. (Bahia central, Rio de Contas, Lençóes, etc.);

agreste: vegetação xerophila muito differente da caatinga; raizes profundas sustentam troncos regulares e altos com ramagem bem proporcionada e folhas grandes e duras (coreaceas), com cascas grossas e muitas vezes suberosas; arvores misturadas com palmeiras, agrupadas ou separadas dão ao agreste o aspecto de um parque. No chão, capim e palmeiras baixas, raseiras: arbustos e hervas dicotylédoneas; raramente se vê uma cactacea isolada.

As folhas das arvores do agreste caem irregularmente, de forma que o agreste nunca perde sua cor esverdeada. O capim, que cobre o chão do agreste densamente é duro, silicoso e torna-se amarello durante a estação das seccas;

taboleiros: são uma especie de agrestes serranos os quaes, por serem nas chapadas e serras ricas em pedras com o chão duro, não têm as arvores tão altas e bem desenvolvidas como as do agreste em geral.

SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU
Rua Capistrano de Abreu, 45
RIO DE JANEIRO
BRASIL
Fundada em 11 de Setembro de 1927

ESTATUTOS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

Art. 1.º — Sob a denominação de SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU, fica constituida, nesta Cidade, uma sociedade formada pelos abaixo assignados, amigos e discipulos de João Capistrano de Abreu, no proposito de prestarem homenagem á sua memoria.

Art. 2.º — A Sociedade receberá, devidamente relacionados, dos herdeiros de João Capistrano de Abreu, a Bibliotheca e Archivo deste, que ella se obriga a guardar e conservar, sem nenhuma remuneração por esse serviço, bem como a entregal-os e restituil-os aos mesmos herdeiros, ou a quem os represente legalmente, no caso de dissolução da sociedade.

Art. 3.º — A Sociedade promoverá:

a) — a edição de trabalhos ineditos e cartas-missivas, e a reedição de obras já publicadas de João Capistrano de Abreu;

b) — a traducção e publicação das obras dos viajantes e sabios estrangeiros, que percorreram o Brasil.

Art. 4.º — A Sociedade publicará quaesquer trabalhos e documentos de valor, relativos a assumptos brasileiros, annotados e commentados.

Art. 5.º — A Sociedade criará premios para as investigações, contribuições e obras consideradas de merito, referentes á Historia, Ethnographia, Ethnologia e Linguistica Brasileira, com o fim de incentivar os respectivos estudos.

Art. 6.º — Cada um dos socios effectivos e fundadores contribuirá para as despesas sociaes com a mensalidade de 10$000, paga adiantadamente por trimestre, semestre ou anno, á vontade do contribuinte, constituindo-se o fundo da sociedade com o saldo das contribuições, rendas e donativos eventuaes.

Paragrapho unico. — O atraso de um anno no pagamento das contribuições, importará em renuncia ao logar de socio, abrindo-se vaga.

Art. 7.º — O numero de socios será limitado — não podendo exceder de 110 effectivos e 10 honorarios ou correspondentes — e as vagas serão preenchidas por eleição da assembléa da Sociedade e proposta da Commissão Executiva, havendo preferencia para os premiados pela propria Sociedade.

Art. 8.º — Os membros da Sociedade não respondem subsidiariamente pelas obrigações contrahidas, expressa ou tacitamente, em nome della.

Art. 9.º — A Sociedade será administrada por uma Commissão Executiva, composta de 12 socios, que será designada em assembléa geral e exercerá suas funcções durante tres annos.

Art. 10.º — Os membros da Commissão Executiva serão escolhidos entre os socios versados em estudos historicos, geographicos, ethnographicos ou linguisticos, além de um representante masculino da familia de Capistrano de Abreu, que deverá ser um dos membros da Sociedade.

Art. 11.º — A Commissão Executiva distribuirá entre seus membros, de accordo com os conhecimentos especiaes de cada um, os respectivos trabalhos, como tambem os encargos de administração, e escolherá um de seus membros para a direcção geral dos serviços.

Art. 12.º — O membro da Commissão Executiva encarregado geral dos serviços representará a Sociedade em juizo ou fóra delle, em suas relações com terceiros e poderá escolher entre os socios um, para exercer as funcções de thesoureiro, e outro, para os serviços de Secretaria.

Art. 13.º — Uma Assembléa Geral terá lugar no dia 23 de Outubro de cada anno, anniversario do nascimento de Capistrano de Abreu, e as demais assembléas sociaes se realizarão por livre convocação da Commissão Executiva.

Art. 14.º — No caso da dissolução da Sociedade, o patrimonio desta, com excepção da bibliotheca e archivo a que se refere o art. 2.º destes Estatutos, passará a instituição congenere, que se destine aos mesmos fins.

Art. 15.º — Para o caso previsto no artigo anterior, bem como para reforma destes Estatutos, será preciso o voto expresso da maioria absoluta dos membros da Sociedade.

COMMISSÃO EXECUTIVA DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

(1927-1930)

(SOCIOS FUNDADORES)

PAULO PRADO
31, avenida Hygienopolis. (S. Paulo)

JOÃO PANDIÁ CALOGERAS
422, rua Voluntarios da Patria (Rio de Janeiro)

JAYME COELHO
48, rua Custodio Serrão. (Rio de Janeiro)

MIGUEL ARROJADO LISBÔA
428, praia de Botafogo. (Rio de Janeiro)

ADRIANO DE ABREU
50, rua do Corcovado. (Rio de Janeiro

M. SAID ALI
215, estrada da Saudade. (Petropolis — Estado do Rio)

RODOLPHO GARCIA
88, rua Real Grandeza. casa V, (Rio de Janeiro)

AFRANIO PEIXOTO
97, rua Paysandú (Rio de Janeiro)

THEODORO SAMPAIO
22, ladeira de São Bento (Bahia)

AFFONSO DE E. TAUNAY
Museu Ypiranga. (S. Paulo)

E. ROQUETTE PINTO
Museu Nacional. (Rio de Janeiro)

EUGENIO DE CASTRO
98, Pereira da Silva. (Rio de Janeiro)

HERACLITO DOMINGUES
THESOUREIRO
21, rua Chile
RIO DE JANEIRO

MEMBROS

DA

SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

FUNDADA EM 11 DE SETEMBRO DE 1927

ADRIANO DE ABREU — (socio fundador)
50, rua do Corcovado — Rio de Janeiro

AFFONSO DE E. TAUNAY — (socio fundador)
Museu do Ypiranga — Estado de S. Paulo

AFRANIO PEIXOTO — (socio fundador)
97, rua Paysandú — Rio de Janeiro

ALBERTO DE FARIA
122, praia do Flamengo — Rio de Janeiro

ALBERTO RANGEL
Chateau d'Eu — France

ALCEU AMOROSO LIMA
149, rua d. Marianna — Rio de Janeiro

ALCIDES BEZERRA
Archivo Nacional — Rio de Janeiro

ALEXANDRE JOSÉ BARBOSA LIMA SOBRINHO
Rédacção do «Jornal do Brasil» — Rio de Janeiro

ALFREDO ELLIS JUNIOR
Congresso Estadual — São Paulo

ALFREDO PUJOL
8 A, rua S. Bento — S. Paulo

AMERICO LUDOLF
47, rua de S. Salvador — Rio de Janeiro

ANTONIO BAPTISTA PEREIRA
Jockey Club — Rio de Janeiro

ANTONIO FELIX DE BULHÕES
90, rua Pereira da Silva — Rio de Janeiro

APRIGIO NOGUEIRA
Sto. Antonio do Machado — Estado de Minas Geraes

ASSIS BRASIL
Melo — Republica del Uruguay

ASSIS CHATEAUBRIAND
O «Jornal» — 12, rua Rodrigo Silva — Rio de Janeiro

AUGUSTO DE LIMA
492, rua Marquez de S. Vicente — Rio de Janeiro

AURELIO LOPES DE SOUSA
Bibliotheca Nacional — Rio de Janeiro

BARÃO DE RAMIZ GALVÃO
228, Campo de S. Christovão — Rio de Janeiro

BARÃO DE STUDART
Fortaleza — Estado do Ceará

BASILIO DE MAGALHÃES
17, rua Paulino Fernandes — Rio de Janeiro

BRAZ DO AMARAL
Camara dos Deputados — Rio de Janeiro

BRUNO BARBOSA
29, sob. Praça Visconde de Mauá — Santos — Est. de S. Paulo

CANDIDO MARIANNO DA SILVA RONDON
1502, rua Marquez de S. Vicente — Rio de Janeiro

CARLOS MIGUEL DELGADO DE CARVALHO
107, rua Senador Vergueiro — Rio de Janeiro

CASSIUS BERLINCK
Bibliotheca Nacional — Rio de Janeiro

CESAR LOPES
Estação de Corrêas — Estado do Rio de Janeiro

CEZAR RABELLO
185, rua do Cosme Velho — Rio de Janeiro

CLEMENTE BRANDENBURGER
Estação de Vassouras — Estado do Rio de Janeiro

COLOMBO DE A. PORTELLA
103, rua Sá Ferreira — Rio de Janeiro

CONDE DE AFFONSO CELSO
35, rua Machado de Assis — Rio de Janeiro

CONSTANCIO ALVES
35, rua Marqueza de Santos — Rio de Janeiro

DIONYSIO CERQUEIRA
56, rua Senador Vergueiro — Rio de Janeiro

DJALMA FORJAZ
Escola Normal — S. Paulo

DJALMA GUIMARÃES
44, rua Capistrano de Abreu — Rio de Janeiro

EDGARD RAJA GABAGLIA
332, praia do Flamengo — Rio de Janeiro

E. ROQUETTE PINTO — (socio fundador)
Museu Nacional — Rio de Janeiro

EDGARDO DE CASTRO REBELLO
80, (casa 16) rua Raul Fernandes — Rio de Janeiro

ELOY DE SOUSA
Grande Hotel — Largo da Lapa — Rio de Janeiro

ESTEVÃO DE MENDONÇA
Cuyabá — Estado de Matto-Grosso

EUGENIO DE CASTRO — (socio fundador)
98, rua Pereira da Silva — Rio de Janeiro

EVARISTO BIANCHINI
101, rua Joaquim Murtinho — Rio de Janeiro

F. X. GUIMARÃES NATAL
26, rua Honorio de Barros — Rio de Janeiro

FERNANDO RAJA GABAGLIA
425, rua das Larangeiras — Rio de Janeiro

F. BRIGUIET
38, rua S. José — Rio de Janeiro

FRANCISCO MENDES DA ROCHA
Ilha de Paquetá — Estado do Rio de Janeiro

FRANCISCO ROCHA LAGÔA FILHO
40, rua David Campista — Rio de Janeiro

FRANCISCO SÁ
67, rua Almirante Tamandaré — Rio de Janeiro

FRANCISCO SÁ FILHO
43, rua General Dionysio — Rio de Janeiro

GALENO REVOREDO
106, rua Libero Badaró — S. Paulo

GENTIL DE MOURA
31, rua Paula Freitas — Rio de Janeiro

GUSTAVO BARROSO
83, rua Sá Ferreira — Rio de Janeiro

GUSTAVO LESSA
233, rua do Cattete (1.º andar) Rio de Janeiro

HAHNEMANN GUIMARÃES
Collegio Pedro II — Rio de Janeiro

HELIO LOBO
Ministerio das Relações Exteriores — Rio de Janeiro

HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUSA
Natal — Estado do Rio Grande do Norte

HERACLITO DOMINGUES — (socio fundador)
21, rua Chile — Rio de Janeiro

ILDEFONSO ALBANO
Consulado do Brasil em Havana

ISEU DE ALMEIDA E SILVA
428, praia do Botafogo — Rio de Janeiro

JACY MONTEIRO
89, rua de S. Januario — Rio de Janeiro

JAYME COELHO — (socio fundador)
48, rua Custodio Serrão — Rio de Janeiro

JERONYMO FIGUEIRA DE MELLO
Embaixada do Brasil em Roma — Italia

JOAQUIM DE CASTRO FONSECA
122, rua d. Luiza — Rio de Janeiro

JOAQUIM LACERDA DE ABREU
38, rua d. Verediana — S. Paulo

JOÃO LUCIO DE AZEVEDO — (socio honorario)
21, Avenida de Berne — Lisboa — Portugal

JOÃO PANDIÁ CALOGERAS — (socio fundador)
422, rua Voluntarios da Patria — Rio de Janeiro

JOSÉ AUGUSTO VINHAES
Revista Maritima Brasileira — Rio de Janeiro

JOSÉ DE CASTRO MONTE
206, praia do Flamengo — Rio de Janeiro

JOSÉ CARDOSO DE MOURA BRASIL
167, Avenida Rio Branco — Rio de Janeiro

José Carlos de Macedo Soares
rua da Consolação — S. Paulo

José Carlos de Matos Peixoto
Fortaleza — Estado do Ceará

José da Costa Senna
133, rua Conde de Irajá — Rio de Janeiro

José Graça Aranha
23, praça Floriano Peixoto — 10.º andar — Rio de Janeiro

José de Mendonça
80, rua Curvello — Rio de Janeiro

José Pires Brandão
24 (1.º andar), rua General Camara — Rio de Janeiro

Juliano Moreira
298, Avenida Pasteur — Rio de Janeiro

Julio Conceição
844, rua Conselheiro Nebias — Santos — Estado de S. Paulo

Julio Mesquita Filho
Redacção do «Estado de S. Paulo» — S. Paulo

Leopoldo de Bulhões
90, rua Pereira da Silva — Rio de Janeiro

Luiz Sombra
155, rua S. Clemente — Rio de Janeiro

Malan d'Angrogne
196, rua Visconde Silva — Rio de Janeiro

Manoel Bomfim
356, rua Barata Ribeiro — Rio de Janeiro

Manuel Cicero Peregrino da Silva
54, rua das Palmeiras — Rio de Janeiro

M. Motta
45, rua Capistrano de Abreu — Rio de Janeiro

Mario de Vasconcellos
Ministerio das Relações Exteriores — Rio de Janeiro

Miguel Arrojado Lisboa — (socio fundador)
428, praia do Botafogo — Rio de Janeiro

Miguel Calmon du Pin e Almeida
284, rua S. Clemente — Rio de Janeiro

Miguel Calogeras
16, Avenue La Bourdonnais — Paris — VII ar. — France

Miguel Couto
280, praia do Botafogo — Rio de Janeiro

Milton Barbosa
Fazenda Botafogo — Vargem Alegre — Estado do Rio de Janeiro

Mozart Monteiro
14, rua Rodrigo Silva — Rio de Janeiro

Padre Manuel José Madureira — (socio honorario)
Externato Sto. Ignacio — 226, rua S. Clemente — Rio de Janeiro

Paul Groussac — (socio correspondente)
Rep. Argentina

Paul Rivet — (socio correspondente)
França

Paulo Prado — (socio fundador)
31, Avenida Hygienopolis — S. Paulo

Pedro Leão Velloso
Ministerio das Relações Exteriores — Rio de Janeiro

Perillo Gomes
Ministerio das Relações Exteriores — Rio de Janeiro

Primitivo Moacyr
110, rua Bella Vista — Petropolis — Estado do Rio deJaneiro

Raoul B. Dunlop
289, ladeira dos Guararapes — Rio de Janeiro

Raul Nin Ferreira
1074, rua Saldanha Marinho — Petropolis — Estado do Rio de Janeiro

René de Castro Thiollier
40, rua 15 de Novembro — S. Paulo

Roberto Moreira
Camara dos Deputados — Rio de Janeiro

Roberto Motta da Cunha Freire
39, rua d. Marianna — Rio de Janeiro

Rodolpho Garcia — (socio fundador)
88, (casa V) rua Real Grandeza — Rio de Janeiro

Rodrigo Octavio
38, rua das Palmeiras — Rio de Janeiro

Ronald de Carvalho
409, rua S. Clemente — Rio de Janeiro

Said Ali — (socio fundador)
215, Estrada da Saudade — Petropolis — Estado do Rio de Janeiro

Tasso Fragoso
42, rua David Campista — Rio de Janeiro

Theodoro Sampaio — (socio fundador)
22, ladeira de S. Bento — S. Salvador — Estado da Bahia

Tobias Monteiro
204, rua Bella Vista — Petropolis — Estado do Rio de Janeiro

Vicente Licinio Cardoso
254, rua Voluntarios da Patria — Rio de Janeiro

Virgilio Barbosa
8, rua da Alfandega — 2.º andar — Rio de Janeiro

Washington Luis Pereira de Sousa
Palacio Guanabara — Rio de Janeiro

Wells (H. G.) — (socio correspondente)
Inglaterra

HOMENAGEM

Antonio Fernandes Figueira † em 11 de Fevereiro de 1928.

Thomé Motta † em 1 de Abril de 1928.

João Lopes Ferreira Filho † em 1 de Maio de 1928.

ACABADO DE IMPRIMIR NA
CASA LEUZINGER, AOS ONZE
DIAS DE SETEMBRO DE MIL
NOVECENTOS E VINTE E OITO.

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00029692066